KARINE VIDAL

AMERICAN VAMRIRES



Copyright © 2023 por Vidal, Karine.
Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa da autora, por escrito, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Primeira edição, 2022
@autora_karinevidal



AMERICAN VAMPIRES

The romance


DIABOLIC

Os quatro princípios

DA GUERRA



I - engane o seu inimigo

Lendas são apenas lendas.

Ou...

É o que eles *querem* que você acredite. Afinal, as criaturas do submundo vivem muito melhor em anonimato.

Basta raciocinar. Se o caçador não conhece a existência da presa, ele não pode caçá-la.

II – roube a fraqueza do inimigo

Algumas crenças religiosas acreditam que, antes de um batismo, a alma de uma criança fica desprotegida. Pode ser reivindicada por qualquer um, pois não pertence a ninguém.

Acontece que essas crenças são verídicas.

Muitos anos atrás, existia uma hábito terrível, porém comum.

Crianças eram abandonadas por genitores displicentes ou desesperados. Eram mães e pais que não tinham como criar filhos em tempos difíceis – de guerra, fome e barbárie. Eles deixavam essas crianças à beira de rios, ou abandonadas em florestas. Seja para serem achadas por alguém, seja para simplesmente morrerem.

Esse recém-nascidos ficavam à própria sorte. E, se ninguém os encontrasse, o frio e a fome os matavam em poucas horas.

Mas não eram apenas suas vidas em perigo. Não. Suas almas também ficavam expostas.

Almas sem pecados eram puras e ingênuas. Não tinham proteção ou defesas. Não eram reivindicadas e não pertenciam a ninguém.

O Mal, é claro, viu a oportunidade.

Trabalhadores do Mal eram enviados para "resgatarem" esses bebês. Criavam-lhes à sua imagem e semelhança. Ensinando maldades e corrompendo suas almas.

Com o tempo, cada um deles se tornava um Trabalhador do Mal. A manifestação de um dos Sete Pecados.

Inveja, Soberba, Avareza, Gula, Preguiça, Luxúria e Ira.

E assim o Mal, pouco a pouco, aumentava o seu exército.

III-
blinde-se contra o seu inimigo

Tais crianças cresciam com personalidades deturpadas. Por onde quer que andassem, espalhavam destruição.

Tiveram suas humanidades roubadas e se tornaram imortais. Alimentavam-se das forças vitais de suas vítimas. Quanto mais caos e maldade espalhavam, mais energizados se sentiam.

Documentos antigos os descreviam como "sugadores." Traduções e lendas se misturaram no tempo. Relatos foram deturpados. Muitos passaram a entender o termo de forma literal. E daí surgiu a lenda dos "sugadores de sangue."

Ou, em outro nome, *vampiros.*

Os vampiros eram nada além de órfãos que tiveram suas almas roubadas. Para não morrerem, se tornaram Trabalhadores do Mal. Eram as Manifestações dos

Sete Pecados no mundo e andavam em clãs de Sete.

Porém, apesar de poderosos, não faziam o que bem queriam.

Afinal, para toda força existe o seu igual oposto.

Os Céus notaram a *expertise* do mal, e resolveram contra-atacar. Para cada vampiro que o Mal criasse, o Bem enviava um guerreiro de luz para a Terra. Esses guerreiros eram anjos-serafins.

Ou, em outro nome, serafínicos.

Eles nasciam na Terra com o objetivo de caçar os vampiros e livrar a Humanidade do caos. Andavam em clãs de sete, e eram as manifestações das Sete Virtudes.

Castidade, Bondade, Temperança, Paciência, Humildade, Diligência e Caridade.

Séculos se passaram. O mundo mudou. Todavia, a guerra entre Bem e Mal prosseguiu.

E assim seria para todo o sempre.

IV-
invada a morada do inimigo

Os Estados Unidos continham vários clãs de vampiros.

Os mais velhos e fortes moravam no Texas.

Eles viviam às ocultas e usavam identidades humanas. Precisavam se misturar para fugirem dos seus Caçadores.

Nunca se sabia quando haveria um serafínico por perto.

Como o Texas continha sete vampiros, também continha sete anjos guerreiros. Misturados entre os humanos e vivendo como eles.

Ou, melhor...

Seis anjos guerreiros.

O sétimo anjo ainda não havia sido encontrado.

O clã de serafínicos esperava pela Manifestação da Caridade ansiosamente. Afinal, as profecias diziam que ela seria uma guerreira grandiosa. Alguém especial.

Enquanto Caridade não nascia, o clã permanecia incompleto. E anjos só podiam combater com força total quando inteiros.

Assim, a simetria entre bem e mal foi quebrada. O mal prosperou e o bem se encolheu.

Os vampiros da América seguiram livres para espalhar o caos, e por muitos anos, ninguém pôde pará-los.



prólogo

San Ruan, Porto Rico

Isabela era uma garota normal. Uma estudante mediana, gentil, e com muitos sonhos pela frente.

Isto é, até completar dezoito anos.

No dia do seu aniversário, tudo mudou.

Era o final do ano de 1995. Ela teve um apagão. Acordou num local ermo da cidade, bem longe da sua casa. Não se lembrava de nada.

Isabela foi encontrada vagando pela estrada. Foi levada ao hospitai e submetida à vários exames.

Não havia sinais de violência sexual ou qualquer indício de dopagem no

seu corpo. Todavia, suas últimas 12 horas foram completamente apagadas.

Uma falha abrupta de memória. Sem explicação.

A polícia a encontrou vagueando numa comunidade de San Juan, perto de um lixão. Câmeras a gravaram pegando um ônibus e chegando à comunidade. Depois – num quase-estado de sonambulismo – batendo de porta em porta e distribuindo maços de dinheiro em casas carentes.

Mais tarde, Isabela descobriu de onde tirou tanto dinheiro.

Ela roubou os maços do cofre do próprio padrasto. Foram cerca de cinco mil dólares.

O padrasto era um chefe de jogatina. Tinha uma casa de jogos ilícitos, e só andava com dinheiro vivo.

No surto, ela se aproveitou do fato para roubá-lo.

Isabela não conhecia aquelas famílias carentes. Não sabia por que havia roubado o dinheiro e decidido fazer caridade. Nunca teve ímpetos filantrópicos. Nunca se interessou por movimentos sociais.

Só tinha dezoito anos, por favor! Mal teve tempo de formar seu caráter, de descobrir a si mesma...

Aquele humanitarismo abrupto não combinava com a personalidade dela.

Isabela nunca quis brigar com o padrasto. Nunca quis colocar a mãe em maus lençóis. Nunca planejou parar no hospital e causar tamanha confusão.

Ela não se lembrava de nada. Não entendia as razões para ter feito o que fez. Foi um choque sofrer tal colapso mental, e bem no dia do seu aniversário...

E não parou por aí.

De tempos em tempos, Isabela passou a ter lapsos de memória. Acordava em lugares estranhos e distribuía um dinheiro que não tinha. Ajudava famílias carentes e pessoas necessitadas.

E, no dia posterior...

Não se lembrava de nada.

Sua família parou de confiar dinheiro a ela. Afinal, tudo que lhe era dado sempre acabava nas mãos dos outros.

Então, Isabela teve que largar a escola e começar a trabalhar.

Por mais que trabalhasse, sempre estava endividada. Os surtos de memória lhe obrigavam a realizar caridades extremas. Ela doava dinheiro que não tinha para pessoas que tinham menos ainda.

E, se no momento não possuísse nada na carteira, simplesmente roubava. Uma ativista social involuntária.

Isabela se tornou desconfiada e amedrontada do mundo. Afinal, nunca sabia quando aconteceria a próxima crise.

Muita coisa mudou. Ela não tinha mais amigos e nem vida social. Todos na cidade a consideravam esquisita. Portanto, ela decidiu ir embora dali.

Porto Rico já não era mais o seu lugar.

Isabela era pobre e instável. Mas, sobretudo, era inteligentíssima. Sabia que o mundo era grande e queria uma vida melhor.

Aos 21 anos, fez a prova online para o Instituto de Tecnologia Thompson. O melhor Instituto de Engenharia dos Estados Unidos.

Suas notas foram ridiculamente altas. Um desempenho brilhante. Ela ganhou uma bolsa integral, bem como auxílio alimentação e direito ao alojamento da faculdade.

Sua família não aceitou a mudança.

Porto-riquenhos devem ficar em Porto Rico, dizia a mãe. *Os estrangeiros não querem imigrantes na terra deles. Coloque-se em seu lugar.*

Seu padrasto há muito não conversava com ela. *Você me roubou, seu maldita doente mental. Várias e várias vezes.*

Seu pai era separado da mãe há muitos anos. Não tinham contato.

Já o seu irmão mais velho estava seguindo os passos do padrasto nos "empreendimentos paralelos." Ou seja, um chave-de-cadeia com moral questionável. Isabela não se deu o trabalho de pedir a sua opinião.

Ela não tinha o apoio de ninguém. Mesmo assim, aceitou a bolsa. Havia mudado profundamente por dentro. Seu país ficou pequeno demais para ela.

Isabela trabalhou por um ano para conseguir comprar a passagem para os Estados Unidos. Aprendeu a fazer faxina, a servir mesas e a se virar.

Quando completou 22 anos, conseguiu se mudar.

Chegou em Dallas, Texas, no ano de 1999. Totalmente sozinha.

Aprendeu a falar inglês por si mesma. Aprendia muito rápido sobre qualquer assunto. Tão rápido que nem parecia ser humana.

Ingressou no curso de Engenharia com notas brilhantes. Sempre ranqueava

nos primeiros lugares das turmas e levava o curso muito a sério.

Não tinha tempo para fazer amigos, pois trabalhava e estudava demais. Quando não estava estudando, usava todo o tempo livre para trabalho de meios períodos.

Em teoria, Isabela não precisava trabalhar tanto. O auxílio-alimentação do Instituto cobria todos os seus gastos, e ela morava no alojamento de graça.

Entretanto...

Os episódios de falta de memória continuaram.

Uma ou duas vezes por mês, aconteciam.

Ela acordava em lugares estranhos. Ermos, desconhecidos. Quase num estado de sonambulismo, distribuía todo o dinheiro que tinha para necessitados da região. Dinheiro que guardava na conta, na carteira, nas gavetas... *Em todo maldito lugar.*

Certa vez, doou todas as suas roupas e acordou com o armário vazio.

Por isso ela trabalhava tanto...

Para pagar as dívidas!

Se ela não tirasse o dinheiro do próprio bolso, roubaria dos outros. E roubar tinha consequências.

Havia aprendido a lição da pior maneira.

Simplesmente não podia controlar o impulso da distribuição de renda. Era como se houvesse alguma guerreira interior trancafiada dentro dela. Uma louca inconsequente sedenta por justiça social.

Não, Isabela não queria sair roubando dos mais ricos para dar aos mais pobres. Ela não era a porra de um Robin Hood. Simplesmente acontecia.

Ela era esperta e não queria terminar na cadeia. Então, trabalhava para sempre ter dinheiro em mãos.

E assim dois anos se passaram.

Capítulo um

Dallas, Texas
ano de 2001

Estava esparramada no meu sofá. Era oito horas da noite.

Meu celular vibrou. Atendi:

– Alô?

Kevin falou do outro lado da linha:

"Isabela? Sou eu. O bar está cheio e a funcionária faltou. Preciso de você urgente. Esse lugar está um caos."

Ai, merda. Fechei os olhos. *Hoje, não.*

– Mas é noite de sexta-feira, Kevin. Não é o meu turno. Tem certeza de que não há mais ninguém?

"Absoluta. Venha hoje, ou não precisa vir mais."

Suspirei.

O gerente não perdoava faltosos, e eu precisava daquele trabalho.

–Tudo bem. Me dê vinte minutos.

"Te darei quinze", Kevin grunhiu. "Não precisa se arrumar. Você vai limpar um banheiro e não desfilar na Fashion Week," e desligou na minha cara.

Tsc. Kevin era sempre um *gentleman.*

Troquei de roupa às pressas. Coloquei um jeans, tênis e casaco de capuz.

Fui até o banheiro e lavei o rosto. O espelho sobre a pia devolveu a imagem de uma garota altamente comum. Nem muito magra, nem muito linda. Olhos e cabelos castanhos. Rosto bronzeado e cansado. Resultado de muito estudo, trabalho e pouco sono.

Prendi meus fios num rabo de cavalo e passei um corretivo nas olheiras. Não melhorei muito.

O relógio corria. Eram quase 20:30.

– Droga! – saí às pressas.

Eu morava num bairro universitário, no prédio do alojamento estudantil. Trabalhava meio-período para me manter. Assim como toda estudante universitária, imigrante e pobre.

Havia um bar famoso no campus chamado Kevin's. Ele era assiduamente frequentado pelos estudantes da minha faculdade – o Instituto de Tecnologia Thomp-

som. Principalmente nas noites de sexta-feira.

Estávamos nas primeiras semanas de aulas. Nenhuma prova, muitos calouros, muita bebida e animação.

Ou seja, o Kevin's estaria lotado.

Eu trabalhava ali fazendo faxinas, mas nunca aos finais de semana.

Entretanto, hoje foi uma emergência. A funcionária dos finais de semana faltou e eu tive que cobri-la. Se deixasse o gerente em apuros, ele nunca mais me contrataria. E apesar de ser um cretino, Kevin pagava muito bem.

Claro que pagava. O trabalho era pesado.

Eu assumia trabalhos depois das aulas para me sustentar. Faxinas em bares, postos, motéis, etc...

Ou seja, todos os lugares que as pessoas não queriam limpar.

Foi assim que sobrevivi aqui, na América, por dois anos.

Eu fazia de tudo um pouco e recebia em dólares. Rapidamente aprendi que faxinas pagavam mais que outros trabalhos, e me foquei no ramo. Não podia me dar ao luxo de escolher.

Dispensei meu carro velho e fui a pé. O Kevin's ficava muito perto do aloja-

mento, e eu não queria desperdiçar gasolina.

Cheguei ao local. O bar universitário estava lotado. Música eletrônica, grupos bebendo, rindo e conversando.

A calçada da frente estava apinhada de jovens descolados – com suas roupas finas e cervejas de garrafa esnobes.

Eles se separavam em nichos muito específicos. Após dois anos no ITT, aprendi a reconhecê-los. Eram os jogadores e as líderes de torcida. Os calouros perdidos e os veteranos ousados. As universitárias das faculdades vizinhas e os parentes que vinham em visitas.

Todos estavam ali.

Droga. De todas as noites, o Kevin precisou de mim logo *hoje?*

Eu tentava evitar trabalhar no campus aos fins de semana. Não queria encontrar meus colegas de classe. Eram todos filhinhos de papai esnobes, que não viam o trabalho duro com bons olhos.

Ergui o capuz do casaco. Abaixei a cabeça e entrei no bar.

Atravessei entre os grupos, desviando dos bêbados cheios de hormônios, e ninguém reparou em mim.

Normal.

Na faculdade, também era assim. Eu não frequentava a vida social do campus pois não queria e não tinha tempo. Trabalhava demais.

Era só a imigrante nerd que aparecia em algumas aulas.

Entrei no bar.

Encontrei o gerente atrás do balcão. Servia bebidas, acelerado.

– Ah, você chegou, graças a Deus! – Kevin nem me cumprimentou. – Estou sobrecarregado aqui. – Entregou-me um molho de chaves sobre o balcão. – Toma, você sabe o que fazer.

Peguei as chaves do porão.

– Quanto você vai me pagar por hoje?

– O dobro dos dias de semana, e mais um adicional noturno. Seu turno terminará às 2 da manhã.

– Feito. – Bati uma continência e saí.

Comecei o trabalho. Fui até o porão e peguei os materiais. Desinfetante, panos e rodos.

Eu ficaria no banheiro, garantindo a limpeza. O bar tinha um fluxo imenso de clientes, e era o meu trabalho manter os reservados sempre limpos.

Era um estabelecimento de elite, afinal. Esses tipos de universitários não fre-

quentariam botecos sujos. O Instituto era afetado demais para isso.

Entrei no banheiro feminino.

Estava um caos. Havia uma fila para as cabines. Enquanto isso, várias garotas se apinhavam à frente do espelho, lavando as mãos ou retocando a maquiagem. Bem-vestidas, descoladas, com suas tatuagens e bebidas nas mãos.

Comecei a limpar o chão com o esfregão. Cabeça abaixada, capuz erguido. Invisível.

Duas garotas entraram. Eram magras, altas e lindas. O tipo de beleza que o esta faculdade adulava.

Eu as reconheci de imediato. Uma era preta e esbelta. Stacey, a chefe das líderes de torcida. A outra era uma caloura recém-aceita no seleto grupo da torcída. Uma loura chamada Madison. Considerada a nova beldade da faculdade, a "carne fresca."

Não, não eram palavras minhas. Eu ouvi uns babacas conversando sobre ela nos corredores entre as aulas.

A loura chorava. Stacey passava os braços em torno dela, acalentando-a.

– Acalme-se, Mad. – Stacey levou-a para perto da pia e deu-lhe vários lenços de

papel. – Tome. Limpe estas lágrimas, estão acabando com o seu delineador.

Eu tentei não olhar.

As outras garotas no banheiro, entretanto, não tiveram a mesma consideração. Afinal as duas eram *cheerleaders* conhecidas no campus.

Quem não amava o drama dos populares?

Madison fungava:

– O que... eu fiz... de errado para ele?

Stacey suspirou.

– Nada, amiga. O Rendrix é simplesmente assim.

– Eu achei que ele fosse me pedir em namoro.

– Vocês só saíram por três semanas, Mad.

– Mas estávamos tão bem! Fazia todo o sentido. Eu sou da torcida e ele é o *linebacker* do time!

Caramba, pensei. *Estamos na faculdade, superem.*

Algumas pessoas ainda tentavam reviver a lógica do colegial...

– Ai, querida... – Stacey entregou-lhe mais lenços. – Eu não desperdiçaria minhas lágrimas com Exton Rendrix. Ele sim-

plesmente não fica com ninguém por mais de um mês. É a regra dele. Assim como a de todos aqueles sete canalhas da Fraternidade. Você é novata e não sabia, mas vai aprender. Não deposite as suas esperanças nos caras da Fraternidade.

Eu passava o esfregão, tentando não ouvir a conversa.

– Eu dei a minha virgindade para ele, S!

Ai, droga. Devia ter trazido meus fones de ouvido.

– Assim como outras várias alunas do Instituto. – Stacey bufou, pragmática. – Você não é a primeira a chorar por ele, e nem será a última.

– Mas...

– Ele te tratou com desrespeito?

– Não. Apenas disse que as últimas semanas foram ótimas, mas que não estava mais a fim de continuar. Eu acabei de sair da casa dele.

– Ele esperou você tirar a roupa para *mandar a real?*

– Não. Ele já havia me avisado que não ficava com ninguém por mais de um mês. E que sexo não mudaria nada. Transei porque eu quis.

– Então para de chorar, Parker! – ela limpou as lágrimas da amiga. – Os sete da Fraternidade são apenas passatempos! Todo mundo sabe! Até você já sabia como iria terminar...

– É – fungava – no fundo, eu sabia.

– Eles são cretinos, sim, mas pelo menos não enganam ninguém. Não fingem que são príncipes. Aquela casa de Fraternidade é como um abatedouro de virgens. Você sabia sobre essa fama antes de entrar?

– Eu ouvi algumas coisas.

– E depositou sentimentos no Exton mesmo assim?

– Eu achei que poderia mudá-lo.

Bufei. *Ora, por favor.*

O som foi alto demais. Stacey me lançou um olhar furioso.

– Você estava ouvindo a nossa conversa, garota?

Madison massageou as têmporas.

– Que humilhação. Até a faxineira sabendo do meu fracasso...

As garotas ao redor ficaram mudas. *Que climão.*

– Hã, não. – Murmurei, corando. – Só estava limpando.

Stacey me analisou de cima à baixo, desdenhosa.

– Bom mesmo. Eu conheço o dono deste bar. E ele não gosta de empregados fuxiqueiros.

– Claro. – Recolhi os panos. – Sinto muito. – E saí às pressas.

Corri para o porão. Sentei-me lá por algum tempo.

Stacey O'Brien era filha de um Senador. Uma palavra dele poderia tirar minha bolsa de estudos. Comprar briga com as populares não era inteligente. Eu gostava de ser invisível.

Argh, foi uma péssima ideia vir trabalhar na sexta à noite...

Todos os meus colegas do Instituto estavam aqui. Eles eram os clientes ricos, e eu, a bolsista que limpava seus banheiros.

Não que houvesse vergonha nisso. Ao menos, não para mim.

Só que eles eram um outro tipo de gente.

Esperei alguns minutos no porão. Quando retornei, Stacey e a amiga chorosa já tinham saído. Graças a Deus.

Duas garotas da fila fofocavam:

"Ouviu a novidade? O Exton está solteiro de novo."

"O *linebacker* do time de futebol? Ele nunca esteve com aquela caloura. Não era um namoro oficial."

"Eu sei. Membros da Fraternidade não namoram. Principalmente aquele cara. Mas, cacete, ele é tão gato..."

"Todos os membros da Fraternidade são."

"Eu sei. Mas o Rendrix tem alguma coisa especial."

Uma delas estalou a língua.

"Ele não é para o nosso bico, Jessie. Se até uma beldade como Madison Parker leva um pé na bunda dele..."

"Eu sei, eu sei. Nem ousaria sonhar."

Uma terceira garota se envolveu na conversa. Malditas amizades de banheiro.

"Fiquei sabendo que a novata ficou em prantos com pé na bunda. Será que ninguém avisou a ela que aquela Fraternidade é conhecida como abatedouro?"

"Não é?", uma delas bufou. "É ridículo esperar ser amada por um daqueles caras. Eles só querem curtição."

"Pelo menos deixam isso bem claro. Não tem enganação."

"Exato."

Suspirei. Eu conhecia bem aquela história. Todos os alunos do Instituto conheciam.

A maioria dos alunos do ITT eram filhos de ricaços do Texas. Mas, mesmo entre a elite, havia a nata. Os mais especiais.

A maioria dos alunos morava nos alojamentos. Outros, em casas compartilhadas no campus. As fraternidades.

Porém existia uma Fraternidade em especial. Pequena, famosa e muito exclusiva. Só continha sete membros, e todos eram homens.

Eles moravam num casarão supermoderno no campus. A lista de espera era imensa. A inscrição, super seleta. Abriam processos seletivos mas nunca aceitavam ninguém.

Os sete garotos dominavam o campus. Todos eram excepcionais. Lindos, musculosos e com talentos específicos.

Seus nomes eram Asher, Dylan, Carter, Axel, Cole e Tyler.

E, finalmente...

Exton Rendrix.

O destruidor de corações.

A Fraternidade tinha regras próprias. Para fazer parte, devia-se dar as melhores festas, ser o melhor na sua área, e principalmente, não namorar.

Sim. Regras estúpidas criadas por homens prepotentes.

A casa deles era o centro magnético do campus. Aos fins de semana, víamos um vai e vem de garotas, festas loucas e bebedeiras. Porém, em dias de semana, eles trancavam todas as portas.

Ninguém sabia o que acontecia dentro daquela casa. Só saíam para as aulas e os treinos. Eram muito disciplinados. Estudantes e atletas modelos, que não aceitavam fracassos.

Exclusivos. Inconquistáveis. Mais bonitos do que mereciam.

Fatos que só os tornavam mais intrigantes.

Eles ditavam as tendências. Diziam o que era descolado e o que não importava. E todos acreditavam.

Até o Kevin's surfou nesta onda. O bar começou a ser frequentado por eles, e tornou-se o mais badalado do campus. O dono devia muito aos rapazes.

Eles vinham toda sexta à noite. Traziam uma multidão com eles. Continham

um poder de persuasão insano sobre os outros. Verdadeiros formadores de opiniões.

Um barulho me tirou do devaneio. Kevin bateu à porta do banheiro.

"Isabela? Preciso de você aqui fora!"

Ai, droga. Torcia para ninguém ter vomitado no chão do bar...

Kevin me mandou limpar entre as mesas. Um garçom entornou uma bandeja com drinques e molhou o chão.

Fui cumprir a ordem. Atravessei a multidão. Ao meu redor, as pessoas riam e conversavam. Nem reparavam em mim.

Agachei-me no chão. Recolhi os cacos de vidro e limpei os líquidos. No ínterim, ouvi as conversas ao meu redor.

"Exton!", um homem chamou. "Estamos aqui!"

Ah, droga. Se Exton estava aqui, o restante do bando também estaria...

Lancei um olhar para cima, tímida.

Avístei o grupo da Fraternidade numa mesa próxima. Não havia nenhuma garota entre eles. Apesar disso, algumas forasteiras orbitavam ao redor, na esperança de serem chamadas.

Os sete eram fisicamente diferentes. Brancos, asiáticos e afrodescendentes. Apesar das etnias diversas, tinham traços em

comum entre si. Algo que emanava de todos eles e os tornava únicos.

Exton sentou-se à mesa. Os amigos abriram espaço para o recém-chegado.

"Finalmente."

"Pensamos que estivesse morto."

Exton abriu uma cerveja. A expressão, indiferente.

"Me atrasei. Tive uns assuntos para resolver em casa."

Sei. O assunto era Madison. Aposto que ele estava esperando a loura ir embora do bar para vir para cá...

Todos, sem exceção, eram lindos e atléticos. Porém só um dentre eles *realmente* fisgava a minha atenção.

Exton Rendrix. Linebacker do time da faculdade. Ídolo e *ás de espadas* da defesa do nosso futebol americano.

Alto, musculoso, porte arrogante. Brinco dourado na orelha e maçãs do rosto proeminentes. Pele branca, expressão maléfica. *Alguma coisa* nele me intrigava. Talvez fossem os olhos verdes, sérios e predatórios... Ou talvez fossem os cabelos escuros rebeldes... Ou os músculos de atleta...

Não sei. Algo o destacava dos demais.

Todos ali eram sorridentes e piadistas – menos ele. E, porra, eu achava aquele ar

de predador-em-tempos-de-caça muito sensual.

O Rendrix tinha a voz mais grave. O porte mais masculino. Mesmo os amigos mais fortes pareciam bebezinhos em sua presença.

Era sério e disciplinado. Às vezes, quando eu ia trabalhar antes das aulas, o via correndo pelo campus às 5h da manhã. Um atleta aplicado.

Era o melhor da turma de veteranos. Pretendia formar-se com honras em Engenharia Aeroespacial. Só tinha um envolvimento romântico por vez. Suas parceiras, muito seletas.

Sinceramente, eu entendia o coração partido de Madison.

Exton Rendrix não tinha namoradas. Todos sabiam. Mesmo assim, devia ser traumático levar um pé na bunda dele.

Enquanto eu devaneava, varria os caco de vidro. Levei-os ao lixo e retornei com pano secos. Precisava limpar o chão molhado.

Na mesa próxima, os sete conversavam. Eu estava ajoelhada à centímetros. Inevitavelmente ouvi a conversa.

"A Madison acabou de sair."

"Eu sei", Exton grunhiu. "Ela saiu da nossa casa direto para cá. Disse que pre-

cisava do consolo das amigas. Estava esperando que ela fosse embora para vir encontrá-los. Não queria uma cena."

"Vocês terminaram mesmo?"

"É claro. Estávamos fodendo há três semanas. Vocês sabem que eu não passo de um mês com ninguém."

"Óbvio."

"Certíssimo", todos assentiram.

Pisquei. *Que diabos?*

Parecia ser um preceito unânime entre eles. Uma regra inquebrável.

"Coitada", disse um dos louros. "Ela saiu daqui arrasada e aos prantos..."

Exton lhe lançou um olhar gelado.

"Me poupe do teatro, Dylan. Eu sei que você adorou isso."

O louro abriu um sorriso maiéfico.

"Eu adorei. Me sinto energizado."

O tailandês se inclinou nos cotovelos, ansioso.

"Como era o gosto da dor dela?"

"Metálico e amargo. Um sabor de coração partido delicioso. Ainda sinto o gosto na minha lingua."

Arregalei os olhos. *Como é que é?*

"Foi o que pensei", o tailandês salivou. "Queria ter provado primeiro."

"Obrigado por destruir o coração dela tão eficientemente, meu caro Exton. Alimentou-me por todo o mês."

Espera, eu entendi errado? Eles sentiam *prazer* em magoar garotas? Foi um ato de maldade premeditado?

Um deles ergueu sua cerveja.

"Viva o Rendrix! A pica desse cara deve ser mesmo de ouro!"

Eles riram.

Trinquei os dentes. *Canalhas.*

Joguei o pano molhado dentro do balde e me ergui. Não queria ouvir nem mais um minuto daquela conversa desprezível.

Assim que dei o primeiro passo, me arrependi.

Ainda havia poças no chão. A sola do meu tênis escorregou no líquido. Tropecei e caí de cara no piso. O balde com água suja voou das minhas mãos, molhando tudo ao redor.

As pessoas se afastaram, dando pequenos gritinhos.

"Mas o quê...?!"

"Puta que pariu, a faxineira escorregou na própria sujeira..."

"Coitada. De cara na água suja."

"Ei, não é aquela garota da nossa turma?"

Semicerrei os olhos, humilhada. De todos os lugares, tropecei *bem à frente* da mesa da Fraternidade.

O vexame durou apenas mais um segundo.

Alguém pigarreou. Ergui o rosto e vi o impensável...

Exton Rendrix havia se levantado da mesa e caminhado em minha direção. Parou à minha frente. Queixo erguido, mãos nos bolsos, traços indecifráveis.

Eu pisquei.

– Rendrix.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Precisa de ajuda, menina? – voz aveludada.

Céus. Era a primeira vez que ele falava comigo.

– S-sim. Seria ótimo.

Esperei que ele estendesse uma mão e oferecesse ajuda, mas não.

– Pois então ajude a si mesma. Estou tentando chegar ao balcão e você está no caminho. Saia da minha frente.

Meu queixo caiu.

Todo mundo riu.

Interpretei errado. Exton não viera me ajudar. Só havia se levantado para pegar uma bebida, e eu era o empecilho no trajeto. A doida caída entre as mesas.

Levantei-me. Peguei meu balde e rosnei:

– Desculpe-me por ficar no caminho.

– Está desculpada. Mas volte para limpar o chão molhado. O seu acidente já foi a atração da noite, não precisamos de outro show.

Trinquei os dentes.

– Farei isso. – E me virei para sair.

No trajeto, dei alguns encontrões nas pessoas.

"Ui", debocharam. "A faxineira está zangadinha..."

"Ela realmente achou que o Rendrix viria salvá-la? Quem ela pensa que é? A Cinderela?"

Voltei para o banheiro. Sequei a roupa no ventilador de mãos.

Só fui embora quando o bar estava totalmente vazio. Voltei andando para a casa, às duas da manhã. Capuz na cabeça, mãos nos bolsos. O tempo todo, murmurando para mim mesma:

"Aquele bastardo insensível..."

Quem via uma garota caída no chão e não se dispunha a ajudar?

Você está no meu caminho. Simples assim. Frio e indiferente.

Entrei no meu pequeno alojamento no campus. Tomei um banho e fui dormir. Entretanto, as palavras de Dylan, o garoto louro, não saíam dos meus pensamentos.

A dor dela tinha um gosto delicioso.

Não importava o contexto. A colocação simplesmente não fazia sentido.

Naquela noite, tive sonhos perturbadores com os sete garotos. Eles pareciam universitários de ouro – mas eram algo mau.

Essa certeza retumbou no fundo dos meus ossos.

Fique longe deles, Isabela.

Capítulo *dois*

Escondi-me por todo o final de semana.

Nestes dias, meus trabalhos ficavam longe do campus. Graças aos céus.

O que aconteceu no bar foi estúpido, mas me magoou por dias. Só queria me afastar.

Às vezes, eu me questionava: será que tomei a decisão certa ao vir para os EUA? Ou minha mãe tinha razão?

Ela sempre dizia que "porto-riquenhos deviam ficar em Porto Rico. Latinos devem conhecer seus lugares."

Bem, num ponto, ela estava certa. Eu já morava no Texas há dois anos. Não fui exatamente feliz.

Mesmo em 2001, o preconceito ainda reinava.

Será que escolhi o Estado errado do país? Devia ter ido para um lugar mais progressista?

Dallas ficava no sul. Uma região dos EUA conhecida por ser, em maioria, branca, ultraconservadora e elitista. Ou seja, nada favorável aos imigrantes.

O Texas não era como Nova Iorque, por exemplo, que acolhia à todas as etnias.

Talvez no futuro isso mudasse. Mas esta era a atual realidade.

Nem todos por aqui reproduziam xenofobia, lógico. Havia milhares de pessoas decentes no Texas.

Contudo, *especificamente* no ITT, a realidade era bem cruel.

A vontade de ir embora me perseguiu por todo o fim de semana.

Argh. Tudo em razão de um momento humilhante com Rendrix. Aquele cara realmente exercia um poder sobre as pessoas. Interações com ele não eram esquecidas. Seu olhar desdenhoso ficou marcado sob a minha pele. Uma triste memória que acionava as minhas inseguranças.

Este não é o meu lugar. Volte para o seu país. Estas pessoas não te querem aqui.

A segunda-feira chegou.

Saí cedo para as aulas.

Caminhei pelos corredores do ITT com a cabeça baixa, escondida no capuz do moletom. Roupas assim funcionavam como mecanismos de defesa para pessoas tímidas. Pessoas como eu.

Naquela manhã, recebi alguns olhares.

"Ei! Não foi essa a garota que caiu no bar?"

"A própria. Ela achou que o Rendrix queria ajudá-la, mas ele só queria passar. Uma cena e tanto..."

"Pobre coitada. Esse mico vai entrar para história."

Mas foi só. À tarde, se esqueceram de mim.

Muita coisa acontecia na faculdade. Eu não era tão interessante.

Após o almoço, as aulas foram suspensas. Receberíamos uma visita célebre.

Dra. Hilary Cornell viria dar uma palestra. Ela era uma engenheira biomecânica de renome. Fez seu doutorado no ITT e trabalhava em projetos importantíssimos no exterior. Quando em vez, voltava para os EUA para dar algumas palestras em universidades.

Suas visitas ao Instituto deixavam a todos em êxtase.

Hilary estava sempre na vanguarda dos acontecimentos do nosso ramo. Suas palestras enchiam auditórios.

Assistlmos à sua palestra, fascinados.

De perto, a doutora era ainda mais impressionante. Uma beleza ruiva e madura. Um cérebro brilhante. Uma presença de palco fenomenal. De algum jeito, conseguia equilibrar a vida de mãe e esposa com a carreira importante.

Ao fim da palestra, o ITT quis presenteá-la. O reitor pediu a um aluno para en-

tregar-lhe uma placa de honraria, e um dos membros da Fraternidade foi o escolhido.

É claro. Sempre um deles.

Eu entrei e saí da palestra sem ser vista. Me sentei aos fundos e não chamei a atenção. Queria evitar cruzar com Exton.

Ele nem deveria se lembrar de mlm, claro. Mas eu me lembrava de cada segundo humilhante da nossa interação. O olhar de deboche dele... As risadas das pessoas... Minha roupa molhada, com cheiro de lixo...

Droga. Aquela lembrança dolorosa demoraria a cicatrizar.

Graças aos céus, não trombei com Rendrix.

Ao fim do dia, fui até o meu armário. Precisava pegar alguns livros.

O corredor estava lotado. Alunos saíam das aulas e corriam para outras atividades.

Enquanto eu colocava a senha no cadeado, algo aconteceu.

Uma voz chegou por trás de mim. Seca, masculina:

– Ei, você.

Olhei para o lado e congelei.

Era Dylan McAdden. Um dos louros da Fraternidade. O mesmo autor da frase

bizarra "a dor dela tinha um gosto delicioso."

Olhei para os lados, perplexa.

– Está falando comigo?

Ele parou à minha frente. Ergueu as sobrancelhas.

– É claro. Você é Isabela Hernandez?

Fechei meu armário, tensa.

– Hum, sim.

– Ótimo. Pegueí o seu contato com o Kevin do bar. Você trabalha no setor de limpeza, não é?

– Trabalho.

– Ótimo. Estou precisando de uma funcionária. A Fraternidade na qual eu moro está um caos. Nossa diarista se demitiu, e estamos procurando por um ajudante da limpeza. Você toparia o trabalho?

Fiquei sem palavras.

Eu, trabalhar dentro da Fraternidade? A casa impenetrável do campus? O ninho de cobras daqueles caras maus?

Sem chance. Eu surtaria no primeiro dia.

– Hum, desculpe, mas não vai rolar. Meus horários de aulas estão bem apertados ultimamente. E eu já tenho vários empregos.

Ele franziu a testa.

– Tem certeza? Podemos pagar bem. Cobriremos qualquer oferta da concorrência.

Nem morta eu entraria naquele covil de sociopatas. Canalhas que destruíam corações por esporte.

– Foi mal, McAdden. Meus horáríos estão muito apertados mesmo.

Eu o compreendia. Era difícil achar faxineiras no campus. Os poucos alunos que trabalhavam aqui escolhiam setores maís "leves." Serviços de entregas, babás, garçons, etc. Pouquissimos ousavam no ramo da limpeza.

– Argh. – Ele desviou os olhos, frustrado. – Está difícil para cacete achar um funcionário. Aquela casa realmente precisa de uma faxina.

– Imagino.

Sete homens morando juntos? Devia ser o caos.

– Você tem uma caneta por aí?

– Sim. – Peguei uma lapiseira da bolsa.

Ele achou um folheto no bolso de trás da calça. Algum anúncío de show. Rabiscou alguma coisa no verso e estendeu o papel para mim.

– Toma. Este é o valor que estou disposto a pagar caso você aceite o trabalho. Seria apenas uma vez na semana. Todas às quartas-feiras à noite, e eu os outros caras saímos. É dia de treino de futebol. Você ficaria sozinha na casa. Ninguém iria te incomodar.

– Desculpe, mas eu não...

– Veja o valor primeiro.

Suspirei. Virei o folheto e vi o rabisco.

– Mas o quê... – gaguejei. – Isto é um absurdo.

Dez vezes o valor de uma faxina usual!

– Eu disse que pagávamos bem, Hernandez. Você poderia trabalhar só uma vez na semana e receber mais que a soma de todos os seus outros empregos. E não é só isso. Trabalhar para a Fraternidade vai abrir muitas portas. Nós temos muitos contatos fora do campus.

– Como assim?

– Só posso dizer uma coisa... – ergueu uma sobrancelha, persuasivo. – Seja nossa amiga. No futuro, quando se formar, esse vínculo poderá te ajudar. Conhecemos os professores e os olheiros de empresas. Digamos que somos muito generosos com nossos *aliados*. Pense no futuro.

Fiquei em choque.

Aquele valor mudaria completamente a minha rotina. Eu trabalharia menos. Teria mais tempo para estudar. Me formaria mais rápido, ficaria menos exausta, e poderia até enviar algum dinheiro para minha família.

Só havia um problema...

Eu teria a coragem para entrar naquela casa de horrores?

Em teoria, sim. Mas então eu pensava nos olhos perversos do Rendrix. *Saia da minha frente.*

Balancei a cabeça.

– Pode me dar um tempo? Preciso pensar no assunto.

– Ok. Meu telefone está anotado no papel. Me mande uma mensagem se topar.

– Tudo bem.

– Espero que tope. – Suspirou, exausto. – Sinceramente, tenho mais o que fazer do que ficar procurando funcionários. Esse assunto já está me tirando a paciência.

– Hum.

– Vou indo agora. Tenho treino de futebol. Espero a sua ligação. Até mais. – Virou-se e foi embora.

Fiquei observando-o dobrar a esquina e sumir no corredor. Paralisada, em choque.

Eu tinha acabado de conversar com Dylan McAdden? Um dos fodões da Fraternidade? E não apenas conversado, como também recebido uma proposta de emprego?

Caramba.

Ninguém entrava na Fraternidade. Nin-guém.

Dylan deve ter captado o temor em meus olhos. Por isso foi tão categórico ao dizer que a casa estaria vazia.

Bom, entrar na Fraternidade seria assustador. Mas se os sete não estivessem lá dentro...

Eu conseguiria lidar.

Sabia limpar. Fazia meu trabalho rápido e bem-feito. Poderia entrar e sair em algumas horas, receber um salário alto e mudar a minha qualidade de vida.

Sim, eu tinha medo, mas precisava ser pragmática. Eu era uma prestadora de serviços. E os sete-malvados-atléticos, bons empregadores.

Recusar seria estupidez. Simples assim.

Assim que cheguei ao alojamento, mandei uma mensagem para Dylan.

"Oi, aqui é a Isabela. Eu topo."

Cliquei em enviar. Coração na garganta. *Não acredito que vou entrar na casa do Rendrix e seus comparsas. Ter acesso ao mundo particular deles.*

Minutos depois, Dylan respondeu.

"Fantástico. Apareça na Fraternidade às 19h da próxima quarta-feira. Deixarei a chave embaixo do tapete da frente."

"Certo. Boa noite."

"Vaieu", foi só o que ele respondeu.

E a conversa acabou.

Tomei banho e jantei. Tentei dormir, mas fiquei rolando na cama repleta de antecipação. Depois de amanhã, eu pisaria dentro do território inimigo.

E entraria pela porta da frente.

***

Dois dias se passaram.

Olhei o relógio de pulso. Eram 18:40 da noite.

Saí do meu quartinho do alojamento. A casa da Fraternidade ficava um pouco longe do alojamento, então resolvi ir de carro. Um sedan velho só usado para serviços mais longínquos. Banco gasto, píntura descascada.

Na América Latina, ter um carro era luxo. Nos EUA, algo banal. Logística do dólar.

Estacionei à porta da Fraternidade.

A casa ficava num quarteirão inóspito, sem nenhum vizinho. Uma mansão de dois andares com jardim opulento. Fachada de vidro, grandes janelas, supermoderna.

Uau. Os sete deveriam pagar caríssimo por aquele lugar.

Jamais cheguei tão perto da famosa casa. Nunca fui convidada para as festas.

Meu relógio de puiso marcava dezenove horas em ponto. O treino de futebol já havia começado. Ninguém estava em casa. Todas as luzes do interior foram apagadas.

Repensei sobre a decisão de estacionar à porta. Meu carro velho não combinava com a fachada luxuosa. Os passantes poderiam achar estranho. Os mais paranoicos até chamariam a policia.

Era 2001. A policia do Texas, nada receptiva com imigrantes. Sobretudo latinas sozinhas em casas de luxo.

Dirigi até a rua ao lado. Estacionei numa esquina.

Trêmula, andei até a casa.

Dylan cumpriu o combinado. Deixou a chave debaixo do tapete.

Abri a porta com o coração acelerado. *Estou sozinha em território inimigo. Só espero não me arrepender.*

Entrei na sala e fechei a porta atrás de mim.

Acendi as luzes e exalei.

Uau. A sala era imensa. Móveis escuros e modernos, TV gigante, sons, mesas de sinuca e muito sofás. O esperado por uma casa habitada por sete homens.

Entretanto, algo me intrigou.

Casas de Fraternidade geralmente eram caóticas. Apinhadas por roupas sujas no chão e pias transbordando de louças...

Mas não era o caso aqui. Só avistei a sujeira normal. Resquícios de algumas semanas sem limpeza. Carpete empoeirado, lixos para retirar. Mais nada.

Que curioso. Seria mais fácil do que eu pensava...

Encontrei o banheiro do jardim dos fundos. Lá, troquei de roupa e captei os materiais de limpeza.

Comecei pelo andar de baixo. Aspirei a poeira, limpei os móveis e retirei os lixos. Em seguida, passei para a cozinha anexa. Também surpreendentemente limpa.

Franzi a testa.

Aquela era realmente uma casa de playboys morando sozinhos?

Eu já havia limpado muitos alojamentos. Homens universitários sabiam ser nojentos. Sete deles juntos, então? Tsc. Devia estar um caos.

Sinceramente, Dylan me pagou até demais.

Terminei o primeiro andar rapidamente. Logo após, comecei o que me realmente me amedrontava: o segundo andar que abrigava os quartos. As intimidades dos rapazes.

Mais especificamente a intimidade de Exton Rendrix.

Não sei por que eu estava tão apavorada com a ideia de entrar no quarto dele. Parecia ser uma invasão de privacidade. Uma violação imoral.

Eu quase podia sentir o olhar fuzilante do canalha na minha nuca – como se ele fosse um ser onipresente e estivesse me vendo. *Não mexa nas minhas coisas.*

Bizarro.

No segundo andar, havia um longo corredor. Cada porta continha uma placa de bronze com um nome.

Asher, Carter, Cole, Dylan, etc.

Hum. Que metódico.

O quarto de Exton ficava no fundo do corredor. Deixei-o por último.

Comecei pelo quarto de Cole McAdden. Cole era o primo mais novo de Dylan. Por isso suas belezas nórdicas eram tão parecidas.

Ao entrar, estagnei. Parei logo no batente.

– Mas o quê...?

Esperei encontrar qualquer coisa, menos aquilo.

Não era o quarto típico de um universitário. Parecia ter saído de outro século.

Não havia TV ou aparelho de som. As paredes eram abarcadas por estantes de livros. Suas lombadas, antiquissimas. Filosofia, matemática, grandes mestres da Literatura... Todos provindos de outros séculos.

Havia pinturas renascentistas nas paredes, tapeçarias antigas e até uma cama com dossel.

Fui entrando no quarto lentamente. Olhava para tudo, mortificada.

– Que diabos de lugar é este?

Onde estavam os troféus de futebol? Os posters de banda? O notebook jogado na cama com pornografia?

Eles eram homens universitários mesmo? Ou senhores de sessenta anos?

Intrigante e bizarro? Sim.

Porém não era da minha conta.

Limpei tudo e passei para o quarto seguinte.

Todos os cômodos eram grandes, com banheiros privativos. Seguiam o mesmo estilo do primeiro. Nenhum aparelho moderno. Muitos livros, arte de outras eras e instrumentos antigos.

A cada um deles, eu ficava mals perplexa.

Avistei de tudo. Luneta, mapas de papel, esculturas, obras de arte refinadas...

Nada que remetesse a um jovem na casa dos vinte anos.

Aqueles caras eram... Estranhos.

Por fim, cheguei ao local que mais temia. O quarto de Exton.

Este tinha uma vista para os fundos da casa. Era o maior e mais privativo dos cômodos.

Abri sua porta com a pulsação acelerada. Não sabia por que me sentia tão nervosa. Notei que o mero rastro de Rendrix me causava reações fortes. Vívidas. Atordoantes.

Sentir o cheiro dele nos lençóis, tocar suas roupas nos armários...

Não sei. Parecia íntimo demais.

Exton compartilhava as mesmas esquisitices dos colegas. Cama com dossel. Obras de arte de colecionador. Estantes e mais estantes de livros antigos. Zero eletrônicos.

Mas conseguia ser ainda mais peculiar.

Para começar, havia um piano no canto do quarto. Não um teclado moderno, de uma banda, mas um piano *de verdade.* Algo de outro século. As teclas estavam amareladas e gastas. Indício de uso constante.

As paredes não tinham prêmios emoldurados da faculdade ou do futebol. Não. Somente estantes de mogno com livros. Todos, de capa dura e edições de colecionadores.

O único tema?

Teologia.

Peguei um dos livros, piscando. *Um Estudo sobre Anjos e Demônios na Antiguidade.*

– Só pode ser piada.

Exton Rendrix se interessava por religião? Que improvável.

Embaixo da cama, avistei seus livros da faculdade. Um lugar bem secundário.

Todas as suas gavetas estavam trancadas.

Hum, ele apreciava a privacidade...

Limpei escrupulosamente. Troquei suas roupas de cama, aspirei os móveis, tapetes e cortinas, e terminei o mais rápido possível. Só queria sair dali.

Pronto. A pior parte estava feita. Agora só faltavam o jardim e a garagem.

Fiquei atrás da casa por um bom tempo. Havia muito a organizar por lá. A grama do jardim estava lotada de copos plásticos – resquícios de uma festa. A banheira de ofurô também precisava ser esfregada.

Quando finalmente terminei, olhei no relógio. Eram mais de dez horas.

Merda. Não achei que fosse tão tarde.

Segundo Dylan, os garotos só voltariam por volta da meia-noite. Eu ainda tinha algum tempo. Resolvi fazer uma revisão geral na casa. Só para garantir que não havia me esquecido de nada.

Na revisão, reparei em um cômodo negligenciado...

O porão! É claro!

Havia me esquecido completamente dele.

A entrada do porão se parecia mais com um armário de vassouras. Nada além de uma portinha dupla dentro da lavanderia.

Quando a abri e vi uma escada para o subterrâneo, fiquei chocada. Por que esconderiam a entrada para um porão?

Encarei meu relógio. Estava ficando tarde, deveria ir embora. Mas não podia simplesmente negligenciar um cômodo. Seria um serviço malfeito.

E se Dylan não me contratasse de novo?

Não. Era um emprego bom demais para arriscar.

Desci a escadinha. Procurei o interruptor, mas não havia luz elétrica no lugar. Estranho.

Busquei uma vela na cozinha. Retornei e olhei ao redor.

– Mas o quê...? – exalei. – O que é isto?

O lugar estava vazio, exceto pelos quadros nas paredes. Dezenas e dezenas de pinturas feitas à óleo, com molduras envelhecidas. Raridades de outros tempos.

As pinturas retratavam os sete garotos. Sempre em poses, roupas, épocas e

penteados diferentes. Usavam vestes de outros séculos e pareciam estar nas mais diversas nações.

Alguns posavam com roupas europeias da Idade Média. Outros, em quimonos, em desenhos de carvão e pergaminhos asiáticos. Outros, bordados em tapeçarias de outras eras.

Cada obra continha uma data e um local.

Aproximei-me de uma parede. O primeiro quadro retratava um Dylan com vestes medievais. Ao canto, dizia: *1501 d.C. Reino da Espanha.*

Outra, o árabe Axel em uma túnica. *1622 d.C, Egito.*

Uma delas pintava o asiático Asher numa folha de carvão. *1869, Império do Japão.* Outra, o membro de pele preta, Tyler, em roupas de um Lorde do século XVIII. *1797, Inglaterra.*

Por fim, avistei uma gravura do próprio Exton. Ele foi desenhado em carvão usando roupas tradicionais africanas. Sentava-se num trono de madeira. Queixo erguido em dominância, colar de dentes de animais, aspecto tribal. Tinha um maldito leopardo domado aos seus pés.

1899 d.C, Zimbábue, presente ao rei da tribo.

Exalei.

– Mas que porra...? – cambaleei para trás.

O retrato de Exton me encarava lá de cima, fuzilante. *Saia da minha casa, intrusa.*

– Meu Deus.

Aquela parecia ser uma pintura africana original. Uma gravura de séculos atrás, retratando Exton Rendrix como um...

Rei tribal antigo?

Sem dúvidas era um retrato original. A moldura foi comida por traças. O papel estava amarelado pelo tempo. Não dava para forjar aquilo.

Seria aquele um ancestral de Exton? Mas com a aparência idêntica? *Como?*

Eles não eram parecidos – eram réplicas!

De repente, fui assolada por medo.

Saí correndo. Subi as escadarias do porão, arfante.

Quem eram aquelas pessoas? Por que eles retratavam a si mesmo com roupas de outros séculos? E por que as pinturas pareciam tão...

Tão verossimeis, tão originais?

Corri para o banheiro do jardim. Havia deixado a minha mochila com pertences lá dentro. Troquei de roupa rapidamente. Tirei o macacão de limpeza e coloquei meu moletom. Só queria pegar meu pagamento e ir embora daquela casa estranha.

No ínterim, meus pensamentos voavam.

Quem eram aqueles caras de verdade? Por que eles viviam, secretamente, como homens de outros séculos? Por que pintavam a si mesmos como se houvessem vivido outras vidas? Por que não tinham hábitos deste tempo?

Eu começava a fazer ligações. Especulações perigosas e perturbadoras.

O andar inferior aparentava pertencer a uma casa normal. Aparelhos eletrônicos e jogos de última geração. Tudo estrategicamente localizado nas áreas comuns.

Quase como se fosse uma fachada, uma...

Cortina de fumaça.

Os andares superiores revelavam suas verdadeiras personalidades. As coisas e hábitos antigos que não pertenciam à homens daquela idade. Tradicionalismos que eles queriam esconder.

Por quê?

Não importava. Não ficaria tempo o suficiente para descobrir.

Comecei a ir embora. Assim que abri a porta da frente, estagnei, praguejando.

– Droga. – Tateei o bolso do moletom e dos jeans. – Argh, que ótimo.

Tinha esquecido de pegar o meu pagamento. Dylan deixou o envelope no seu quarto, na primeira gaveta da cômoda. Foi o combinado nas mensagens.

Eu pretendia pegar o envelope ao final da faxina. Mas os acontecimentos me distraíram.

Irritada, voltei para dentro da casa. *Vou entrar e sair do quarto, pegar meu dinheiro e nunca mais olhar para trás.*

Subi as escadas com a cabeça em pane. Não queria pensar no que aqueles garotos eram, ou nas coisas bizarras que faziam. Não queria pensar em...

Algo interrompeu meus devaneios.

Ouvi um barulho. Era...

O som de um gemido?

Não, não, não. Não devia ter ninguém em casa!

Entrei no corredor do segundo andar. Pé ante pé, sem fazer barulhos.

Não havia nenhuma luz acesa. Tudo estava na mais perfeita ordem, do jeito que eu havia deixado. Exceto...

Exceto o quarto ao fim do corredor.

A porta de Exton se encontrava entreaberta, e outro gemido proveio lá de dentro.

Era um gemido de dor?

– Ai, meu Deus.

Quis sair correndo, mas não consegui. E se alguém estivesse precisando de ajuda?

Avancei lentamente.

– Calma, Isabela. – Sussurrei por debaixo da respiração. – Pode ser um animal ferido que entrou pela janela entreaberta... – tinha que haver uma explicação. – Vamos apenas dar uma olhada e ir embora.

Espiei por entre o vão da porta de Exton, e...

Paralisei.

Lá dentro, vi Exton sentado à sua poltrona. Descalço, cabelos desalinhados e sem camisa. No colo dele, estava ninguém menos que a Dra. Hilary! A engenheira famosa que nos deu uma palestra.

Ela rebolava em cima do pau do Rendrix, gemendo, completamente nua.

Oh, meu Deus.

Os dois devem ter entrado enquanto eu limpava o jardim! Por isso eu não os vi!

Eles fodiam no escuro. Um transa selvagem e feia. Ele segurava os cabelos ruivos dela, dando tapas na sua cara e falando obscenidades.

– Porra, Rendrix, você é tão gostoso... – ela gemia. – Você é meu demônio preferido, sabia? – cravava as unhas no seu peitoral musculoso. – Nenhum dos seus irmãos fode como você fode.

Ele segurou o queixo dela, dominador.

– Diga que você é cadelinha de demônio. Vai, súcubo safada.

– Eu sou sua cadelinha, Senhor Luxúria. Me come como se estivéssemos em casa, no inferno...

Fiquei absolutamente chocada.

Rendrix estava comendo a nossa professora casada? E eles se tratavam como "demônio e súcubo?"

Eu não sabia muito sobre súcubos. Só o que vi em filmes. Para mim, elas eram demônios com aparências femininas que invadiam os sonhos dos homens. Nos sonhos, tinham relações sexuais enquanto lhes roubavam a energia vital.

Hilary rebolava sobre o aluno. Seus seios saltavam na altura do rosto dele.

– Diga o que você quer fazer comigo...

Jurei ter visto os olhos verdes de Rendrix reluzindo com algum brilho sobrenatural. *Fome.*

– Quero devorar a sua carne... Quero jogar os seus restos no lago de fogo em que eu nasci...

Ela jogou a cabeça para trás, quase gozando.

– Oh, isto.

Lago de fogo? Mas o quê...?

Ele bateu na bunda dela.

– Goza para mim, minha demônia putinha!

Arfei. Eram apelidos muito bizarros. Até para um sexo selvagem.

Mas o meu arfar foi alto demais.

Rendrix parou de foder a mulher no mesmo instante. Virou a cabeça para a porta abruptamente. Expressão alarmada.

Droga, cobri a boca. *Fique quieta, Isabela.*

Foi tarde demais. Ele havia me ouvido.

– Saia de cima de mim. – Rendrix tirou a mulher do seu colo. Eu vi apenas um relance do seu membro enorme e grosso. Rapidamente, ele ergueu seu jeans,

furioso. – Tem alguém aí? – levantou-se da poltrona e fechou o zíper. – Responda.

Dra. Hilary pegou suas roupas no chão.

– Cacete, demônio. Você disse que não haveria ninguém em casa.

Ele tinha os olhos cravados na porta.

– Não *devia* ter.

Eu me escondia atrás da porta, no escuro, e Rendrix não conseguia me ver.

– Se alguém nos flagrou, eu estou ferrada! Minha identidade precisa ser secreta!

– Nenhum invasor sairá impune desta casa. Pelo menos, não vivo. – Ele começou a andar em direção à porta.

Merda!

Virei as costas e saí correndo. Foi uma decisão idiota, mas Exton Rendrix me causava um medo irracional. Todos os meus instintos diziam: *corra, Isabela. Corra para o mais longe possível desta criatura.*

Desci as escadas pulando degraus. Atravessei o primeiro andar. Peguei minha mochila no chão e corri através da saia de estar.

Enquanto isso, lá de cima, Exton vociferava:

"Ei, seu merdinha! Eu sei que você está aí! Seja lá quem for, não ouse ir embora!"

Saí pela porta da frente. Deixei a chave na fechadura. Não me dei ao trabalho de trancar. Corri pela calçada. Virei uma esquina e achei o meu carro. Enfiei a chave na fechadura e entrei no veículo.

O coração, batendo na garganta.

– Vamos, vamos, vamos. – O carro não ligava. Entrei em pânico, girando a chave mais uma vez. – Ligue, sua velharia!

Estava agindo como uma louca, sim, mas simplesmente precisava fugir.

Meu instinto gritava: *não deixe Rendrix te alcançar. Simplesmente não deixe. Ele é perigoso.*

Coloquei o capuz na cabeça. Não queria ser identificada.

Tentei de novo. O carro finalmente ligou. Dei partida e consegui acelerar. Saí em marcha ré e cantando pneus.

Vi Exton pelo retrovisor. Ele dobrou a esquina, correndo e tentando me alcançar. Usava apenas calças jeans. Peitoral nu, pés descalços, expressão assassina.

"Pare!"

Mas ele só via a lanterna traseira do meu carro indo embora.

"Não adianta fugir!", vociferava. "Eu vou descobrir quem você é!"

Ignorei-o. Acelerei mais, seguindo meu instinto de sobrevivência.

Só consegui respirar quando saí do quarteirão. Finalmente deixando aquela casa bizarra para trás.

***

Saí do bairro de Rendrix.

Sentindo-me mais segura, pude desacelerar.

Parei num sinal vermelho. Segurei-me no volante, ofegando, a adrenalina estalando nas veias.

– Mas o que acabou de acontecer?! – e *por que* fugi?

Foi estupidez! Rendrix reconheceria o meu carro! Uma velharia azul-celeste de pintura descascada chamava toda a atenção. Não havia carros velhos no campus. Seria uma questão de tempo até ele desvendar a minha identidade...

Se não descobrisse por dedução, Dylan contaria.

Enfiei o rosto nas mãos.

– Droga, Exton. Não era para você estar em casa.

Não era para eu ter visto o que eu vi.

Não queria saber da vida sexual daquele garoto, e muito menos ouvir as coisas bizarras ditas entre eles.

Devorar a sua carne. Jogar seus restos no lago de fogo no qual eu nasci.

Caramba. Quem tinha um fetiche tão absurdo?

De repente, percebi que havia esquecido de pegar o pagamento. Precisava ligar para o Dylan e explicar tudo.

Engoli o choro, respirando fundo.

– Tudo bem. – Falei sozinha. – Vamos apenas ligar para o Dylan e explicar que entramos em pânico. Não vai ser nada demais.

Dylan explicaria tudo para Exton. *Eu não precisava chorar, pelo amor de Deus.*

O sinal abriu. Virei o volante para dirigir para meu alojamento, e...

Senti os primeiros sinais. Pele formigante, mente começando a ficar confusa.

– Ah, não. – Freei. – Agora não.

Eu reconhecia muito bem os sintomas. Teria um episódio.

Capítulo três

Quatro horas depois

Despertei.

Estava deitada sobre o que parecia ser um chão de concreto. Senti um cheiro pungente sob o nariz. Era... Gasolina?

Por favor, que eu não esteja em nenhum lugar bizarro.

Abri as pálpebras, amedrontada.

Ao meu redor, só o deserto e a estrada.

Estava num posto de gasolina no meio da rodovia. Deitada no chão de concreto, com a cabeça recostada na bomba de gasolina.

O posto estava vazio. O céu, escuro. Meu relógio de pulso marcava duas horas da manhã.

– Que droga. – Me levantei. – Como vim parar aqui? – e onde estava o meu carro?

Tateei os bolsos. Não achei a carteira e o nem celular.

Comecei a rir, frustrada e desesperada.

– Claro, claro.

Normal. Após cada surto, meus bens materiais sempre sumiam. Eu provavelmente os estreguei a algum estranho.

Respirei fundo, tentando ficar calma. Já tinha vivido episódios suficientes para saber que pânico não ajudava.

Tentei absorver as informações.

Certo. Eu conhecia aquele posto de gasolina. Ficava perto de um motel à beira da estrada. Às vezes, eu era chamada para limpá-lo. Conhecia o trajeto do posto até o motel. Se eu andasse por meia hora, poderia chegar ao prédio e usar o telefone deles. Pediria um táxi para a casa. Tinha dinheiro no alojamento.

Pensei no meu carro.

Merda, eu precisava achar o meu carro. Se cheguei à rodovia, devia ter vindo

dirigindo. Ele tinha que estar em algum lugar nas redondezas.

Só esperava não ter dado o meu carro para ninguém. *Aquilo* sim seria um enorme prejuízo.

Não perdi muita coisa. Meus documentos originais ficavam em casa por razões óbvias. Meu celular era bem vagabundo. Minha carteira só possuía alguns dólares. Eu tinha o hábito de comprar somente objetos de segunda mão. Afinal, sempre acabavam sendo doados durante os surtos.

Meu estômago roncou. Fazia horas que eu não comia.

Olhei ao redor. Não havia telefone no posto de gasolina. Droga.

Em razão da hora, a estrada estava vazia. Seria perigoso andar até o motel.

Uma moça sozinha à beira da estrada durante a madrugada? Nada inteligente. Aquelas bandas da cidade eram perigosas.

Talvez fosse melhor ficar no posto e esperar até de manhã...

Enquanto eu considerava, aconteceu.

Ouvi o ronco de um motor. Faróis apareceram na estrada. Uma moto rodeou o posto à uma velocidade insana e parou cantando pneus.

Fiquei pálida. *Ah, não.* Eu conhecia aquela moto de corrida vermelha e reluzente. Todos conheciam!

Era a moto do Exton Rendrix!

Exton estacionou bem à minha frente. Usava uma jaqueta de couro e um capacete preto.

Dei um passo para trás, engolindo seco.

– Rendrix.

Como ele me achou no maldito meio do nada?

Exton tirou o capacete, olhar perfurante.

– Eu disse que não adiantaria fugir. Encontrei você.

***

Controlei o medo.

– Como... Como soube onde eu estava?

– Meus contatos no campus avistaram o seu carro.

Olhei de um lado a outro, tensa. Calculava a situação.

O posto de gasolina vazio, o meio do nada, o olhar assassino de Rendrix...

Eu estava a pé e não adiantaria correr. O que ele pretendia fazer comigo?

– Você me seguiu até aqui?

– Óbvio.

Comecei a tremer.

– Não sei o que você pretende vindo atrás de mim, mas...

Ele me cortou.

– *O que* você é?

– Como?

– Você é surda? – franziu a testa. – Eu perguntei o que você é, garota?

– C-como assim?

Que tipo de pergunta era aquela?

Exton desmontou a moto. Colocou o capacete sobre o banco e veio se aproximando de mim. Testa franzida, olhar penetrante. Analisava-me como se eu fosse algum mistério sem solução.

– Você me intriga, sabia? Faz quatro horas que estou seguindo seu rastro, e todas as suas atitudes são completamente desconexas. Você invadiu a minha casa e fugiu como uma criminosa. Depois, dirigiu direto até a ponte North Bridge para salvar um homem que estava prestes a pular e cometer suicídio.

– Espera, o quê?!

– As câmeras locais fiagraram vocês dois conversando na ponte. – Negou com a cabeça, incrédulo. – Você é uma criminosa ou uma salvadora? Invadiu a minha casa e depois resolveu impedir um suícídio? Que tipo de pessoa é você?

Ah, droga. O surto me levou a agir enlouquecidamente outra vez. Agora, não como filantropa, mas como heroína.

Comecei a me lembrar de *flashes.*

Eu dirigi pela rodovia e parei no meio da ponte. Cheguei no exato momento em que um homem estava prestes a pular. Ele havia perdido o emprego e brigado com a família. Viciou-se em drogas, e ficou deprimido. Vendeu os bens e teve que ir morar na rua. Perdeu tudo. Estava prestes a se suicidar.

Eu não o conhecia. Porém, de algum jeito, sabia de todas as informações.

Cheguei segundos antes da tragédia. Conversei com ele durante horas. Por isso Exton demorou tanto tempo para me encontrar.

Dissuadi o homem da decisão. Dei-lhe meu celular e dinheiro. Também forneci instruções sobre onde conseguir um novo emprego. Era um lugar que eu havia faxinado alguns meses atrás, e que precisava de um zelador fixo. Ele poderia morar no

meu carro enquanto não tivesse para onde ir.

– Ah, merda! – arfei. – Eu dei o meu carro?!

As memórias foram voltando. Fragmentadas, nebulosas, mas vívidas.

Inacreditável. Era a primeira vez que eu me lembrava de um episódio!

Como eu conhecia aquele homem? Como eu sabia o momento certo para encontrá-lo, e do que ele precisava?

Era como se outra criatura houvesse tomado meu corpo, cumprido uma missão, e logo em seguida me largado no maldito posto de gasolina. Desmaiada e sozinha.

Agora tudo fazia sentido. Aquela ponte ficava a alguns quilômetros daqui. Eu devia ter andado até o posto e, no fim do episódio, desmaiado no concreto.

Olhei para baixo, em choque.

– Eu consigo me lembrar. – Sussurrei, falando sozinha. – Eu salvei um homem e consigo me lembrar.

Exton rosnou:

– Que bom que as coisas estão claras para você. Porque eu não estou entendendo nada. Você invade a casa das pessoas, foge, vai fazer caridade e depois des-

maia na rua? – olhou-me de cima à baixo. – Você está drogada ou algo do tipo?

– Eu não uso drogas!

– Então por que diabos entrou na minha casa? Queria me roubar?

– O quê? Eu não invadi a sua propriedade, seu lunático paranoico! Eu sou a faxineira contratada pelo Dylan McAdden! Fui limpar a sua casa, e não roubá-la!

Ele estreitou os olhos.

– Dylan não falou nada a respeito.

– Então é um problema entre vocês. Ele disse que não haveria nenhum morador em casa até a meia-noite. Não era para termos nos encontrado.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Então se explique. Por que você me viu e fugiu? Se não era uma invasora, por que se desesperou?

– Porque eu não queria ter flagrado a sua intimidade! Entrei em pânico!

– Não faz sentido. Você ficou com medo de mim?

– Claro. Você é... Intimidador.

– E veio para o meio do nada depois de fugir? Não ficou com medo de que eu te encontrasse aqui, sozinha?

– Por que, Rendrix? Eu deveria?

– Não foi o que eu disse.

– Pretende fazer alguma coisa comigo? Pois saiba que sou uma imigrante legalizada neste país. Se algo acontecer, a faculdade irá sentir a minha falta e...

Ele bufou.

– Eu não vou fazer nada com você, garota. Não sou um criminoso. Só quero entender por que diabos você fugiu daquele jeito. Não foi normal.

– Já disse. Entrei em pânico com a cena que vi.

Aproximou-se, ameaçador.

– E o que *exatamente* você viu?

Fiquei rígida. Tive que escolher as palavras com cuidado.

– Eu vi você e a sua, hã, companheira anônima tendo relações sexuais – enquanto falavam obscenidades bizarras... – e foi só.

Ele trincou os dentes.

– Não minta para mim, garota. Eu sei que você viu o rosto da Dra. Hilary.

Ai, merda. Por isso ele me caçou tão ferrenhamente. Não queria que eu contasse o seu segredinho.

– Relaxe, Rendrix. Eu não vou contar que você está trepando com uma professora. Não é da minha conta.

– Caguei para essa história da professora. Eu não quero saber o que você viu, e sim o que *ouviu*.

Franzi a testa.

Ele poderia ser expulso da faculdade e arruinar seu futuro. Além de destruir a carreira e o casamento de Hilary. Que tipo de sociopata não estaria preocupado?

– Como assim "o que eu ouvi"?

– Enquanto eu fodia com a Hillary, você nos ouviu conversando. Quero saber quais foram exatamente as palavras que captou.

Congelei. Oh, isto.

Ela o chamava de "demônio", ele a chamava de "súcubo." Eles falavam sobre inferno e lagos de fogo. Bizarrices sem o menor sentido para mim.

– Ouvi bobagens indiscerníveis. Coisas sobre inferno que não compreendi. E nem quero compreender.

Ele ficou pálido.

– Então você ouviu tudo.

– Se ouvi os apelidos bizarros que vocês têm um para o outro? Sim, mas vou

repetir... Não é da minha conta. Eu não quero saber dos seus problemas. Não vou contar nada a ninguém.

– Seja lá o que você pensa que ouviu sair da minha boca, garota, é melhor esquecer.

– Já esqueci.

– Se disser uma palavra a alguém, estará fodida.

Eu ri, incrédula.

– Isso é sério? Não seja melodramático. O que você fala quando trepa não é importante para mim.

– Acha que estou brincando? – deu um passo à frente, ameaçador. Enorme, musculoso e irritado. – É melhor levar esta conversa à sério, Isabela Hernandez. Conte uma palavra sobre mim e sou capaz de destruir a sua vida.

Assustei-me com sua ferocidade. Ele estava mesmo irritado.

– Já entendi, Rendrix. Não contarei sobre seus fetiches. Seu recado foi dado.

– Bom mesmo. Ou não vai viver para ver seu diploma. Eu fui claro?

– Espera, você está me ameaçando? Fisicamente?

– Sim.

Exalei, chocada.

– Essa discussão passou de todos os limites. Você faz parte de uma gangue ou alguma merda do tipo?

– Você não tem ideia do que eu faço parte. Não tem ideia de quem eu sou, nem do quanto eu posso te prejudicar.

– O que eu vejo é um covarde perseguindo uma garota no meio do nada. Um valentão fazendo ameaças contra quem não pode se defender. Isso é patético.

Piscou.

– O que disse para mim, cadela? Está brincando com o perigo?

De repente, senti mais raiva que medo.

– Você ouviu bem. Me pergunto se eu não deveria denunciar o seu casinho para o reitor. A comissão de ética iria chutá-lo do ITT sem piedade. Sejamos sinceros, sua expulsão seria um favor para todas as mulheres do campus. Elas não acabariam em perigo nas suas mãos, tal como eu estou agora. – Ergui o queixo, mais e mais furiosa. – Quer saber? Talvez eu denuncie.

Os olhos dele arderam.

– Eu juro que se você abrir essa boca para alguém... – e segurou meu braço com força.

Pensei que ele fosse me sacudir ou jogar ao chão, porém...

Algo aconteceu.

Assim que ele tocou o meu braço, ouvimos um chispado.

Exton gritou. Recolheu a mão, horrorizado.

– Mas o quê...?

Nós dois arfamos. Olhamos da mão dele para a manga superior do meu moletom. O tecido foi queimado. A pele da palma dele ficou em carne viva. Sentimos o cheiro de carne chamuscada.

Ele esganiçou, olhos arregalados:

– *Você me queimou?*

Pisquei.

– Eu... Eu não sei como isso aconteceu.

Ele segurou a mão vermelha e sangrando. Tinha os dentes trincados e as veias do pescoço saltadas. Parecia sentir muita dor.

– Cacete, Hernandez. – Lágrimas de agonia brotaram dos olhos. Era uma queimadura de terceiro grau. Devia estar doendo como o inferno. – O que você fez comigo?!

Havia um buraco na minha blusa queimada. Minha pele, entretanto, permaneceu intocada.

– Eu... eu...

Não sabia o que dizer. Estava em choque.

– A sua pele é tóxica para mim! Como fez isso, garota?!

– Não tenho ideia!

– Que tipo de criatura você é?

– Não sei!

– Fale a verdade!

– Pare de me pressionar!

– Conte, vagabunda!

– Já disse que não sei, porra! – gritei mais alto.

Ele se dobrou, segurando a mão contra o abdômen. Sibilava entre arfares:

– Você... vai... me pagar...

– Deixe-me ver a gravidade do ferimento. – Avancei, estendendo uma mão. – Posso te levar para um hospital e...

– Não! – ele cambaleou para trás, aterrorizado. – Não se aproxime de mim!

– Exton?

– Para qual grau do inferno você trabalha?

– O quê?!

O que porra estava acontecendo aqui?

– Se você é uma de nós, como me machucou? Quem te enviou? Quem...? – ele se interrompeu, ficando pálido. – Ah, não. Agora entendi.

– Entendeu o quê?

Fitava-me com puro horror:

– Você não trabalha para nós. Trabalha para *eles*.

– Exton, você está chapado de dor. Não está falando nada com nada. Deixe-me te levar para um hospital.

– Não – afastou-se mais, com medo de mim. – Não ouse me tocar. – Subiu na sua moto, e com a mão boa, colocou o capacete. – Preciso sair daqui.

– Ei, onde pensa que vai? Você não tem condições de dirigir...

Ele ofegava em angústia. Tal qual um animal em frente ao predador.

– Você é tóxica para mim. Tenho que colocar um milhão de quilômetros entre nós.

– Rendrix, pelo amor de Deus...

– Não fale comigo. Não devíamos estar conversando. Não somos da mesma espécie.

Então, o *linebacker* acelerou e foi embora cantando pneus.

Como se eu fosse muito, muito mais perigosa que ele.

SOB A VISÃO DE EXTON

O 07 acelerou. Sua mão ardia em uma agonia insuportável. Uma dor nunca antes sentida.

O que aquela garota fez com ele?

Exton só conseguiu dirigir até o cruzamento da outra rodovia. Largou a moto na estrada e se sentou no acostamento. Não conseguia mais segurar o guidão.

Com a mão boa, pegou o celular no bolso. Ligou para o 06.

"Argh", Dylan atendeu. "O que foi, Rendrix? Sabe que estou trabalhando às quartas à noite."

Exton ouviu o barulho de fichas e risadas no pano de fundo. Claro que sim. O 06 era a Manifestação da Avareza. Trabalhava em casas de jogos ilícitos às noites.

O objetivo? Tirar o dinheiro de humanos burros e viciados.

– Largue tudo que está fazendo, McAdden. Preciso que venha me buscar agora. É urgente.

"O quê? Eu não sou a sua babá. Volte para a casa sozinho."

– Eu encontrei uma trabalhadora *do lado de lá.*

Houve um silêncio chocado.

"Cacete, Rendrix. Como ainda está vivo?"

– Não sei, mas ela me queimou. A ferida pode estar espalhando a toxina pelo meu corpo. Não sei quanto tempo eu tenho.

"Temos que convocar uma reunião. Diga-me onde está, estou indo te buscar."

Vinte minutos depois, Dylan apareceu no meio da estrada. Seu Audi A3 era inconfundível.

Dylan ficou horrorizado diante do ferimento. Fazia séculos que um deles não se feria assim.

Eles chegaram em casa. Todos os outros cinco já estavam os esperando. Largaram seus compromissos para a reunião.

Exton e Dylan entraram na sala.

– Estamos aqui.

O grupo se espalhava pelo cômodo. Calados e tensos.

– Finalmente! – 05 saltou do sofá. – Vocês demoraram uma eternidade.

O 05 era a Manifestação da Gula. Agitado, faminto, de descendência tailandesa. Seu nome atual era "Asher."

– Tivemos que parar numa loja de conveniência. Eu precisava de gelo. – Exton segurava a mão ferida. Dentes trincados.

Doía tanto que mal conseguia falar. Só a bolsa de gelo o aliviava.

Asher olhou para a ferida, apreensivo.

– Pelas Trevas... Eu nunca vi nada assim. Como uma simples humana pode ter te machucado desse jeito?

Exton lhes contou tudo.

O sexo casual com a súcubo, o flagrante e a fuga de Isabela, a perseguição, as imagens da ponte, o combate verbal...

– (...) e ela ameaçou me expor. Quando eu tentei tocá-la, sua pele simplesmente queimou a minha mão. Como se fosse...

– Um mecanismo de defesa. – Completou Axel, olhar sombrio.

Axel era o 04. O descendente árabe representava o pecado capital da Preguiça. Trabalhava incentivando as pessoas a desistirem de sonhos e objetivos.

Ele se levantou, massageando as têmporas.

– Não acredito que vou dizer isso, mas acho que temos um código 666.

Dylan exalou.

– Não pode ser. Faz anos que não temos um trabalhador de luz em nosso rastro.

– Pois é. Devíamos ter previsto. Tudo estava muito quieto para nós.

– Sim. – Cole concordou. – Eles não iriam nos deixar à solta por muito mais tempo. Somos sete demônios reinando em Dallas há quase cinco anos. Sabíamos que uma intervenção iria acontecer. Mais hora, menos hora.

Exton correu a mão boa pelos cabelos.

– Inacreditável. Uma trabalhadora de luz existindo debaixo dos nossos narizes por dois anos, e nós não percebemos nada.

– Nem ela mesma deve ter percebido. – Asher completou. – Você não disse que ela parecia confusa sobre a história da ponte? Pode ser um sinal. Conte tudo o que viu sobre o salvamento. Cada detalhe importa.

Exton contou. Foi detalhando seu passo a passo daquela noite.

Ele faltou ao treino para encontrar a sua amante. A Súcubo com quem fodia há séculos. Mais conhecida entre os humanos como Dra. Hilary.

Demônias fêmeas eram chamadas de Súcubos. Havia poucas em Dallas. Ele tinha que aproveitar a rara oportunidade. Os dois compartilhavam energia sexual sempre que estavam na mesma cidade. Afinal, uma mão lavava a outra.

Exton a levou para casa. Achou que não haveria ninguém lá. Dylan deixou um recado de voz no seu celular avisando sobre a faxineira. Porém, Exton não ouviu. Sua bateria acabou e ele faltou ao treino.

Ou seja, uma estúpida falha de comunicação.

Quando Exton e a amante chegaram na casa, as luzes estavam apagadas. Acharam que não tinha ninguém. Entraram dando uns amassos e não olharam ao redor.

Ao entrarem no quarto, nem se deram ao trabalho de fechar a porta.

Mas Isabela os flagrou. Ela foi mais rápida na fuga. Ele só conseguiu alcançá-la na esquina do quarteirão.

Tudo o que ele conseguiu ver foi uma pessoa de moletom entrando num carro. Velho, azul celeste, lataria descascada. Fácil de identificar.

Exton ligou para o Xerife do distrito. Nem precisou explicar o porquê da busca. Eles tinham *criaturas da espécie* infiltradas em todas as delegacias locais.

O Xerife deu-lhe acesso às câmeras da delegacia.

Exton ficou horas procurando pelo carro nas principais câmeras da cidade. Bairros elitizados, carro velho. Não seria difícil encontrar.

Demorou algumas horas, mas Exton o detectou.

Pelas imagens das câmeras, acompanhou o trajeto de Isabela Hernandez. Viu-a estacionar na ponte. Viu-a ficar um bom tempo conversando com o homem sui-

cida, entregar-lhe sua carteira, telefone e a chave do carro.

Depois, o homem foi embora levando tudo. Antes que a doadora súbita mudasse de ideia.

Exton a viu andar sozinha pela ponte. Cabeça baixa, capuz erguido, mãos escondidas nos bolsos do moletom. Ela andou à beira da estrada até o posto vazio, deitou-se no chão e ali ficou.

Olhava para o nada, parecendo hipnotizada.

Ele ficou perplexo. Mas não havia tempo para entendê-la. Apenas pegou a moto e foi encontrá-la.

Dirigia, mortificado.

Por que aquela estranha roubou a sua casa e deu tudo para um desconhecido? Quem cometia um ato criminoso e, logo em sequência, um ato de caridade?

Mas, o mais importante...

O que a humana ouviu?

Durante o sexo, Exton e a súcubo falaram coisas bem comprometedoras. Coisas que revelavam suas identidades. Por isso estava tão afoito por encontrá-la.

Isabela parecia ter a memória confusa. Enrolou e enrolou, mas não explicou por que fez o que fez.

Ela parecia ter um pouco de medo dele. Ótimo. Exton usaria esse medo para manter a boca dela fechada. Ele já tinha se formado em muitas faculdades, estava se fodendo para a expulsão do ITT. Era apenas um bom disfarce.

Campus universitários davam acesso à muitas mentes maiores de idades – porém ainda jovens, inconsequentes e manipuláveis.

Ou seja, uma festa para demônios.

A súcubo também não se importava muito com a carreira. Era um mero disfarce. Poderia refazer a vida em outro lugar.

Se Isabela contasse sobre o caso, eles se recuperariam. Mas se contasse sobre as coisinhas que eles conversaram...

Merda. Aí sim teriam um problema.

Os Sete tinham um mantra. *Espalhem o mal sobre a Terra e nunca revelem suas identidades.*

O anonimato era parte crucial da sobrevivência. Somente assim os trabalhadores de luz não os encontravam.

Às vezes, eles eram universitários. Às vezes, adultos com outras profissões, em outros países. Dependia da época.

Demônios não tinham medo de nada – exceto de trabalhadores de luz.

Seus toques eram tóxicos para eles, e algumas civilizações os chamavam de anjos. Havia muitos deles encarnados na Terra, sem terem ideia de onde realmente vieram. Eles "despertavam" no momento certo.

Devia ser o caso de Isabela Hernandez. A menina era claramente uma trabalhadora de luz. Provaveimente, ainda nem descobrira a própria identidade.

Alguns trabalhadores de luz passavam anos – e até uma vida – sem saberem quem eram. O caso de muitos mártires da história.

Era a única explicação.

Do contrário, como a humana teria o machucado tanto?

Cacete. Se Exton estivesse certo, seria seu fim. Aquela ferida era muito mais que uma queimadura comum.

O veneno serafínico penetraria em sua pele cada vez mais fundo. Até tomar todo o seu sistema.

Aquilo era fogo angelical. Altamente tóxico para demônios.

Todos ouviram a explicação, atentos.

– Entendo. – Finalizou Asher. – Está evidente para mim que ela é uma trabalhadora de luz ainda não-desperta. Muitos deles têm surtos de consciência antes de entenderem suas identidades. O episódio da ponte deve ter sido um deles.

– Não consigo acreditar. – Exton se sentou no sofá, perplexo. – Aquela cretina me ferrou.

Dylan se jogou ao lado de Exton.

– Quem poderia crer? Uma serafínica bem debaixo dos nossos narizes, na pele de uma faxineira... Genial.

– Ela é um perigo para todos nós. – Cole constatou. – Não podemos ter uma serafinica em nosso território. A mera presença dela já nos enfraquece. Ela já infectou o 07, nós seremos os próximos.

Todos olharam para o parceiro, sombrios. Sabiam que ele estava condenado. Era só uma questão de tempo.

Exton engoliu seco. Olhou para Tyler, o lider. A Manifestação da Soberba.

O 02 conhecia sobre assuntos angelicais mais do que todos juntos, pois era o mais velho.

– Quanto tempo eu tenho?

– Algumas semanas. O veneno irá se espalhar pelo seu corpo lentamente.

– É fatal?

– Claro que sim. É fogo angelical. Uma sentença de morte para demônios.

Exton fechou os olhos.

– Porra.

Ele tinha séculos de vida, e mesmo assim não se sentia pronto para morrer. Não pelas mãos de uma garota estúpida! Uma serafínica-novata qualquer...

Dylan coçou a nuca.

– Bom, eu tenho uma especulação. Mas não tenho como saber se é verdade.

– Aceito qualquer ideia, 06. Não quero morrer.

– Certo. Pensem comigo. Só um serafínico pode curar a toxina que ele mesmo produz. Aprendemos isso ao longo de muitas vidas. Ou seja, Rendrix, você precisa convencer Isabela Hernandez a te curar.

– Eu sou um vampiro! Ela nunca vai me ajudar! No lugar dela, eu jamais ajudaria.

– Este é o ponto. – Dylan arqueou a sobrancelha. – Trabalhadores de luz não são como nós. Eles têm misericórdia.

– Sim, de humanos pecadores. Não de demônios como eu.

Eram espécies rivais. Inimigas naturais. O fogo que emanava dos serafínicos, criado para matá-los.

De repente, Carter se manifestou:

– Vocês estão cegos?

Todos o encararam.

Carter raramente falava. Ele era o 01. Taciturno, misterioso e sombrio. A Manifestação da Ira. Pele muito branca, cabelos e olhos muito pretos. Magro e cadavérico. Carregava muito ódio dentro de si, e mal conseguia lidar consigo mesmo. Por isso nunca abria a boca.

Quando ele falava, todos o ouviam.

– Diga, 01. – Exton implorou. – Estou desesperado aqui.

Sua mão ardia. Ele sentia o veneno serafínico entrando em suas células.

Carter se levantou, muito sério.

– Como vocês não estão vendo o óbvio? Isabela Hernandez é claramente uma novata. Ela nem deve saber que é uma criatura celestial. O apagão da ponte é a uma grande evidência. Foi a natureza real dela tentando emergir.

– Isso não me ajuda em nada, porra. Novata ou não, o fogo dela é real. E ainda está me matando. Estou chocado que ela

não tenha infectado nenhum de nós nos últimos anos.

– O contato direto com você, um demônio, deve ter ativado a natureza dela.

– Que ótimo. Agora ela só está mais letal.

– Ela passou a vida inteira acreditando ser uma simples humana. Não sabe quem é, nem quanto poder tem. Aliás, mal entende o dano que causou a você.

– E daí?

– Não percebem? Por hora, a tal faxineira é inofensiva. Ela nem deve saber que somos demônios, uma situação que podemos usar a nosso favor. Convença-a a te curar.

– Porra, Carter, não estava ouvindo? Ela não vai...

Ergueu a mão, cortando-o:

– Não. Deixe-me terminar o raciocínio. Isabela Hernandez pode ser uma serafínica, mas ainda não sabe disso. Antes de tudo, ela é uma garota humana. E você é o maioral desta faculdade idiota. Isso significa que você pode conquistá-la se quiser.

– Conquistá-la? Eu estou morrendo aqui! Não tenho tempo para flertar!

– Mas ela não sabe disso. Ela não sabe que você é um vampiro. Não entende o

poder que tem sobre você. Então, seja frio e calculista. Conquiste a confiança dela, torne-se um amigo. Cative aquele estúpido coração de novata. Não vai ser difícil. Ela acha que você é Exton Rendrix, o jogador de futebol maioral.

– Ela vai descobrir a verdade.

– Quando ela descobrir, vai ser tarde demais. Já estará cativada por você. Não se esqueça, ela tem um coração de anjo. Literalmente. A natureza bondosa falará mais alto. Se ela gostar de você, ela inevitavelmente...

Exton exalou.

– Terá misericórdia.

Trabalhadores de Luz não podiam evitar sentir compaixão.

– Sim. Torne-se alguém que vale à pena ser salvo para ela. É a sua única chance de cura.

Exton desviou os olhos.

– Não sei, não. Enganar um serafínico é um plano muito arriscado.

– Ora, por favor. – O tailandês Asher grunhiu. – Poupe-nos, 07. Você é um demônio, enganar é o que você faz.

– Isabela Hernandez não parece precisar de amigos...

Ela parecia tão autossuficiente... Sozinha naquele posto, enfrentando-o com coragem...

– Então não seja um amigo. Seja algo mais irresistível. Um namorado, uma amante, qualquer coisa. Você é literalmente a Manifestação da Luxúria. Use o seu dom para salvar a própria vida.

– Concordo. – Corroborou Cole. – Manipular o coração da garota é a sua melhor saida. Ou única saida.

– Exato. – Adendou Tyler. – Enquanto ela não souber que você é um demônio, ainda temos uma oportunidade.

Exton se afundou no sofá, cerrando as pálpebras.

Como ele foi terminar assim?

Agora, tinha uma bomba nas mãos. Teria que conquistar o coração de Isabela Hernandez e não poderia se dar ao luxo de falhar.

Do contrário, morreria em poucas semanas.

Capítulo quatro

Exton partiu.

Eu nem tive tempo para processar os acontecimentos. Assim que ele dobrou a esquina, um caminhão chegou ao posto.

Fiquei tensa. Eu era uma latina sozinha na estrada, e enxergava qualquer homem como uma ameaça. Vivíamos num mundo complicado para mulheres.

Entretanto, houve um milagre.

A motorista era uma mulher! Algo bastante incomum por essas bandas.

"Querida?", ela saiu do caminhão, perplexa. "Você está sozinha por aqui?"

Inventei uma história sobre um assalto. Ela se compadeceu. Ofereceu-me carona para a delegacia mais próxima.

"Não", me apavorei. "Sem polícia!"

Há muitos anos, aprendi uma lição. *Nunca envolva a polícia em casos de episódios.*

Eu seria trancafiada em hospitais psiquiátricos. Meus surtos não melhoravam com remédios. Em Porto Rico, já havia tentado de tudo.

Não tinha acesso à minha saúde mental plena. Liberdade era o único direito que ainda me restava.

Ademaís, certamente haveria uma câmera no posto de gasolina. Os políciais me flagrariam queimando a pele de Exton, e como eu iria explicar o fato?

Não poderia. Não *saberia.*

Pessoas estranhas como eu precisavam do anonimato. Do contrário, viravam experimentos.

A motorista gentil me deu uma carona até um ponto de táxi. De lá, peguei um carro para a casa.

No caminho, refletia ansiosamente:

Como eu fiz o que fiz?

Eu líteralmente queimei o *linebacker* com a minha pele! Tinha que haver uma explicação lógica!

Foi uma madrugada difícil. Dormi mal, tive febre e calafrios. Era como se alguma coisa ardesse dentro de mim.

Tomei antitérmicos e um banho frio, mas nada adiantou. Se eu não melhorasse pela manhã, iria procurar um médico.

Naquela noite, tive sonhos bizarros. Sangrentos e cheios de violência. Todos envolviam Exton e os garotos da Fraternidade.

Nos sonhos, eu segurava uma espada com lâmina reluzente. A lâmina emanava um fogo dourado, e os sete pareciam me temer – não o contrário.

Era eu que estava no comando! Eu era a ameaça!

Eu os atacava com golpes mortais e eles tentavam fugir. Pareciam apavorados perante mim.

Ou seja, sonhos completamente sem nexo.

Acordei abruptamente. Olhei o relógio de cabeceira. Já eram uma da tarde.

– Droga.

Havia perdido as aulas da manhã.

Meu sono foi realmente profundo. Não ouvi o despertador. Estranho.

Tomei um banho e preparei um macarrão instantâneo como almoço. Ainda teria que trabalhar ao final da tarde.

Todas as quintas-feiras, eu faxinava o ginásio esportivo do ITT. Um dos meus raros serviços dentro das propriedades do Instituto. Não recusava porque pagavam muito bem.

Eu só teria que estar lá às 17h, quando todas as aulas houvessem terminado. Um alívio.

Foi uma tarde... Incomum.

Eu me sentia diferente. Como se a madrugada febril houvesse me transmutado de dentro para fora.

Geralmente, eu passava meus dias exausta. Tanto física quanto mentalmente. Mas não hoje. Minha exaustão foi substituída por uma profunda energia.

Fisicamente, estava ótima. Bem mais forte, alerta e viva. Como se pudesse correr uma maratona.

Mentaimente é que a situação ficava perigosa...

Fui tomada por um ódio que me consumia. Pegava-me pensando obsessivamente: *Exton Rendrix, você me paga. Você e aquela Fraternidade maldita irão sofrer nas minhas mãos.*

Os nomes dos sete garotos ficavam surgindo na minha mente.

Asher, Carter, Dylan, Cole, Axel, Tyler e Exton.... Eu vou destruir cada um de vocês pessoalmente... Asher, Carter, Dylan, Cole, Axel, Tyler e Exton... Eu vou acabar com vocês...

E assim por diante.

O impeto violento era assustador. Nunca fui uma pessoa combativa.

Fui ao banheiro. Lavei o rosto com água gelada.

– Pare de pensar esquisitices. – Grunhi para mim mesma.

Seria algum desequilíbrio hormonal? Ou alguma consequência psicológica do surto de ontem? *O que estava acontecendo comigo?*

Sim, eu estava chateada com o Exton. Ele me deixou sozinha na rodovia no meio da madrugada. Qualquer outro homem de bom senso teria me ajudado.

Mas, e daí?

Eu sempre soube que ele era um canalha. Por que justo agora eu queria decepar a cabeça dele? Literalmente machucá-lo?

Não. Não fazia sentido.

Às 17h, fui trabalhar. Cheguei ao ginásio do ITT. Havia alguns alunos jogando basquete na quadra, mas os ignorei.

Fui ao vestiário. Coloquei meu macacão de faxina e iniciei a limpeza pelos banheiros.

Lavei privadas, pias e os azulejos. Enquanto o fazia, notava algo incomum. Eu não ficava cansada. Minha força muscular e resistência pareciam ter triplicado de ontem para hoje.

Esquisito.

Eu teria tomado algum estimulante durante o episódio? E por isso não me lembrava? Por que diabos eu estava *tão forte* e sentindo *tanta* raiva?

Terminei os banheiros. Em seguida, fui limpar a quadra.

Os universitários ainda ocupavam a quadra. Por isso, comecei pelas arquibancadas.

Limpei silenciosamente. Eles nem notaram minha presença. Riam, corriam e xingavam uns aos outros.

Enquanto eu limpava, tentava ocupar a minha cabeça. Qualquer coisa para evitar aqueles pensamentos homicidas.

Fiz contas mentais.

Quanto eu teria que economizar para comprar um celular novo? O celular era emergência. O carro, não. Mas talvez se eu pegasse uns turnos extras, pudesse dar en-

trada em alguma velharia de segunda-mão. Neste país vendiam carros à preços irrisórios, e...

A porta do ginásio foi aberta.

O barulho alto e brusco nos assustou. Todos viramos a cabeça para olhar.

Arregalei as pálpebras.

Ah, não. O recém-chegado era ninguém menos que Exton Rendrix.

Ele entrou no ginásio. Passos decididos, sobrancelhas franzidas e expressão homicida. Seus olhos voaram pelo lugar, procurando por alguém. Por fim, ele me viu no alto das arquibancadas e algo em sua expressão se acendeu. Começou a andar até mim.

Meus dentes se trincaram. *O que o cretino está fazendo aqui?*

Pensei que iria sentir medo, mas não. Tudo o que eu senti foi desprezo. Um sentimento borbulhante, feio e violento.

"Ei, Rendrix!", os jogadores o chamaram. "Venha jogar uma partida com a gente!"

Exton atravessava a quadra. Ergueu uma mão, ignorando-os.

– Estou ocupado agora. – Olhar cravado em mim.

Enquanto ele subia as arquibancadas, eu larguei o esfregão. Cruzei os braços e sustentei seu olhar. Senti-a me estranhamente combativa. Sem nenhuma gota de medo. *Pode vir, maldito.*

Ouvi os burburinho dos jogadores:

"Para onde ele está indo?"

"O que ele quer com a faxineira?"

"Caramba. Eu nem percebi que ela estava aqui."

Exton finalmente chegou até mim. Parou à minha frente. Queixo erguido, olhar decifrável.

– Oi.

Apenas ergui uma sobrancelha. Não o respondi.

A antiga eu teria tremido e gaguejado na presença dele, mas esta nova Isabela nem pestanejou. Eu não reconhecia a mim mesma.

Ele franziu a testa.

– Eu disse "oi."

– Eu ouvi. Só não quero responder.

Ele estalou a língua.

– Estou vendo que você continua tão arisca quanto ontem.

– Oh, não. Meu estado emocional é um inconveniente para você? Que pena.

Os alunos pararam de jogar. Observavam-nos abertamente.

"O quê?", murmuravam. "Como ela ousa falar assim com ele?"

"Que vadia latina grosseira."

Certamente a fofoca se espalharia por todo o Instituto. *A faxineira petulante que foi mal-educada com linebacker queridinho.*

No fundo da minha mente, uma parte de mim gritava.

Que loucura é esta, Isabela? Ninguém fala assim com o Rendrix!

Mas a nova fúria no meu peito era mais forte. Eu não tinha mais medo dele.

Simples assim. Estranho assim.

Exton estreitou os olhos. Tentava me ler.

– Como queira.

– Por que veio me encher, Rendrix? Estou trabalhando. Não tenho interesse em continuar aquela briga.

– Bem, você me machucou ontem. – Ergueu a palma. Sua mão estava enfaixada por gaze.

– E o que você quer? Uma indenização? Não tenho dinheiro, lamento.

– Não quero o seu dinheiro idiota, Hernandez. Quero uma desculpa.

Ri, desdenhosa.

– Eu? Me desculpar com você? Prefiro mastigar a minha própria língua. Além do mais, você me deixou sozinha no meio da estrada na madrugada. Ou seja, nós dois fomos grandes filhos da puta um com o outro. Acho que estamos quites.

– Certo. – Rendrix ergueu uma sobrancelha. – Já percebi que você não está no clima para uma reconciliação.

– Não.

– Então não farei rodeios. – Ele tirou um envelope do bolso da calça. – Tome. Isto é para você.

Olhei para o envelope.

– Não quero nada seu. Você é um sociopata. Pode estar envenenado.

– Relaxe. É só o pagamento pela faxina na Fraternidade.

– Foi o Dylan McAdden quem lhe mandou vir me entregar?

– Não. Ele mal se lembra de você. Eu vim por conta própria.

Ai, droga. Então ele queria continuar a briga. Por que fui ameaçar denunciá-lo para o reitor?

– Porra, Exton. Veio me perseguir até no trabalho? Como me achou?

– Perguntei sobre seus horários para seus colegas de dormitório.

– Nossa conversa não acabou ontem? Ainda quer bater boca? Achei que estivéssemos resolvidos. Eu fico quieta e você me deixa em paz.

Franziu a testa.

– Não vim para brigar. Você trabalhou e merece o dinheiro combinado. Quis vir em pessoa entregar o que é seu.

– Por quê?

– Porque fui eu quem causou todo aquele caos. Não era para eu estar em casa.

– Ah – levei um tempo para processar. Que ato de consideração incomum. – Bom, já que é assim... – e peguei o envelope da mão dele, brusca.

– Confira o valor, por favor.

– Não precisa. O McAdden é rico. Não me daria um calote.

– Eu insisto. A Fraternidade gosta de fazer negócios justos.

Abri o envelope. Contei as notas e me espantei.

– Espera! Isto é muito mais do que o combinado!

Tinha o triplo do valor! Ou mais!

– Eu sei. Eu mesmo acrescentei um valor extra para você.

– Hã? Por quê?

– Você perdeu o seu celular, carro e carteira ontem. Achei que um bônus poderia te ajudar.

Exalei.

– Pirou, Rendrix? Eu não te pedi nada! Não preciso da sua caridade!

– Eu sei. Você é trabalhadora e não precisa de ninguém. Mas eu fiquei me sentindo culpado pelos acontecimentos de ontem. Você era uma garota sozinha na estrada e precisava de ajuda. Qualquer homem teria a ajudado. Mas eu simplesmente surtei e fui embora. Achei que te devia uma compensação.

Abri a boca para contestar – mas, então, mudei de ideia.

Por que eu estava tentando me justificar?

Se o Rendrix queria gastar o dinheiro dele, que seja.

– Quer saber? Você realmente me deve. – Fechei o envelope. – Você foi desprezível comigo. Me perseguiu e me intimidou. Então, sim, eu aceito o dinheiro. Acho que mereço isso.

Senti os olhares chocados dos alunos sobre nós. Àquela altura, haviam parado de jogar e assistiam à nossa conversa. Nem tentavam disfarçar.

Exton olhou para baixo. Colocou as mãos nos bolsos e soltou um sorrisinho enigmático.

– Tá rindo de quê, Rendrix?

O filho da puta ficava ainda mais lindo sorrindo.

– Da ironia da situação.

– Que ironia?

– Ninguém nunca falou de forma tão rude comigo neste campus.

Bufei.

– Deve ser porque eu sou a única que não tem medo de você.

Não mais.

– Que bom. – Ergueu os olhos. De repente, intensos e faiscantes. – Estou achando a sua nova ousadia sexy para cacete. Me dá tesão.

Mas o quê... ?

Por um segundo, fiquei sem palavras.

– Isso... – pigarreei. – Isso não tem nada a ver com a história. – Coloquei o envelope no bolso do macacão. – Bom, se o nosso assunto terminou, pode ir embora agora. Eu tenho que trabalhar e você está atrapalhando.

– Na verdade, vim procurá-la por outro motivo. Trazer seu pagamento foi uma mera desculpa.

Revirei os olhos:

– Então o que você quer?

– Tenho uma pergunta importante para fazer. – Deu um passo à frente, olhar intenso. – Isabela Hernandez, eu sou um homem muito direto em relação ao que quero. E eu decidi que quero você.

– Mas o quê...

Para o meu espanto, Exton capturou o meu queixo com a mão. Olhou-me nos olhos, muito sério.

– Namora comigo?

***

Por um segundo, meu coração parou.

Só podia ser um trote. Tinha que ser.

– Você bebeu cloro? – me desvencilhei. – Está drogado ou alguma porra do tipo?

Ele estreitou os olhos, estranhando.

– Não que eu saiba. – E abaixou a mão.

– Está tendo um colapso mental? Está bêbado?

– Estou muito são neste momento, obrigado. Responda-me. Você quer ser a minha namorada ou não?

– *Mas é óbvio que não.*

Claramente era um armadilha! Um trote, uma piada. E eu não seria feita de trouxa por Rendrix assim como tantas outras.

E se não fosse trote...

Bem, então ele havia perdido o juízo. E eu não podia me envolver com uma pessoa insana. Já bastava ter que lidar com a minha própria doença.

Exton pareceu confuso. Como se nunca houvesse levado um fora antes.

– Esta é a sua resposta? Simplesmente não?

– Exato. Eu não quero ser a sua namorada. É uma brincadeira?

– Estou falando muito sério.

– Então você pirou. – Eu ri. – É a única explicação.

– Não entendo. Não sente a química entre nós dois?

Droga. Ele notou meus olhares furtivos durante os últimos anos? Que humilhação.

– E-eu não sei do que está falando.

Sim, Exton Rendrix sempre me atraiu. Mas ele nunca foi uma possibilidade.

Eu me contentava em admirá-lo de longe. Sempre achei que deuses-do-futebol inatingíveis não eram para o bico de garotas como eu.

Não tão magras. Não tão lindas. Não tão caucasianas.

Contudo, a admiração secreta acabou. Ele me tratou como lixo no bar e me perseguiu. Eu vi sua personalidade real e o encanto se quebrou. Então, não. Eu não queria namorar com um perseguidor cruel e arrogante.

– Acho que você sabe do que estou falando sim, Hernandez. Eu vejo o jeito com o qual você me olha.

– Hã, com desprezo?

– Agora. Antes, você me olhava com desejo.

Exalei.

– Como pode saber disso? Você nunca me notou nesta faculdade.

– Você é quem pensa. Nós fazemos uma aula juntos. Eu havia a percebido há meses. Sua beleza curvilinea e latina faz totalmente o meu tipo. Nunca falei com você porque sou ocupado. Mas, sim, já te notei nos corredores. E tenho certeza de que você também me notou.

– Você é o *linebacker* do time, Rendrix. É famoso no campus. Lógico que eu te notei. Esse lugar praticamente te idolatra como um rei.

Era ridículo.

– Pois bem. Eu te quero e você me quer. Vamos namorar.

Aquele *cara* estava tendo um colapso mental? Era a única explicação plausível!

Os alunos da quadra nos observavam estarrecidos. Eu podia entender o sentimento. Exton Rendrix não namorava, muito menos com a faxineira do campus.

Estas pessoas eram babacas elitistas, pelo amor de Deus.

– Ok, Rendrix. Eu não sei o que você tomou hoje para falar algo tão absurdo, mas não, eu não quero namorar com você. É insanidade.

– Não acho. Eu fui seu veterano e notei seus olhares de desejo nos últimos anos. – Arqueou uma sobrancelha, desafiador. – Estou errado?

Merda, não.

– Eu estava presa na fantasia. Não sabia quem você realmente era.

– Vai dizer que não sente atração por mim?

Decidi ser sincera. Eu mentia muito mal.

– Sim, houve um tempo em que eu te desejei. Mas não o desejo mais. Perdi toda a admiração após aquela noite no bar e no posto de gasolina. Nossas duas interações foram totais fracassos. Você foi um babaca comigo em cada uma delas. Então, não. Não sinto mais nada por você além de desdém.

– É justo. Admito que nós começamos com o pé esquerdo. Mas podemos reverter a situação, começar de novo e nos conhecermos melhor. – Deu um passo à frente, tom sensual. – Não quer me conhecer melhor, Hernandez? Bem, bem intimamente?

Engoli seco. Cacete.

Ele era uma cabeça mais alto que eu. Forte, musculoso e dominante. Seu cheiro indescritível me envolveu, e certamente ficaria marcado na minha memória.

Por um lapso de segundo, imaginei-me no lugar da Dra. Hilary. Nua em seu colo, rebolando... Com Exton estapeando a minha bunda, falando obscenidades no meu ouvido, e...

Clareei a garganta. *Foco.*

– Não. Eu não quero. O que você fez foi horrível demais, não vou cair nessa sua piada de mau gosto.

– Não é piada. Eu realmente quero você.

– Mas você não namora, Rendrix! Pare de troçar da minha cara!

– Sim, eu não namoro. Mas abriria uma exceção por você.

– *Por quê?*

– Digamos que você é preciosa demais para que eu deixe escapar.

Fiquei balançada. Entretanto, obriguei-me a blindar meu coração contra aqueles olhos verdes. Eles *não iriam* me capturar.

Suspirei.

– Seja sensato, Exton. Nós nem nos conhecemos direito. Nunca fomos a um encontro, nunca nos beijamos. Não podemos simplesmente ser namorados. É loucura. Isso sem falar sobre o óbvio...

– Que óbvio?

– Nós nos odiamos.

– Eu não odeio você. Pelo contrário. Eu te quero na minha cama.

Então era isso. Ou Exton Rendrix havia surtado, ou estava brincando com a minha cara.

Massageei as têmporas.

– Caramba. Hoje está sendo um dia muito, muito estranho.

– Eu entendo. – Ele desviou os olhos, reconsiderando. – É cedo demais para um compromisso. Você tem razão, eu me precipitei.

– Agora você viu a luz. Amém.

– Tive uma ideia melhor. Que tal um encontro?

– E não durou muito.

– Posso te levar para jantar mais tarde? Assim poderíamos nos conhecer melhor.

– Para quê?

– Quero desfazer a má impressão que causei e te mostrar que posso ser... – soltou um sorrisinho irônico. – Como dizem mesmo? *Um homem bom.*

Estreitei as pálpebras.

Ele tentou esconder, mas eu notei o sarcasmo em sua voz. Havia alguma piada interna acontecendo ali. Algo que só ele conhecia.

O sorrisinho perverso me relembrou com quem eu estava falando. O arrogante e manipulador Exton, que magoava mulheres por diversão.

A dor dela estava deliciosa.

Foi o que bastou. A névoa de sedução foi totalmente dissipada.

De repente, eu conseguia enxergá-lo com clareza. Bastardo. Prepotente. Mau. Assim como todos os seus coleguinhas da Fraternidade.

A ira sem razão retornou. Borbulhante, violenta.

A ideia me veio de repente.

Rendrix era famoso por seus pés na bunda. Nunca foi magoado ou dispensado. Sempre permaneceu inalcançável em seu pedestal.

Eu queria me vingar de todos os membros da Fraternidade, e poderia muito bem começar por ele.

Por que não?

Era uma chance de ouro.

Eu faria o fodão do ITT de idiota. Assim como ele fez com todas as garotas que passaram por sua vida. Seria a vingança perfeita. Por mim e por elas.

– Quer saber? – falei. – Eu topo. Hoje às 21h.

Mas Exton não era idiota.

– Hum, você mudou de ideia rápido. Por quê?

– Se eu tiver que ficar me explicando...

– Não, não. Esqueça a pergunta. Está marcado. Eu te buscarei às 21h, na frente do seu dormitório.

– Combinado.

– E Hernandez?

– Sim?

Olhou-me de cima à baixo.

– Vá com uma lingerie sexy.

Bufei.

– Nós só iremos jantar. Eu não vou terminar na sua cama.

Com um sorrisinho sacana, ele foi embora.

"É o que veremos...", murmurava.

Capítulo cinco

O relógio marcou 20:15h. Coloquei saltos altos e meu vestido mais sexy. Uma peça branca, modelo tubinho.

Se eu fosse me vingar de Exton, o faria com classe.

Esperei-o na porta do alojamento. Às 21h em ponto, o carro dele apareceu na minha rua. Um Audi amarelo e esportivo estacionou à minha frente.

O vidro do carona foi abaixado.

Exton me olhou lá de dentro do carro, e soltou um sorrisinho maléfico.

– Oi.

À luz do painel, ele parecia mais lindo que nunca. Droga.

– Oi.

– Estou atrasado?

– Não. Eu desci cedo. – Estendi a mão para abrir a porta.

Ele protestou:

– Espere! – e desafivelou o cinto. – Deixe-me abrir para você.

– Não precisa.

– Precisa, sim. É o nosso primeiro encontro.

Ele saiu do carro e o contornou. Parou ao meu lado e me olhou de cima à baixo.

Grunhi.

– Por que está me encarando?

– Porque você está deliciosa neste vestido branco, Hernandez. Quase *angelical.*

Lá estava o sarcasmo outra vez... A piada secreta que somente ele conhecia...

– Você é um cara estranho, Rendrix. Todos os seus elogios parecem insultos.

– Tsc. Você desconfia muito de mim.

– E com razão.

– Tudo bem. Sou bom como inimigo e melhor ainda como aliado. Vou provar a você. – Abriu a porta do carona. Apontou

para dentro do carro cavalheirescamente.
– Pode entrar, *milady.*

Revirei os olhos.

– Me poupe.

Entrei no carro e Exton fechou a porta.

Fiquei sozinha por dois segundos. Aproveitei a privacidade para respirar fundo.

Havia dois sentimentos duelando dentro de mim. O primeiro era a emoção de estar num encontro com Exton.

Secretamente, eu sempre sonhei com isso. Toda garota do ITT fantasiava com ele.

A segunda era raiva fervilhante. O ímpeto de vingança. E *isto* eu não sabia explicar. Só sabia que a vontade de destruir a vida dele era quase brutal, e me desencadeava uma coragem insana. Como se todos os meus medos de outrora não existissem mais.

Eu me sentia... Invencível.

E aquilo era bizarro.

Exton entrou no carro e deu partida.

Perguntei:

– Para onde nós vamos?

– Para onde você quiser, linda.

– Linda? – ri. – Qual é. Não precisa me bajular.

– Só estou dizendo o que vejo. Você está linda hoje. – Virou uma curva. Saímos do quarteirão de dormitórios. – Aliás, eu quero te mostrar para o mundo. Por que não vamos ao Dom's?

Dom's, a lanchonete mais badalada do campus. Numa quinta à noite, todos os estudantes estariam lá. Universitários não comiam salada.

– Ok.

Ótimo, pensei. *Quanto mais gente presenciar a humilhação do Rendrix, melhor.*

A antiga Isabela nunca teria tal coragem, mas essa nova versão de mim...

Caramba, estava sedenta por sangue.

Primeiro, eu me vingaria de Exton. Depois, dos outros seis da Fraternidade.

Não sabia como – só sabia que faria.

Não havia motivo específico. Desde aquela noite febril, a mera existência dos sete me deixava furiosa.

Exton colocou uma música no rádio.

– Este carro é seu? – olhei ao redor. – Pensei que só tivesse a moto esportiva.

– Não, é do Asher, meu colega de Fraternidade. Ele me emprestou por hoje.

Achei que a minha moto não seria apropriada para um encontro. Nem toda garota gosta de andar sobre duas rodas.

– Não faz diferença para mim.

– Hum... – ele olhava para frente – uma vez que terei uma passageira constante, talvez devesse comprar um carro. O que você acha?

– Que passageira constante?

– Você, é claro. Não posso deixar a minha namorada andar em garupas. É perigoso.

Quase me engasguei.

– De novo com essa história de namoro, Rendrix?

Exton não era louco. Aquilo claramente consistia num ardil para me humilhar. E por isso eu pretendia humilhá-lo primeiro.

– Eu sei, eu sei. – Soltou um sorrisinho diabólico. – Meu interesse repentino te assusta. Vou pegar mais leve.

– Por favor.

Interesse repentino?, bufei por dentro. *Seu falso do caralho.*

– Você nunca teve um namoro sério, Hernandez?

– Não.

– Eu também não. Nunca tive interesse. E você? Qual o seu motivo?

– Nunca tive tempo.

– Hum. Vamos mudar isso.

Lancei-o um olhar sarcástico.

– Veremos.

Ele riu.

– Sempre na defensiva...

– Todo o cuidado é pouco com homens como você.

– Justo. Eu sou realmente encantador. Inclusive, trouxe um presente para você.

– O quê?

– Por que o espanto? Não é isso que as pessoas fazem?

– Não num primeiro encontro. Estamos em 2001, e não nos anos 50. Você devia saber. Não saiu com várias garotas?

Olhou-me de soslaio. Subitamente intenso.

– Com nenhuma com quem eu me importasse tanto. Esta é a primeira vez.

Pigarrei, olhando para a frente.

– Apenas dirija.

O canto da sua boca se ergueu, vitorioso. Ele sabia que era galanteador.

– Seu presente está no porta-luvas. Dê uma olhada.

– Prefiro não. É inapropriado.

– Se não gostar, pode devolver.

– Argh. Você não vai desistir, não é?

– Não é do meu feitio.

Revirei os olhos.

– Que seja. – E abri o porta-luvas.

Lá dentro, havia uma caixa pequena embrulhada com papel de presente. Desfiz o laço e olhei o interior.

– Espera! – exalei. – Você me deu um aparelho celular?!

– Claro. Você perdeu o seu. Como vou me comunicar com você? Via pombos-correios?

Abri a caixa, chocada. Era um celular de última geração.

– Isto é caríssimo! Por que você me daria algo tão ridiculamente caro?

E em um primeiro encontro?!

– Não poder falar com você me deixa ansioso. – Confessou simplesmente.

– Não posso aceitar. É demais.

Eu estava me lixando para o dinheiro de Exton, mas era realista. Precisava considerar meus episódios. Aquilo não duraria

nem uma semana nas minhas mãos. Terminaria em doação compulsória.

– Aceite. É um presente.

– Um presente excessivo.

– Não acho. Um cara não pode presentear a garota que gosta?

A garota que...?

Uau. Rendrix era mesmo um ótimo ator. Sabe-se lá o que ele estava planejando para mim ao final desse teatro.

– Você não pode dar um presente tão caro para uma pessoa que mal conhece.

– O dinheiro é meu, eu posso fazer o que quiser. Mas se você estiver incomodada, a nota fiscal está na caixa. Você pode devolvê-lo na loja e pegar um aparelho mais barato. Fique com o valor que eles vão devolver.

– Por que você está sempre tentando enfiar dinheiro pela minha goela abaixo?

Ele revirou os olhos.

– Então compre mais um aparelho. Sei que você tem uma tendência a perder os seus celulares. Seria bom se tivesse mais de um.

Naquele momento, chegamos ao Dom's. Ele estacionou na rua à frente.

– Você está interessado demais em manter contato comigo. Por acaso é um *stalker?*

– Eu não faço joguinhos. – Ele se inclinou e desafivelou o meu cinto. Rosto bem próximo, olhar sedutor. – E se vamos ser namorados, eu quero falar com você todos os dias.

A proximidade fez meu coração disparar. O cheiro dele invadia meu espaço. Excitante, magnético.

– N-não vamos ser namorados.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Por enquanto.

Pigarrei, me afastando.

– Vamos comer. Estou faminta.

Saí do carro, respirando fundo. Não podia deixar o charme daquele maldito me balançar.

Entrei na lanchonete lotada. Exton entrou logo atrás.

Ninguém prestou atenção em mim, porém, quando ele entrou, todos viraram as cabeças.

Vários o cumprimentaram de longe.

"Ei, Rendrix! Você por aqui?"

Ele apenas acenou com a cabeça, indiferente.

A garçonete veio nos receber no átrio. Falou diretamente com ele:

– Ah, oi, Rendrix. – Sorriso esperançoso. Era uma universitária do ITT e por isso o conhecia. – Vai querer uma mesa para quantos? Você e mais seis pessoas, como sempre?

– Não. Mesa para dois. – Olhou-me de esguelha. – Hoje eu estou acompanhada pela minha garota.

Pela primeira vez, a garçonete reparou em mim.

– Ah, ela? – piscou. Apesar de confusa, tentou ser profissional. – Certo. Podem me seguir.

Exton colocou uma mão nas minhas costas.

– Vamos. – Empurrou-me suavemente.

Murmúrios se alastraram.

A maioria dos clientes eram estudantes do campus. Ninguém me conhecia, mas todos o conheciam.

Exton não costumava ir à encontros públicos. Multo menos com garotas como eu. Ele preferia as altas e magras, como Madison.

Nós nos sentamos numa mesa central. Ficamos frente a frente.

Ele pegou o cardápio, distraído.

– Que tal pedirmos um drinque primeiro? – não parecia notar os olhares. Ou sequer se importar.

– Só comida, por favor.

Abaixou o menu.

– Caramba, Hernandez, abaixe a muralha. Pelo menos nesta noite.

Peguei o cardápio, escondendo o rosto atrás do papel.

– Prefiro não.

Não com um rival do seu nível, pensei.

Passei a página, mas não absorvi nada do menu.

Na verdade, meus olhos escorregavam para os lados.

Procurei e achei quem eu queria: as pessoas mais influentes e fofoqueiras do campus. Stacey e suas amigas líderes de torcida se sentavam numa mesa próxima. Encaravam Exton com rancor.

Compreensível. Elas eram colegas de Madison, sua última ex.

Senti a fúria delas me atravessando e soltei um sorrisinho. *Ótimo. Viria a calhar.*

Abaixei o cardápio.

– Vou querer pizza de calabresa e uma Coca-Cola light.

– Tudo bem. Pedirei o mesmo. – Ergueu uma mão, chamando a garçonete.

Esta veio e anotou o nosso pedido.

Quando ela se foi, Exton colocou os cotovelos sobre a mesa. Inclinou-se para a frente, expressão intrigada.

– Fale-me sobre você.

– Não há muito o que dizer.

– Qualquer detalhe me importa.

– Sou de Porto Rico. Ganhei uma bolsa no ITT aos 22 anos. Vim para a América sozinha e tenho 24 anos. Quando não estou estudando, estou trabalhando para me sustentar.

– Seus pais não te ajudam?

– Não. Não tenho contato com meu pai, e nunca me dei bem com minha mãe.

– Hum. Fale-me sobre sua mãe.

Desviei os olhos. Aquele assunto me feria.

– Minha mãe é praticamente uma refém emocional do meu padrasto, e meu padrasto... Bem, não gosta de mim.

Claro que não gosta. Eu o roubei diversas vezes.

– Então eles são cegos. Acho impossível alguém não gostar de você.

Grunhi.

– Ora, por favor. Nós só fomos rudes um com o outro este tempo todo. Não entendo por que você subitamente passou a gostar de mim.

Ele estava fingindo, é claro. Mas eu queria ver até onde iria o teatro.

– Gosto de mulheres que me desafiam. As submissas nunca foram o meu tipo.

Cruzei os braços. Encostei as costas no sofá.

– Você sabe que eu sou a faxineira do ITT, não sabe?

– E daí?

– O que os seus amigos da Fraternidade irão pensar?

– Caguei para isso. Saio com quem eu quiser.

– Os alunos dirão que você está louco.

Sim, já era 2001. Contudo, a consciência de classe ainda não havia atingido os afetados do ITT.

– Quem liga para o que imbecis de vinte e poucos anos pensam? Não passam

de crianças. Bêbados de fraldas bancados pelos pais.

Estranhei.

– *Você* tem 20 e poucos anos.

Soltou um sorriso misterioso.

– Digamos que eu sou uma alma antiga.

– Hum. – Olhei para a sua mão machucada. – Você foi ao médico?

De repente, ele ficou tenso.

– Sim. – Escondeu a mão sob a mesa. – Não é nada demais.

– Você não vai contar sobre o que aconteceu no posto para ninguém, vai?

– Não tem o que falar. Nada aconteceu. – Finalizou o assunto.

Ele queria esconder o meu segredo, e eu não sabia o porquê.

– Não vai me denunciar?

– E falar o quê? Que a sua pele me queimou, como se fosse tóxica? – bufou. – Ninguém vai acreditar.

– Não tem explicação plausível.

E aquele mistério estava me consumindo...

– Não, não tem. E eu não quero ser envolvido numa polêmica. Nós dois seria-

mos encaminhados para autoridades. Não estou a fim de ser picado por agulhas como um rato de laboratório. E nem você, imagino.

– Não mesmo.

– Então vamos apenas esquecer isso. Chamo de negação saudável. Autoproteção.

– Concordo.

Um acordo muito fortuito para mim.

A garçonete trouxe nossas bebidas. Quando ela saiu, eu perguntei:

– Você está guardando o meu segredo para que eu continue guardando o seu? – diminuí o tom de voz. – Sobre a Dra. Hilary?

– Não. Delate a minha foda com a professora, se quiser. Eu não me importo.

– Mas você seria expulso da faculdade...

– Eu aguento. Existem muitas faculdades na América. Posso entrar em outra.

– Uau.

– Estou guardando o seu segredo porque quero te proteger. Não é por mim, é por você.

Engoli seco. Por um segundo, ele quase me balançou. Tive que repetir para mim mesma: *isto é uma armadilha. Ele não*

gosta de você. Só quer comprar o seu silêncio.

Rapidamente reergui todos os muros.

Exton Rendrix sabia seduzir. Tinha a porra de um dom natural. Ou eu cortava o mal pela raiz, ou me tornaria mais uma de suas vítimas.

Levantei-me.

– Vou ao banheiro.

– Tudo bem.

Peguei minha bolsa e saí caminhando entre as mesas.

No trajeto, lancei um olhar para trás. Vi que Exton havia pegado seu celular no bolso e se distraido com alguma mensagem.

Aproveitei a deixa.

Mudei a direção e não entrei no banheiro. Fui até a mesa de Stacey, a capitã das *cheerleaders*. Ela e suas amigas eram as maiores fofoqueiras do lugar. Muito conveniente.

Parei ao lado da mesa delas e cumprimentei.

– Oi.

Tinha que ser rápida.

Stacey me analisou de cima à baixo.

– Eu te conheço?

Geralmente, eu não usava saltos e maquiagem. Apenas moletom. Ela não me reconheceu.

– Não nos conhecemos. Mas tenho algo a dizer que pode te interessar.

– Você não está num encontro com o Rendrix?

– Estou. É exatamente sobre isso.

Ergueu uma sobrancelha.

– Estou ouvindo.

– Diga para Exton Rendrix que ele fode muito mal. Ele não valeu o meu tempo e por isso estou indo embora do nosso encontro. Sim, isso é exatamente o que parece. Um chute na bunda.

Todas arregalaram as pálpebras. Stacey gaguejou:

– O-o quê?

– Espere 15 minutos após eu partir e passe o recado. Ah, e pode dizer para a sua amiga, Madison, que ela não perdeu nada. O pau dele nem é grande coisa. É só isso, tchau.

Virei-me e saí. Passei pela porta do banheiro e não parei. Virei o corredor e desemboquei na saída dos fundos.

Entrei no primeiro táxi que encontrei. Coração na garganta, satisfação vingativa borbulhando no peito.

Que delícia.

Stacey certamente passaria meu recado em voz alta e na frente de todos. Seria a sua vingança pela amiga.

Amanhã, a fofoca estaria em todos os corredores do ITT.

Exton Rendrix foi largado no meio do encontro por uma faxineira.

Numa só tacada, eu ataquei os dois pontos fracos de homens como ele. A masculinidade frágil e a arrogância. Amanhã, o assunto do dia seria seu pau medíocre.

Nós dois sabíamos que era uma mentira. Mas o restante dos alunos, não.

Fui embora para a casa gargalhando.

Tudo que eu pensava no caminho era: *um já foi, agora faltam seis.*

SOB A VISÃO DE EXTON

Eles estavam na pizzaria.

Isabela saiu para ir ao banheiro.

Assim que ela se levantou, Exton pegou o celular do bolso. Havia recebido seis mensagens. Todos os outros demônios encontravam-se ansiosos.

"E aí? Como está o encontro?"

"Ela já cedeu?"

"Não foda com tudo, Rendrix. Você precisa conquistar esta garota antes que ela descubra quem nós somos."

Ele não quis responder uma por uma. Então, escreveu um único texto e encaminhou para todos.

"Relaxem, a novata está no papo. Estou interpretando um perfeito cava-

lheiro. Ela vem caindo no meu teatro direitinho", digitou, sorrisinho cruel. "Vocês precisavam me ver atuando. Estou falando até mesmo em namoro. Uma das minhas melhores interpretações."

"E ela está acreditando?", Dylan respondeu.

Exton respondeu:

"Aos poucos. Ela é cética, mas inexperiente. Não dou uma semana para ceder para mim. Agora parem de mandar mensagens, preciso me concentrar no prêmio."

Ele guardou o celular, satisfeito. Em seguida, cruzou as mãos sobre a mesa e esperou.

Sentia todos os olhares sobre si. Normal. Ele era fisicamente lindo para os humanos por razões óbvias. Manifestações da Luxúria tinham que ser o centro das atenções. Ossos do oficio.

Isabela estava sendo difícil, mas ele era esperto. Enquanto a serafínica-novata não descobrisse seus reais poderes, ela era apenas mais uma universitária comum. E ele devorava universitárias no jantar.

Conquistar e destruir corações de mulheres era a sua profíssão. Ele foi forjado no fogo do inferno para isso. Jogo ganho.

O tempo passou. Rendrix bebeu sua Coca-Cola por inteiro, até que começou a ficar irritado.

Por que Isabela não voltava?

Olhou o relógio de pulso. Já haviam se passado 17 minutos.

Que diabos? Alguma coisa aconteceu?

Ele estava prestes a se levantar para ir conferir quando foi abordado.

Uma *cheerleader* andou até a sua mesa.

– Rendrix. – Cumprimentou, rude.

Stacey O'Brien, chefe das líderes de torcida. Eles tiveram um casinho no passado, e não vingou. Stacey não era burra como as outras amigas. Não caía no seu papinho.

Bom para ela.

Exton ergueu os olhos para ela, irritado.

– Nem comece, O'Brien. Não quero ouvir resmungos sobre a Madison. Sua amiguinha sabia quem eu era desde o começo. Não tenho culpa se ela se apaixonou.

Para seu espanto, Stacey abriu um sorriso.

– Oh, não. – Tom vingativo. – Eu não vim falar sobre a Madison. O término não foi uma surpresa. Todo mundo sabe que você é um canalha com as mulheres.

– Que bom. Eu não pretendo enganar ninguém.

– Na verdade, só vim te passar um recado. Sua acompanhante te deu um pé na bunda. Ela me mandou lhe dizer que você fode mau, e que seu pau não é grande coisa. Você não valeu o tempo que ela gastou neste encontro, e por isso ela foi embora.

O queixo dele caiu.

– Como é?!

– Foi o que ouviu. Você foi chutado, meu caro. Espero que goste da sensação. – Acenou, irônica. – É só isso, tchauzinho. – E voltou para a sua mesa.

As pessoas ao redor ouviram a conversa. Encaravam-no, chocadas.

Pela primeira vez, Exton ficou muito consciente de si. Parecia um idiota ali, sozinho, esperando por uma garota que não iria voltar.

Ele trincou os dentes, humilhado. Depois, colocou uma nota de cinquenta dólares sobre a mesa e foi embora.

Amanhã, a história se espalharia. E não havia nada pior para um vampiro da

luxúria do que ser taxado como um amante medíocre.

Ele entrou no carro e deu partida.

– Aquela vadia serafínica não fez isto. – Acelerou, socando o volante. – *Ela não fez isso.*

Chegou em casa. Entrou batendo a porta, fúria borbulhando no peito. Nunca se sentiu tão humilhado.

A casa estava semivazia. Todos saiam à noite para cuidar de seus próprios negócios demoníacos.

Apenas Carter estava em casa. Sentava-se num dos sofás da sala, lendo. Ironicamente, lia o livro "Mais esperto que o diabo."

Carter representava a Ira. Um poder tão forte que causava confusões estrondosas por onde passava. Ele ficava em casa para contê-lo, e era melhor assim.

Regiões com muitos conflitos revelavam a presença dos demônios, e os Sete não queriam chamar atenção.

Serafínicos viviam em todos os lugares. Se desconfiassem de suas identidades, viriam caçá-los.

Ao vê-lo, Carter abaixou o livro. Expressão preocupada.

– Vejo que a noite não saiu como planejado.

Exton foi direto para o bar. Serviu-se com uma dose cheia de Bourbon. Bebeu tudo num só gole e bateu o copo sobre a mesa.

– Aquela vadia serafínica me ferrou.

Carter largou o livro. Sempre muito sério.

– Seja específico.

Exton andava de um lado para o outro, coração acelerado. Jamais sentira tanta fúria.

– Ela me largou no meio do encontro, 01. Me deu um pé na bunda e destruiu minha reputação! Estava brincando comigo este tempo todo, nunca caiu no meu papo. Pelo contrário, fui eu quem cai no papo dela... Como a porra de uma garotinha inocente!

Ira considerou.

– Hum... A novata é mais esperta do que imaginávamos. Isso é um problema.

– Um problema?! – Exton ergueu a mão machucada. – *Isto* é que é um problema! Eu estou morrendo, porra! E a minha única chance de sobreviver foi para o ralo!

– Pois é.

– Eu, um vampiro de séculos, manipulado por uma serafínica novata... Praticamente uma criança... – riu com amargor. – Puta que pariu. Nunca fui feito de idiota deste jeito. Maldita hora em que meus caminhos se cruzaram com o dela.

– Você está fúrioso porque está morrendo. Acredite, eu entendo sobre a fúria.

Exton se jogou no sofá, deprimido.

– O que eu faço agora? A menina não pode ser manipulada. Não caiu no meu feitiço.

– Não é um choque. Ela é uma serafinica, deve ser imune aos seus encantos.

– Então é isso? Eu vou simplesmente morrer?

– Parece que vai.

Grunhiu.

– Obrigado pela sensibilidade, Ira.

– Somos vampiros, cara, e não amiguinhos. A sua morte não me comove. Não posso te confortar, no entanto... – Carter inclinou-se para a frente, subitamente interessado. – Eu posso te ajudar em outro aspecto.

– Que seja. Não tenho mais nada a perder.

– Você sabia que estava fadado à morte desde que a serafínica te tocou. Sim,

você vai morrer, mas já viveu séculos demais. Então supere.

– Que conselho péssimo.

– Não é. Pense comigo, você está no fundo do poço mas não precisa cair sozinho. Use estas últimas semanas de vida para se vingar. Destrua a serafínica e a sua morte não terá sido em vão. – Ergueu uma sobrancelha. – Ela destruiu a sua vida, meu caro. Não está com raiva?

Exton sentiu a fúria borbulhar em seu peito. A influência de Carter era muito forte. Ele desencadeava o pior das pessoas.

– Sim. Estou.

– Não quer matá-la?

– Quero, mas é um sentimento inútil. Serafínicos são muito mais fortes que demônios. Mesmo quando novatos. Um combate corpo a corpo seria uma derrota certa.

– Não estamos mais nos séculos passados. Existem outras formas de você destruir a vida de uma mulher. – Abriu um sorriso perverso. – Você é um demônio no leito de morte. Não tem nada a perder. Faça o seu pior.

– Não tenho nada a perder... – repetiu, quase hipnotizado.

– Isso mesmo. A sua última missão deve ser destruir a vida de Isabela Hernandez. Então, você poderá morrer em paz.

Exton se levantou, olhar estatelado.

– Sim! – sentia-se subitamente motivado. – Vou usar meus últimos dias para destruir aquela vaca. Se terei que morrer, levarei a maldita comigo.

– Ótimo. – Carter recostou-se no sofá, sorriso satisfeito. Havia cumprido o seu trabalho.

Exton notou que estava sendo manipulado por ele. Afinal, era da sua natureza.

Mas, que se dane.

Ele só tinha mais alguns dias de vida. Iria usá-los para cavar a cova de Isabela Hernandez, e enterrá-la junto com ele.

Estava decidido. Se eles não teriam romance, teriam guerra.



base dos serafínicos

TEXAS
Naquela mesma noite

Castidade despertou. Coração acelerado, pele arrepiada.

Sentou-se na cama. Uma intuição profunda vibrava em seus ossos.

– Aconteceu!

Levantou-se às pressas. Abriu a porta do quarto e encontrou o corredor da casa vazio.

Era madrugada. Ouviu vozes advindas do andar de baixo. Correu para lá ainda de pijamas.

Todos os cinco estavam reunidos na sala. Ele era o sexto.

Seus amigos de clã se abraçavam com emoção. Alguns até mesmo choravam. Metade tinha acabado de chegar de seus trabalhos, e outros usavam pijamas.

Humildade foi a primeira a vê-lo.

– Oh, Catz! Você também sentiu?

Ele entrou na sala, trêmulo.

– Sim. A sétima de nós despertou. Eu posso sentir a consciência dela se ligando à minha.

– Finalmente. – Suspirou Temperança. – Nós esperamos tanto tempo por ela...

– Já sabemos quem é? – perguntou Bondade.

Diligência segurava o celular.

– Acabei de receber uma mensagem da Ordem de Cima. – Leu-a para todos: – Parece que o nome dela é Isabela Hernandez, uma estudante universitária de Dallas. Ela é porto-riquenha, imigrante e tem 24 anos.

Todos se escandalizaram:

"Tão nova?!"

"O que será que a despertou?"

"Tem algo errado! Ela só devia acordar para o nosso ofício aos 30 anos!"

Humildade mordeu o lábio.

– Será que vai ser um problema? Ela não atingiu a maturidade suficiente para o trabalho. Nosso ofício requer muita sabedoria. Uma jovem como ela conseguiria aguentar a pressão?

Paciência, o líder, tomou a palavra:

– Fiquem todos calmos.

Imediatamente, a ordem dele retumbou em suas células. Todos foram tomados por uma sensação de caimaria. Respiraram fundo e se sentaram nos sofás da sala.

Castidade inquiriu:

– O que faremos, Chefe? A novata deve estar perdida, sem entender os sintomas do despertar.

Serafínicos eram trabalhadores de luz encarnados na Terra. Eles nasciam em forma de humanos. Aos 18 anos, começavam a apresentar sintomas de suas naturezas angelicais. Geralmente, lapsos de memória e atitudes irreconhecíveis.

Um trabalhador de luz sofria bastante nos primeiros anos de vida. Não entendiam suas identidades e quase sempre acreditavam ter problemas mentais.

Isto é, até chegarem aos 30 anos.

Essa era a idade em que um serafínico despertava.

Ao despertar, os outros de seu grupo poderiam procurá-lo. O novato iria morar na base junto aos irmãos. Com o tempo, aprenderia sobre o ofício até estar pronto para cumprir sua verdadeira missão na Terra.

Eles nasciam para ajudar os seres humanos. Ensiná-los as Setes Virtudes. Eram fortíssimos, altruístas e corajosos. Não faziam mal a ninguém. Exceto à demônios.

Ou como algumas civilizações nomeavam...

Vampiros.

Cada região continha um clã de sete membros. Cada membro representava a Manifestação de uma Virtude.

Demônios eram o polo oposto. Cada um representava a Manifestação de um Pecado.

Não o pecado no sentido religioso. Bem e Mal não precisavam da crença dos humanos. Eles simplesmente existiam.

Os guerreiros de ambos os lados faziam seus trabalhos às ocultas, bem debaixo do nariz dos humanos, e misturavam-se à população.

Indetectáveis.

Os serafínicos dos EUA sabiam que os demônios se escondiam em algum lugar do

Texas. Aqui, nestes últimos anos, a violência e a maldade reinaram mais forte. Um forte indício da presença dos demônios.

Eles podiam se esconder com identidades humanas – mas seus rastros, não.

Fazia décadas que os serafínicos os caçavam. Uma hora, iriam encontrá-los.

Naquele grupo, eles eram seis. Castidade, Bondade, Temperança, Paciência, Humildade e Diligência. Trabalhadores do bem, anônimos na Terra. A base dos EUA ainda esperava pelo sétimo membro.

Naquela década, os Serafínicos escolheram morar no Texas. Na próxima década, mudariam-se de estado. E assim por diante.

Se eles estavam na Texas, significava que os Sete demônios da região também estavam por perto. Eles só não conseguiram identificá-los.

Ainda.

Aquele grupo de vampiros, em específico, se escondia muito bem.

Os seis serafínicos moravam juntos. Tinham as mais variadas características.

Castidade era um homem de 35 anos nascido na Guatemala. Temperança, mulher de 38 anos, nascida no Iémen. Diligência, homem de 44 anos, natural de Moçambique. Bondade, 33 anos, provinda da

Holanda. Humildade, mulher de 50 anos, natural de Senegal.

E, por fim, Paciência. Um homem de 65 anos natural dos EUA.

Paciência era o líder de todos eles por razões óbvias. Ele tinha os melhores planos, pois simplesmente *sabia esperar*. Farejador de melhores momentos.

– Muito bem. – Paciência tomou a palavra. – Nós não esperávamos que o sétimo membro despertasse tão cedo, mas aconteceu. Precisamos decidir o que fazer. Algo sobreveio para despertá-la antes da hora. Pensem em teorias. Diligência, o que você sabe?

Diligência era o Historiador. O mais culto em teologia dentre eles.

– Segundo nossa história conta, serafínicos só despertam antes do tempo quando precisam impedir alguma catástrofe, ou... – engoliu seco, olhar sombrio. – Ou quando encontram um *deles*.

Todos se entreolharam, tensos.

– Um vampiro. – Constatou Temperança.

– Sim. – Diligência concordou. – É a única hipótese que faz sentido. Isabela pode ter precisado acessar seus poderes para se defender.

– Seja o que for, nós precisamos encontrá-la. – Falou Castidade. – Os sintomas do despertar são avassaladores e confusos. Ela deve estar perdida.

A noite febril... A força física súbita... A segurança abrupta...

– Relaxe. Ela é incapaz de sentir medo. – Humildade relembrou. – Ademais, só poderá morar na base quando completar 30 anos. É a lei.

Serafínicos não tinham medo de nada – simplesmente porque nada poderia atingi-los.

Eles eram amparados por forças maiores. No fundo de seus corações, sabiam disso.

Todos opinavam:

"Precisamos encontrá-la mesmo assim. Com uma força sobre-humana e nenhuma orientação, ela será uma bomba-relógio."

"Pode ser caçada por vampiros!"

"Ela é um perigo para si e para os outros. Pode até mesmo nos expor."

"Precisamos protegê-la."

"Precisamos mesmo é descobrir *por que* ela despertou. Isso é o primordial."

– Nós vamos descobrir. – Paciência finalizou. – Fiquem tranquilos. Um despertar não é motivo de pânico, e sim de comemoração. Nossa sétima já está entre nós. Nosso clã está finalmente completo, e quem ganha é a Humanidade.

Castidade era o mais emocionado. O treinamento do sétimo membro seria da sua responsabilidade. Ele nunca foi um orientador antes.

Humildade riu.

– Vejam, gente. O Catz não consegue tirar o sorriso do rosto...

Catz. Este era o apelido de Castidade.

– Não posso negar, minha cara Humildade. Você foi a minha orientadora, e eu, seu pupilo. Agora finalmente chegou a minha vez de ensinar.

– É uma sensação maravilhosa. Você irá adorar.

– Certamente. Será uma grande honra.

Todos se distraíram com a conversa.

Catz, entretanto, preferiu ficar sozinho. Recostou-se num dos sofás e fechou os olhos. Pousou uma mão sobre o coração, emocionado.

Isabela Hernandez despertou. A sétima membra do clã. A tão esperada.

Ele sussurrou para si mesmo, tomado por amor.

– Bem-vinda, minha querida Caridade. Nós estamos ansiosos para te conhecer.

Capítulo seis

Na sexta-feira, fui para o Instituto.

Caminhei até o meu armário no corredor principal. Todos olhavam para mim descaradamente.

"Foi ela?", murmuravam.

"Sim. A faxineira que deu um pé no Rendrix."

"Inacreditável. Quem ela pensa que é?"

Andei com o queixo erguido. Nada de capuz tampando o rosto, nada de timidez.

Os olhares raivosos não me terrificavam mais.

Alguma coisa havia mudado profundamente dentro de mim. Eu era outra mulher.

Foi a segunda mudança brusca de personalidade da minha vida. Primeiro, aos 18 anos. Agora, aos 24.

Por experiência, sabia que sofrer só iria me deixar louca. Então simplesmente tentei aceitar com resiliência.

Sinceramente? Estava gostando dessa nova versão de mim. A vida era mais fácil sem a fobia social.

Fui para minha primeira aula. As carteiras já estavam cheias, e a professora não havia chegado.

Desta vez, não me sentei ao fundo. Escolhi as cadeiras da frente.

Um grupo de garotas próximo me lançou olhares.

Decidi me virar para encará-las.

– Perderam alguma coisa aqui, queridas?

Elas quase se engasgaram. Não esperavam um confronto.

– Não estávamos olhando para você. – Disse uma delas.

Ergui a sobrancelha.

– Estavam sim. Alguma de vocês quer me dar, por acaso? Porque é a única razão para alguém ficar me secando.

O queixo de todos na sala caiu. Por dois anos, aquela turma nunca ouviu a minha voz. Eu sempre fui a misantropa do fundão.

A garota riu nervosamente:

– Ficou doida, Hernandez? Eu não quero nada de você.

– Ótimo, então pode tirar seus olhos de mim. Isso vale para todos vocês. – Apontei para o resto da turma. Depois, me virei para a frente, inabalável.

Ninguém mais ousou cochichar na minha presença.

O professor chegou.

Ele era um homem na casa dos trinta e poucos anos. Bonito, pele parda, de aparência latina. Gravata, barba bem-feita e cabelos penteado para trás.

– Bom dia, alunos. – Subiu no púlpito de professor. – Meu nome é Dr. Salvador Cartaniz. Sou professor e Doutor especialista em Engenharia. Ministrarei as próximas auias desta matéria.

Sua fala era calma e bondosa. Simpatizei de imediato.

Um aluno levantou a mão:

– Dr. Cartaniz, uma pergunta, por favor.

– Claro.

– Onde está a Dra. Hanna?

Dra. Hanna era a nossa professora usual. Chamávamos nossos professores de doutores porque, para ministrarem no ITT, tinham que ter doutorado. Era uma instituição muito séria e de elite.

– Oh, isto. A professora de vocês pediu uma licença devido a problemas pessoais. Eu vim a substituir por algumas semanas. Aliás, não me chamem de doutor. É muito formal. – Para o meu espanto, o professor olhou diretamente para mim e abriu um sorrisinho enigmático. – Podem me chamar de Catz.

***

A aula foi ótima.

"Catz" tinha um carisma sensacional. Didática, alegria e presença de espírito contagiante. Algum traço em sua personalidade conquistou a turma logo de cara. Era simplesmente bom estar em sua presença.

Intrigante.

Torci para que ele fosse o nosso professor pelo resto do semestre.

A aula acabou. Juntei meus materiais e comecei a sair da sala. Quando cheguei à beira da porta, o professor me chamou:

– Senhorita Hernandez?

Olhei para trás.

– Hã, eu?

Ele se sentava em sua mesa. Mãos cruzadas, sorriso afável.

– Sim. Podemos conversar?

Andei até ele, confusa.

– Claro. Mas como o senhor sabe o meu nome?

– Eu busquei saber o nome de todos os meus alunos antes de ministrar a aula.

– Ah, entendo. – Que incomum. – Olhei para os lados e notei que todos os alunos saíram da sala. – Eu fiz alguma coisa errada?

O professor não tirou os olhos de mim durante a aula toda, e agora queria uma conversa particular. Ele não parecia ser um assediador.

Então, o que queria comigo?

– Oh, não, não. Eu tive acesso ao seu último trabalho. A Dra. Hanna não pôde corrigi-los, e o reitor os transferiu para mim. Sua teoria ficou genial. Eu adoraria te orientar numa turma mais avançada.

Podemos tomar um café quando tiver um tempo?

Sobressaltei-me.

– Claro. Seria uma grande honra, professor.

– Me chame de Catz. Que tal hoje? Meu próximo horário estará livre.

Eu tinha uma aula, mas poderia faltar. Seria uma honra ser pessoalmente orientada por um professor de tal calibre.

– Claro. Posso desmarcar o resto da minha agenda.

Ele se levantou.

– Ótimo. Vou apenas recolher as minhas coisas e...

Fomos interrompidos. Alguém bateu à porta da sala:

– Isabela Hernandez?

Era a própria secretária do reitor. Outra surpresa.

– Sou eu.

– Você está sendo convocada à reitoria urgentemente.

– O quê?! Por quê?!

Mas ela não quis adiantar o assunto.

Enquanto isso, o professor anotou seu número num cartão.

– Tome. Este é o meu telefone pessoal. Ligue-me quando puder e falaremos sobre o seu trabalho, ok?

– Sim. Muito obrigada.

Catz sorriu amavelmente.

– Eu quem agradeço, Isabela.

Saí da sala franzindo a testa. Foi uma despedida multo... Pessoal.

Segui a secretária, tensa. Nunca fui à sala do reitor. Ele era ocupado e não conversava diretamente com simples alunos. Não poderia ser coisa boa.

A mulher me deixou à porta da sala.

– Pode entrar. Ele está à sua espera. – Informou e saiu.

Entrei cumprimentando:

– Bom di... – brequei, levando um susto.

Exton estava lá dentro!

O Reitor se sentava de um lado da mesa. Do outro, sentava-se Exton. Porte arrogante, sorrisinho maléfico.

O Reitor me cumprimentou, sério.

– Senhorita Hernandez, bom dia.

– Bom dia.

– Estávamos lhe esperando. – Apontou para a cadeira vaga. – Pode se sentar.

Fechei a porta. Sentei-me na cadeira ao lado de Exton. Olhava de um para o outro, sem entender.

– Eu fiz alguma coisa?

A expressão de Rendrix me preocupava. O que ele estava tramando?

– Não, não, Srta. Esta é somente uma reunião para formalidades. A senhorita é presidente do Grêmio de Apoio à Alunos Imigrantes, não é?

– Sim.

O AAI só continha membros inativos. Os alunos se inscreviam para créditos extracurriculares essenciais à formatura. Eu era a presidente porque nunca houve concorrência. Ninguém queria presidir.

Causas extracurriculares eram obrigatórias no ITT. Eu, uma bolsista que trabalhava muito. Presidir tal clube me gerava muitos, muitos créditos. Poupava-me das outras atividades extracurriculares que demandariam todo o meu tempo. Um tempo que eu não tinha.

Aquela vaga era uma joia no meu currículo. Uma barca de salvação.

– Pois bem. – O Reitor mexeu em alguns papeis. – Estou vendo que a senhorita vem sendo a presidente por dois anos. Sem concorrência.

– Correto.

– Hum, nada bom... – e apontou para Exton. – O senhor Rendrix veio me alertar sobre a situação. A senhorita não pode ser presidente por tanto tempo sem eleições.

Ah, porra.

– Mas eu sou a única interessada na presidência.

– Não mais. O Sr. Rendrix decidiu concorrer contra você. Para a eleição ser legal, vocês dois terão que fazer uma campanha eleitoral e vencerem um ao outro.

Não, congelei. Aquilo me ferraria muito.

Olhei para Exton.

Ele permanecia perturbadoramente calado. Sorrisinho vingativo, olhar ardendo em ódio. Claramente uma vingança pessoal.

O Reitor parecia alheio ao nosso momento.

– Os senhores terão três semanas para a realização da campanha. Estas são as regras... – discorreu sobre mais alguns detalhes. – É só isso. Boa sorte, estão dispensados.

Nós saímos. Exton, vitorioso. Eu, escandalizada.

Desembocamos na sala de espera vazia. A secretária havia saído.

Assim que ficamos sozinhos, rosnei para ele:

– Ei, seu babaca.

Ele andava à minha frente. Parou e se virou.

– Está falando comigo? – expressão irônica.

Avancei, dentes trincados.

– Você está de sacanagem com a minha cara?

– Não sei do que está falando.

– Não se faça de inocente. Você não se importa com o clube ou a posição de Presidente. Já tem muitas atividades extracurriculares. Não precisa dele.

– Ah, eu sei. Estou cagando para o Grêmio. Mas o reitor não sabe.

– Então por que quer ser Presidente?!

– Para te ferrar, é claro. Eu sei que você precisa desse cargo para seu currículo. E tudo o que eu puder tirar de você... – abriu um sorriso maléfico – pretendo tirar.

Era um golpe de mestre. Eu perderia a eleição. Teria que procurar outras atividades extracurriculares. Não teria tempo para trabalhar tanto, e minhas contas ficariam no vermelho.

Sem as atividades, não poderia me formar. Sem trabalhar muito, não poderia me manter na América.

Foi a porra de um xeque-mate!

– Caralho, Exton. Agora você foi longe demais. Isso extrapola os limites. É perverso.

– Oh, não. Eu feri seus frágeis sentimentos? Que peninha. A regra é clara, Hernandez. Se não aguenta a competição, não devia ter comprado uma briga comigo. Eu te avise. Você não tem ideia de quem eu sou.

– Isso tudo foi por que eu te chutei?

Ele bufou.

– Qual é. Eu nunca a quis para começo de conversa. Não fique se achando. Nunca foi real.

Óbvio. Um homem como ele nunca se interessaria por alguém como eu. Não tão magra, não tão loira. Fora dos padrões de beleza da América.

Racionalmente, eu já sabia. Ainda assim doeu ouvir.

Meus olhos se molharam. Porém, me recusei a chorar na frente do maldito.

– Você foi muito baixo. Não me resta opção. Terei que denunciar o seu caso com a doutora Hilary.

– Oh, sério? Neste caso terei que contar como a sua pele é tóxica para seres humanos. Como você vai se explicar?

Abri a boca, mas logo a fechei. Não sabia o que dizer.

Ele riu, cruel.

– Foi o que pensei. Vamos ver se você gosta de ser um rato de laboratório na América. Sabem como eles tratam sumiços de imigrantes, não sabe? Você ficaria presa num hospital do governo para o resto da vida, servindo de cobaia. A polícia iria te procurar por um tempo e depois desistiria. Você seria apenas estatística. Então, vá, compre essa briga comigo. Quero ver você tentar. Eu sei que aguento o rojão. Mas e você, aguenta? Porque estou disposto a pagar qualquer preço para te ver no fundo do poço.

Recuei. Agora, amedrontada.

Exton estava diferente. Agia como um homem sem nada a perder. E pessoas assim eram perigosas.

Ele iria me destruir – ainda que a sua reputação e vida fossem destruídas comigo.

– Por que está fazendo isso? Você é Exton Rendrix. Irá se recuperar de qualquer fofoca sobre sua reputação. Em algumas semanas, todos irão se esquecer do que aconteceu na lanchonete. Você é muito

mais poderoso do que eu. O que está fazendo é uma covardia.

Ela avançou, ameaçador. Mais alto, forte e poderoso.

– Não é óbvio? – emanava ódio. – Você me ferrou, Isabela Hernandez. Você destruiu a minha vida e agora eu vou destruir a sua.

– Eu não destrui a sua vida! Sua reputação só ficou balançada, e não arruinada!

– Quem liga para reputação? Você me aniquilou de forma muito mais profunda. Tão profunda que não é capaz de entender. E se eu cair, vou te levar comigo.

– Como assim, Rendrix? Me explique. Eu quero entender todo esse ódio.

Ele correu a mão pelos cabelos, parecendo desnorteado.

– Eu não ligo para o que você quer! Eu não ligo para mais nada! – olheiras sob os olhos, pele acinzentada. Como se estivesse doente. – Eu tentei fazer isso dar certo, mas não deu. Então que se foda. Se não podemos ter salvação, que tenhamos a ruína.

Mas que conversa era aquela?

– Fazer *o que* dar certo?

– Nós dois.

– O quê? Nunca houve nós dois!

– Exato. Se você não vai ser a minha namorada, vai ser a minha inimiga. Eu não perdoo e não esqueço. Só irei partir deste mundo quando você estiver completamente arruinada. – Avançou mais. Recuei, apavorada, e colidi com as costas contra a parede. Ele apoiou os braços ao meu redor e se inclinou para baixo. Sussurrou ao pé do meu ouvido, venenoso: – Então se prepare para a guerra, garota. Porque a minha missão final é acabar com a sua existência.

Não disse mais nada. Apenas virou-se e foi embora.

Fiquei sozinha na saleta. Deslizei pela parede e sentei-me no chão.

– Meu Deus. – Cobri a boca com as mãos. O coração, na garganta.

Aquelas ameaças não eram brincadeiras.

Eu errei feio. Brinquei com o que não devia e despertei uma fera. Agora, ela estava prestes a me devorar.

***

Foram três semanas horriveis.

Exton promulgou uma campanha de eleição poderosa. Panfletos, propostas coerentes, comicios e festas. Valeu-se de todos os recursos que uma pessoa como ele poderia ter.

Ele era persuasivo, rico e popular. Tinha dinheiro, aliados e nenhum escrúpulo.

Já eu, não era ninguém.

De repente, o ITT inteiro pareceu interessado no clube. Ganhamos vários inscritos.

Eu tinha alguns admiradores. *Vejam, é a garota corajosa que chutou o Rendrix.* Mas meu mísero fã-clube nem se comparava ao poder de persuasão dele.

Sua reputação foi balançada, mas não destruída. Bastou dar algumas festas com cerveja grátis e marcar alguns pontos nos jogos, que os alunos rapidamente voltaram a adulá-lo.

Enquanto isso, minhas contas não fechavam.

Sem carro, eu não podia aceitar os trabalhos mais longínquos que pagavam mais. Não havia ônibus nos lugares ermos. Minha fonte de renda diminuiu drasticamente.

E só ficaria pior.

Eu perderia a eleição. Teria que me inscrever em várias atividades extracurriculares para me formar. Não restaria mais tempo para trabalhar.

No ínterim, desastres foram acontecendo. Todos, com o dedo de Exton.

Minha bolsa de estudos foi reavaliada. Alguma família poderosa retirou o financiamento.

Muitos alunos daqui eram filhos de milionários doadores de bolsas estudantis. Exton, amigo de todos eles.

Semanas atrás, recebi a notícia. Teria que começar a pagar para morar no alojamento. E meu próximo aluguel já estava vencendo.

A carta chegou com atraso pois "se perdeu no correio."

Claro, "se perdeu."

Desesperei-me. Não tinha dinheiro guardado para o próximo aluguel.

Passei as três semanas procurando por empregos, mas ninguém no campus queria me contratar. Falteí várias aulas e perdi alguns empregos que já tinha.

Enquanto isso, o professor novato conseguiu o meu número. Não sabia como. Ele me ligava todos os dias, mas eu simplesmente não tínha tempo para pensar em orientação estudantil. Não agora.

Nem sabia se conseguiria me manter na América, pelo amor de Deus.

Ignorei todas as chamadas, mas as ligações dele não diminuíram. Só aumentaram.

A situação se tornou estranha. Passei a ficar desconfiada e incomodada. *O que o professor Catz estava realmente querendo?* Seria ele um assediador?

Enfim, nem tinha tempo para refletir sobre. Minha vida estava desmoronando.

As três semanas se passaram. No dia da eleição, nem compareci ao debate. Sabia que estava fadada a perder.

Na sexta-feira, fui chamada à Reitoria.

O reitor me comunicou que eu havia perdido as eleições. Óbvio. Também aproveitou para dizer que "infelizmente meu serviços de faxina no campus não seriam mais necessáríos." Haviam contratado outra pessoa.

Quis chorar. Minha principal fonte de renda foi aniquilada.

Saí da Reitoria e fui trabalhar. Uma faxina domiciliar num prédio próximo. Um dos poucos empregos que ainda me restavam.

Após terminar, parei numa loja de conveniência e jantei uma comida congelada. Meu vale-refeição chegava ao fim.

Voltei para o alojamento bem tarde da noite.

Enquanto andava pelas ruas vazias, começou a chover. Eu não tinha guarda-chuva, portanto coloquei o capuz, abaixei a cabeça e andei mais rápido.

Quando cheguei à porta do meu prédio, brequei.

– Mas o quê...?

Não, não, não.

Minhas coisas estavam amontoadas na porta do prédio! Na porra do meio da calçada!

Meu colchão, minha escrivaninha, minha pequena TV, minhas roupas de cama... Tudo embrulhado por sacos plásticos de uma empresa de mudança.

Colado ao plástico, havia uma carta. Agora, molhada pela chuva.

Desesperada, eu peguei a carta. Tenteí ler o papel esfarelado.

Tratava-se de uma ordem de despejo emergencial. Outro aluno precisava ocupar aquela vaga. Como eu estava com os pagamentos atrasados, fui despejada.

– Não! – gritei. Joguei a carta no chão e pisei sobre ela, tendo um ataque de raiva. – Só pode ser brincadeira!

Ninguém era despejado por algumas semanas de atraso de aluguel. Nin-guém. Aquilo devia ser ílegal! Com certeza Rendrix molhou a mão de algum funcionário.

Segurei a raiz dos cabelos, em pânico.

– Isso não pode estar acontecendo. – Comecei a chorar. – Não pode.

Minhas coisas no meio da rua... Minha bolsa de estudos em ruínas... Meu trabalho no campus, destruído...

Sentei-me no meio-fio.

Minhas forças para lutar haviam acabado. Escondi o rosto nas mãos e me permiti chorar.

A chuva ficou torrencial. A noite, gelada. Era uma sexta-feíra chuvosa pré-feriado, e não havia ninguém no alojamento. Sentia-me absolutamente sozinha.

A realidade me atíngiu.

Eu não conseguiria concluir o curso. Teria que voltar para o meu país sem graduação, sem fonte de renda, e com uma familia ansiosa para dizer: "bem-feito, nós avisamos."

Chorava copiosamente. Murmurava entre soluços:

– Você me paga, Exton.

Mas eu não queria mais guerrear, apenas fugir. Estava exausta.

Trovoadas soaram. A chuva fria molhava meus ombros, mas eu não me importava. Precisava colocar aquela dor para fora.

Falava sozinha.

– Maldita hora em que você cruzou o meu caminho, Rendrix... Você destruiu a minha vida...

De súbito, uma voz perigosa respondeu.

– E você destruiu a minha.

Ofeguei, assustada. Olhei para cima. Deparei-me com o próprio Rendrix bem ali, parado à minha frente.

Ele estava péssimo. Pele cinzenta, olheiras profundas e lábios arroxeados. Claramente doente.

Usava uma jaqueta de couro preta e roupas amassadas. A chuva caía sobre seu corpo, e ele nem parecia se importar. Tinha os olhos cravados em mim.

Parecia... Parecía querer me matar.

– Rendrix. – Levantei-me, amedrontada. – O que aconteceu com os seus olhos?

As íris deles estavam completamente vermelhas. Como se usasse lentes de contato. Assustador.

– Esta é a minha aparência real. – Ele sorriu de lado, meio alucinado. – Não sou magnífico?

– *Quê?!*

– Não tenho mais por que me esconder de você. Estou morrendo. Vai acontecer a qualquer minuto.

Ok. Ele obviamente alucinava.

– Você está drogado?

Riu, amargo.

– Ah, por favor. Estas porcarias humanas não fazem efeito no meu corpo demoníaco. A única coisa que pode me prejudicar é você, anjo.

Anjo?

Caramba, ele delirava. Devia ser a reação à alguma droga pesada.

Teria saído de alguma festa e vindo direto para cá? Isso explicaria as lentes de contatos vermelhas... Devia ser alguma fantasia...

Ergui as mãos, tensa.

– Não me machuque. Você já teve a sua vingança.

– Eu não tive nem metade do que queria. – Aproximou-se, ameaçador.

Cambaleei para trás, apavorada.

Exton não era ele mesmo. Parecia doente, alucinado e perigoso.

– Rendrix, não faça nenhuma bobagem. Se você me ferir, vai parar na cadeia. Vai acabar com a sua vida.

– Minha vida acabou quando te conheci.

– Vá embora! Você está transtornado! Procure um hospital!

– Medicina humana não pode me salvar agora. Você me envenenou, sua maldita. Eu só tenho algumas horas de vida. E adivinha só? Quero passá-las te caçando. – Sorriso maléfico. – Quer jogar um jogo comigo?

– O quê? Não!

– Vamos, anjo. Seja boazinha e se torne a minha presa. Estou no leito de morte e esse é o meu último desejo. Não há nada que um demônio goste mais do que uma boa caçada. – Ele retirou um molho de chaves do bolso. – Tome. Esta é a chave do meu novo carro. – E jogou-a para mim.

Peguei-a no ar.

– Mas o quê...? Eu não quero nada seu!

– Não seja ingrata! Estou sendo um cavalheiro e te dando os meios para escapar. Fuja de mim por 24 horas. Neste meio

tempo, eu tentarei te caçar. Darei a você algumas horas de vantagem.

– Do que porra você está falando?!

– De uma brincadeira entre anjo e demônio, minha cara inimiga.

– Caramba, o que você usou?

– É só uma troca de favores. Você me presenteou com seu veneno, e eu te presentearei com o pior dia da sua vida. Vamos, o tempo está passando. Comece a correr.

– Exton, você não está bem. Procure ajuda. Eu não quero jogar esse jogo estúpido e infantil com você.

– Ah, mas você vai.

– Senão?

O olhos vermelhos reluziram, malignos.

– Senão eu te encontrarei. Cravarei minhas presas em sua carne de dentro para fora. Depois, voltarei para o inferno me sentindo vingado.

– Caralho – ofeguei. – Você perdeu mesmo a cabeça. Está falando absurdos.

– Oh, não, você sobreviverá. Vampiros não podem matar serafínicos. Mas não pense que irá se esquecer de mim. Eu voltarei para assombrar os seus sonhos com as memórias desta noite.

– Escute o que está dizendo. Você está delirando e...

– Acorda, garota! – cortou-me. – Isto é uma caçada! Cale a boca e fuja!

Ele avançou. Fui forçada a andar para trás.

– Pare! – colidi contra a parede.

Ficamos cara a cara. Ele socou os tijolos bem ao lado da minha cabeça, gritando mais alto:

– Eu mandei fugir, porra!

De perto, vi seus traços com clareza. Não eram lentes de contato, eram...

Os olhos dele.

Era real. Exton estava morrendo. Não tinha nada a perder e queria me levar junto.

Um instinto visceral gritou dentro de mim: *não é brincadeira! Ele vai te matar, corra!*

Passei por debaixo do seu braço. Saí correndo. Apertei o botão do controle e um veículo apitou ao longe.

Corri até o carro dele. Um Aston Martin vermelho e esportivo.

Entrei no banco do motorista e acelerei loucamente. O carro disparou em potência máxima.

Olhei pelo retrovisor e vi Exton sendo deixado para trás. Parado na chuva, com os punhos cerrados, observando-me ir embora pacientemente.

Isto é uma caçada. Eu lhe darei uma vantagem.

Ele estava imerso em algum delírio. Mas o perigo de sua ameaça era bem real.

Eu tinha duas convicções.

Primeiro, não poderia procurar a polícia. Nós dois éramos aberrações com muito a esconder. Teríamos que resolver aquela loucura sozinhos.

E, segundo...

Nada daquilo era brincadeira. Nossa disputa infantil virou algo bem mais sério.

E se ele me encontrasse, tentaria me matar.



base dos serafínicos

24 horas antes

Paciência convocou uma reunião emergencial.

Todos cancelaram os seus compromissos. Correram para a sala de conferências da casa.

Cinco membros chegaram. Agora, só faltava Castidade.

Humildade apavorou-se:

– O que está acontecendo?

Bondade sentou-se em seu lugar à mesa redonda, ansiosa.

– Só pode ser algo grande.

Paciência jamais interromperia um dia de trabalho...

– É mais que grande, é épico. – O líder se levantou, muito sério. – Não acredito que finalmente direi isso, mas... – retirou um panfleto do bolso. Colocou-o sobre a mesa. – Eu os achei.

Era um panfleto de campanha estudantil. Algum grêmio universitário estava promovendo eleições.

Todos falavam por cima um do outro. Ninguém entendia.

– Fui visitar Catz no campus do ITT, analisar seu progresso como professor da Domadora... E vejam o que eu encontrei.

Vote em Exton Rendrix, dizia o panfleto.

Abaixo, uma foto de um jovem homem. Cabelos escuros, olhos verdes, porte arrogante.

Temperança arfou, levantando-se.

– Meu Deus! Eu me lembro deste rosto! Cruzei com ele décadas atrás! Ele era um rei tribal no Zimbábue.

– Exato. Eu também me lembro dele. Esse vampiro assolou as colônias da África por duas décadas e fugiu de todas as nossas emboscadas. Ele é a Manifestação da Luxúria.

– É claro. Nunca esquecerei esse rosto. É a própria perversão.

Diligência correu a mão pelos cabelos, chocado.

– Não acredito que o encontramos. Nós tentamos detectar o rastro dele por anos... Ele se escondeu muito bem.

– Até hoje. – Paciência sorriu, animado. – E vocês sabem o que significa? Onde Luxúria está, os outros seis também estão. Instituto de Tecnologia em Dallas. É para lá que devemos ir.

Todos comemoravam.

"Nós encontramos os malditos! Não posso crer!"

"Como ele pode se expor de tal forma? Colocando o seu rosto em cartazes por toda a cidade? Que loucura. Fugitivos não fazem isso."

"Um erro de principiante."

"Ou não. É quase como se ele quisesse ser encontrado por nós."

– Mas é claro! – Diligência teve a epifania. – Não percebem? Ele está mor-

rendo! Vampiros só agem com imprudência quando estão no fim das vidas.

Mais debates.

"Faz sentido. Ele estuda no mesmo lugar em que nossa sétima. Por isso ela despertou tão cedo. Deve ter cruzado o caminho dele, e..."

"Precisou ativar os poderes para se proteger. Foi instintivo. Inconsciente."

"O que estamos esperando? Vamos pegá-los!"

– Fiquem calmos. – Paciência orientou. – Precisamos orquestrar uma armadilha inteligente. Se sentirem nossas presenças, irão fugir. E só Deus sabe quando os acharemos novamente.

– Discordo. – Temperança interferiu. – O fator surpresa é essencial. Estamos os caçando há tempos demais para esperar. Não podemos falhar.

Bondade levantou-se.

– Ela está certa. Vamos pegar nossas armas. Se sairmos agora, chegaremos em Dallas em duas horas.

Todos consentiram. Paciência suspirou. Era voto vencido.

– Certo. Vou ligar para o Catz e dizer que estamos indo.

Todos se abraçaram.

"Finalmente! Vamos livrar o Texas dessa horda nojenta! Nosso trabalho será cumprido!"

Paciência pegou o celular. Começou a discar o número de Catz quando, de repente, foi interrompido.

– Parem! – Catz entrou na sala, ofegante. – Seja lá o que estão pensando em fazer, não façam!

"Como chegou tão rápido? Você não estava no campus?"

Ele segurava uma mochila nos ombros.

– Eu dirigi para cá assim que recebi a mensagem da reunião. Não podemos atacar o clã de vampiros. – Retirou um papel do bolso. – Vejam, eu recebi uma carta da Ordem de Cima. Chegou hoje pela manhã. Nossos superiores planejam um destino diferente para o clã deles.

"Como assim? Estamos os caçando por séculos! Não podemos simplesmente deixá-los à solta."

"É uma oportunidade única de matá-los!"

– Não iremos matá-los, meus caros amigos. Iremos trazê-los para o nosso lado. Não será um extermínio... – abriu um sorriso esperançoso. – Será uma aliciação.

"Que loucura é essa?"

– Vocês não vão acreditar na missão que recebi. – Pousou a mochila sobre a mesa e abriu o zíper. – Os Superiores me mandaram entregar isto à Sétima quando for a hora certa. – Cuidadosamente, retirou o item da mochila.

Usava um pano para segurá-lo. Não podia colocar as mãos em algo tão sagrado.

Todos se espantaram.

"Não pode ser!"

"Ela é uma... uma...?"

– É. – Catz confirmou, olhos brilhando. – Ela não é uma serafínica comum. Veio com uma missão especial e por isso despertou tão cedo. Se matássemos os vampiros, outro clã deles seria enviado para ocupar o lugar. Teríamos poucos meses de paz. Sabemos como o equilíbrio da natureza funciona. Para haver o bem, precisa haver o mal. Por isso a Ordem de Cima tem outros planos para eles. Ou, mais especificamente... – apontou para o panfleto. – Para o vampiro que mais causou caos nos últimos séculos. O Manifestação da Luxúria. Ou, como ele se chama agora, Exton Rendrix.

– Espere – Bondade interrompeu. – Ele é a vítima dela?

– Ao que tudo indica, sim. Ela não veio a este mundo somente para espalhar a Caridade. Isabela é muito mais rara e especial. É uma Domadora de demônios.

Todos se entreolharam. Aquilo era inacreditável. Épico.

Paciência se sentou, testa franzida.

– Céus. Uma Domadora neste século? Faz eras que não vejo uma delas. É um fenômeno muito raro entre serafínicos.

– Por isso não podemos atacá-los. Devemos confiar no plano superior. Está bem óbvio que o destino daquele clã não é a morte, e sim outra coisa. Algo mais importante.

– Você está certo. Precisamos orientá-la às ocultas, sem interferir. Domadoras precisam descobrir seus destinos sozinhas. É a lei.

– Ela descobrirá no tempo certo. E eu estarei lá para ajudá-la de longe. – Catz anunciou. – Meu único trabalho é fazê-la encontrar a arma no momento certeiro.

– Sim, você está certo. O advento de uma Domadora muda tudo. Confiemos em nossos superiores. Eles têm um plano.

Todos pareciam felizes – exceto Humildade. Eles notaram o humor dela e a questionaram.

– Vocês não percebem? – ela se exasperou. – Domadoras não são bons presságios. Elas não vêm por acaso. São os últimos recursos. Sempre que uma delas nasce, algo sério acontece no mundo.

– Exato. – Catz tamborilou os dedos, pensativo. – E algo me diz que Isabela e o vampiro Rendrix estão no centro de tudo isso.

Capítulo sete

Dirigi pelo campus enlouquecidamente. Encharcada de chuva, chorando de medo.

Todo o meu corpo gritava: *corra para o mais longe possível! Saia do país!*

Mas era inviável. Meu passaporte estava no alojamento, e eu só tinha alguns trocados na carteira...

Furei sinais vermelhos, sem rumo. Não sabia para onde ir.

De repente, meu aparelho apitou. Tirei uma mão do volante e peguei-o no bolso. Havia recebido um SMS de um número desconhecido.

Assunto: *lugar seguro.*

– Espera, o quê?! – freei, brusca.

Parei no acostamento.

Abrí o texto. Havia um endereço e uma assinatura ao fínal. *Catz.*

E só.

– Mas que diabos?

Como aquele professor sabia do que eu precisava? E justo agora?

Olhei ao redor, apavorada.

Ele estaria me espionando? Seria um stalker? O quanto ele sabia sobre a minha rixa com Exton?

Porra. A paranoia me consumia. Liguei para o número, ninguém atendeu, então respondi à mensagem:

"Eu não sei o que você quer comigo", digitei. "Mas pare de me perseguir."

A resposta chegou imediatamente.

"Não sou o inimigo, Isabela."

"Vou denunciá-lo para a polícia."

"Nós dois sabemos que a polícia não pode ajudar. Não é assunto para humanos."

Fiquei pálida.

"O que você sabe sobre mim?"

"Muito. Sejamos diretos. Se quiser fugir, abrigue-se no meu lugar seguro. Será a sua única chance."

Em seguida, mandou o endereço novamente.

Enterrei o rosto nas mãos.

– Não pode ser. – Recomecei a chorar.

Como vim parar nesta situação?

Nada fazia sentido.

A aparência sobre-humana de Exton... O professor que sabia demais... A ameaça de morte sem poder recorrer à polícia...

Era absurdo. Desesperador.

De repente, meu celular vibrou de novo. Desta vez era uma ligação de um número desconhecido.

– Catz? – atendi. – Se for você, seu stalker, fale alguma coisa. Você precisa me dar explicações.

Mas era a voz de Exton.

"Não sei quem é Catz."

Ah, porra.

– Rendrix. Como conseguiu o meu número?

"Isto não vem ao caso. Por que ainda estou sentindo a sua presença por perto? Não lhe mandei fugir, cacete?"

Franzi a testa.

– Estou tentando.

"Tentando? Não sabe o que pretendo fazer com você? Eu sou um demônio e você é a minha presa, garota! Corra! Posso te farejar!"

– Eu não sei para onde ir!

"Argh. Não estrague o meu jogo. Assim você não vai durar nem 24 horas."

– Rendrix, pense no que você está fazendo...

"Não tem como eu ser mais claro que isso: corra ou vou te matar", e desligou na minha cara.

– Meu Deus.

Joguei o celular no banco e acelerei. Precisava fugir.

Não podia voltar para casa e nem procurar as autoridades. Não tinha como fugir do país e nem amigos a quem recorrer.

Aparentemente, somente o enigmático professor sabia como me salvar.

Então, dirigi.

Eu sabia onde ficava o endereço da mensagem. Tratava-se de um antigo galpão à beira da estrada. Lugar isolado, liame do deserto. Eu havia o faxinado meses atrás.

Uma coincidência bizarra.

Saí da cidade. Entrei na rodovia e cheguei à área desértica. Entrei numa estradinha secundária e serpenteante. Dirigi por duas horas e cheguei ao destino.

O galpão ficava num lugar ermo sem nada ao redor. Apenas deserto. Exton nunca me encontraria aqui.

Estacionei o carro aos fundos. Ele era berrante demais.

Olhei o relógio de pulso. Eram quase meia-noite. Só faltavam mais 22 horas da suposta caçada.

Santo Deus, como eu aguentaria até lá?

Saí do carro. Cheguei à porta principal e brequei. A fechadura estava trancada por correntes.

Entrei em pânico.

– Não! – chutei a porta e puxei as correntes, num ataque de frustração. – Abra, sua maldita!

Para o meu espanto, a corrente de ferro simplesmente se quebrou ao meio.

Caiu no chão, como se obedecesse ao meu comando.

Exalei.

– Como...?

Não, não fazia sentido. Já devia estar enferrujada ou quebrada antes da minha chegada.

Mas, de novo, não havia tempo para refletir.

Abri a porta e entrei. Tranquei-me por dentro.

O galpão era um depósito de antigas máquinas agrícolas. Agora, sob lonas e sem utilização.

Corri para os fundos. Escondi-me atrás de um dos carros. Sentei-me no vão entre o veículo e a parede. Enfiei o rosto entre os joelhos e abracei as pernas.

– Vai ficar tudo bem. – Tremia, falando sozinha. – Aguente vinte e duas horas. Sobreviva e essa loucura acabará.

Lá fora, trovões ressoavam, como se o mundo estivesse acabando. Uma noite nada típica do Texas.

Eu tinha muitas perguntas.

Por que Exton ficou obcecado por tal jogo sádico? Por que os olhos dele assumiram aquela cor? Por que ele estava tão terrivelmente doente e me culpando?

O que ele falou foi verdade? Foi o meu toque que o infectou? Eu era... Tóxica?

Céus. Se sim, nós dois éramos anomalias.

Eu não duvidava de mais nada. Minha vida nunca foi regida pela lógica.

A adrenalina diminuiu. Meu corpo reagia ao estresse. Sentia-me febril, suada e com palpitações.

Apesar das roupas molhadas, minha pele queimava. Havia um fogo ardendo em minhas vísceras. Não era doloroso, mas potente.

Algo acontecia comigo. Alguma mudança.

Fiquei encolhida ali, chorando e tremendo. Não sei quantas horas se passaram.

Em algum momento, adormeci.

Fui acordada por barulhos. Correntes sendo balançadas e unhas arranhando a porta. Vozes masculinas me chamavam lá de fora:

"Anjo...", tom sarcástico. "Saia para brincar conosco!"

Pareciam ser vários homens. Batiam à porta com socos e chutes.

"Venha aqui fora! Temos um irmão moribundo para vingar."

"Eu juro que não vai doer. Nossas presas são rápidas e afiadas."

"Só vai doer até você desmaiar..."

Risadas venenosas.

– Meu Deus. – Sussurrei, me levantando.

Fui encontrada.

Eu conhecia aquelas vozes. Eram os sete da Fraternidade.

Todos estavam envolvidos na caçada absurda de Exton. Ou entraram no delírio, ou eram criminosos. Minha intuição sempre esteve certa. Eles eram maus.

Peguei o celular do bolso e decidi ligar para a policia. Não daria tempo de ser salva – mas ao menos poderia identificá-los para as autoridades.

Se eu morresse, eles seriam presos. Minha memória seria vingada.

A porta chacoalhava. As dobradiças rangiam, em vias de se partir.

Eles estavam prestes a entrar.

Liguei a tela do celular. Assim que fui discar o número da polícia, recebi uma mensagem.

Era de Catz. Dizia apenas:

"Sua salvação está no porão."

O quê? Eu nem sabia que havia um porão nesta porra de lugar...

No ínterim, meus perseguidores acharam as janelas. Escalaram-nas e bateram nos vidros.

"Deixe-nos entrar!"

"Vamos brincar, serafínica!"

Entre elas, ouvi a voz de Exton:

"Anjo, eu trouxe os meus amigos. Abra a porta e venha brincar com os demônios."

Meu Deus. O que pretendiam fazer comigo? O que eles eram?

Liguei para a polícia, mas a linha estava ocupada.

Sem alternativas, corri para o fundo do lugar. Encontrei um alçapão no chão, escondido sob uma lona. Abri a entrada e a dobradiça rangeu. Liguei a lanterna do celular e desci a escadinha até a saleta.

Não havia absolutamente nada ali. Nenhuma caixa ou item armazenado, a não ser...

A não ser um instrumento na parede.

Preto, reluzente, dependurado em um gancho.

Franzi a testa. Aquilo era...

– Um chicote?

Meu celular tocou.

Levei um susto e deixei-o cair. Tateei no chão até encontrá-lo, e atendi com o coração disparado.

– Alô?

Do outro lado da linha, a pessoa foi direta:

"Você encontrou?"

Era a voz do professor Catz. O perseguidor maluco.

– Foi *isto* o que você deixou para mim?! – entrei em pânico, lágrimas caindo. – A merda de um chicote de circo? O que você acha que vou fazer com isso?

Vozes próximas. Sons de vidros quebrados.

Eles entravam pelas janelas.

Catz respondeu:

"Pegue o meu presente. Confie em mim."

– Você é louco! Isso é um jogo para você? Está confabulado com os meus captores? – exalei, caindo na real. – Ah, não. Você é um deles.

Só podia ser.

Como os sete me achariam neste fim de mundo? Apenas o professor poderia trazê-los até aqui.

E como ele estaria me vendo na saleta? Haveria câmeras no lugar?

Céus, eles eram uma quadrilha criminosa! Suas vítimas, provavelmente, mulheres imigrantes. Pessoas sem família de quem ninguém daria falta.

"Não posso falar mais nada, Isabela. Fiz o que pude, agora é com você. Preciso que tenha um pouco de fé em si mesma."

– Não! – arfei. – Não ouse desligar!

"Lamento, mas você precisa enfrentar isso sozinha. É o seu ritual de passagem."

– Catz!

"Só posso dar mais um recado... Quando a arma falar com você, escute-a."

E desligou na minha cara.

– Não! – solucei. – Não, não, não...

Lá de cima, proveio um barulho estrondoso. Os sete arrombaram a porta.

"Isabela...", chamavam lentamente. "Cadê você?"

"Não se esconda de nós", tom brincalhão e perverso. "Só queremos te machucar um pouquinho."

Encolhi-me num canto escuro. Disquei novamente o número da policia. Finalmente atenderam.

"911, qual é a sua emergência?"

– Meu nome é Isabela Hernandez – sussurrei. – Estou sendo atacada por sete membros de uma Fraternidade. – Detalhei seus nomes e o endereço. – Se algo acontecer comigo, eles serão os culpados. Entreguem meu corpo à minha família.

"Senhorita?", a polícial se chocou.

Não havia mais tempo. Desliguei.

Os captores já estavam dentro do galpão. A policia demoraria horas. O alçapão estava entreaberto, eles me encontrariam em poucos segundos.

Desisti da salvação. Só queria vingança.

Ouvi-os conversando:

"Ela não está em lugar nenhum. O instinto do Rendrix estava errado?"

"Impossível. Ele a sinalizou como caça."

"Olhem. Aquilo é um alçapão. Ela deve ter se escondido lá dentro."

Era isso. Eles me encontraram.

Eram sete. Eu, uma. Não tinha como me defender e nem nenhuma arma à vista. A não ser...

O ridículo chicote.

– Droga – fechei os olhos. – Tudo bem, Catz, você venceu.

Andei até a parede e toquei o acessório. No mesmo instante, arfei e recolhi a mão.

– Mas o quê...?

A coisa ardia em brasa! Queimou a minha pele!

Estendi a manga da blusa e o capturei pelo cabo. Coloquei-o no bolso frontal do moletom. Uma arma esdrúxula era melhor que arma nenhuma.

As vozes vinham de cima, super próximas:

"Achamos você."

Trinquei os dentes. Se eu fosse morrer, morreria lutando.

Subi as escadas e cheguei à superfície. Os sete cercavam a entrada do alçapão, espalhados pelo lugar.

Lágrimas de medo escorreriam por meu rosto. Apesar delas, mantive o queixo erguido.

– Estou aqui.

Quando me viram, abriram sorrisos.

– Vejam, meus amigos, a serafínica quer cair lutando. – Exton ironizou. – Que-

rem saber? Eu até gosto disso. Tornam as minhas últimas horas mais interessantes.

Eu tremia de medo. Todos os sete ostentavam olhos vermelhos, unhas afiadas e dentes estranhamente alongados. Realistas demais para serem fantasias de Halloween.

Eu não sabia *o que* eles eram – mas eram alguma coisa.

Algo mau.

Engoli o pavor para dizer:

– Você não vai vencer, Exton. Pode fazer o que quiser comigo. Ao final, vocês todos serão punidos. Já passei seus nomes para a polícia.

Dylan, o louro, riu.

– Relaxe, querida. Nós estaremos bem longe do Texas quando a polícia chegar. Só precisamos terminar com você.

Carter acrescentou:

– Na verdade, você estará nos fazendo um favor. Os serafínicos do Texas já nos identificaram, podemos sentir. É só uma questão de tempo para nos encontrarem.

Asher adendou:

– Vampiros não ficam no mesmo lugar por muito tempo. Sua captura é uma boa desculpa para mudarmos de estado. Dallas já estava ficando entediante.

Eles falavam absurdos.

– Vocês não vão se safar disso.

Tyler respondeu:

– Claro que vamos. Iremos sumir do mapa. Mas primeiro deixaremos um recadinho para o seu grupo de serafínicos... Quando eles roubam um dos nossos, nós roubamos um dos deles.

Não entendi uma palavra e não respondi. Apenas chorava em silêncio.

Axel falou:

"Sentem o cheiro do medo dela? É delicioso."

"Imagine o gosto...", Dylan adendou. "Nunca provei carne de anjo. Obrigado por essa última refeição, Rendrix. Até que a sua morte não será em vão."

Cerrei os punhos.

– Façam logo o que tem que fazer. Mas saibam que passarão o resto das vidas na cadeia. A polícia os encontrará. Minha memória será vingada.

Exton revirou os olhos:

– Me poupe, novata. Temos vampiros infiltrados na polícia. Estamos acima de autoridades humanas.

Agora, ele parecia horrível. Pele cheia de feridas, suado e destruído. Aparentava realmente estar à beira da morte.

Mesmo assim, ostentava um sorrisinho vingativo. Como se gostasse da situação.

– Você está perdido no próprio delírio, Rendrix. Enlouqueceu e arrastou os seus amigos com você. Não sei por que você me odeia tanto, mas eu espero realmente que esteja morrendo. – Limpei uma lágrima na bochecha. – Você é uma pessoa horrível. Não merece viver.

– Oh, eu vou morrer. Já aceitei o fato. Só quero dilacerar as suas vísceras antes. Você irá se recuperar, mas garanto que serei imortal em sua memória. – Sorriu mais, alucinado. – Não é um belo jeito de me eternizar?

Exton se prostrava ao meio do grupo. O líder.

Aquela era a vingança dele. Os outros, apenas capangas.

– Me mate logo e acabe com isso.

– Não posso te matar, serafínica. O que é uma pena. Eu adoraria te levar para o poço do inferno comigo. Mas, tudo bem, posso te machucar bastante e assustar seu clã. Já é vingança o suficiente para mim – e veio avançando.

Ele parecia um monstro. Olhos vermelhos, dentes à mostra. *Vou dilacerar suas vísceras.*

Meu coração disparou. Seria agora. Ergui os braços à frente do rosto para me proteger e...

Foi repentino.

Uma voz desconhecida retumbou em minha cabeça:

"Olá, anjo. Nós finalmente nos encontramos."

Tom masculino, profundo e sério.

No mesmo instante, o chicote em meu bolso ficou mais quente. Como uma coisa viva.

"Estou pronto para você", a voz insistiu. "Use-me."

Lembrei-me da mensagem de Catz. *Quando a arma falar com você, escute-a.*

Ou eu estava delirando, ou...

Um objeto inanimado falava comigo.

Exton estava a três passos de mim. Quando avançou para me alcançar, eu tomei a decisão. Fechei os olhos e peguei o chicote no bolso. Ergui-o no alto, gritando:

– Pare!

Foi instantâneo. Todos arfaram em horror.

Minha palma ficou quente. A arma emitia eletricidade em minha pele, parecendo uma parte de mim.

"Agora sim, Domadora", ela disse.

Abri as pálpebras, estupefata.

Não, não imaginei. Ouvi o cumprimento com muita clareza! Aquela coisa estava conversando comigo! Chamando-me de Domadora!

Os sete reagiam espantosamente. Encaravam o chicote com completo terror.

Alguns cairam no chão e se arrastaram para trás:

"Não me machuque!"

Alguns ergueram as mãos em rendição, colidindo contra as paredes.

"N-não chegue perto de mim."

E outros se escolheram contra as paredes, gaguejando:

"Perdoe-nos. Nós não sabíamos quem você era."

Mas o que era aquilo?

Dylan tremia, me fitando com temor.

"Perdoe-me, senhora", começou a chorar. "Perdoe-me... Se eu soubesse..."

Todos se afastaram ao máximo, como se eu fosse tóxica.

Todos menos Exton.

Ele me olhava fixamente, expressão arregalada. Não parecia me temer, e sim me contemplar. Como se me visse pela primeira vez.

"Vossa Reverendíssima", seus olhos se molharam em emoção. "A senhora me encontrou."

Naquele momento, eu soube.

Eu sou uma Domadora de Demônios. E este homem é a minha missão.

A certeza provinha de algum lugar superior. Uma inteligência profunda, ancestral. Para além da racionalidade.

Tomada por uma coragem insana, ordenei:

– Ajoelhe-se, aprendiz.

Exton obedeceu imediatamente. Pousou uma mão sobre o coração e abaixou a cabeça.

– Aqui estou eu, o seu servo fiel, Domadora.

Capítulo oito

Sentia-me confusa, porém estranhamente forte.

De repente, aqueles sete não me intimidavam mais. Eu era imbatível.

O chicote parecia uma extensão de mim. Éramos perfeitos um para o outro. Como se eu estivesse incompleta por todos estes anos até encontrá-lo. Quase um reencontro de almas.

A certeza me invadiu:

Sou uma Domadora. Essa é a minha identidade.

Não sabia o que significava. Apenas que era incrível.

– Rendrix – mandei – explique-me o que está acontecendo.

Ele ergueu o rosto para me olhar, atônito.

– A senhora não sabe?

Dylan murmurou:

"Ela não tem ideia de quão importante é..."

Rosnei para o louro:

– Eu mandei que falasse?

Ele se encolheu.

"Desculpe. Nunca mais falarei sem a sua permissão."

Ergui o queixo.

– Acho bom.

Era um equilíbrio delicado. Eu estava testando os limites do meu novo, hã, poder. Ou seja lá o que fosse.

– Posso não saber em detalhes o que sou, mas sei que sou forte. E não tenho medo de machucar vocês. Então, saiam da linha por um minuto e conhecerão a força do meu chicote. Eu fui clara?

"Sim", tremeram.

– Muito bem.

Enquanto todos pareciam ter pavor de mim, Exton mostrou uma reação diferente.

Não era medo. Era rendição.

Estranho.

Avistei Carter num dos cantos. Ele era pálido e de cabelos escuros. Aura esquisita, sempre calado. Recolhia-se contra uma parede com a cabeça abaixada. Parecia com medo, mas não descomposto como os outros.

– Você. – Apontei para ele.

Engoliu seco:

– Sim, senhora?

– Você é quem menos aparenta ter medo de mim. Diga-me a razão.

– Eu tenho dificuldades em sentir as coisas. Até o medo.

– Ótimo. Preciso de alguém em perfeito juízo para me explicar a situação. Você vai me levar para casa.

– Eu e você? Sozinhos?

– Sim.

– A senhora vai me machucar?

Quase ri da ironia. Um homem daquele tamanho com medo de mim...

– Não. Por enquanto. – Coloquei o chicote no bolso do moletom. – Levantem-se e se recomponham. Nós vamos para a casa. Estou exausta.

Todos se levantaram e me seguiram até a porta como cachorrinhos.

Notei que os olhos de Exton mantinham-se sempre cravados em mim. Mais atento e obcecado que os outros.

Saímos do depósito. Os carros deles estavam parados à porta.

Enquanto eu andava, o chicote "falava" em minha cabeça.

Vá para a casa dos monstros. Você precisa demarcar o território. Somente assim eles saberão quem é que manda.

Bizarro.

Parei de andar. Eles brecaram junto.

– Como sabem, eu fui expulsa do meu alojamento. – Anunciei. – E a culpa é de um de vocês.

Exton abaixou a cabeça, envergonhado.

– Eu sinto muito. Vou reparar o meu erro imediatamente.

– Não precisa. Eu vou morar na sua casa a partir de agora.

Todos quase se engasgaram.

– Algum problema?

"N-não."

– Foi o que pensei. Vocês me deixaram sem casa, logo terão que me abrigar. É o justo.

"Tudo por você, senhora."

Exton se aproximou, ansioso.

– Deixe-me te dar uma carona em meu carro. Tenho roupas secas e barras de cereais no porta-malas. Você deve estar faminta.

– Eu irei no seu carro, mas não com você. O Carter irá me levar.

– Ah. – Exton recuou, magoado. – Tudo bem.

Gostei de ver a dor em seu olhar. Era a mesma dor que ele me causou várias vezes. Bem-feito.

– Carter, venha. – Chamei-o. – Temos muito o que conversar na viagem.

Ele correu para o meu lado. Dei-lhe a chave do carro vermelho de Rendrix.

– Você irá dirigir.

– Como queira.

Os demais pareciam aliviados pela distância. Exton, decepcionado.

Eu dei a volta até os fundos do lugar. Achamos o veículo de Rendrix. Carter assumiu o lugar do motorista, e eu, o do carona.

– Para onde quer ir, senhora?

– Para a sua casa.

– Certo. – Ele acelerou.

Entramos na estrada desértica. Os outros entraram em seus veículos e nos seguiram. De repente, eu tinha uma escolta fiel.

– Pode falar agora – Carter anunciou. – Os outros não podem mais nos ouvir.

– Não me diga o que fazer.

O chicote no meu bolso acendia a minha coragem.

– Só estou tentando facilitar para a senhora. Sei que está perdida na sua própria identidade. – Carter me respeitava, mas não me temia tanto quanto os outros. Tinha compostura. – A senhora conhece a sua força, mas não conhece a própria história. Além do mais... – ergueu uma sobrancelha. – Sabemos que não quer discutir sobre suas fraquezas na frente do Rendrix.

Droga. Esse cara me lia com um olhar.

Grunhi:

– Temos duas horas até chegarmos em casa. Vocês parecem entender a situação melhor que eu. Tem um objeto inanimado dando ordens dentro da minha cabeça. Diga-me o porquê.

– Claro. Vou lhe contar tudo o que sei sobre sua espécie. Informações que seu grupo de serafínicos obviamente não compartilharam.

– O quê? Existe um grupo de pessoas como eu?

Serafínicos. Anjos. Vampiros. Demônios.

Ouvi muito essas palavras. Não sabia o que significavam.

Ele estalou a língua.

– Já vi que vai ser uma história longa. Se você pretende morar na nossa casa, deve saber quem eu sou. Meu nome real não é Carter, é Ira. Sou a Manifestação deste Pecado.

Ri, amargurada.

– Claro que é.

– Parece absurdo?

– Na verdade, não. E é por isso que estou rindo.

– Não sei se entendi.

Massageei as têmporas.

– Em qualquer outro dia, eu diria que você está delirando. Mas, olhe para mim agora. Tenho um chicote no bolso que fala comigo. Não estou em posição de duvidar da sanidade dos outros. Além do mais, eu vi os olhos e as garras assustadoras de vocês.

As aberrações sumiram assim que meu chicote apareceu. Eu vi com meus próprios olhos.

Não eram fantasias.

– Ah. Aquilo foi um toque dramático. Ideia do Exton para te assustar.

– Claro que teria o toque daquela mente diabólica...

Carter me olhou de soslaio, cuidadoso.

– Por falar no Exton, você sabe que ele se tornou o seu Do...

– Pare. – Cortei-o. – Eu não quero falar do idiota do Rendrix. Quero falar sobre mim. Você parece saber muito e não entrar em pânico na minha presença. Foi por isso que eu te escolhi como motorista.

– Sim.

– Pode começar a confessar. Quem diabos são vocês?

– Escolha interessante de palavras. Vai ser difícil explicar.

– Então vou facilitar. *O que sou eu?* E quem é este grupo que deveria estar comigo?

Catz seria um deles? Porque isso explicaria muita coisa.

– Vamos começar do começo, senhora. – Ele virou em uma curva fechada. – O que você sabe sobre uma espécie denominada como "serafínicos"?

– Nada.

– Pois bem. A história começou com a guerra entre os Sete Pecados e as Sete Virtudes...

***

Estacionamos à porta da Fraternidade.

– Não! – saí do carro, batendo a porta. – Cem por cento não! Eu me recuso a ouvir mais!

– Senhora! – Carter saiu logo atrás de mim, seguindo-me pelo jardim.

Paramos à porta principal da casa.

– Não, nem tente. Não quero mais ouvir. O que você está falando é insanidade.

Naquele momento, vários carros estacionaram na rua. Os outros seis membros desceram.

– É mesmo? – Carter destrancou a porta, suspirando. – Ou você simplesmente não quer que seja real?

Trinquei os dentes. Ele captava tudo.

– Não interessa. – Entrei na casa. – Vocês têm quartos de hóspedes?

– Não.

Eu sabia. Só não estava raciocinando direito. Foi uma viagem absurda.

– Arrume um lugar para mim neste antro do maldade. Preciso de um banho.

Naquele exato momento, Exton chegou à sala:

– Ela pode ficar com o meu quarto.

– Resolvido. – Desviei o olhar.

Era estranho estar perto do Rendrix. O jeito com o qual ele me olhava, com tanta atenção e ansiedade, como se eu contivesse as respostas do seu mundo...

Não sei. Deixava-me desconcertada. Eu quase preferia o seu ódio.

– Estou indo me deitar, não me incomodem. – E me virei para subir as escadas.

– Espere! Senhora!

Não parei.

"Shh", ouvi Carter interromper Exton. "Você está a assustando."

Entrei no corredor do segundo andar. Infelizmente, minha nova audição potente captava tudo.

Exton parecia frustrado.

"Mas ela é a minha Domadora. Preciso ficar perto dela, ou ruirei."

"Eu sei. Só que esse vínculo é tão assustador para ela quanto para você."

"Orbitá-la é a minha natureza agora."

"Pois mande a sua natureza pegar leve. Ao menos nos primeiros dias."

A natureza dele?

Entrei no quarto de Exton e me tranquei lá dentro.

– Merda. – Grunhi, coração acelerado. – No que eu fui me meter?

Corri para a suíte. Tomei um banho demorado e me enrolei num roupão.

Era manhã. Fechei a cortina e o quarto caiu no breu.

Deitei-me na cama de Rendrix. Os lençóis emanavam o cheiro dele. Tudo naquele quarto era sobre ele.

– Droga. – Fechei os olhos. – Saia da minha cabeça.

Tentei dormir, mas foi em vão.

As explicações de Carter retumbavam em meu cérebro. Reais demais. Perturbadoras demais.

– Não pode ser. – Eu me mexia, em estado de negação. – Eu não sou um ser celestial, por favor.

Não poderia ser real. Simplesmente não.

Na viagem, Carter contou tudo o que sabia sobre a minha espécie.

"Os Serafínicos."

Uma linhagem de criaturas celestiais. Anjos-voluntários que encarnavam na Terra em prol do bem.

Serafínicos trabalhavam anonimamente, espalhando as Sete Virtudes. Ajudavam seres humanos a viverem uma vida digna e moral. Combatiam as influências do mal e caçavam vampiros.

Sim, vampiros. Era assim que os sete se autodenominavam.

Os serafínicos também operavam em grupos de sete. Cada civilização possuía um número grupos, dependendo da demanda.

Nos EUA, havia vários grupos de serafínicos infiltrados entre a população normal. Eles eram Castidade, Bondade, Diligência, Paciência, Humildade, Temperança e Caridade.

E eu, aparentemente, era um deles. A manifestação de uma virtude.

Não precisava ser nenhum gênio para deduzir. Todos os meus episódios de doação compulsória me levavam a conclusão...

Eu era Caridade.

– Caramba. – Enfiei a cabeça no travesseiro, aos prantos. – Não pode ser verdade.

Se Carter estivesse certo, eu era uma criatura celestial. Só que não me sentia nada celestial. Apenas caótica e perdida.

Não. Fazia. Sentido.

No entanto...

Como explicar minha nova força? Meus novos sentidos aguçados? E essa coragem feroz pulsando no meu peito, como se nenhum daqueles monstros pudesse me machucar?

Não. A antiga Isabela jamais estaria aqui, na cama de Rendrix, sem nenhuma gota de culpa.

Eu era alguma coisa a mais.

Humanas tínham medo de vampiros – já serafínicos, não. Nós nãos os temíamos porque os caçávamos.

Não éramos suas presas. Éramos seus predadores.

Que loucura.

Se eu era Caridade, onde estavam as outras seis virtudes? O meu grupo? Por que eles me deixaram sozinha para combater sete malditos demônios?

Catz não atendia mais. Seu número foi desabilitado.

Argh. Obviamente ele era alguém do meu grupo. Foi ele quem me levou ao chicote, afínal.

Por que meu grupo me deixou enfrentar, sozinha, tamanha loucura?

Eu havia deixado o chicote debaixo do travesseiro. Não queria me afastar dele.

– Eu não quero ser o que eles dizem que sou... – murmurei.

A voz respondeu dentro da minha cabeça:

"Você é o que é. Aceite o seu destino."

– Mas vai ser tão dificil...

"Eu vou lhe guíar por todo o caminho. Confie em mim, Domadora. Nós dois trabalharemos bem juntos."

Massageei as têmporas.

Que ótimo. Eu, conversando com um objeto inanimado.

– A que ponto eu cheguei?

Se Carter estivesse certo, aquela era uma casa perigosa. Morada de criaturas antiquíssimas e perversas.

Eles haviam vivido várias vidas. Usavam identidades falsas, enganavam a todos, e andavam em grupo de sete. Eram imortais, estrategicamente belíssimos, e muíto espertos. Alimentavam-se do mal

que causavam no mundo. Sugadores de energias. Por isso passaram a ser chamados de "vampiros."

Não tinha nada a ver com sangue. As histórias floresceram e inventaram muita coisa.

Vampiros eram o oposto dos serafínicos. As manifestações dos pecados. Ou das coisas que haviam de errado no mundo.

Exton era manifestação da Luxúria.

Bom, isso explicava a obsessão das garotas do ITT.

Para Carter, Exton foi o meu gatilho. Nosso embate acendeu a minha natureza celestial.

E tinha mais. Eu não era apenas celestial, era uma raridade. Uma casta superior de serafínica, uma Domadora.

Basicamente, Domadoras eram as serafínicas mais letais do mundo. Elas surgiram para domar demônios especialmente cruéis. Aqueles com níveis de perversidade e agilidade fora do alcance dos soldados normais. Fugitivos de séculos.

Domadoras eram os últimos recursos. As soldadas de elite.

Anjos eram espertos. Se não podiam ganhar através da guerra, ganhavam através do amor.

Para tanto, Domadora e Domado criavam um laço especial. Uma conexão psíquica. O demônio domado ficava perpetuamente conectado à sua Domadora. Adorando-a, servindo-a, preso numa névoa de amor.

Ou seja, à mercê de suas vontades.

O demônio a amava. E a Domadora aceitava aquele horrível sentimento em nome de sua missão.

Contê-lo. Doutriná-lo. Levá-lo ao caminho correto.

Existiram pouquíssimos Domadores na História. Apenas serafínicos muito evoluídos e altruístas se voluntariavam para o cargo. Afinal, que anjo queria ficar ligado a um monstro para sempre?

Era um plano frio e perfeito. Duas criaturas de naturezas opostas presas por um vínculo emocional bizarro.

O demônio era domado pelo víncuio. O anjo, fazia o sacrifício de contê-lo.

Era um fardo e uma prisão. Tanto para Domadora quanto para Domado.

A situação estava óbvia. Rendrix foi o único que se ajoelhou e prometeu lealdade eterna.

Ele era o meu Domado.

– Argh. – Virei-me para o lado, bufando.

Dei de cara com o meu chicote no outro travesseiro. Ele parecia zombar de mim.

Olá. Sou sua conexão perpétua com Exton.

Sim, ele era tão imparável que precisou de uma soldada de elite para domá-lo. E eu era aquela designada ao cargo. Forjada no fogo dos céus para isso.

Não havia como fugir. Era a minha missão, meu fardo.

– Não dá... – suspirei, voz embargada. – Não posso viver assim.

De repente, alguém bateu à porta.

"Isabela?"

Paralisei.

Ah, não. Eu conhecia aquela voz.

– Vá embora, Exton. Não quero falar com ninguém.

Mentira. Só não queria falar com ele. A força do nosso vínculo me assustava, e eu não sabia como agir.

"Eu trouxe comida. Foram horas de perseguição, você deve estar faminta."

Meu estômago roncou. Droga. Ele tinha razão.

A adrenalina das últimas horas me impediu de sentir fome. Meu novo corpo requeria muito mais energia.

Levantei-me à contragosto.

– Estou indo.

Apenas a comida me convencia.

Abri a porta. Exton estava do outro lado, segurando uma bandeja de comida. Cabelos molhados, roupas casuais. Devia ter se banhado no chuveiro de um dos amigos.

Peguei a bandeja.

– Valeu. – Coloquei-a na mesinha ao lado. – Se for só isso... – e comecei a fechar a porta.

Ele espalmou a porta, parando-a.

– Espere – expressão séria. – Precisamos conversar.

– Não quero falar com você.

– Por que não? Não somos mais inimigos. A situação mudou.

– Mas eu não esqueci as atrocidades que você fez para mim.

– Tem que me perdoar. Eu não tinha ideia do que estava fazendo. Era apenas um vampiro idiota sem freios e sem dona. Mas agora tudo mudou. – Voz orgulhosa.

– Finalmente a minha Domadora está aqui para me nortear.

Franzi o cenho.

– Você gosta disso?

Pigarreou, desviando os olhos.

– São sentimentos controversos.

– Não vejo como.

– Você não entenderia. – Ele correu os olhos por meu corpo. Algo reluziu em seus olhos. – Você está confortável nas minhas roupas?

Eu usava seu roupão, completamente nua por baixo.

– Hã, sim. – Fechei mais o roupão.

– E o meu quarto? É do seu agrado?

– Dá para o gasto.

Uma baita mentira. Jamais havia dormido numa cama tão confortável.

– Esplêndido. Tudo o que é meu agora também é seu.

– Ah, qual é? – massageei a testa.

– O que foi?

– Pare de falar essas coisas, Rendrix. Não vamos deixar a situação ainda mais estranha.

– Não tem como não ser estranho. Você é a minha Domadora e eu sou o seu

Domado. Teremos que aprender a viver com isso.

– Precisarei de uns dias para digerir.

– Imagino que Ira já tenha te explicado tudo...

– Quase tudo.

– Se você quiser saber mais detalhes, posso contar. Eu ajudo no que for preciso. Peça e eu lhe darei.

– Certo, certo. Já entendi. Você é o meu servo fiel e coisa e tal. Apenas pare de ficar me rodeando.

– É você quem está me rodeando, senhora. – Sorrisinho malicioso. – Está no meu quarto, usando as minhas roupas. O vínculo funciona dos dois lados. Somos ímãs um para o outro. Eternamente ligados pelo destino.

– Qual a parte do *não seja estranho* você não entendeu? Estou hospedada no seu quarto momentaneamente. Só até achar um lugar para mim.

– Duvido muito. Seu grupo não vai te deixar partir. Você é o mecanismo de controle de sete vampiros ferozes. Está presa à nós para sempre.

– Meu grupo não manda em mim. Eles nem se deram ao trabalho de aparecer. Estou sozinha.

Ele deu um passo à frente, olhar ansioso.

– Não mais. Estou aqui por você, senhora. Posso te guiar, te amar e te proteger.

Pigarreei.

Caramba. Aquele homem era mesmo o representante da Luxúria. Ele acendia todo o meu corpo.

Baiancei a cabeça.

– Vá dormir, Rendrix.

– Com você?

– O quê? Não!

– Então, onde?

– Sei lá. Se vira. Deve haver uma cama no quarto de algum dos seus companheiros.

– Vai me expulsar do meu próprio quarto?

– Pensei que ele fosse meu agora. Você não disse que "tudo que é seu, é meu"?

– E é. Mas também é tradição que o servo durma com a sua senhora.

Exalei.

– Não vou te convidar para dormir comigo na cama!

– Não quero dormir na sua cama. Não esperaria tamanha honra. Só quero dormir aos seus pés.

– O quê?!

– Posso dormir no fim do colchão ou no tapete ao lado da cama. Não importa. Só preciso ficar perto de você.

Meu queixo caiu. Aquele homem enorme e arrogante estava pedindo para...

Não. Impossível.

– Está louco, Rendrix? Você não é o meu animal de estimação.

Ele franziu a testa.

– Não zombe de mim. Não pedi para sentir o que sinto. Só quero ficar perto de você.

– A resposta é não – e voltei a fechar a porta.

Novamente, ele a interceptou com o braço.

– Na verdade, senhora, não estou sendo totalmente honesto.

– Então fale de uma vez.

– Não quero dormir com você, *preciso* dormir com você. É um sintoma do vínculo.

– Não ligo para o que você precisa. Nós não somos amigos. Não tenho que te fazer favores.

– Estou morrendo.

Paralisei.

– O que disse?

Ele fechou as pálpebras por um segundo, arrasado.

– Estou morrendo, Isabela. Não sei quanto tempo me resta. Estas podem ser as minhas últimas horas. Deixe-me passá-las com você.

– A culpa é minha? Eu... Eu te intoxiquei com o meu toque?

Ele não respondeu. Apenas me encarou com tristeza e resignação. Aparentava já ter aceitado.

Engoli seco. Então era verdade.

– Tem cura?

– Não.

– Então você está condenado?

– Sim. Dê-me algumas últimas horas de felicidade.

– E quer passá-las comigo?

– Não há nada melhor para um Domado que passar tempo com a sua Domadora. Deixe-me entrar e dormir aos seus pés. É só o que peço.

Mordi o lábio, confusa e penalizada.

– Tudo bem. – Saí do caminho. – Pode entrar.

Ele entrou. Pegou uma almofada, a manta que cobria a cama e deitou-se no tapete aos pés do colchão. Enrolou-se ali e fechou os olhos.

– É assim que você vai passar suas últimas horas?

Ainda de olhos fechados, ele respondeu.

– Ficar perto da minha Domadora é tudo o que eu preciso para ter paz. Não há morte melhor.

Fiquei encarando a cena. Um nó na garganta.

Pensei que eu não sentiria nenhuma falta de Exton Rendrix, mas vê-lo morrer lentamente...

Não sei. Deixava-me arrasada. Coisa que jamais admitiria.

Perdi o apetite. Deitei-me na cama e tentei dormir, mas só conseguia me concentrar na respiração dificultosa de Exton. O veneno devia estar chegando aos pulmões.

Tentei reviver o sentimento de vingança e não consegui. Vê-lo morrer não me causava nenhuma satisfação.

Exton rapidamente caiu no sono. Parecia fraco demais para resistir.

Encolhida na cama, eu repetia mentalmente: *ele é um monstro. Você fez um favor ao mundo ao envenená-lo. Não sinta compaixão.*

Uma serafínica deveria estar feliz com a morte de um demônio, não é? Sobretudo de um espécime que havia destruído a minha vida em tantos níveis.

Porém, aqui estava o perigoso monstro...

Deitado aos meus pés, implorando por uma última noite perto de mim.

Inimigo ou não, eu não conseguia sentir nenhuma alegria.

Capítulo nove

Acordei com o despertador.

Meu celular apitava em algum lugar do quarto.

– Merda – me sentei.

Encontrei-o debaixo da cama, no bolso da calça jeans. Havia desovado minhas roupas em qualquer lugar.

O celular marcava uma da tarde. Era sábado. Eu teria que fazer uma faxina às 14:30h.

Desliguei o alarme e me levantei. O quarto estava escuro. A cortina de Exton era pesada e...

Ah, porra! Exton!

Ele ainda estaria por aqui?

Deslizei até o fim do colchão e conferi o tapete aos meus pés.

Ele permanecia no mesmo lugar de horas atrás, encolhido sob um cobertor. Havia dispensado o travesseiro e apoiava a cabeça num pano dobrado. Era...

O meu moletom?

Meu queixo caiu.

Ele se abraçava à minha roupa ferozmente, tal como um animal de estimação com saudades do dono. Mesmo adormecido, enterrava o nariz ali, buscando meu cheiro.

Alguém bateu à porta.

"Senhora?", reconheci a voz de Dylan. "O almoço está pronto."

"Estou saindo", respondi.

Exton ainda dormia profundamente. Provavelmente, sem forças para acordar.

Não tinha roupas limpas. Portanto, enrolei-me melhor no roupão, fui ao banheiro e lavei o rosto.

Tentei sair do quarto pé ante pé. Quando passei ao lado de Exton, algo agarrou o meu tornozelo.

– Aonde vai?

Dei um gritinho.

– Ei! Você me assustou!

Exton segurava meu tornozelo. Mão fria, olhar sério.

– Desculpe. – Ele me soltou. Sentou-se, parecendo cansado. – O sentimento de posse é instintivo num Domado. Sua ausência me deixa angustiado.

– São uma da tarde. Vou descer para o almoço. Tenho que sair para o trabalho.

– Tudo bem. – Ele correu uma mão pelos cabelos, se situando. – Eu vou me recompor e lhe dar privacidade. – Levantou-se. Pegou meu moletom e dobrou-o sob um braço. – Posso ficar com isto?

– Hã, para quê? É só uma blusa velha.

Ele a agarrou contra o peitoral.

– Mas tem o seu cheiro. É importante para mlm.

Dylan bateu à porta de novo.

"Senhora, você vem?"

– Os vampiros da casa estão te esperando. – Exton explicou. – Eles só podem comer com a sua permissão.

Que bizarro.

"Já estou indo!", gritei.

Ele olhou para o moletom.

– E então?

– Não cheire as minhas roupas, Rendrix. É estranho.

– Nós dois sabemos que eu vou pegar algo seu na máquina de lavar. Prefere que os outros vejam?

– Certo. – Bufei. – Pode ficar com essa porcaria. Só não conte para ninguém.

Ele sorriu, vitorioso.

Saí às pressas. Cheguei ao andar de baixo, e todos já me esperavam à mesa da copa. Deixaram um lugar de honra para mim, na cabeceira.

Sentei-me com eles. Observei a mesa farta.

– Quem cozinhou isso tudo?

"Nós", responderam.

– Vocês sabem cozinhar?

"Claro. Só parecemos jovens universitários, senhora. Somos bem mais velhos do que todas as criaturas que andam pelo mundo."

"Conhecemos todos os tipos de culinária. Diga-nos o que quiser comer e prepararemos."

Peguei uma batata com um garfo.

– Isto não está envenenado, né?

Ofenderam-se tremendamente.

"Claro que não!"

"Sem chance!"

"Nós preferimos a morte a ferir nossa Domadora..."

– Tá bom, tá bom. Eu acredito, não precisam surtar.

Notei que o grupo me esperou dar a primeira garfada para começar a comer. Como um protocolo hierárquico. Também reparei que, agora, todos falavam comigo com deferência e devoção.

Enquanto eu dormia, eles organizaram a minha vida.

Avareza pagou meus aluguéis atrasados. Preguiça colocou meus pertences – anteriormente deixados na rua – num de-

pósito seguro. Deu-me a chave e pagou um ano de aluguel antecipado. Soberba trouxe minhas malas de roupas para cá. Inveja revogou a ordem para me afastar dos trabalhos do campus. Já Ira foi atrás do meu carro "doado" e localizou o homem que ficou com ele. Ressarciram-no com algum dinheiro e conseguiram o meu carro de volta.

– Está na nossa garagem. – Dylan finalizou. – Mandamos lavá-lo e enchemos o tanque de gasolina.

Eu ouvia os relatos, perplexa. Era como ter seis assistentes pessoais trabalhando de graça para mim...

Terminei de comer e limpei os cantos da boca.

– Muito bem. – Levantei-me. – Já terminei.

Todos se levantaram em conjunto, ansiosos, como se fosse uma espécie de rainha.

"Quais são as ordens para hoje, senhora?"

"O que vamos fazer?"

"Podemos te ajudar em alguma coisa?"

Toda aquela atenção era atordoante.

– Hum, não. Eu vou sair para trabalhar. Aparentemente ser um anjo guerreiro não paga os meus boletos. Apenas façam suas obrigações e não arrumem problemas. Não quero ter o trabalho de ter que puni-los mais tarde.

Todos abaixaram as cabeças, amedrontados.

"Sim, senhora."

– Ah, e mais uma coisa... Alguém precisa levar comida para o Rendrix. Ele não come desde ontem. Levem também alguns remédios. Ele não parece bem.

Trocaram olhares sombrios.

– Considere feito. – Ira garantiu.

O clima estava mórbido. Nós sabíamos que comida não ajudaria. Não existia remédio.

Exton estava morrendo.

***

Levaram minhas malas para o quarto de Rendrix. Ele não estava mais lá.

Tomei um banho rápido e me aprontei. Na hora marcada, saí para trabalhar. Levei o chicote na bolsa, torcendo para não ser parada numa blitz.

Seria difícil explicar.

Hoje, iria faxinar o Dom's. A lanchonete universitária. O dono gostava do local limpo antes de abrir.

Eu estacionei à porta. Tinha a chave e entrei. Caminhei direto para o banheiro de empregados. Queria colocar uma roupa mais confortável e começar a faxina rapidamente.

Quando voltei ao átrio, deparei-me com o inesperado.

Alguém bateu a campainha.

– Estamos fechados. – Comecei a abrir a porta. – Volte às 19 horas e...

Parei no meio da frase, surpresa.

O visitante era Exton. Bolsas sob os olhos, feições péssimas.

– Você.

– Oi.

– O que está fazendo aqui? Não devia estar na cama?

Deu de ombros.

– Repouso não irá melhorar a minha situação.

– Mas você está um lixo. Vá para um hospital.

– Também não será útil para mim. Pensei em vir te ajudar.

– Ajudar em uma faxina?!

– É melhor do que ficar em casa esperando a hora sombria. Quero passar o tempo que me resta com você.

– Mas estou trabalhando.

– Eu posso trabalhar com você.

– Você já varreu alguma coisa na vida?

Começou a entrar, repentinamente animado.

– Ficaria surpresa.

Ele pegou o esfregão e rodo.

– Você fica com as mesas, e eu, com o trabalho pesado.

– Tem certeza de que não quer ver o pôr do sol? Ou alguma coisa que as pessoas fazem no leito de morte?

– Não sou sentimental.

Fechei a porta, murmurando:

"Disse o cara que dormiu agarrado ao meu moletom..."

Ele ouviu:

– Você é a minha exceção.

Pigarreei. Não era para ele ter ouvido.

– Menos conversa e mais limpeza. O dono repara nos detalhes.

Meu empregador surtaria se visse aquela cena. O poderoso-cliente-influenciador esfregando seu chão, simplesmente por não ter nada melhor a fazer com suas últimas horas.

Mesmo cansado, ele não me deixou tocar no rodo. Só fiquei com os trabalhos mais suaves.

As horas foram passando. Limpamos o lado de fora e passamos para a cozinha.

Exton lavava as louças. Eu enxaguava e secava. Estávamos lado a lado na pia, trabalhando em silêncio. Ele parecia péssimo, ofegante e suado. Mesmo assim, ostentava um sorrisinho satisfeito.

Cortei o silêncio.

– Como é a sensação?

– De quê?

– Bem... – suavizei o tom. – De estar prestes a morrer.

– Não é gostoso. Mas estou feliz.

– Você não pareceu nada feliz uns dias atrás, quando prometeu destruir a minha vida.

– Eu não sabia o que estava falando. Foi antes de saber quem você era. Agora, eu

finalmente consigo ver a situação com clareza. Você não foi a minha destruição, foi a minha salvação.

Franzi o cenho.

– Ok, acho que você está com febre. Não está falando coisa com coisa.

Sorrisinho enigmático.

– Estou doente para caralho. Mesmo assim, me sinto muito são. Como nunca antes na vida.

– Não entendo.

– Eu explico. – Ele me passou um prato limpo. – Vivi muitos séculos perdido em maldade e fúria. Meu único objetivo era espalhar o mal. Então eu me deparo com esta luz no meu caminho, nos meus momentos finais, e de repente a minha vida tem um novo sentido. Servir à minha Domadora, protegê-la e fazê-la feliz. Parece tão bom e tão certo. A sina de um vampiro é ser extremamente sozinho, pois não há amor disponível para criaturas como nós.

– E os seus companheiros de casa?

– São apenas colegas de trabalho. Devoraríamos uns aos outros se o ato pudesse nos ajudar no ofício.

– Céus.

– Pois é. Estamos sempre furiosos, frustrados e sozinhos. Mas agora eu não

estou mais sozinho. Consegui experimentar o amor, ainda que por poucos dias. – Desviou o olhar. – É disso que os seres humanos falam em seus livros e canções piegas? – riu, reflexivo. – Ora, ora. Eu finalmente entendi.

– Você não parece triste por estar morrendo.

Sinceramente, eu me sentia mais afetada que ele.

– Não estou. Desde que você esteja ao meu lado, posso enfrentar qualquer coisa.

– Onde estava este Rendrix gentil quando nos conhecemos?

– Perdido no fardo da maldade.

– Você parece outra pessoa.

– Eu vi a luz. Você me mostrou.

Estreitei as pálpebras, intrigada.

– Você sabe que está sendo manipulado, não sabe? O sentimento não é real. O vínculo com a Domadora é forjado para te conter e te prender. Significa que a Ordem lá de Cima já tentou de tudo para te parar, mas falhou. Eu sou a última arma.

– Estão me freando com a munição mais poderosa que conhecem... O amor. Sim, eu sei.

– E não parece ressentido.

– Não estou ressentido, estou grato. De que outra forma um demônio como eu poderia experimentar tal sentimento?

Mordi o lábio e olhei para a pia.

– Exton?

– Hum?

Tive que reunir coragem para perguntar:

– Este vínculo entre nós... Não é nada romântico, é?

Riu.

– Não. O que eu sinto por você é uma profunda devoção. Uma admiração.

– E o que significa, exatamente?

– Só me sinto satisfeito quando estou perto de você. Anseio por sua aprovação e os seus ensinamentos. Eles são como respirar. Não preciso mais sugar a energia dos humanos para viver. Apenas a sua presença me alimenta.

Encarei-o por um longo tempo.

Ele ficou intrigado.

– Por que está me olhando assim?

– A calma com a qual você fala... A paz da sua expressão... Não sei, você parece outra pessoa.

– Eu me *sinto* como outra pessoa. Todo o ódio se foi, porque a devoção por você ocupou o lugar sombrio no meu peito. Pela primeira vez, me sinto pleno.

Fiquei tensa.

– Essa história de devoção...

Ele riu.

– Não se preocupe, não é na concepção romântica. É claro que muitos Domados acabam desenvolvendo, hã, afeições românticas por suas Domadoras. Mas nunca dá certo.

– Por que não?

– Pois apenas o meu coração terminaria em pedaços. Jamais ousaria tentar seduzir a minha Domadora. Para mim, você é intocável. Uma alma tão pura quanto a sua não cairia na minha teia. – Fechou a pia, sorrisinho triste. – Enfim, este é um romance que só existiria nos meus sonhos. Muitos Domados terminam com corações partidos. Não quero ser mais um deles. Estou satisfeito em apenas poder orbitar em torno de você.

Aquela conversa estava me deprimindo.

– Acho que terminamos. – Tirei o avental. – Vamos fechar o lugar. O dono e os clientes irão chegar em breve.

– Certo. – Fechou a torneira. – Eu vou guardar os materiais de limpeza e... – parou no meio da frase.

De repente, começou a tossir freneticamente. Inclinou-se para a frente, cobrindo a boca com uma mão.

Estendi a mão para ajudá-lo, mas hesitei. Tive medo de tocá-lo. E se eu o envenenasse mais?

– Exton?

Mais tosses.

– Ah, meu Deus...

– E-estou bem...

Porém, no meio da frase, começou a tossir sangue. O liquido escorreu entre seus dedos. Ele perdeu a força e caiu de joelhos. Veias ressaltadas, tosse aguda.

Arregalei os olhos:

– O que eu faço?!

– Está na hora.

– Não! Você ainda tem mais algum tempo!

– Tudo bem. Estou pronto para morrer. – Sorriso pacífico. – Apenas fique do meu lado – e desmaiou.

***

Fiquei desesperada. Comecei a chorar compulsivamente.

Havia deixado meu celular carregando na casa. O telefone do bar não funcionava. Não tinha como chamar uma ambulância.

Teria que carregá-lo por mim mesma.

Usei toda a força para erguer o corpo de Exton. Sangue vazava de sua boca e nariz. Ele estava se desfazendo por dentro!

Meu carro estava estacionado na rua vazia dos fundos. Arrastei Exton para lá e o joguei no banco de trás. Voltei ao lugar, limpei o sangue e tranquei a porta. Depois, dirigi loucamente para a Fraternidade.

Cheguei na casa. Entrei às pressas e encontrei dois vampiros na sala de estar. Cole e Axel jogavam videogame.

"Ei, vocês!", soluçava, arfante. "Preciso de ajuda!"

Eles largaram tudo imediatamente.

Pegaram Exton no carro e o levaram para o quarto. Colocaram-no na cama dele. Os outros vampiros foram chegando.

Insisti para que o levássemos ao hospital. Ninguém concordou. Medicina humana não entenderia a força do nosso DNA. Não salvaria Exton, e poderia nos expor.

Alguns trouxeram panos úmidos para apaziguar a sua febre. Outros, travesseiros macios para deixá-lo confortável.

E foi só.

Não havia mais o que fazer. Somente esperar.

Os vampiros se sentaram na sala. Eu não consegui me afastar.

Fique ao meu lado, foi o seu último pedido.

Sentei-me no colchão dele. Lágrimas escorrendo compulsivamente.

O que estava acontecendo comigo? Por que a morte de uma criatura me deixava tão destruída? Seria efeito do nosso vínculo?

Exton dormia sem paz. Suor brotando da testa, eventuais espasmos horríveis de dor. Não conseguia mais acordar.

Tinha sonhos delirantes e febris.

"Isabela...", murmurava. "Fique comigo..."

Era *muito* triste.

Naquele momento, pássaros bateram no vidro da janela.

Pulei, sobressaltada. Corri até lá para trancá-la.

Através do vidro, ví algo improvável. A casa toda ficou cercada por corvos carniceiros. Como se esperassem a carne morta.

– Mas o quê? – arfeí. – Não! Ele ainda não está morto!

Atirei coisas pela janela tentando afastá-los, mas foi em vão. Eles se amontoavam.

Corri para o andar de baixo. Os seis vampiros permaneciam na sala. Reunidos em silêncio, como num velório.

Contei sobre os corvos. Dylan explicou:

"Quando demônios morrem, suas carnes são comidas por corvos. É natural que esses animais se sintam atraídos para o lugar do leito de morte."

Eles tinham que deixar o corpo de Exton em algum terreno baldio para ser devorado. Era tradição.

Eu surtei.

– Ninguém vai abandonar o corpo dele! É loucura!

"Fique calma, senhora."

– Não! Ninguém me toque! – eu chorava. – Nós vamos enterrá-lo com dignidade.

"Enterros são coisas de humanos. Criaturas não têm tal direito."

– Não importa. Eu farei o enterro dele com honrarias. É a minha decisão.

Ninguém chorava. Somente eu parecia abalada.

Ira se sentava num dos sofás, expressão sombria.

"Estão ouvindo isto? O coração dele está ficando mais fraco."

– Quanto tempo ele tem? – me desesperei.

– Uns trinta minutos, no máximo. São os momentos finais.

Corvos gralharam ao longe.

Tyler murmurou.

"Eles estão famintos. Sabem que a hora está chegando."

– Meu Deus – enfiei o rosto nas mãos, chorando.

Nem eu mesma sabia explicar a minha reação.

Por que estava tão triste?

Exton era um inimigo natural. Mas, porra, assistir à sua morte lenta deixava meu coração em frangalhos.

Os amigos queriam abandonar seu corpo para os vermes comerem. Um despropósito.

Não havia amizade sincera, nem respeito na vida de Exton.

Era um fim muito triste.

Ouvi-os cochichar.

"Nossa Senhora está sofrendo os efeitos do vínculo..."

"Não vai ser fácil perdê-lo."

"Quem vai ocupar o lugar de Domado quando Luxúria morrer?"

"Eles irão enviar um substituto..."

Ira se levantou, sombrio.

– Eu vou me despedir do 07. Ele era... – franziu a testa, sem saber como continuar. – Alguma coisa parecida com um amigo – e saiu.

No trajeto, lançou-me um olhar significativo. Como se quisesse conversar em particular.

Limpei as lágrimas.

– Eu também vou. Eie me pediu para estar presente nos momentos finais.

Cheguei ao quarto. Ira se sentava na cama do Exton.

– Podemos conversar à sós? – entrei.

Ele mal me olhou.

– Não tenho nada a dizer.

Mas meu instinto avisava outra coisa.

Fechei a porta.

– Você está escondendo alguma coisa de mim, vampiro.

Lançou-me um olhar enigmático:

– Exton não iria querer que eu contasse.

– Eu sabia. – Exalei. – Seja o que for, precisa me dizer.

– Eu posso ser castigado por contar. Você pode ser castigada por saber.

– Mas?

– Mas... – olhou para Exton, sombrio. – Poderíamos salvá-lo.

– Diga! Eu faço qualquer coisa!

Meu coração palpitava. Nem eu entendia meu desequilíbrio emocional.

Ira sussurrou:

– Até que ponto você iria para salvá-lo, Senhora?

– Faria qualquer coisa. De verdade.

Nunca me senti tão desesperada. Aquele vínculo era mesmo poderoso.

– Existe um artifício que os serafínicos não querem que você saiba. Uma terceira via para Exton.

– Então ele não está condenado?

– Não.

– Por que ele não me contou que havia uma saída?

– Ele não queria te prejudicar. O que eu vou sugerir é errado em vários níveis.

– Seja o que for, conte.

– Se quer salvá-lo, precisará libertar sua alma criminosa. Concedê-lo um perdão celestial.

– Só isso? Eu faço agora mesmo.

– Não. Você precisa perdoá-lo com todo o seu coração. Um perdão por tudo o que ele fez a você e ao mundo. Até sobre as coisas mais horríveis.

– Eu posso fazer isso.

Sim, ainda guardava rancor do Rendrix. Mas pela vida dele poderia superar.

– Tem mais. O perdão sem justo motivo cobrará um preço. Exton terá os pecados perdoados e será "reiniciado." Ou seja, não precisará mais de uma Domadora.

Congelei.

– Então nosso vínculo...?

– Será quebrado. Ao menos, da parte dele. Não sabemos se o vínculo permanecerá para a Senhora. Pode ser um caminho solitário.

Observei Exton na cama. Suando e tremendo, à beira da morte.

– Ele voltará a ser o canalha desprezível de sempre?

– Não temos como prever. Mas sem o amor do vínculo... Provavelmente sim.

Ri, amarga.

– E o que mais? Ele vai voltar a me perseguir?

– Dificilmente. Você ainda é uma serafínica, e ele ainda é a sua caça. Ele vai temê-la e respeitá-la assim como todos nós. Apenas não vai mais nutrir a devoção especial de um Domado. Em suma, ele vai parar de te seguir por aí como um cachorrinho.

Por algum motivo, perder aquela devoção me machucava. Mas havia questões mais imperiosas.

– Eu topo. Farei qualquer coisa para salvar a vída dele.

– Os outros não podem saber o que vou confessar... – e inclinou-se para a frente, sussurrante.

– Estou ouvindo.

Então, Ira contou a outra consequência do perdão.

Fechei os olhos, processando o impacto. *Que merda.*

– Não tem outro jeito?

– Não. – Ira nunca brincava.

– Tudo bem. Eu aceito.

Ele explicou como fazer o ritual. Pegamos um pedaço de papel. Ele foi me contando os maiores pecados de Exton, e eu fui anotando-os numa lista.

Incêndio em aldeias; destruição de casamentos; ruínas de reputações; propagação de doenças; guerra entre tribos, etc.

Sua passagem no mundo causou muito mal, e perdoar tudo aquilo parecia um impropério.

Entretanto...

Eu *queria* que ele vivesse.

Ira acendeu um isqueiro. Nós queimamos o papel com os escritos. Enquanto isso, eu cantarolava o cântico de perdão recém-aprendido.

A medida em que a folha queimava, Exton tremia, imerso em um delírio febril. Murmurava nomes, datas e cidades. Como se revivesse aqueles momentos horríveis nos sonhos.

A folha queimou por completo. As cinzas caíram no tapete.

– Está feito. – Anunciou Ira.

Lá fora, o tempo fechou abruptamente. O fim de tarde ensolarado se transformou num temporal, e os trovões pareciam maus presságios.

Ira olhou pela janela.

– *Eles* sabem do nosso crime.

Sim, era um crime.

Exton não merecia o perdão celestial. Não fez nada de bom para recebê-lo. Sairia ileso dos pecados e das vidas que arruinou.

Para completar, não teria mais uma Domadora para pará-lo.

Sabe-se lá que tipo de fera eu estaria soltando no mundo...

Trovoadas soaram. Corvos gralharam. Um sentimento ruim me atingiu na boca do estômago.

Ouvi o chicote na minha cabeça. *Pare, Domadora. O que está fazendo é errado.*

Um relâmpago especialmente forte me fez saltar.

– Esses trovões...?

– Sim, são para nós. A natureza não aceita que um criminoso como ele saia im-

pune. Tem certeza de que quer prosseguir, Senhora?

Olhei para Exton. Lábios rachados, sangue escorrendo pelo nariz. Só lhe restavam mais alguns minutos.

– Por ele, sim. Eu pagarei o preço depois.

Seja ele qual for.

Ira aquiesceu.

– Tudo bem. Façamos o ritual final.

Eu segui seus comandos. Fui até a cama e me sentei ao lado de Exton. Inclinei-me sobre ele e beijei sua testa.

Sussurrei contra sua pele febril.

– Eu, Caridade, te concedo o perdão e te liberto das correntes do nosso vínculo. Você está livre.

Senti meu corpo formigar. Alguma coisa se desprendia de mim.

Exton exalou. Abriu os olhos abruptamente. Ao ver-me, pareceu horrorizado.

– O q-que você fez?

Uma lágrima desceu por meu rosto. Nem percebia que estava chorando.

– O necessário para te salvar.

– Não... – suas pálpebras foram se fechando. – Você cometeu um grande erro.... – e desmaiou novamente.

Sim, aquilo foi um erro. E eu pagaria caro por ele.

Mas ao menos Exton Rendrix ficaria vivo.

– Não me arrependo.

– Está terminado. – Proclamou Ira. – O veneno sairá do corpo dele ao longo das horas. Agora, ele precisará dormir para se recuperar. O perdão é intenso e o corpo dele precisa se curar.

– Mas ficará vivo, não é?

– Sim. O seu perdão deu uma segunda chance a ele.

– Ótimo. Ficarei aqui até que ele acorde.

– Não acho uma boa ideia. Ele não será o mesmo a partir de hoje. O vínculo foi quebrado.

Foi quebrado do lado dele. O meu coração ainda permanecia estranhamente ligado àquele homem.

– Eu sei. Estou bem com isso.

Ele ouviu a mentira na minha voz.

– Hum.

Limpei o suor da testa. Sentia-me fraca e enjoada.

– Preciso descansar. Avise-me quando ele acordar.

– Combinado.

– E dê um jeito de noticiar aos outros. Eles estão esperando um velório lá embaixo.

– Não sei como irão reagir. O perdão pode alterar a ordem hierárquica do nosso clã.

– Isso é um problema entre vocês. Vou sair. Preciso de ar.

– Certo.

A verdade era que eu não queria estar em casa quando Exton acordasse. Porque o meu coração ainda estava ligado àquele víncuio, e o dele...

Não.

Não sabíamos qual versão daquele homem despertaria.

Seria aquela que me amava desesperadamente? Ou aquela que me desprezava com a força de mil sóis?

Capítulo *dez*

Sai. Estacionei numa rua vazia. Jantei porcarias de uma loja de conveniência e passei a noite no carro.

Sentia-me desolada e apreensiva.

Apreensiva porque não sabia como Exton despertaria, e desolada porque...

Bom, era difícil admitir, mas parte de mim gostou de tê-lo como Domado. Como não se comover? Ninguém jamais me olhou da forma como ele olhou. Como se eu significasse o mundo, ou fosse a força que o prendesse ao chão.

Seria doloroso perder aquilo. Sobretudo se eu permanecesse no vinculo sozinha.

Pela manhã, voltei para a casa. Encontrei Axel sentado à mesa da copa, tomando café.

– Senhora! – saltou da cadeira. – Por onde esteve? Ficamos preocupados!

"Ela chegou?", o tailandês Asher veio às pressas. Arfante, bolsa sob os olhos. "Pelas Trevas! Nós nem dormimos. Não passe mais a noite fora sem nos avisar."

Carter-barra-Ira também apareceu.

– Devo preparar alguma coisa para você comer?

Aparentemente, todos se reuniam no andar de baixo, à espera da minha chegada. Era como ter seis irmãos mais velhos e possessivos.

– Relaxem, estou bem. Passei a noite no carro. – Fui até a pia e bebi água. – Então... – comecei, sombria. – Ele acordou?

Nem precisei dizer o nome.

– Ainda não. – Carter respondeu, sério. – Mas a febre sumiu e as feridas no corpo desapareceram.

– Ah. Então ele está sendo gradualmente curado.

– Sim. Ele fica chamando o seu nome durante o sono. Achei que gostaria de saber.

Quase deixei o copo de água cair.

– Sério?!

– Sim. Fervorosamente.

– Preciso vê-lo – e saí correndo.

As esperanças, reacendidas.

Enquanto subia as escadas, ouvi Dylan resmungar:

"Queria que ela tivesse a mesma consideração conosco que tem com ele. Ela passa a noite fora e nem nos avisa. Estávamos prestes e ligar para todos os hospitais."

"Relaxe, 06. Ela não entende ainda o que causa em nós."

Não devia ser fácil viver com uma Domadora em casa...

Só que eu tinha problemas maiores.

Cheguei ao quarto. Exton dormia. Parecia mais corado e saudável.

Sentei-me à borda da cama dele, mordendo um lábio.

– Por favor – sussurrei – não volte a ser aquele cara. Eu acho que não aguento.

Após conhecer seu melhor lado, não suportaria enfrentar o seu pior. Não outra vez.

A verdade é que Exton Rendrix sempre me afetou profundamente. Primeiro, por admiração. Depois, por ódio. Por último, pela emoção de ter alguém como ele aos meus pés.

Exton se mexeu. Murmurou algo ininteligível e continuou a dormir.

Suspirei. Teria que esperar para saber.

Minhas malas estavam por ali. Troquei de roupa e fui tomar café da manhã. Cole me esperava na cozinha com o café pronto. Eu estava ficando mimada.

Saí para trabalhar. Fui contratada para uma faxina imensa, que duraria o dia todo. Limparia um motel à beira da estrada.

Sinceramente, fiquei aliviada. Era uma desculpa para ficar longe de casa e não pensar em Exton.

À tarde, Avareza apareceu. O loiro foi até o hotel me procurar.

– Dylan? – encontrei-o no saguão, surpresa. – O que faz aqui?

– Trouxe-lhe um lanche da tarde. Achei que você ficaria com fome. – E ofereceu-me o sanduíche embrulhado.

– Ah. – Peguei-o, constrangida. – Valeu.

Não sabia lidar com toda aquela atenção.

– Mais uma coisa – pigarreou. – Exton acordou. Queria vir pessoalmente para prepará-la.

Ah, meu Deus.

– E então?

Ele era o babaca que eu conheci, ou o cara doce que me adorava? Que tipo de fera eu havia despertado?

– Não sabemos como ele está. Acordou e saiu sem ser visto. A moto dele não está na garagem. Pressupomos que ele deve ter ido, hã, recuperar as forças.

Não precisei perguntar. Exton era a Manifestação da Luxúria. Precisava de sexo para se reenergizar. Tentei não ficar magoada.

– Entendo.

– Vou esperá-la lá fora. Podemos voltar para a casa juntos.

– Não precisa. Ainda vou demorar por aqui.

Eram quatro da tarde. Trabalharia sem pressa. Não queria voltar para casa.

– Eu prefiro esperar, Senhora. Não quero que chegue em casa sozinha. E se ninguém estiver lá, mas *ele* estiver?

– Espera, você está com medo por mim? Exton pode... Me machucar?

– É possível. Não posso mentir para uma Domadora.

– Mas o Carter disse que tudo ficaria bem!

– Ira está conjecturando. Ele nunca conheceu um Domado liberto antes.

– Mesmo sem o vínculo, ainda sou uma serafínica. Ele precisa me temer e respeitar. *Não precisa?*

– Não sabemos. É um tiro no escuro. Nunca conhecemos um demônio que recebeu perdão divino. Exton é um caso único na história. Quando acordar, estará imprevisível, e eu não vou arriscar a sua segurança. Se algo acontecer com você, todo o seu clã virá atrás de nós. – Franziu a testa. – É um milagre ainda estarmos vivos.

Já havíamos conversado sobre aquilo. Os seis achavam que os serafínicos se mantinham distantes por terem um plano maior para os vampiros.

Plano que, aparentemente, incluía a minha liderança.

Eles se comportavam para ficarem vivos.

Dylan me esperou. À noite, voltamos juntos para a casa. Exton não havia retornado. Ainda bem.

Eu havia me apossado do seu quarto. Precisava retirar minhas malas de lá antes que ele voltasse. Mas, antes, precisava de um banho.

Entrei na suíte. Tirei as roupas e tomei uma ducha quente.

Dylan foi direto para a cozinha preparar nosso jantar.

Dentro do chuveiro, fechei as pálpebras. Joguei a cabeça para trás, sentindo a água bater em meu peito, limpar minhas preocupações e...

Foi abrupto.

O boxe foi aberto com violência.

Abri os olhos:

– Mas o quê...? – arfei.

Exton entrou no cubículo do boxe comigo. Dentes trincados, expressão assassina, totalmente saudável.

– O que você está *fazendo* no meu chuveiro, garota?

Gritei.

"Jesus!"

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Não, sou alguém bem mais cruel.

Cobri os seios e a fenda, horrorizada.

– Você está louco?! Saia daqui, eu estou pelada!

– Não tô nem aí, Hernandez. – Aproximou-se, ameaçador. – Acha que a sua é primeira boceta que eu vejo?

Tive que andar para trás. Bati as costas nos azulejos.

Ele entrou embaixo da ducha, olhos fervendo.

– Da última vez que eu te vi, estávamos numa caçada. Eu me lembro de te cercar num galpão, e depois apagar. Eu devia estar morto, e você, em coma no hospital. O meu plano era te destroçar por dentro.

Engoli seco, com medo.

– Rendrix, fique calmo.

Ele parecia muito perigoso.

– Ficar calmo?! – espalmou a mão no azulejo ao lado da minha cabeça e se inclinou. Ficamos face a face. – Pode me explicar por que diabos eu estou vivo? E o que você está fazendo na porra do meu chuveiro? Como se esta fosse a sua casa, e não a minha?

– Dylan! – gritei. – Socorro!

Exton abriu um sorriso nefasto.

– Avareza não virá te ajudar. Ele era o mais entusiasmado com a sua caçada, e adora o sabor de sangue fresco. Ele já avisou que quer comer os seus rins e...

"Cala a boca, 07!", cortou uma voz furiosa.

Dylan entrou no banheiro.

– Afaste-se da Isabela, ou eu não respondo por mim! – pegou a minha toalha dobrada sobre a pia e jogou-a em minha direção. – Cubra-se, Senhora.

Teve o respeito de não me encarar.

Capturei a toalha, humilhada. Enrolei-me e fechei chuveiro.

Exton se afastou um passo, mas permaneceu dentro do boxe. Olhava de mim para Dylan.

– O que está acontecendo aqui? Você está a protegendo?

– Óbvio.

– Pirou, 06? Ela é a nossa presa!

– Não é mais. Machuque-a e terá que acertar as contas comigo.

Exton exalou.

– O que eu estou perdendo aqui?

– Você dormiu por dois dias, Rendrix. Muita coisa mudou nesta casa. Precisa se atualizar.

Rapidamente, Dylan contou-lhe sobre os acontecimentos no galpão. O chicote, minha posição de Domadora, e o perdão divino que eu concedi para salvá-lo.

– Em resumo, você só está vivo porque ela quis que estivesse. – Dylan finalizou. – Então é melhor demonstrar algum respeito para com a nossa Senhora.

Exton ficou horrorizado.

– Ela? – voz pingando desprezo. – *Ela* é a nossa Senhora a partir de agora? Nós devemos obedecê-la?

– Se quisermos ficar vivos, sim.

Virou-se para mim.

– Por isso você está tão relaxada no meu chuveiro?!

– Você cedeu o seu quarto para mim. Implorou para que eu dormisse na sua cama.

Ele exalou.

– Todos nesta casa eulouqueceram?! Eu não me lembro de nada disso.

Dylan e eu trocamos um olhar.

– Eu avisei, Senhora. Demônios que recebem um perdão são imprevisíveis. Ele não tem noção da própria posição.

Então, entendi.

Exton se esqueceu de tudo o que vivemos nos últimos dois dias. Parecia estar se lixando para a hierarquia serafínica. O perdão o transmutou por dentro, e ele simplesmente não tinha mais medo.

– Não acredito. Eu tive uma Domadora por dois dias? E ela era a Hernandez? – riu, amargo. – O destino só pôde ter feito uma piada. Ainda bem que eu não me lembro de nada.

Massageei as têmporas. Tentava não chorar na frente dele.

– Dylan, me tire daqui.

– Você ouviu a Senhora, Rendrix. Saia. Ela precisa de privacidade.

– Mas este é o meu quarto!

– Caguei. Agora, quem manda aqui é ela. Você está confuso e não entendeu a nova dinâmica da casa. Nós te concederemos 24 horas para se adaptar. Use-as bem e aprenda quem é que manda aqui, senão o meu punho irá te ensinar.

Exton bufou.

– Quero ver você tentar.

– Jura? Quer enfrentar eu e mais cinco vampiros possessivos? Porque todos nesta casa irão protegê-la. Diferente de você, nós não perdemos a memória. Sabemos muito bem do que ela é capaz.

– Isso é ridiculo. Eu, chutado da minha própria casa, por uma garota qualquer. Argh. – Saiu do boxe. Pegou raivosamente uma toalha do puxador e se enxugou. – Foda-se, então. Fique com o meu banheiro e meu maldito quarto. Eu vou sair. Não ficarei para presenciar seis demônios se curvando a uma humana qualquer. É degradante. – E saiu pisando duro.

Assim que ele se foi, desabei.

Ver novamente o olhar de desprezo dele...

Caramba, doeu profundamente.

Não consegui segurar as lágrimas. Dizia para mim mesma que era o vínculo falando, mas não dava para ter certeza.

Dylan me fitava com tristeza.

– O que eu posso fazer para ajudar?

– Apenas me deixe sozinha.

– Tudo bem. – Suspirou. – Estarei no andar de baixo fazendo a sua refeição.

– Certo. Descerei em um minuto.

Ele virou as costas para sair, mas antes de fechar a porta, parou.

– Não se preocupe, senhora. O 07 não irá te machucar. Não enquanto nós seis estivermos aqui. – E se foi.

Mas Dylan estava errado. Exton já havia me machucado de formas irreparáveis.

***

Exton passou a noite fora.

Retirei minhas coisas do seu quarto. Carter cedeu seus aposentos para mim.

No fundo, eu queria ir embora daquela casa. Estava arrasada demais. Porém, o chicote não permitiu. *É sua a responsabilidade de manter os sete vampiros na linha,* ele dizia.

Segundo Ira, os vampiros se alimentavam da minha energia. Eu era um polo

magnético para eles. Logo, eles não precisavam mais sugar humanos para sobreviverem. Minha mera presença os alimentava. Enquanto eu estivesse ali, os humanos de Dallas permaneceriam seguros.

Esta era a potência da luz serafínica.

Foi feriado na segunda-feira. Eu não tive trabalho e fiquei em casa. Todos os seis orbitavam em torno de mim, ansiosos. Assim como cachorrinhos andando atrás da dona.

"O que vamos fazer hoje?", perguntavam.

Achei ótimo. Se eles ficassem em casa, não causariam confusão.

Eu precisava ocupar a cabeça.

– Esta casa está um caos. Vamos fazer uma faxina. Peguem luvas e esfregões. Quero ver essa casa brilhando.

Eles obedeceram prontamente. Nunca vi seis universitários tão felizes por uma faxina.

Ao longo da tarde, um grupo de jogadores bateu à porta. Vinham trazer o convite para uma festa.

Asher atendeu a porta, esfregão nas mãos.

"Foi mal, cara. Não podemos sair", recusou alegremente. "Hoje é dia de faxina."

Os visitantes foram embora, confusos. Jamais viram aqueles garotos prepotentes limpando um chão.

Eu também achei cômico. Depois me lembrei de que eles eram seis vampiros altamente perigosos, e a graça acabou.

Ao fim da tarde, quase terminávamos. Axel e Tyler levantavam o sofá para que eu pudesse passar o aspirador por baixo. Asher e Dylan esfregavam a pia da cozinha. Carter se despendurava numa escada, retirando a poeira dos cantos do teto, e Cole varria o chão. Todos usavam aventais e luvas, assobiando alegremente.

Exton chegou. Parou no meio da sala, analisou as cenas e franziu a testa.

– Que vexame. Por que vocês estão se submetendo a isso?

Ninguém respondeu. Continuaram trabalhando.

Ignorei-o:

– Axel, levante o sofá mais para a esquerda.

– É para já. – Ele rapidamente obedeceu.

Exton estava sendo preterido por seus próprios comparsas. E detestava aquilo.

– Argh. Vocês parecem cachorrinhos adestrados.

Sem respostas.

– Ei! Não estão me vendo aqui? Estou falando com vocês!

– Estamos te vendo – Carter espanava a poeira. – Apenas escolhemos te ignorar.

Exton bufou.

– Sério? Estão ocupados demais com as bobagens da Hernandez?

– É claro, e você também deveria. Afinal, só está vivo pela misericórdia dela.

Exton me olhou com desprezo.

– Eu preferia estar morto a me tornar uma vadia adestrada de anjo. – E atravessou a sala. – Vou para o meu quarto.

"Cuidado!", Dylan avisou. "Acabamos de encerar as escadas! O chão está escorregando!"

– Argh. – Exton saltou os degraus, bufando em raiva. Resmungava:

"Eu caí dentro de um pesadelo..."

Quando ele se foi, Tyler riu.

– Relaxem. Ele vai acabar aceitando.

– Nós também éramos assim. – Cole estalava a língua, varrendo o chão. – Mimados idiotas sem propósito na vida. Agora, olhem para nós! Vejam como esta casa está brilhando! Realmente precisávamos de uma Domadora para nos botar na linha.

Eles pareciam felizes em serem meus submissos. Satisfeitos.

Eu finalmente entendia a força de uma Domadora. Éramos tão lendárias e temidas porque realizávamos alquimias *realmente* poderosas.

A ironia era dolorosa.

Eu exercia poder sobre todos. Exceto sobre o único que balançava o meu coração.

***

No dia seguinte, fomos para a aula.

Exton saiu mais cedo. Os outros seis me esperaram para partir. Entramos no Instituto juntos.

Atravessamos o corredor principal em formação. Eu andava à frente, com os seis em meu encalço.

No caminho, recebemos olhares de espanto.

"Aqueles são os seis da Fraternidade?"

"Por que eles estão seguindo a faxineira?"

"Espera, aquele é Tyler Williams? Por que o *quarterback* está carregando a mochila dela?"

Tyler carregava minha mochila. Asher, meus livros. Tentei dissuadi-los mas estavam irredutíveis. “Nós iremos aonde você for, Senhora.”

Eu parecia uma celebridade seguida por seis seguranças.

Ser uma serafínica extinguiu toda a minha vergonha. Não me importava mais com o que os outros pensavam.

Meu esquadrão me levou até a porta da sala de aula. Entregaram meus livros e se despediram.

“Alguém virá te buscar quando o sinal bater.”

“Vamos guardar um lugar para a Senhora no refeitório.”

Entrei na sala sob uma chuva de olhares. Os grupinhos murmuravam.

“Não é possível. Como ela conseguiu ter os fodões da Fraternidade nas mãos?”

“Bizarro. Ela deve estar os chantageando.”

“Ou eles estão pagando alguma aposta.”

Lancei um olhar afiado para os fofoqueiros. Eles se calaram lmediatamente.

Ninguém entendia a minha nova personalidade combativa, mas morriam de medo dela. Algo poderoso emanava de

mim. Eles não sabiam explicar. Ser uma guerreira-celestial era assustador, mas também libertador.

Catz foi substituído. Outro professor deu aula no seu lugar.

Argh, claro que Catz sumiu. Meu clã me isolava de propósito. Mesmo que eu tivesse alguma missão ainda não descoberta, era impossível não ficar magoada.

Na hora do almoço, fui escoltada até o refeitório. Sentei-me numa mesa junto aos seis. Foi a primeira vez em que me sentei no centro, a típica "zona dos populares."

Eles me traziam comida e disputavam pelos lugares ao meu lado. E, embora fossem vampiros perigosos, perto de mim pareciam filhotinhos carentes.

Os alunos nada entendiam. Encaravam com espanto a nova e surreal dinâmica.

Axel, o árabe, abriu uma lata de Coca-Cola. Entregou-me sobre a mesa.

– Para você, Senhora. Se quiser mais, eu posso comprar na cantina.

– Estou bem. – Comia tranquilamente.

– Ah. – Cole olhou por cima de nossas cabeças. – Vejam quem resolveu aparecer. Creio que finalmente a birra acabou.

Olhei para a porta. Exton entrava no refeitório. Jaqueta do time de futebol, queixo erguido, sempre arrogante.

Argh. O filho da puta sabia ser lindo.

Ele caminhou para a sua mesa usual por hábito. Contudo, quando me viu entre eles, estagnou e me lançou um olhar de menosprezo. *Invasora.*

Ele se virou e resolveu ir para outro lugar. Caminhou até a mesa das líderes de torcida e abordou Madison, a ex-namoradinha. Loura, alta, super magra. A típica beleza texana.

Parou ao lado dela.

"E aí?"

Ela olhou para cima e se espantou.

"Rendrix?"

Eles trocaram algumas palavras. Madison pareceu emocionada com o que ouviu e se levantou. Ele transpassou um braço nos ombros dela e os dois saíram do refeitório.

Antes de sair, Exton virou a cabeça para trás, só para me lançar um olhar de desprezo.

Eu grunhi, mexendo na minha comida.

– Que ridiculo.

O tailandês Asher acotovelou-me amigavelmente.

– Relaxe, Senhora. Isso é só pirraça de ex-namorado revoltadinho.

– O quê? – quase me engasguei. – Nós nunca fomos namorados.

Dylan ouviu a conversa e bufou.

– Bem que ele queria.

– Como assim?

– É quase impossível um Domado não desenvolver sentimentos românticos por sua dona.

– Acho que não. Exton garantiu que não era nada romântico.

– Pura ilusão. Você é linda e ele estava dominado. Bastava estalar os dedos que ele viria correndo. A devoção pode rapidamente se transformar em paixão.

– Por favor... – ri sem alegria. – Só se for no passado. Vocês viram o olhar que ele acabou de me lançar? Não parecia nada apaixonado.

– Só está reagindo. – Carter falou de repente.

Fiquei inquieta.

– Como assim?

Ira nunca falava bobagens. Sempre tinha certeza e sempre tinha razão.

Ele olhava para o prato. Cortava seu bife tranquilamente.

– O Rendrix não está interessado na Madison, ela é só uma reação. Exton sempre te detestou. Ficou indignado ao saber que passou dois dias domesticado e caindo aos seus pés. Agora, só quer esfregar na sua cara que você não tem mais controle sobre ele.

– Puro ego. – Acrescentou Tyler. – O 07 sempre adorou ter o controle de todas as relações amorosas. Ficar nas mãos de uma mulher foi um pesadelo particular tomando vida.

– Isso é uma crise pós-término. Uma reação para você. – Dylan bebeu seu refrigerante. – Daqui a pouco ele vai aparecer com o cabelo pintado de loiro. Tipo aquelas pessoas que levam um pé na bunda e correm para o salão.

Eles riram.

– Exato. – Asher corroborou. – E o fato de nós não concordarmos com ele só o deixa mais puto.

– Ele que supere. – Carter grunhiu. – Luxúria é substituível. A nossa Senhora, não.

Terminei o almoço em silêncio. Sem clima para conversinhas.

Foi doloroso ver Exton com outra, vez que eu ainda seguia presa ao nosso vínculo.

E não era a única consequência do perdão. Mas eu não queria pensar na outra complicação agora.

Era demais. Eu surtaria.

Às duas da tarde, as aulas acabaram. Fomos embora juntos.

Em casa, eles prepararam um novo quarto para mim. Eu recusei os quartos deles e preferi me instalar no sótão. Era um lugar enorme e privativo. Com umas boas cortinas e carpete, ficaria perfeito.

Passamos o resto da tarde fazendo compras. Asher instalou o carpete. Axel, as cortinas. Cole e Tyler montaram a minha cama, e Dylan saiu para escolher obras de arte para as paredes. Ele foi um colecionador em outros tempos.

No interstício, Carter e eu pintamos as paredes. Escolhemos amarelo-claro.

Com seis ajudantes, meu quarto ficou pronto em questão de horas. Achei perfeito.

Dylan fez o nosso jantar. Às 20 horas, nós nos reunimos na copa e jantamos.

Notei que estava me acostumando à presença constante dos vampiros. Mesa cheia, conversas animadas, assuntos de futebol e risadas altas. Meu novo normal.

Eu permanecia sentada à cabeceira. Lugar de honra.

Dylan nos servia, comentando:

– O cheiro de tinta ainda está forte. Pode dormir no meu quarto esta noite, Senhora. Eu durmo no sofá.

– Não, não. – Tyler discordou. – Ela pode dormir no meu quarto.

Os outros resmungaram:

"Por que no seu? Você sempre monopoliza a nossa Senhora!"

"É! Deixa-a dormir no meu..."

"Sem chance. É a minha vez!"

Céus. Era como ter seis namorados ciumentos.

Eles consumiam a minha energia como alimento. Não, não me machucava. Eu tinha muita luz celestial para doar.

Minha presença era viciante para eles. Deixava-os felizes e energizados. Logo, aquela dependência facilmente podia ser confundida com afeto, e aos poucos nossa relação estava...

Mudando.

Eles não pareciam mais ter medo de mim. Pareciam *gostar* de mim.

Naquele momento, a porta foi aberta. Exton chegou.

Entrou na copa e nos viu sentados à mesa. Olhou para Dylan de pé ao meu lado, servindo-me e usando avental. Estreitou os olhos, cheio de repulsa, mas não falou nada.

– Agora nós cozinhamos em casa? – sentou-se no lugar vazio e começou a servir-se. O tom, irônico. – Que novidade. É uma ocasião especial e eu não estou sabendo?

– Não é. – Respondeu Dylan. – A Isabela gosta de comida caseira e gosta que comamos todos juntos. Por ela, decidimos criar esse hábito.

– Que lindo. Vampiros transformando-se em donos de casa suburbanos.

Carter comia calmamente.

– Está chateadinho, Rendrix? Por que cozinhamos para a nossa Senhora e não cozinhamos para você? Novidade, você não é a nossa ex-namorada.

Riram.

Rendrix me lançou um olhar afiado. *Veja o que você fez com os meus amigos.*

Baixei o rosto, magoada.

– Parem de irritar o irmão de vocês, garotos. – Mandei.

"Qual é?"

"É só brincadeira."

– Mas estou pedindo para pararem. E falo sério.

Eles cessaram as risadas imediatamente.

"Sim, Senhora."

"Se é o que quer..."

Exton pareceu ainda mais irritado.

– Não preciso que me defenda, Hernandez. Esta é a *minha* casa, e este é meu clã.

– Não estou fazendo isso por você. – Olhei para o meu prato, fingindo indiferença. No fundo, meu coração estava partido. – Só quero ter uma refeição em paz. Sem ouvir birras de marmanjos.

Todos seguraram as risadas.

Senti o olhar de ódio de Exton sobre mim, mas não reagi. Ele não falou mais nada, e nem eu.

Tyler não percebeu. Seguiu a conversa normalmente.

"Então, Senhora. Quais são os seus horários de aula amanhã?"

Contei-lhes minha agenda. Lotada por faxinas, como sempre.

– Não gosto disto. – Observou o louro Cole. – A Senhora trabalha demais.

– Claro. Tenho dívidas estudantis e aluguéis atrasados.

– Dinheiro não precisa ser problema. Nós temos muita grana.

– Por quê?

– É um lance de vampiros velhos. Muito tempo de vida, muitos investimentos. Podemos lhe dar uma mesada.

Todos opinaram.

"Mesada? Claro que não. Vamos dar acesso totai a ela às nossas contas bancárias!"

"O Gula tem razão. Precisamos confiar nosso dinheiro à Domadora."

"Sim. Ela saberá geri-lo melhor que todos nós."

Rendrix comia num silêncio sombrio. A cada ato de gentileza dos amigos, se enfurecia mais.

Ele não entendia a nossa dinâmica amigável e amorosa. O perdão quebrou o temor natural que sua espécie sentia sobre a minha. Ele já havia sucumbido ao meu toque tóxico e ficou à beira da morte. Experimentou o pior e não tinha mais medo.

Ao fim do jantar, outro assunto surgiu.

– Então... – começou Dylan, reticente. – A Senhora já pensou no que vai fazer com seu cargo de Domadora, a partir de agora?

– O que quer dizer?

– Bom... – pisava em ovos. – Você é uma Domadora sem Domado. Esse cargo vai ter que ser preenchido em algum momento. É o curso natural.

– Dylan – Axel o repreendeu. – Ainda não é hora de falarmos sobre isso. É muito cedo. Ela irá decidir o posto de Domado quando for a hora.

– Só estou sendo realista. Eventualmente teremos que falar sobre isso. – Dylan insistiu, olhando para mim. – Quando for a hora, peço que me considere, Senhora. Seria uma honra ser o seu Domado.

Pisquei.

– Espera. Vocês querem a posição do Exton?

"É claro!", todos assentiram.

"É a única chance que demônios têm de experimentar o amor."

"Nem posso imaginar como deve ser incrível sentir tal ligação com alguém."

"É um propósito de vida..."

Todos pareciam ansiosos.

Exton rolou os olhos.

– Vocês estão delirando. Não sabem o que estão pedindo.

Tyler discordou:

– Você é que está delirando, Rendrix. Quando tinha o vínculo, parecia extremamente feliz. Todos ficamos com inveja.

– Eu, feliz?

– Sim. Jamais presenciamos um vampiro num estado de tamanha paz de espírito. Foi como se o peso de séculos de maldade saísse dos seus ombros. Pela primeira vez, você parecia... Satisfeito.

– Satisfeito, o caralho. Eu estava morrendo.

– E ainda assim nunca o vimos tão pleno. Seria uma honra experimentar esse sentimento. – Dylan virou-se para mim. – Por favor, Senhora, tome a sua decisão. Estamos ansiosos.

Fiquei perplexa. Não sabia o que fazer.

– Hã, vou pensar sobre isso.

De repente, Carter se manifestou.

– Sabemos o que deve fazer.

Todos o encararam.

– Como assim, Ira?

– Tem que ser eu. – Carter pousou os talheres, muito sério. – Eu sou Ira. O mais

perigoso daqui. Se alguém precisa de uma Domadora para ser parado, esse alguém sou eu. A minha presença é o que causa mais estrago no mundo. A influência de vocês cria pecados, a minha influência cria guerras. E a Domadora sabe que eu tenho razão. O clã de serafínicos dela val concordar. Vocês querem uma Domadora, mas eu *preciso* de uma.

– Ele tem razão. – Assinalei, melancólica. – Ira é o demônio mais perigoso. Impossível o deixar solto pelo mundo.

– Quando estiver pronta para fazer o ritual, eu estarei, Senhora.

Dylan parecia triste, mas resignado.

– Se é da vontade da nossa Domadora, posso trazer o chicote agora mesmo. Podemos fazer o ritual na sala.

– Sim. – Ira adendou. – A Senhora merece um Domado que seja capaz de lhe adorar e servir como merece. Rendrix não pode mais cumprir tal função. Eu farei um trabalho muito melhor que o dele.

Naquele momento, Exton e eu trocamos um olhar.

Sabíamos o que a decisão significava. O fim definitivo do nosso vínculo. A extinção da única coisa que ainda nos ligava.

Será que sentia a mesma tristeza que eu? A mesma resistência?

Era como jogar fora uma caixa com os pertences de um ex-namorado. Alguém que você ainda não esqueceu, e que não estava pronta para abdicar.

Esperei que Exton falasse alguma coisa, mas não falou. Apenas me encarou em silêncio.

Insisti:

– Exton, o que você pensa disto?

Ele grunhiu.

– Por que a pergunta? Eu não estou mais neste vínculo.

– Mas a decisão envolve você. Era o seu posto, afínal.

Ele fez uma careta de desdém.

– Façam o que bem quiserem. Querem se unir nesse laço bizarro, unam-se. Não significa nada para mim. – Levantou-se abruptamente. – Aliás, nada do que você faz da vida é da mínha conta, serafínica. Não estou nem aí se está viva ou morta. – E saiu.

Céus. Era a pior versão de Exton.

A primeira me desprezava. A segunda, me adorava. E essa terceira simplesmente não ligava para minha existência. Eu não significava absolutamente nada para ele. E o contrário do amor não era o ódio...

Era a indiferença.

Não consegui esconder minha expressão de mágoa. Todos perceberam, e um silêncio pesado caiu sobre a mesa.

Ira tinha razão. Fícar sozinha naquele vínculo era horrível e solitário. Eu precisava me libertar.

– Fique pronto, Carter. – Anunciei. – Faremos o ritual em breve.

Capítulo onze

No dia seguinte, era quarta-feira.

Passei a tarde na biblioteca. Meus estudos ficaram atrasados devido às últimas semanas, e tive que estudar. Bolsistas precísavam manter as notas.

O relógio bateu às 20h da noite.

A biblioteca fechou e eu saí. Cheguei ao estacionamento e notei os entornos do ITT agitados.

Era dia de jogo de futebol americano. Estávamos nas semifinais contra outra faculdade do Texas. Ou seja, a Fraternidade estaria vazia. Todos os garotos faziam parte do time.

Dirigi para a casa, exausta. Parei numa lanchonete e jantei.

Enquanto comia, verifiquei meu celular. Tinha recebido várias mensagens.

Tyler insistia para que eu fosse ao jogo. Asher tentava me comprar com ingressos dos melhores lugares. Já Cole apelou para a chantagem emocional. "Não podemos jogar bem sem a sua presença."

Mas eu era totalmente antifutebol. Ele perpetuava o sistema social do campus que sempre me excluiu.

Em pleno 2001, líderes de torcida e jogadores ainda mandavam. Os bolsistas eram a base da cadeia alimentar.

Então, sem futebol para mim.

Também recebi outra mensagem. Bem ao estilo sucinto de Carter.

"Casa vazia. Limpei a piscina para você. Aproveite a noite quente."

Soltei um sorrisinho.

Ontem, havia comentado que adorava nadar, mas nunca tinha tempo para isso. Nossa casa continha uma piscina aos fundos, mas demônios eram criaturas do

fogo e não gostavam de água. Por isso nunca usavam piscina.

Entretanto, Carter limpou-a para mim.

Dirigi para a casa. Animada, coloquei meus fones de ouvido e uma música alta. Finaimente teria uma noite de descanso!

Cheguei em casa e larguei minhas coisas na porta.

Abri a geladeira, peguei uma cerveja e me dirigi para o jardim. No caminho, aumentei a música dos fones, tirei os sapatos e abri a blusa.

Fui dançando até chegar ao deque da piscina. Às vezes, tudo o que uma garota quer é uma boa cerveja e uma piscina só para ela.

Olhava para os pés, chacoalhando e cantarolando, quando...

Foi abrupto.

Vi Exton na piscina. Ele se recostava à borda, totalmente nu, agarrando-se com uma Madison muito pelada. Ela gemia enquanto ele beijava o pescoço dela e a masturbava com uma mão.

– *Mas o quê...?* – quase deixei a garrafa cair.

Exton ergueu o rosto e me viu.

– Você. – Rosnou, afastando-se da garota. – O que está fazendo aqui?

Madison abriu as pálpebras. Ao ver-me, assustou-se e cobriu os seios.

– Que diabos? Quem é essa garota, Rendrix?

Ignorei-a.

– *Por que* está na casa, Exton? Não devia estar no jogo?

Ele era o linebacker, pelo amor de Deus!

– Eu peguei uma licença médica do time. Você deve saber a razão, já que foi *você mesma* quem me adoeceu.

– Ah, droga. – Eu tinha me esquecido. Ele ainda estava se recuperando do meu veneno.

– Mas, e você? – seu olhar desceu por meu corpo. – Não me diga que veio se juntar a nós numa transa à três? Está me perseguindo, por acaso?

– O quê?! – olhei para baixo, chocada.

Ai, porra!

Havia me esquecido dos botões da blusa abertos! Meus seios saltavam sob a renda do sutiã.

– Como sabia que eu estaria aqui? Foi uma desculpa para me ver pelado?

– Ah, cala a boca, Rendrix. É óbvio que foi um engano. Achei que estivesse no jogo.

Larguei a cerveja no chão e fechei a blusa. Ele observou meus movimentos com as sobrancelhas arqueadas.

– Tem certeza? Porque é a segunda vez que me flagra trepando. Você quer que eu te coma e não está sabendo pedir?

– Mas o quê... – exalei. – Argh! Saia deste pedestal, garoto! Era você quem me seguia como um cachorrinho até ontem. Eu não quero nada de você. Vim nadar porque achei que estaria sozinha em casa.

Madison se manifestou. Eu quase me esqueci dela.

– Espera, você veio nadar aqui? – olhou de mim para Exton. – O que está acontecendo? Por que a faxineira do Instituto está nua no seu jardim? Você deixa as empregadas usarem a piscina?

Ele nem olhou para ela.

– Fique de fora disso. – Olhar fixo em mim. – É assunto dos moradores.

– Moradores? Ela está morando aqui?!

– Sim. – Exton confirmou simplesmente. – A Hernandez é a nova membra da nossa Fraternidade. Ela passou por um processo seletivo e foi aceita.

Madison o empurrou para longe.

– Está de sacanagem comigo? Você disse que queria retomar o nosso caso, e um dia depois eu encontro uma garota de sutiã na sua piscina?

– A casa também é dela agora. Não há nada que eu possa fazer.

Ela bufou.

– Minhas amigas tinham razão. Você é um canalha.

– Não posso negar.

Desde que eu cheguei, ele mal parecia vê-la. Mantinha os olhos cravados em mim.

– Que absurdo. Eu vou embora.

– É melhor mesmo. Tenho assuntos a resolver com a minha colega de quarto. Precisamos conversar em particular. – E se ergueu na borda da piscina.

Saiu da água usando apenas um calção. Andou até mim. Músculos do abdômen trincados e molhados, atenção fixa no meu rosto.

Cambaleei para trás, assustada.

– O-o que está fazendo, Rendrix? Saia de perto...

– Nós dois temos pendências. – Voz ameaçadora. – Está na hora de resolvê-las.

Gaguejei, segurando a blusa.

– Não tenho nada para resolver com você.

– Nós iremos morar na mesma casa. Melhor aproveitarmos nosso tempo sozinhos para nos conhecermos melhor.

Ele parou a alguns centímetros e eu ergui uma mão.

– Não se aproxime mais.

Minha palma quase tocava o seu peitoral. Ele olhou para baixo, sorrisinho maligno.

– Procurando uma desculpa para tocar em mim, Hernandez?

Enquanto isso, Madison bufou.

– Era só o que faltava. Morando com a faxineira... – resmungava baixinho. – Eu devia ter ouvido as minhas amigas. – Saiu da piscina e pegou as roupas no chão. – Bando de loucos. –

Ela se retirou do jardim pisando duro. Deixou um rastro de água para trás. Ouvimos quando ela saiu da casa e bateu a porta.

Isto é, eu ouvi.

Exton não tirava os olhos de mim.

Sua atenção era inquletante. Formigava minha nuca.

Como eu não sabia o que dizer, balbuciei qualquer coisa.

– Você nem levou a sua convidada até a porta... Você é muito grosseiro.

– Sou um demônio. O que esperava?

– O mínimo de consideração?

– Não seja inocente. Eu sou Luxúria e me alimento de corações partidos. Quanto mais ela sofre, mais energia eu tenho. Diferente dos meus irmãos, *eu* não posso me alimentar de você. O vínculo foi cortado.

– Eca. Às vezes eu me esqueço de quem vocês são. Sete criaturas medonhas.

– Deve ser porque os vampiros do meu clã não agem mais como vampiros. Você os transformou em empregos submissos. É patético. Ainda bem que eu me livrei disso.

Ele estava muito perto. Seus músculos eram intimidantes.

– Não devia falar assim com uma Domadora. Podem ter quebrado nosso vínculo, mas ainda sou serafínica. Posso te matar com um toque.

Sorriu diabólico.

– Não pode mais. – E deu outro passo à frente. – Não tenho mais medo de você, Domadora.

Fiquei tensa.

Meu chicote sentiu meu temor e despertou. Ouvi sua voz dentro da minha cabeça, vinda do meu quarto.

"Precisa de mim, Domadora?"

"Ainda não", pensei.

Era um método de comunicação esquisito. Ainda tentava me acostumar.

– Eu quase te matei. Lembre-se disso. Você só está vivo porque tive misericórdia.

– E esta foi a sua ideia mais idiota. Devia ter me deixado morrer. Você me concedeu o indulto mais poderoso que existe, um perdão divino. Estou livre de todos os meus pecados e imune ao seu veneno. Péssima decisão.

Dei um passo para trás. Agora, com medo.

– Imune?

– Eu fui infectado e me curei. Meu corpo criou anticorpos. – Estalou a língua. – Verme de anjo é quase como catapora, só se pega uma vez. Seu toque não pode mais me machucar. – Seus olhos desceram por meu corpo. – O que é uma mudança bem interessante, se pensarmos bem. Eu sempre quis saber como é foder com uma inimiga à minha altura. Uma nêmesis de verdade. Não uma humana boba que eu enganei.

Grunhi.

– Poupe-me do joguinho de sedução. Já passamos desta fase.

– Passamos de todas as fases, Hernandez.

Tive que concordar. Experimentei todos os sentimentos com Rendrix. Atração, ódio, medo, vínculo sobrenatural...

Mal nos conhecíamos. E, ainda assim, tínhamos vivido um turbilhão de emoções.

Ele inclinou a cabeça. Observou-me, intrigado.

– Está olhando o quê, demônio?

– Apenas tentando me lembrar.

– De?

– Eu passei alguns dias Domado e devotado a você. Estou tentando me recordar da sensação.

– Tem certeza de que elas passaram?

Franziu a testa.

– Absoluta, garota. Não sinto mais nada por você.

– Interessante. Porque você dispensou sua transa sem pensar duas vezes quando eu cheguei. E ainda não tirou os olhos de mim.

Ele não caiu na provocação. Pelo contrário, continuou bem concentrado.

– Sabe, Hernandez... Você é um problema para mim. E a minha natureza me manda resolver todos os problemas de um único jeito.

– Que é...?

– Sexo.

Corei loucamente.

– Ah, por favor.

– Hum, acho que posso entender o que o meu clã vê em você. Agora que estou vendo de perto... Este jeans te deixa bem gostosinha.

– Ah, cala a boca.

Seu sorriso aumentou.

– Uh, ela é arisca. Eu gosto deste clima de inimizade. Continue, estou ficando duro.

Automaticamente, meus olhos desceram. Notei seu membro enrijecendo-se por baixo do calção. Imenso. Duro. Poderoso.

Meu ventre ficou quente. Gaguejei.

– Se toca. Não sou uma humana para cair nos seus truques. Você não pode me manipular.

– O que só torna tudo mais interessante. Eu nunca comi uma serafínica, muito menos uma Domadora. É um desafio.

– Caramba, você tem problemas.

– *Nós* temos problemas. Eu e você trocamos farpas desde que nos conhecemos. Não posso resolver a situação com socos, pois você é uma garota...

– Uma garota que pode quebrar seus ossos.

– Será mesmo? Você é forte, só que eu também sou. Uma briga física não vai nos levar a lugar algum. Não podemos nos matar e estamos num impasse. Que tal resolvermos nossos problemas de um jeito mais interessante?

– Fale logo o que você quer, vampiro.

– A maioria dos desafetos se resolve com uma boa foda de ódio. Vamos transar.

Estava pronta para xingá-lo quando...

Vi algo que me fez repensar.

Embora sua expressão fosse maliciosa, seu olhar, *não*.

Havia algo em seus olhos. Uma curiosidade genuína, e até uma certa ansiedade. Como se a mínha resposta significasse muito para ele.

Exton tratava o assunto com frivolidade, porque, no fundo, escondia certo nervosismo.

Talvez o nosso vínculo não houvesse sido totalmente expurgado... Talvez houvesse sobrado alguns rastros...

E se ele estivesse usando uma desculpa esfarrapada para satisfazer algum desejo secreto? Alguma vontade reprimido de ex-Domado?

Nosso vínculo foi forte. Deixou marcas. A mente podia não ter memórias, mas o corpo, tinha.

– Interessante...

– O que é interessante, Hernandez? – sorrisinho debochado.

Resolvi mudar a tática.

– Sua lógica. Quer saber? Você tem razão, vamos transar.

Sua expressão decaiu. Foi a primeira vez que o vi tomado por choque.

– Como é?

– Seu raciocínio tem sentido. Não podemos nos matar, e não iremos trocar socos como colegiais. Sairíamos machucados, seria ridículo. Temos que canalizar esse ódio mútuo para algum lugar. – Abri o restante da blusa. – Sexo é a única saída.

Ele piscou. Só estava me provocando, e claramente não esperava tal resposta.

Joguei a blusa no chão. Fiquei apenas de jeans e sutiã.

– O que foi, Rendrix? – mãos na cintura, peitos erguidos. – Quer dar para trás? Estava apenas blefando?

Exalou, indígnado.

– Eu não blefo, garota. Quer o meu pau? Ótimo, você o terá. Mas já aviso que sou grande e bruto. Vou deixá-la por uma semana inteira sem poder se sentar.

– Eu aguento. – Abri o zíper da jeans. Por dentro, tremia. Por fora, parecia imbatível. – Vamos lá. – Abaixei a calça e chutei-a para longe. – Mostre-me o que você sabe. Veremos se você é tão bom quanto diz.

Ele olhou meu corpo seminu. Expressão faiscante em desejo.

– Tem certeza de que aguenta, serafínica? Posso ser demais para você.

Antes, Exton dissera que Domados eram possessivos com suas Domadas. Então decidi atiçar tal instinto, descobrir se ainda estava vivo...

– Se você não fizer, outro fará. Tenho certeza de que qualquer morador desta casa irá me satisfazer se eu pedir.

Ele ergueu os olhos abruptamente para o meu rosto. Subitamente, furioso.

– Ninguém fará melhor que eu.

– Ira faria. Ele vai tomar o seu lugar como Domado amanhã. O ritual está mar-

cado. – Sorri, malvada. – Acho que nós dois teremos uma bela parceria, se é que me entende.

Foi o que bastou.

Ele capturou minha nuca, bruto, e me puxou para si.

– Eu sou o melhor e vou te provar – e me beijou ferozmente.

Sua mão esquerda segurava a minha nuca. A outra desceu para as minhas nádegas e apertou minha carne, possessiva.

Senti seu membro duro roçando em meu quadril.

Meu coração palpitava. Fui tomada por êxtase total e absoluto.

O corpo dele era extraordinário. Sua pegada, sem igual. Fiquei perdida no seu cheiro intoxicante, mãos ferozes e músculos de aço.

Criados sob medida para seduzir.

Entrelacei meus braços em seu pescoço, puxando-o para perto.

Cacete. Exton Rendrix era mais extraordinário do que eu imaginava. Nem em meus sonhos esperava tanta química.

Acho que gemi.

Ele soltou meus lábios e se afastou alguns centimetros. Observou meu rosto, tão perplexo pela química entre nós quanto eu.

– O que foi? – provoquei, arfante. Não poderia abaixar a guarda nem por um minuto. Era o desafio que o movia. – Não esperava gostar tanto do meu beijo?

Ele fez uma careta.

– Eu já fodi centenas de mulheres. Você é só mais uma para mim.

Entretanto, o fundo de seus olhos reluzia em algum sentimento tempestuoso. Seria...

Medo?

– Então pare de ficar me encarando e me beije, demônio.

Grunhiu.

– Como queira – e me beijou de novo.

Foi um beijo irritado e faminto. Ele ergueu minhas pernas em sua cintura e me pegou no colo. Levou-me para espreguiçadeira à borda da piscina. Pousou-me ali e se deitou por cima de mim. Beijou o meu pescoço e abriu o meu sutiã, jogando-o para longe.

Meus seios ficaram expostos. Porém, estava envolvida demais no momento para sentir vergonha.

Exton capturou meu mamilo com a boca. Chupou-o e lambeu-o. Fechei os olhos, entregue ao prazer.

Enquanto isso, sua mão desceu e entrou dentro da minha calcinha. Encontrou minha fenda completamente molhada.

Exton massageou o meu clitóris com dedos ágeis. Sabia muito bem que estava fazendo.

Eu gemi e senti-o sorrir. Ele gostava de me dar prazer.

Sua boca subiu e mordiscou minha orelha. Enquanto me masturbava, sussurrou ao meu ouvido:

– Você gosta disso, não é, sua safada?

Eu forcei uma risada ácida.

– Acho que é você quem gosta mais, vampiro.

Não sabia de onde eu tirava aquela audácia. Só sabia que precisava pressioná-lo até o limite. Somente assim desencadearia alguma emoção verdadeira.

E eu *precisava* saber o que ele sentia.

Exton bufou, zangado.

– Eu vou te mostrar o que é quer ser fodida de verdade. – Enrolou minha coxa na sua cintura. Abaixou o calção, segurou o membro e posicionou-o sobre minha calci-

nha. – Você está precisando de uma hora de pau para abaixar essa bolinha.

Eu arfava, desafiadora.

– Veremos.

– Veremos. – Ele afastou minha calcinha. Posicionou o membro em minha entrada. Com a mão livre, ele segurou o meu queixo, possessivo, e olhou em meus olhos. – Quero que olhe para mim enquanto eu te penetro. Você precisa saber quem é que manda.

Exton esperou uma resposta afiada, mas não a recebeu.

Eu apenas o encarava. Mente em pane, coração acelerado.

Vai acontecer. Vou transar como Exton Rendrix.

Eu guardava dois segredos.

O primeiro era que, no meu íntimo, eu queria me entregar àquele homem. Apesar de quem ele era e de todo o caos que havíamos vivido.

A química não respondia à lógica. Ela simplesmente acontecia.

E o segundo segredo...

Bem, Exton descobriria em breve.

Ele franziu a testa, estranhando o meu silêncio solene. Pressionou a ponta do

membro em minha carne molhada, bem no começo de minha entrada.

– Eu vou te comer agora. – Avisou.

Aquíesci, dando o consentimento.

Ele estreitou os olhos.

– Não tem mais nada a dizer?

– Não.

– Estou falando sério, serafínica. Quer mesmo dar para um vampiro?

– Sim. – Concordei. Sem provocações, sem piadas.

Aquilo só o irritou mais.

– Foda-se, então. O funeral é seu.

Ele penetrou o membro dentro de mim mais um centímetro, e...

Esbarrou em meu hímen intacto.

Exalou.

– Puta que pariu! Você é virgem?

– Sou. – Confessei.

Jamais vi um homem tão mortificado.

– Mas você tem 24 anos!

– Eu sei. Apenas nunca aconteceu para mim.

– Você quer que eu seja o seu primeiro, Hernandez? Tem certeza disso? Vai

perder a sua virgindade comigo só para me desafiar?

Tive o ímpeto de coragem. Pousei a mão em sua bochecha, muito séria.

– Não quero mais brincar. Não é mais um desafio para mím.

Ele gaguejou. Agora, sem reação.

– O-o quê?

– Eu já fui a sua Domadora. Nosso vínculo ainda está vivo dentro de mim. Sei que deixei algum rastro no seu coração. Posso ver em seus olhos que você não é indiferente.

Ele empalideceu. Como se houvesse sido descoberto.

– Do que porra você está falando?

Foi quando compreendi.

Exton não havia me esquecido.

Ele tentava ignorar aquela verdade, pois era constrangedora demais para admitir.

– Admita. – Insisti. – Você aínda não me esqueceu.

Trincou os dentes.

– Você não sabe do que está falando.

– Pois acho que nunca vi uma situação com tanta clareza. Você dispensou a Madison muito rápido quando eu cheguei.

E um Domado não esquece uma Domadora tão facilmente.

– Você está falando absurdos!

– Seja sincero. Eu ainda estou no seu coração, não estou?

– Cale a boca, Hernandez! – segurou meu pulso. Retirou minha mão do seu rosto abruptamente. – Não sinto porra nenhuma por você. Caia na real.

Mas ele parecia muito irritado para alguém que não sentia nada.

– Mentira. Você vacilou quando ouviu sobre meus sentimentos...

– Está alucinando, garota?

– (...) e até hesitou sobre tirar a minha virgindade. Se fosse qualquer outra, não hesitaria. Demônios não tem consideração por ninguém. Mas você teve por mim.

– Cala a boca! – levantou-se. – *Cala a boca!*

Eu me sentei, abrindo um sorriso.

– Descobri o seu segredo, não é? Você não se lembra do seu tempo como meu Domado, mas se lembra do sentimento. E isso te assusta.

Ele cerrou o maxilar.

– Você está delirando, serafínica arrogante. – Vestiu o calção, movimentos furiosos. – Você não significa nada para mim.

Levantei-me também, segurando os seios.

– Não minta, Exton. Eu não preciso colocar o Ira no seu lugar amanhã, e nem quebrar nosso vinculo para sempre. Confesse o que sente. Uma palavra sua e eu cancelarei meus planos.

– Pare de falar.

– Admita. Apenas me deixe saber.

Suas íris ficaram vermelhas.

– Nun-ca! – vociferou.

Dylan havia me falado sobre aquilo. Vampiros só mostravam suas verdadeiras aparências quando queriam assustar, ou quando perdiam o controle.

Exton estava descontrolado – porque sabia que eu tinha razão.

Ele estava lutando contra si mesmo. Contra sentimentos que não entendia.

– Pare de ser orgulhoso. Eu e você tivemos algo especial. Você foi feliz sendo meu Domado. Deixe-me te mostrar o que é o amor.

Ele riu forçadamente.

– Que proposta ridícula. Aliás, que *situação* ridícula. É um alívio eu não me lembrar de tamanho vexame.

– Mas seu corpo se lembra. Sua mente reluta, mas seu corpo quer voltar para mim. – Aproximei-me, ansiosa. – Volte para mim, Exton. Deixe-me te mostrar o que é amar e ser amado. Eu sou a sua única chance de experimentar a felicidade humana, e você sabe disso.

– Não! – berrou. – Eu prefiro morrer a me o tornar seu escravo patético de novo! Aliás, você devia ter me deixado morrer, serafínica maldita! Até voltar aos poços do inferno seria melhor do que ter esta conversa absurda. – Pegou a blusa no chão. – Nunca mais toque nesse assunto, ou não responderei por mim.

Com isso, virou-se e foi embora.

Ouvi-o bater a porta da frente com muita força. Em seguida, ouvi o barulho de sua moto acelerando.

Ele saiu de casa completamente molhado. Não levou celular ou dinheiro. Parecia simplesmente querer fugir para o mais longe possível.

Fugir de mim.

Exton sentia indignação, medo e fúria. Sintomas típicos de quem havia sido flagrado na própria mentira.

Eu me sentei na espreguiçadeira. Arfante e com o coração acelerado.

– Não acredito...

Mesmo com a cabeça à mil, eu tinha duas certezas.

A pessoa que nos desperta a química mais avassaladora é também aquela que desencadeia nossos maiores gatilhos.

Afinal, por ela nos tornamos nervos expostos. Completamente vulneráveis.

Isto era o que Exton desencadeava em mim.

Não importava o quão errado ele era. Fui designada pelos céus para domá-lo, e estávamos destinados um ao outro. Era *ele* quem me acendia e quem dominava meus pensamentos. Era a presença dele que palpitava o meu coração e que devastava o meu interior.

Eu queria aquela emoção. Por mais errada que fosse.

E sobre a segunda certeza...

Nem tudo estava perdido. Meu rastro ainda espreitava no coração daquele homem.

Eu não queria outro Domado. Queria a ele.

Não importava como, eu traria Exton Rendrix de volta para mim.

Capítulo doze

Naquela noite, dormi mal.

Tive sonhos horríveis. Pessoas de olhos vermelhos me cercavam, chamando o meu nome. Possuíam diversos rostos e falavam em vários idiomas. De alguma forma, eu os entendia.

Diziam coisas como:

"Domadora, me escolha."

"Eu quero você. Estou indo te buscar."

Alguns me seguravam pelos ombros e me sacudiam. Outros agarravam-se às minhas pernas, implorando: "Domadora, Domadora, olhe para mim..."

Acordei aos gritos.

"Soltem-me!"

Olhei ao redor. Percebi que estava sozinha no meu quarto. Ainda bem.

Fechei os olhos e me joguei de volta no travesseiro.

– Então começou.

Estava demorando.

Ira havia me avisado que aquilo aconteceria. Era um efeito colateral do Perdão.

Eu libertei Exton. Logo, era uma Domadora sem um Domado. Disponível. Todos os vampiros do mundo sentiam a minha presença. Uma raridade cobiçada.

Muitos demônios antigos estavam fartos da própria existência. Ansiavam por uma razão para viver. Queriam experimentar os sentimentos e o amor humano, e eu era um raríssimo canal.

Eles me viam em seus sonhos e tentavam me acessar. Não sabiam minha identidade e nem onde eu morava. Mas era só uma questão de tempo até descobrirem.

Ira me avisou.

"Você vai começar a sonhar com vários demônios ao redor do mundo. Vampiros, súcubos e toda sorte de criaturas horrendas. Eles tentarão te acessar enquanto você dorme – pois é quando sua mente se torna mais vulnerável. Tentarão

lhe convencer a tomá-los como Domadora. Muitos irão descobrir o seu endereço e virão pessoalmente te assediar. Poderão te perseguir incansavelmente, pois não têm nada a perder. Você é uma peça rara, Domadora. Serafínicas como você só aparecem uma vez a cada século, e olhe lá. Enquanto estiver disponível, eles farão um inferno em sua vida."

"Como eu faço para me libertar?"

"Só existe um jeito... Você precisa de um Domado. É o chamado da sua natureza. Coloque alguém no lugar do Exton imediatamente, senão, enlouquecerá."

A quinta-feira foi horrível.

Fui para as aulas e não consegui me concentrar. Toda vez que eu fechava os olhos, ouvia as vozes.

Mais ferozes. Mais altas.

"Domadora, onde você mora?"

"Me escolha, me escolha, me escolha..."

Eu não conseguia pensar. Era como ter milhares de pessoas na minha cabeça.

Enlouquecedor.

Fui embora do ITT antes do almoço. Não queria encontrar os vampiros. Eles notariam meu escrutinio e me pressionariam para colocar um deles no lugar de Exton.

Algo que eu não queria fazer. Ainda não.

Após ontem, realimentei esperanças. Queria convencer Exton a retornar à sua posição, mas para isso precisava de tempo.

E, claro, sobreviver até lá.

Falando sobre Exton...

O vampiro sumiu. Saiu na noite de ontem e não voltou mais. Não dormiu em casa, nem apareceu no ITT. Claramente tentava me evitar.

Passei o dia todo tendo delírios febris. Levei comida para o quarto só para evitar sair.

Naquele dia, Asher e Axel bateram à minha porta.

"Senhora, você não vai jantar conosco?"

Dei-lhes uma desculpa qualquer sobre cólica. Não saí mais do quarto.

Tive uma noite pior que a anterior. Mais sonhos assustadores. Estava se tornando impossível ficar na minha cabeça.

Pela manhã, Ira bateu à minha porta.

"Senhora?", reconheci a sua voz do outro lado. "O seu despertador não tocou? Você está atrasada para a primeira aula. Não tem que apresentar um trabalho?"

Acordei resmungando.

– Merda...

Sim, eu tinha.

Ira conhecia meu senso de responsabilidade. Eu jamais faltaria a uma apresentação valendo nota. Se o fizesse, levantaria suspeitas.

– Estou indo. – Forcei-me a levantar.

Arrumei-me rapidamente. Depois, tomei um calmante.

Cole me deu carona para o ITT. Permaneci calada durante toda a viagem. Tentava ignorar as vozes e fingir normalidade.

Ele notou.

– Você está bem, Senhora? Parece doente.

– Sim, é só cólica. Aparentemente nem mesmo as mulheres celestiais podem fugir do ciclo menstrual.

Mentiras com detalhes. Essas eram as mais convincentes.

– Devo parar e comprar um remédio na farmácia?

– Não. Já tomei em casa, valeu.

– Tem certeza?

Torcia os dedos, suando.

– Sim. Apenas dirija.

Ele me olhou com desconfiança, mas não contestou.

– Certo.

Quando cheguei ao Instituto, o calmante começou a fazer efeito. Finalmente.

Apresentei meu trabalho porcamente.

O calmante ajudava, mas não cessava as vozes. Na terceira aula, seu efeito começou a passar. Meu metabolismo serafínico processava remédios muito rápido.

Tyler me encontrou na saída da sala.

"Oi, senhora. Vamos para o almoço juntos?"

Eu suava, confusa.

– Hã?

Ele repetiu. Pisquei os olhos e me forcei a entender.

– Ah, claro.

– Posso carregar os seus livros?

– Valeu. – Entreguei os livros e ele franziu a testa.

– Você está tremendo. Algum problema?

– É pressão baixa, deve ser fome. Vamos almoçar. – E saí andando à frente.

Ele me seguiu.

No caminho, as vozes começaram a ficar mais altas.

Encontramos os outros no refeitório e nos sentamos juntos à mesa. Eu tentava conversar normalmente – porém, ficava cada vez mais difícil.

As vozes ficaram mais altas. Minha mente, vulnerável. Os assediadores viram essa brecha, ganharam força e conseguiram me causar visões.

Sentada à mesa, minha visão ficou turva. Mesmo acordada, fui assolada por imagens assustadoras. Rostos de demônios falavam nas mais variadas línguas.

"Escolha-me! Escolha-me!"

Tentei me acalmar. *Respire fundo, Isabela. Fique calma e aguente em silêncio. Não deixe que percebam.*

Porém, todos prestavam atenção em mim.

"Senhora, você mal tocou na comida..."

"Está pálida. Algum problema?"

Merda. Não conseguia mais esconder. As vozes ficaram altas demais, e agora gritavam.

– Preciso ir embora. – Levantei-me de supetão. Coração acelerado, visão turva.

"Mas o quê...?"

– Preciso ir ao banheiro. Coisas de mulher. Esperem-me aqui.

Saí antes que me parassem.

Atravessei o refeitório. Com o canto dos olhos, avistei Exton numa das mesas. Ele se sentava com alguns rapazes do time de futebol. Ignorava o clã de propósito.

Aconteceu numa fração de segundo. Nossos olhares se cruzaram, e ele desviou o rosto, irritado.

É por você, pensei. *Estou aguentando por você.*

Exton tinha que ser meu Domado. Não outra pessoa. Se eu aguentasse só mais alguns dias, poderia convencê-lo e...

Meu corpo sucumbiu. Minha visão ficou preta.

– Não. – Arfei, cambaleando. – Aqui não.

Estava literalmente no meio do refeitório.

As vozes gritaram mais alto.

"Isabela Hernandez, eu sei quem você é! Estou indo te pegar!"

Gritos e gritos. Um tentava falar mais alto que o outro, exigindo serem ouvidos.

Parei de andar e tapei os ouvidos.

– Parem! – berrei. – Parem de gritar!

Parecia uma maluca gritando no meio do refeitório. Porém, cheguei ao meu limite.

Vozes gritavam. Imagens estouravam em minha visão, sangrentas. Eu não conseguia pensar e nem respirar. Tudo ficou dez vezes pior.

"Escolha-me, escolha-me, escolha-me..."

– Me deixem em paz! – caí de joelhos no chão, aos prantos.

Ao meu redor, os alunos se assustaram.

"Caramba. Vejam aquela garota!"

"Acho que ela está passando mal..."

"Ela está tendo um ataque de pânico! Alguém a ajude!"

– Não! – eu gritava. Mãos sobre os ouvidos, olhos fechados. – Saiam da minha cabeça! Socorro!

De repente, senti alguém me abraçando por trás.

Braços fortes me empurraram para o chão. Um corpo musculoso se deitou por cima de mim e enrolou os braços ao meu redor.

Ouvi a voz de Exton no meu ouvido.

– Saiam daqui. – Ele não falava comigo. – Esta Domadora já tem dono. Deixem-na em paz, ou caçarei vocês até no inferno.

Foi imediato. As vozes se assustaram e foram embora.

"Vamos sair daqui," disseram. "Este vampiro é antigo e perigoso."

"Não podemos mexer com essa Domadora. Ela já foi reivindicada."

Foram as últimas coisas que eu ouvi. As vozes obsessoras cessaram.

Abri as pálpebras e olhei ao redor.

Encontrava-me deitada no meio do refeitório. Exton deitava-se sobre mim, com os braços ao meu redor protetoramente.

Todos os alunos nos encaravam. Em choque e em horror.

Virei a cabeça. Deparei-me com o rosto de Exton a centímetros do meu, e trocamos um olhar íntimo.

– Obrigada. – Sussurrei.

Ele apenas aquiesceu, sério.

Então, desmaiei.

***

Acordei deitada na minha cama com uma agulha no braço. Soro na veia.

– Ai. – Resmunguei.

Os vampiros me ouviram de longe. Entraram correndo no meu quarto, um atrás do outro.

"Senhora, estávamos tão preocupados."

"Você finalmente acordou!"

Eles se reuniram ao redor da minha cama. Entretanto, Exton parou à porta e não entrou.

Olhava-me num silêncio enigmático. Expressão séria e mãos nos bolsos.

Sentei-me.

– O que aconteceu?

Dylan contou tudo.

Desmaiei no refeitório. Exton me levou no colo para o carro dele. Disse para todos que me levaria ao hospital.

Ele me levou para a Fraternidade e os vampiros o seguiram. Ira conjecturou sobre os assédios e acertou. Eles me mantiveram dopada por três dias até descobrirem o que fazer, e só chegaram a uma conclusão...

Eu *precisava* de um Domado.

E não, Exton não poderia retornar à posição.

Apenas demônios terríveis se vinculavam à Domadoras, mas Exton recebeu um perdão. Aquilo o limpou de dentro para fora.

Ou seja, ele não era mais terrível.

Ira iria assumir o lugar. Era a decisão mais lógica. Do contrário, eu continuaria sendo assediada e enlouqueceria.

Fizemos o ritual às pressas. Todos quiseram presenciar, menos Exton. Ele saiu e não voltou mais.

Ao fim, Ira se ajoelhou aos meus pés.

– Aqui estou eu, o seu servo fiel, Domadora.

O chicote estava em minhas mãos. Quando ele falou em minha mente, repeti as palavras.

"Bem-vindo, Domado Ira. Você cessará seus trabalhos profanos no mundo. Em troca, eu trarei paz ao seu coração perturbado e um propósito à sua vida. Você aceita?"

– Sim, Reverendíssima. Será uma honra para mlm.

"O acordo está feito, demônio. Faremos uma bela parceria."

Carter estava em êxtase. Já eu, tentava esconder a tristeza.

Não era o que eu queria. Nunca foi.

Acreditei que minha atração por Exton fosse proveniente do vínculo. E, uma vez quebrado, aquele homem sairia dos meus pensamentos.

Mas, não.

A tristeza continuou me perseguindo por todo o dia. Fui assombrada pela sensação de perder algo importante. Algo tomado cedo demais, e que nem teve a chance de começar.

***

Naquela noite, os vampiros teriam um jogo importante. O futebol era algo venerado no ITT. Os sete, componentes importantes do time.

Exton não voltou para a casa, e os outros seis queriam faltar ao jogo.

"Não podemos te deixar sozinha. Você acabou de se recuperar."

Não permiti, pois me sentia bem. Praticamente tive que expulsá-los de casa.

Ira foi o mais difícil de convencer. Ele me seguia como um filhotinho. Sintomas de Domado.

As faltas de seis jogadores importantes levantariam perguntas. Já tínhamos muitas explicações a dar. Não queria complicar mais as coisas.

Era noite. Antes do jogo começar, eles me ligaram do vestiário, e colocaram no viva voz.

"Deseje-nos boa sorte, Senhora!"

"Queríamos que estivesse aqui para nos ver."

"Vou marcar um gol para você."

Ouvi a voz de todos, menos a de Exton. Aparentemente, ele também faltou ao jogo.

Respondi:

– Boa sorte! Deem o melhor! Eu vou cozinhar alguma coisa especial quando voltarem. Já sei o prato preferido de cada um.

"Oba! Eu vou me sentar do seu lado na mesa!"

"Não, eu vou."

"Cala a boca, Tyler. Eu falei primeiro."

Ouvi uma voz furiosa aos fundos.

"Jogadores", era o treinador. "A partida vai começar. Larguem esse maldito celular e venham logo! Não é a hora de falar com a namorada que vocês compartilham!"

Nosso treinador era conhecido por ser mal-humorado.

Do outro lado da linha, eu ri.

– Ok, ok. Hora de desligarmos. Boa sorte.

Eles se despediram animadamente e desligaram.

Guardei meu telefone, alegre. Até que percebi que ostentava um sorrisinho no rosto e o peito inflado por carinho.

O que era aquilo?

Balancei a cabeça, confusa. Eu era uma serafínica morando com vampiros. Eu deveria domá-los e não sentir *afeto* por eles.

"Este é o preço que Domadoras pagam", disse o chicote de repente.

Ele sempre ficava embaixo do meu travesseiro. Estava me acostumando às nossas conversas estranhas.

– Como assim? – sussurrei.

"Domadoras amam seus Domados. O amor é um vínculo de ambos os lados, anjo."

– Mas serafínicos não são programados para odiar vampiros?

"Sim. Por isso escolher ser um Domador é chamado de sacrifício."

– E sobre Exton? – mordi o lábio. – Por que... Por que ele aínda está espreitando às bordas do meu coração?

O chicote demorou a responder. Parecia sopesar.

"Isso não tem nada a ver com o meu vínculo, Domadora."

A resposta me assustou.

O sentimento pode ter nascido do vínculo, mas a continuidade dele, não. Aquilo nascia de mim. *Eu* tinha sentimentos por Exton Rendrix.

– Céus. – Levantei-me da cama, consternada. – Isso complica tudo.

Precisava me mexer e ocupar a cabeça.

Decidi descer e cozinhar o jantar. Não precisei acender as luzes. Minha visão sobre-humana captava tudo.

Tracei o caminho até a cozinha. Precisava me apressar. Em breve minhas criaturas devotadas chegariam famintas.

Ao pensar naquilo, soltei uma risadinha. Não havia relação mais estranha do que a nossa, e...

Estagnei, arfando.

– Ai, meu Deus.

Algo foi deixado sobre a mesa da cozinha.

Era o cadáver de um esquilo. Seu abdômen foi aberto de forma brutal, e sangue e vísceras estraçalhadas caíam no chão de linóleo.

Minha nuca se arrepiou. Meus ínstíntos apitaram.

Tem mais alguém nesta casa.

SOB A VISÃO DE EXTON

Exton pegou o carro. Dirigiu para fora de Dallas.

Enfiou-se em prostíbulos e comeu quantas prostitutas conseguiu. Bebeu, fodeu e dormiu, mas nada o aliviava.

Todo o seu corpo gritava um único nome...

Isabela, Isabela, Isabela.

Como ela ousava colocar outro Domado em seu lugar?

Ele não pôde ficar para ver o ritual. Não aguentou. Queria arrastar a cara de Carter contra o asfalto! Morder sua garganta, dilacerar suas vísceras e gritar: *esta Domadora é minha!*

Argh. Que pensamentos desprezíveis.

Aliás, Exton se afogava em autodesprezo. Não queria cair no canto da sereia da Domadora, e nem se entregar ao magnetismo dela, como aconteceu com os irmãos.

Ridículo, degradante! Ele era um vampiro com séculos de vida, pelo amor de...

Argh. Nem conseguia terminar o pensamento.

Anteriormente, Exton não se lembrava dos dias que passou como Domado.

O perdão foi um evento muito poderoso. Mexeu com a química do seu cérebro e apagou algumas memórias para desfazer o vínculo.

Era como ter uma ressaca das fortes. Só que os efeitos não duravam para sempre.

Eventualmente, as memórias foram voltando.

Exton se lembrava dos sentimentos. O êxtase completo... A alegria de experimentar o amor incondicional... A força do

vínculo de um Domado, como se milhares de estrelas explodissem em seu coração...

Porra. Era como se ele houvesse encontrado um propósito de vída.

O instinto selvagem de servi-la, protegê-la e amá-la preenchia todo o seu peito.

Esses sentimentos humanos eram *mesmo* poderosos.

Como os humanos aguentavam a loucura e a vulnerabilidade da vida? Agora, Exton podia entender por que todos achavam a vida tão difícil, e, ao mesmo tempo, tão incrivelmente bela.

Exton nunca experimentou a calidez, a doçura e a beleza do mundo. Somente a maldade. Mesmo o prazer físico não lhe causava nenhuma emoção. Era apenas uma obrigação.

Vampiros como ele tinham tudo. Dinheiro, mulheres, sucesso e prazer.

Só não tinham amor.

E, sinceramente? Foi fascinante ter uma mulher para proteger, um objetivo para estar vivo. Ainda que por poucos dias.

Exton não sabia explicar a força do vínculo. Até os rastros das memórias eram muito poderosos.

Ele tentava reprimir as lembranças. Contudo, elas atacavam seu subconsciente, ferozes.

Por isso ele evítava voltar para a casa. Não queria ver Isabela. Ela reacendia memórias constrangedoras e ridículas. Memórias de devoção que ele queria reprimir.

Exton sentia-se decidído. Não sucumbiria aos encantos de Isabela. Seus irmãos pareciam ridiculos ao segui-la, e Luxúria sempre foi melhor que isso.

Se tivesse que evitá-la para sempre, evitaria.

Ele passou alguns dias longe de casa, perambulando por bordeis e jogatinas.

Certa noite, recebeu uma ligação de Hilary. A súcubo com quem fodia esporadicamente. Sua amante mais antiga.

Hilary era um tanto apaixonada por ele. Exton sabia, mas não se importava, já que aquelas transas o energizavam. Ela era multo mais forte que uma humana.

Ademais, foder com uma súcubo o lembrava de quem ele era. A porra de um vampiro forjado no fogo do inferno e que não precisava de amor.

Nem mesmo um amor épico... Que só uma Domadora poderia oferecer...

Não. Ele era feliz daquele jeito.

Ou era o que repetia para si mesmo.

Atendeu a ligação, voz seca.

– E aí.

"Oi, meu gostoso", Hilary tinha o tom sensual. "Hoje é o dia da nossa transa mensal. Você não me ligou para marcar, se esqueceu?"

– Foi uma semana complicada. Estive... Ocupado.

Quase morrendo, sendo Domado e depois perdoado. Nada demais.

"Hum. Assim você me magoa, vampiro."

– Argh, por favor. Somos velhos para isso.

"Uh, alguém anda amargo."

– *Humph*...

"De qualquer forma, estou na cidade. Vai ser na minha casa ou na sua?"

Ele pretendia voltar amanhã para Dallas. Tinha um jogo de futebol. Mas, que se dane.

– Estou em Vegas. Venha amanhã até mim. Passarei o endereço do hotel por mensagem.

"Vegas? Não está na Fraternidade? Pensei que fosse a temporada de futebol."

– Não quero voltar para Dallas. Aquela cidade ficou insuportável para mim.

"Entendo. Já sei sobre o que está falando."

Rendrix congelou.

– Como assim?

"Está se espalhando um comentário na comunidade demoníaca do sul. Parece que há uma Domadora à solta. Não é insano? Depois de séculos, uma delas apareceu. Os serafínicos estão mesmo desesperados. Isso é apelação. Apenas os demônios machos conseguem senti-la. Ouvi dizer que algum idiota foi Domado, mas se livrou do laço. Não se sabe o porquê."

– Hum.

Exton jamais admitiria que o idiota Domado era ele.

Felizmente, a informação ainda não havía chegado à Hilary, e ele não contaria. Humilhante demais.

"Dizem que a Domadora mora em Dallas. Está perigoso ficar por lá."

– Exato.

Eles combinaram um encontro no dia seguinte e desligaram.

No ínterim, os seis começaram a ligar. Exton os ignorou, então o bombardearam com mensagens.

"Cadê você, 07?!"

"Você é linebacker! Tem que aparecer no jogo!"

Ah, é. O maldito jogo de futebol.

Mais mensagens furiosas:

"Faltou outro treino? Pirou? O treinador irá te cortar do time!"

"Tenha a dignidade de aparecer. Temos que manter as porras das aparências..."

Exton não respondeu porque não estava pronto para voltar. Estar na presença da Domadora causava coisas em seu coração que...

Bem, ele não queria admitir. Nem para si mesmo.

Portanto, Exton decidiu reprimir os sentimentos nas catacumbas do seu coração. Até que sumissem. Seu orgulho era maior que qualquer vontade de ser feliz.

Tudo bem. Uma transa com a súcubo iria reconectá-lo à sua identidade.

O dia seguinte chegou.

Ao final da tarde, Hilary bateu à porta do seu quarto de hotel.

Ele atendeu e ela foi entrando.

– Oi, delicioso. – Agarrou-o num beijo de língua. Chutou a porta atrás de si e começou a tirar a roupa.

Geralmente Exton conseguia se concentrar. Afinal, sexo era o seu alimento. Mas não agora.

A súcubo falava sacanagens ao seu ouvido. Corria as mãos por seu corpo, abrindo os botões da sua blusa.

– Uau, sinto gosto do uísque na sua língua. – Riu. – Que delícia. Você parece estar super bêbado. Acho que preciso pedir uns drinques para te acompanhar.

É claro que ele estava bêbado. Havia se afogado em álcool o dia todo, tentando apaziguar o autodesprezo.

A súcubo abriu o zíper da calça dele e capturou o seu membro com a mão.

Mas a mente dele estava longe. Só conseguia pensar no maldito Ira.

Como ele ousou tomar o meu lugar? Tocar no que é meu? O que ele e Isabela estariam fazendo agora?

A súcubo falou entre seus lábios.

– Ora, meu caro... O que está acontecendo aqui embaixo? Por que você não está duro para mim?

Exton não sabia. Ele se sentia sempre pronto para sexo, mas não hoje. Não desta vez.

– Estou sem clima.

Hilary se afastou, cenho franzido.

– Isto é novidade. Devo te dar um estímulo? – e começou a se ajoelhar para chupá-lo.

Naquele momento, Exton caiu em si. Ele não queria a boca dela no seu pau! Não queria boca alguma, a não ser...

A não ser a de Isabela Hernandez.

Aquela foda era um erro!

A súcubo começou a masturbá-lo. Entretanto, seu pau simplesmente não se endurecia.

– Pare! – ele a empurrou e vestiu as calças. Correu as mãos pelos cabelos, andando de um lado para outro.

O que está acontecendo comigo?, perguntava-se.

A súcubo se levantou, sobressaltada.

– O que aconteceu?

– Eu não quero sexo hoje.

Houve um silêncio perplexo.

– Como assim não quer?

– Simplesmente não.

– Faz décadas que nós nos encontramos e você nunca me rejeitou. Não tem lógica alguma.

O pau dele não ficava duro porque sua mente vagava por outro lugar. Ele simplesmente não conseguia transar com mulher alguma que não fosse Isabela Hernandez.

A meretriz entrou na cabeça dele!

– Não vai rolar hoje, Hilary.

Ela segurou o ombro dele e virou-o para si com brusquidão. Cheirou seu pescoço e arfou, cambaleando para trás.

– Eu sabia! – olhar arregalado. – Estou sentindo este cheiro na sua pele desde que cheguei! Não comentei porque não entendia do que se tratava... Mas agora, entendo. É ela, não é? – voz horrorizada. – A Domadora te marcou! Você é o cachorrinho dela!

Exton trincou os dentes, humilhado.

– Foi só por dois dias.

– Não acredito. Era você este tempo todo. Eu ouvi os comentários de um vampiro domado, mas não quis acreditar...

– Eu fui liberto. Ela não tem mais poder sobre mim.

– Mentira! – a súcubo perdeu o controle. Arremessou um abajur na direção

dele. – Vampiro mentiroso do cacete! Traidor!

Ele teve que se desviar do ataque. O abajur bateu na parede e se quebrou.

– Mas o quê? Ficou louca?!

– Aquela maldita ainda está te dominando! Eu sinto o cheiro nojento dela sobre sua pele!

– Não, ela me desvinculou. Nós fizemos o ritual. Eu tenho certeza.

– Você está cego, porra?! Um vinculo desses nasce dos dois lados! Ela te libertou, mas você não conseguiu deixá-la ir!

– Não. Impossível.

Exton não queria persuadir a súcubo. Na verdade, tentava convencer a si mesmo.

– Seu subconsciente ainda a quer!

– Cale essa boca!

– Aquela maldita te estragou para sempre... – Hilary desviou o olhar, tendo uma ideia. – Não, não posso aceitar isso. Preciso eliminá-la.

– O quê?

A súcubo perdeu o controle. Pulou em cima dele e arremessou-o ao chão. Era muíto forte.

– Sai de cima de mim, sua louca!

Ela arreganhou os dentes afiados.

– Não tente lutar, vampiro. Eu sou mais velha e mais forte. Você vai perder.

Ele retirou algemas do bolso. Eram as algemas que eles usavam para sexo selvagem.

Exton lutou, mas a súcubo o dominou com facilidade. Tinha séculos de vida a mais.

Ela o algemou aos pés da cama.

– Pronto. – Levantou-se, tirando o cabelo do rosto. – Agora preciso eliminar aquela Domadora. Se você não vai ser meu, também não vai ser dela.

Exton entrou em pânico. A súcubo fugia há séculos. Era boa em escapar e não fazia promessas vãs. Poderia não matar a serafínica, mas poderia fazer pior. Desmembrá-la... Devorar suas visceras...

Seriam meses de recuperação.

– Não seja burra. Toque naquele anjo e o clã dela irá te perseguir pela eternidade.

– Eu aguento.

– Os meus irmãos vampiros também a caçarão. Eles estão fascinados pela Domadora. Você será caçada com ferocidade.

Ela abriu um sorriso enlouquecido.

– Vai valer a pena.

Exton balançou as algemas até ferir a carne da pulso.

– Eu te alcançarei! Algemas idiotas não podem me prender por multo tempo.

Algemas de aço, cama parafusada ao chão. Exton demoraria algumas horas, mas certamente conseguiria quebrá-las.

– Ah, eu sei. Você irá me caçar assim que se libertar.

– Vou caçá-la até você morrer, vagabunda.

– Tanto faz. Quando você chegar, será tarde. – Outro sorriso insano. – Ela pode ter colocado seis vampiros machos sob o chicote, mas as fêmeas demoníacas não são tão fáceis de manipular. Hoje, ela vai descobrir.

– Hilary, volte aqui.

Ela o ignorou. Pegou as roupas no chão e saiu batendo a porta.

– Não! – Exton foi tomado por terror. – Não, não, não!

A súcubo não era burra. Encurralaria a presa quando estivesse sozinha, e Isabela não estaria preparada. Ela não andava com o chicote em mãos, e sem a arma...

Seria um massacre.

Isabela era forte, mas não invencível. Uma súcubo tão antiga conseguia dominar até mesmo um vampiro. Quem dirá uma serafínica novata?

Isabela passaria meses no hospital, e...

Merda. Ele nem conseguia terminar o pensamento.

Foi tomado por um instinto avassalador de posse e proteção. Seus dentes trincaram e algo dentro dele rugiu: *ninguém vai tocar no que é meu.*

Então, ele teve a ideia.

Alguns vampiros tinham uma habilidade secreta. O estado de total selvageria.

Vampiros eram metade humanos, metade animalescos. Geralmente, escolhiam andar na forma humana para se misturarem, e muito raramente usavam a forma selvagem.

Exton só a usou uma vez na vida. E agora teria que ser a segunda.

Sua força seria ampliada em dez vezes. Ele conseguiria quebrar as algemas e lutar com a súcubo. Correria pelo deserto e chegaria mais rápido em Dalias que um carro.

Sim, o estado de total selvageria era intenso. Proveria a força e a velocidade ne-

cessárias para salvar Isabela, mas tomaria algo primordial...

Sua racionalidade.

Caso se transformasse, Exton ficaria completamente vulnerável. À mercê dos sentimentos. Guiado pelo instinto animal e subconsciente.

Ele não queria ver as porcarias que guardava no fundo da cabeça. Muito menos mostrá-las na frente de Isabela.

E se ela descobrisse o seu segredo?

Você ainda não saiu do meu coração.

Seria humilhante, mas Exton não tinha escolha.

Ninguém tocará na minha Domadora, pensou. *Estou disposto a pagar qualquer preço para protegê-la, ainda que me custe a dignidade.*

Exton jogou a cabeça para trás e gritou. Precisava abrir espaço para a selvageria vir à tona. Havia a trancado por muitos anos.

A *coisa* precisou abrir caminho entre seus órgãos para sair. Durou alguns segundos. Doeu como o inferno.

A transformação aconteceu e mudou sua aparência física. Agora, ele ostentava olhos vermelhos, rabo afiado e movimen-

tação nos quatro membros. Tal qual um animal.

Seu estado mais primitivo.

A racionalidade foi embora.

Ele não pensava. Só agia por instinto. Com um só golpe, quebrou as algemas. O ato foi tão violento que até mesmo o pé parafusado da cama se quebrou.

Naquele estado, ele ficava mais alto e forte. Os botões de sua blusa saltaram.

Ele não raciocinava. Não sabia usar portas.

Simplesmente pulou pela janela do hotel e caiu uma queda de cinco andares. Colidiu contra o asfalto do estacionamento dos fundos.

A queda mataria um humano, mas nem o arranhou. Era forte demais.

O estacionamento estava vazio. Ele não foi visto. Atravessou a cidade serpenteando por becos escuros. Chegou ao deserto e pôde correr. Usava os quatro membros como uma pantera. Dentes arreganhados, joelhos fiexionados, mãos espalmadas no chão.

Exton correu à beira da rodovia. O vento do deserto era frio. A lua, alta. O chão, árido.

Ele não sabia racionalmente para onde estava indo. Apenas sentia o cheiro da Domadora e seguia o instinto. Qualquer humano que o visse agora entraria em pânico.

Em sua mente animalesca, apenas um impulso quebrado ressoava.

"Eu vou te pegar, súcubo. Não encoste na minha mulher."

Capítulo Treze

Não precisei procurar o invasor. Ele mesmo se apresentou.

Ouvi um rosnado. Virei-me e dei de cara com a criatura. Olhos vermelhos, boca suja de sangue, expressão descontrolada.

– Dra. Hilary?!

Era ela! A súcubo que se passava por professora! A amante do Exton!

Ela usava sua forma sobrenatural e parecia fora do juízo. Pele escamosa, rabo

afiado. Pequenos chifres na testa, narinas ofídicas. A sua imagem real.

Dei um passo para trás. *Ah, não.*

Tais criaturas só tiravam a máscara humana quando queriam atacar.

– Olá, Domadora. – Cumprimentou-me. – Ouvi falar muito de você. Seu nascimento é o assunto principal entre os demônios da América.

– O que está fazendo na minha casa?!

Ela franziu a testa. A voz, magoada.

– Pensei que fosse óbvio. Eu vim lhe dar um presente. Você gostou?

Havia sangue na boca dela. Restos das vísceras do esquilo.

– Como entrou na casa?

– Eu arrombei. Demorou para que os vampiros saíssem, mas eu esperei pacientemente...

Lancei um olhar rápido para a porta da sala. A maçaneta foi quebrada.

– Por que veio? Não ouvi a sua voz na minha cabeça. Você é fêmea e não pode ser Domada. Não sou útil para você.

Domadoras só atingiam criaturas masculinas. Ira havia me atualizado.

– Não quero ser Domada por você, serafínica idiota. Quero me vingar. – Ela co-

meçou a me circular como uma predadora. Perigosa, faminta e nada humana. – Você tirou tudo o que era meu. Quero o meu troco.

O chicote gritou na minha cabeça. "Fuja! Ela pode e vai te machucar!"

Deixei a arma no quarto. Teria que subir dois lances de escada para alcançá-la.

Posso chegar ao chicote se correr bastante? Ele teria efeito sobre uma criatura fêmea? Ela seria mais forte que eu?

Enquanto sopesava, falei qualquer coisa para distraí-la.

– Troco? Eu nem te conheço. Como posso ter feito algo para você?

– Ah, você fez. Eu não tenho nada. Levo uma vida vazia e cheia de maldade, e minha única alegria era o Luxúria. Mas você o estragou. Transformou-o na sua cadelinha patética.

– Espera! Isso é por causa do Exton?!

– Você o roubou de mim, serafínica vagabunda! Ele era a minha paixão mais antiga e você o domou!

– Isso é um ataque de ciúmes? Ele não é mais meu Domado, já acabou.

– Mentira! Eu senti seu cheiro marcado na pele dele ainda hoje! É o fedor do vínculo de Domadora!

– O vínculo foi extinto! Eu mesma o libertei!

– Pode ter sido extinto para você, mas não para o vampiro. Senti seu cheiro na pele dele. Meu olfato não mente. Eu o procurei ontem para fodermos e ele me rejeitou. Eu o conheço há cinquenta anos e isso nunca aconteceu antes. Só pode ser coisa sua!

– Por favor, súcubo. Não vamos brigar por um homem. Somos mulheres melhores que isso.

– Você é uma mulher. Eu, não. – Abriu um sorriso vingativo. – Sou uma demônio e protejo o meu macho. Você invadiu o meu território e precisa pagar.

Ele se agachou em posição de ataque.

Arregalei os olhos. A súcubo era antiga e não caía no meu domínio. Indefesa, cambaleei para trás.

– Pare com isso. Não precisamos brigar. Exton não se importa mais comigo.

– Mentiras! Eu sinto que há alguém no coração dele! Não há outro motivo para ele me rejeitar! Só pode ser você! – agachada, ela arreganhou os dentes afiados e arranhou o chão. – Você tomou a única coisa feliz da minha vida, serafínica, e agora vai ter que pagar.

Senti um medo real.

– V-você não pode me matar.

– Não. Mas posso te desmembrar e comer seus olhos. Eles terão que costurar seu corpo membro por membro, e eu saborearei cada segundo da sua dor.

Sem meu chicote, não poderia combatê-la. Usei meus últimos recursos:

– Sou uma serafínica. Mostre algum respeito.

Riu.

– Sou uma fêmea, criatura burra. A hierarquia das Domadoras não significa nada para mim.

– Meu clã virá atrás de você.

– Eles não me encontrarão. Eu fujo da sua espécie há séculos. Não serei pega. Sou mais esperta que esses vampiros idiotas.

No meu bolso, meu celular vibrou.

Ela ficou animada.

– Ora, ora. Já sei quem está ligando. Atenda. Quero que ele ouça o meu recado.

Peguei o celular no bolso e vi que era uma ligação de Exton.

– É o Rendrix. – Franzi o cenho. – Ele sabe que você está aqui.

Era a única explicação. Exton nunca me ligava.

– Claro que sabe. Eu avisei que estava vindo me vingar.

Ele ligava insistentemente. Sem ser atendido, começou a mandar várias mensagens.

"Não saia de casa!"

"Tranque tudo! Não atenda a porta!"

Letras e palavras erradas. Como se digitasse na pressa, ou estivesse fora de si.

– Ele não vai deixar você me machucar.

– Luxúria está a quilômetros. – Sorriso maléfico. – Ele pode ligar o quanto quiser. Não vai chegar a tempo.

Exton ligou outra vez.

Num ato de desespero, atendi. Coloquei o telefone na orelha e rapidamente ofeguei:

– Exton, ela está aqui. Socorro. – Em seguida, joguei o celular para longe e corri.

Antes que eu subisse as escadas, ela me alcançou. Puxou o meu cabelo para trás e me arremessou no chão. Possuía uma força descomunal.

Fui jogada. Bati as costelas na quina de um móvel e caí de costas no chão. O impacto foi tão forte que perdi o ar.

Olhei para cima. No escuro, só via as íris vermelhas da súcubo se aproximando.

– Se eu não vou ficar com ele, você também não vai. – E pulou em cima de mim.

Ergui os braços para proteger o rosto. Ela cravou os dentes no meu antebraço. Senti minha carne sendo arrancada e gritei.

Com um golpe, chutei-a na barriga. Ela caiu para longe, mas rapidamente se levantou.

– Então você não quer cair sem lutar? – sorriso alucinado. – Que reviravolta interessante. Eu adoro uma caçada.

– Pare! Eu não quero brigar!

– Mas eu, quero. Corra! Quero vê-la fugir de mim como o verme inferior que é.

Sem alternativas, me levantei. Comecei a correr, mas ela me alcançou. Passou-me uma rasteira. Eu caí no chão e ela montou em cima de mim. Segurou meus braços contra o piso e mostrou os dentes assustadores.

– Vamos ver qual é o gosto da carne de anjo... – e fez um movimento para me morder. Bem na jugular.

De repente, algo aconteceu. Foi muito rápido.

Alguém entrou pela porta da frente, vociferando:

"Essa Domadora é minha!", voz gutural.

A pessoa atravessou a sala correndo. Usava os quatro membros como um animal. Íris vermelhas, dentes arreganhados.

Era Exton. Ou uma criatura parecida com ele.

Ele pulou em cima da súcubo e arremessou-a ao chão. Os dois rolaram pelo carpete, trocando mordidas e arranhões.

Era uma cena horrível.

Exton se movia com os quatro membros, rosto retorcido e animalesco. Não consegui falar, apenas rosnar, completamente tomado pela forma selvagem. Sua verdadeira face.

A súcubo era forte, mas ele também. Ao menos, no estado de selvageria.

Em dado momento, a súcubo notou que iria perder. Assustada, tentou se desvencilhar e foi se arrastando pelo chão. Porém, ele a capturou pelo rabo e, com um puxão, trouxe-a para si.

Ela gritou:

– Me solte, vampiro!

A voz dele era gutural.

– A serafínica é minha! – puxou-a pelos cabelos e mordeu sua garganta.

Ela gritou.

Exton drenou o sangue dela de forma selvagem e violenta. Durou segundos. Ela revirou os olhos, fraca, e desmaiou.

Exton soltou-a com desprezo.

– Seu sangue tem gosto de lixo. – E deixou-a cair no chão. Depois, limpou o rosto ensanguentado com a manga da blusa.

Correu para a área dos fundos usando os quatro membros. Ouvi barulhos de objetos sendo arremessados. Ele estava buscando alguma coisa na garagem.

No ínterim, fiquei sozinha com a súcubo desmaíada. Sentia-me paralisada em horror.

Meu Deus. Era a primeira vez que eu via um ataque de vampiro.

Aquela era a verdadeira forma de Exton? Era com isso que eu estava lidando?

No galpão, eles só me mostraram pedaços...

Recostei-me numa parede, tremendo.

– Eles são monstros. – Repetia, em pânico. – Todos eles são monstros.

Eu moro entre monstros.

Horrível, assustador.

Exton voltou carregando um objeto na boca. Um machado.

Ele ficou de pé ao lado do corpo da súcubo e segurou o machado no alto. Quando eu percebi o que ele iria fazer, ofeguei:

– Exton, não!

Tarde demais.

Com um golpe violento, ele desceu a lâmina. O machado cortou o pescoço da mulher. A cabeça dela saiu rolando pelo carpete.

Sangue jorrou no rosto dele.

Eu soltei um grito abafado.

– Oh, meu Deus! Você... você a decapitou...

Ela sobreviveu à mordida. Talvez fosse a única forma de matá-la. Mesmo assim, era horrível demais.

Ele soltou o machado. Agachou-se novamente nos quatro membros. Com os dentes afiados e ofegando como um animal, veio andando até mim.

Eu me recostei contra a parede, perplexa.

– Não me machuque!

Mas ele continuou se aproximando.

Quando parou à centímetros, eu fechei os olhos e me encolhi. Vampiros selvagens poderiam fazer qualquer coisa.

Exton cheirou os meus pés. Então, simplesmente colocou a cabeça na altura da minha mão e esfregou seus cabelos em minha palma, buscando...

Carinho?

Enquanto isso, lançava-me olhares esperançosos. Como se quisesse a minha aprovação pelo resgate. Tal qual um cachorrinho pedindo carinho à dona.

Pisquei, sussurrando.

– Mas o quê...?

No estado de selvageria, ele não agia com a razão. Nem devia saber o que estava fazendo. Deixava-se dominar pelos instintos.

Era *isto* que se escondia no coração dele? A busca secreta por minha aprovação?

Céus. A súcubo tinha razão. O laço entre Domadora e Domado ainda estava ali. No estado selvagem, ele não conseguiu esconder.

Engoli seco, amedrontada, mas segui o meu coração.

Afaguei seus cabelos.

– Bom garoto. – Sussurrei. – Você foi muito bom para mim hoje. Obrigada.

Ele emitiu um grunhido de satisfação. Fechou os olhos, concentrado em meu carinho.

Naquele momento, Exton não tinha nada de humano. Era completamente irracional. Um animal sendo afagado por sua dona.

Ele foi se acaimando gradualmente. Deitou-se no chão, enrolou o corpo aos meus pés e apoiou a cabeça no meu sapato esquerdo. Tal qual um animal de estimação. Foi fechando os olhos e caindo no sono.

O estado selvagem exigia muito esforço. Ele deve ter usado toda a energia para chegar àquele ponto. A única saída para enfrentar a súcubo.

Minutos depois, estava apagado.

Escorreguei com as costas na parede. Sentei-me no chão ao lado dele.

Enquanto ele dormia, acariciei a sua cabeça, repetindo:

– Bom garoto...

Aos poucos, sua imagem foi retornando ao estado humano.

Meu braço ferido ardia. A cabeça decapitada da súcubo sangrava a alguns metros, manchando o nosso carpete.

E, ainda assim, eu só conseguia prestar atenção àquele homem.

Exton largou tudo para vir me salvar. Ainda que isso revelasse seu coração Domado. O seu maior segredo.

Nós dois subestimamos a força daquele vínculo.

Acariciei sua cabeça:

– Obrigada por me mostrar que ainda estou no seu coração.

Amei vê-lo dormindo. Daquele jeito, ele não tinha as muralhas erguidas para mim.

Não sei quanto tempo se passou. Estava hipnotizada, imersa naquele momento de intimidade.

Meu celular tocou, tirando-me do devaneio.

Ele estava caído a alguns metros. Levantei-me lentamente e peguei-o no chão. Exton estava tão sugado que nem se mexeu.

Atendi no último toque.

– Alô?

"Oi", era Dylan. "O jogo terminou. Estamos voltando para a casa. A Senhora viu o Exton? Ele não apareceu para jogar."

Olhei a situação ao meu redor.

Uma cabeça decapitada. Chão ensanguentado. Porta arrombada. Rendrix apagado entre a forma humana e animal.

Engoli seco.

– Venha para a casa, Dylan. Exton e eu cometemos um homicídio. Precisamos de ajuda para nos livrarmos do corpo.

Houve um silêncio chocado do outro lado da linha. Entretanto, Dylan não fez perguntas.

"Estamos chegando", e desligou.

Capítulo *catorze*

Os vampiros chegaram à casa. Entraram correndo, apavorados.

"A Senhora está bem?!"

"Não acredito que não estávamos aqui para te proteger! Nunca mais te deixaremos sozinha!"

Asher carregou Exton para o quarto, ainda desacordado.

"Ele só precisa dormir. O estado selvagem suga toda a força de um vampiro. Quando acordar, estará bem."

Axel ficou para limpar o sangue. Os demais saíram para desovar o corpo da súcubo.

"Este segredo morre aqui", disseram.

Jogaram-na no porta-malas do carro e partiram. Iriam enterrá-la num terreno baldio. Usariam seus contatos na polícia para apagarem qualquer conexão que tivéssemos com o desaparecimento da Dra. Hilary.

Imagens de câmeras, check-in nos hotéis, registros de telefonemas para Exton, etc.

Eles eram vampiros assassinos. Não seria a primeira vez que encobririam um homicídio.

Ira foi para o meu quarto comigo. Sentou-se à beira da minha cama, desinfetou meu ferimento e colocou o curativo.

Notei que ele trabalhava em silêncio.

– Qual é o problema? – perguntei. – Você parece mais sombrio que... Bem, o seu normal de sempre.

Olhou-me, triste.

– Eu não estava aqui por você. Ele, sim.

Nem precisei perguntar. Carter queria ter me salvado no lugar em Exton. Era a natureza de um Domado.

– A culpa não foi sua, Ira. Você não sabia que aquela maluca viria me pegar.

– Mas devia saber. Eu sou o seu Domado e protetor, não Exton.

– A súcubo ligou para ele. Exton tinha a informação e você estava ocupado com o jogo. Como poderia adivinhar?

– Eu não devia ter ido ao jogo.

– Claro que devía. Precisamos manter as aparências.

Eu morava na casa dos sete fodões do ITT. O ato já estava levantando muitas perguntas.

Vários boatos maldosos começaram a se espalhar.

"Será que ela se prostitui para eles?"

"Será que ela descobriu algum podre e está os chantageando?"

"Ouvi falar que ela é imigrante ilegal. Eles estão usando-a como empregada em troca de estadia."

E por aí vaí.

– Eu falhei na minha primeira missão como Domado. – Ele correu a mão pelos cabelos. – Porra, é tão frustrante. Eu devia ter estado aqui por você. O Rendrix estava mais longe que eu, e ainda assim chegou primeiro.

– O envolvimento dele te incomoda?

– Muito. Agora estou em dívida eterna com outro vampiro. Ele salvou minha Domadora. Odeio estar devendo.

– Não é só isso. Algo mais te incomoda. Você é o meu Domado, sei quando está mentindo.

Ele se levantou. Braços cruzados, expressão sombria.

– Não percebeu o que aconteceu esta noite, Senhora? Não foi somente um resgate, foi um recado.

– Como assim?

– Você não entende a dinâmica dos vampiros. Quando Rendrix chegou primeiro para salvá-la, ele não fez apenas um favor para mim. Ele me passou um recado. Marcou território. Ele poderia ter ligado, pois estávamos mais perto. Mas, não. Resol-

veu vir sozinho e pessoalmente. Ser o seu cavaleiro de armadura.

– Explique melhor.

– Exton agiu de forma incomum nos últimos dias? Falou algo estranho?

Sim. Quando me salvou, repetiu por duas vezes: *"esta Domadora é minha."*

Diante da minha falta de resposta, Ira concluiu.

– Foi o que pensei. – Sorriu, amargo. – Então é isto. Nós entraremos numa guerra.

– O que quer dizer?

– Que vai haver uma batalha de machos por você. Eu conheço o Exton há muitas décadas. Seu resgate dramático foi um recado. Ele a quer de volta.

Levantei-me, espantada. *Será?*

– Mas eu já sou a sua Domadora. Não posso ter dois Domados.

– Exatamente. Se o Rendrix quer tomá-la de mim, terá que lutar primeiro. Não estou disposto a perder meu posto.

– Você pode estar errado.

– Duvido. Um macho reconhece quando outro quer roubar o que é dele.

– Isso não tem que ser uma luta.

– Veremos. – E saiu, batendo a porta.

***

Três días se passaram.

Exton teve que dormir por días. Faltou aulas e treinos para se recuperar.

No ínterim, me evitou completamente. Eu batia à porta do seu quarto e ele não respondia. Embora atendesse aos outros, fingia dormir quando eu me aproximava.

Será que ele se lembrava do que vivemos na sua forma selvagem? Do momento íntimo que compartilhamos?

Algo me dizia que sim, e por isso me evitava. Sentia-se exposto e humilhado.

Naquela noite, haveria outro jogo de futebol. Era meio de temporada e os vampiros estavam muito ocupados. Tinham que manter a fachada humana.

Exton foi suspenso do time. O treinador não perdoou sua última falta injustificada. Foi proibido de jogar pelo restante da temporada.

No quarto dia, eles viajaram. Iriam passar o final de semana fora jogando em outra universidade.

Eu não os acompanhei. Detestava a vida social universitária.

Carter não queria me deixar sozinha, mas insisti para que ele fosse. Era importante manter a identidade humana.

Ademais, Exton ficaria em casa. Se algo ruim acontecesse, ao menos um vampiro estaria ali para me proteger.

Os seis partiram. Rendrix e eu ficamos sozinhos na Fraternidade. Ele se trancou no quarto e passou o dia todo sem sair. Claramente, me dando um gelo.

Eu entendi o recado. *O que aconteceu naquela noite ficou naquela noite. Esqueça.*

Bom... Ira estava errado. Exton não lutaria por mim porcaria nenhuma.

Fui dormir deprimida. Acordei no meio da noite com o meu celular vibrando. Número desconhecido.

Atendi, sonolenta.

– Alô?

"Alô?", voz feminina. "Eu falo com a senhorita Isabela Hernandez?", tom formal.

– Sim.

"Aqui é do Consulado de Porto Rico no Texas. Nós recebemos uma ligação de um porto-riquenho solicitando ajuda. Ele nos encaminhou o seu telefone."

Sentei-me na cama. De repente, desperta.

Consulado do meu país?!

– O que houve?

"A senhorita é irmã de Sebastian Ortega Hernandez?"

Congelei.

– Sim. É o meu irmão mais velho.

"Pois bem. Ele está preso no Centro de Detenção para imigrantes ilegais de Dallas."

– *O quê?!*

"Ele tentou atravessar a fronteira ilegalmente usando os serviços de um coiote. Foi preso esta noite pelos policiais da fronteira. Ligou para o nosso Consulado pedindo ajuda. Ele não pode ligar para os parentes díretamente, por isso fizemos o íntermédío. Você é a única familiar que ele tem em solo americano."

– Meu Deus. – Pulei da cama. – Estou indo. Onde fica o Centro de Detenção?

Ela passou o endereço, bem como o número de um advogado de imigração.

Desligamos. Troquei de roupa aos prantos. *Ele não fez isto. Ele não fez.*

Sebastian sempre foi o inverso de mim. Irresponsável, impulsivo e desde-

nhoso da lei. Trabalhava com meu padrasto em jogatinas ilegais.

Eu sempre soube que, em algum momento, ele seria preso.

A situação deveria estar muito crítica. Do contrário, ele não me ligaria. Nós não nos falávamos há anos. Ele era muito orgulhoso.

Enquanto eu trocava de roupa, meu telefone tocou novamente.

Vi o número e congelei. Era a minha mãe.

Eu não falava com ela há dois anos. Tivemos uma briga feia quando vim para a América. Meu padrasto me detestava, e minha mãe, cega por um amor abusivo, ficou ao lado dele para não perdê-lo. Fato que eu nunca perdoei.

Atendi, trêmula.

– ¿Hola?

"¿Isabela, eres tu?", minha mãe respondeu em espanhol.

Engoli seco. Era doloroso ouvir a voz dela depois de tantos anos.

– Sí, madre.

Do outro lado da linha, ela chorava.

"Necessitas ayudar a tu hermano."

***

Terminamos a ligação.

Assim que ela desligou, meu celular ficou sem bateria. Havia me esquecido de colocá-lo para carregar.

Mas eu não poderia esperar por um carregamento, e nem sabia quando voltaria. Portanto, antes de sair, escrevi um bilhete trêmulo. Deixei-o colado à geladeira.

Carter,
Fui resolver um assunto de família no Centro de Detenção Imigratório. Meu irmão fez uma merda. Estou sem celular. Volto quando der.
– I.

Dirigi loucamente. Chorava e tremia de raiva.

Como Sebastian ousou cometer tamanha loucura?

E como ele ousou me envolver naquilo? Logo eu, que lutei tanto para entrar na América legalmente...

E se a situação dele afetasse o meu visto? Meus estudos, meu futuro?

Porra. Eu nem tinha dinheiro para pagar um advogado para ele.

E como a minha mãe ousou pedir a minha ajuda? Ela me expulsou de casa e me ignorou por dois anos! Mal se lembrava de mim...

Argh. A amargura me consumia. O assunto "família" me acionava gatilhos profundos de rejeição.

Dirigia aos prantos. Sentia-me tão devastada que acabei errando o caminho. Li placas sem atenção e fui parar do outro lado da rodovia. Tive que fazer o retorno e me atrasei mais de uma hora.

Finalmente, encontrei o Centro de Detenção.

Entrei na recepção, aos prantos.

– Por favor, senhor...

Havia um guarda do outro lado da cabine.

– Sim?

Falei o nome e a situação do meu irmão.

– Ele está aqui? Posso vê-lo?

O guarda me tratou com muita frieza. Talvez por minha aparência latina.

– Não pode. Você precisa de um advogado e de uma autorização judicial.

Entrei em pânico. Comecei a argumentar e implorar.

"Argh, garota. Não cause tumulto num órgão do governo durante a madrugada. Vá embora."

Eram os anos 2000 no Texas. Mesmo os imigrantes legalizados eram tratados como cidadãos de segunda classe.

Deviam ser três da manhã. A recepção estava vazia. Sentei-me nas cadeiras de plástico do átrio, e escondi o rosto nas mãos.

– O que faço agora? – chorava.

A situação era terrível. Sebastian tinha passagens na polícia em Porto Rico. Nenhum emprego fixo, nenhum dinheiro e maus antecedentes. Obviamente não queria entrar na América para ter um trabalho digno.

A policia daqui não era idiota. Advogado nenhum poderia ajudá-lo.

Céus... Eu nem mesmo consegui uma visita...

Quando a minha mãe soubesse do meu fracasso, agiria como sempre. Protegeria Sebastian e me jogaria toda a culpa.

"Você não se importa com a família! Você falha em tudo! Como pôde deixar seu irmão na cadeia?"

Nunca me senti tão sozinha.

Naquele momento, uma porta foi aberta.

Duas pessoas saíram de uma saleta e desembocaram no saguão. Parecia ser uma

sala de audiências. Reconheci uma delas e exalei.

Exton?

Ele andava a lado de uma mulher elegante. Meia-idade, terninho e saltos altos. Pararam no meio do átrio, de costas para mim, e não me viram.

– Obrigado, Dra. Evans. – Exton cumprimentou-a com um aperto de mão muito sério. – O pagamento será transferido para a sua conta ainda hoje. Iremos ao seu escritório amanhã.

– Estarei à sua espera, Sr. Rendrix. Já sabe o que fazer?

– Sim. Seguirei as orientações à risca. Obrigado por atender à minha chamada tão tarde.

– Sem problemas, é o meu trabalho. Se for só isso, vou indo agora. Boa noite.

– Boa noite.

Ela atravessou a recepção e se foi.

"Rendrix!", chamei-o.

Ele olhou para mim.

– Ah. – Ergueu uma sobrancelha ao me ver. – Você chegou. Estava demorando.

Corri até ele.

– Eu me perdi no caminho. Mas o que *você* está fazendo aqui?

Ele colocou as mãos nos bolsos, tom frio.

– Eu vi o bilhete que deixou para o Carter na casa.

– E daí?

– Esperei que pedisse a minha ajuda, vez que eu era o único homem na casa. Quando você não pediu, tomei minhas próprias atitudes.

– Espera, você veio por mim?

– Óbvio. Não pensou mesmo que eu te deixaria sozinha neste fim de mundo, no meio da noite, pensou?

– Hã, pensei.

Franziu a testa.

– Pois pensou errado. Aquela era uma advogada de imigração da minha confiança. A melhor que o dinheiro pode pagar. Como você demorou a chegar, entramos sem você. Ela conversou com o seu irmão.

– Vocês tiveram acesso ao Sebastian? Como? Pensei que precisasse de uma autorização!

– E precisa. Mas eu tenho os meus contatos aqui dentro. Se é que me entende.

– Não, não entendo. – Nada daquela porra fazia sentido! – Como chegou aqui primeiro? Como contratou uma advogada

no meio da madrugada? Como resolveu um problema num lugar tão sério quanto a Imigração?

– A Dra. Evans trabalha em sobreaviso. Está acostumada a atender nas madrugadas. A Fraternidade é cliente antiga de seu escritório. Aprontamos muito no passado e sempre precisamos de advogados. Ademais, aqui é um centro de detenção, Hernandez. Tem muito ódio, medo e dor. É claro que haveria vampiros trabalhando neste lugar. É um banquete de energia.

– É disso que vocês se alimentam...

– Exato. Isso significa que tenho muitos contatos aqui dentro. Eles facilitaram para mim.

– E o Sebastian? Como ele está?

– Irritadiço e petulante. Parece não entender a gravidade da estupidez que fez.

– Típico.

Sebastian sempre teve um caráter duvidoso.

– Mesmo que não mereça, ele vai ser liberado. Dra. Evans e eu conseguimos que ele aguardasse a deportação em liberdade. Só precisamos esperar.

– Ele será solto?!

– Ainda hoje.

– Não é possível! Isso não é contra a lei?

– Eu sou um vampiro secular, não trabalho para a lei humana. Ela é quem trabalha para mim.

Naquele momento, uma porta foi aberta.

Um guarda saiu, trazendo Sebastian.

Meu irmão parecia péssimo. Roupas sujas de terra e algemas.

– Oh, meu Deus! – comecei a chorar. – É ele mesmo...

O guarda retirou as algemas e entregou-lhe a mochila.

– Me dê isto aqui. – Sebastian pegou-a, rosnando. – Até nunca mais.

O guarda revirou os olhos.

– Vá embora daqui, encrenqueiro.

Corri até ele. Sebastian pareceu surpreso.

– Nossa, irmãzinha! Admito que estou impressionado. Você resolveu o problema mais rápido que o esperad...

Ele achou que eu iria abraçá-lo, mas não. Dei-lhe um tapa na cara.

– Mas o quê...? – ele ofegou, andando para trás. – *¿Estás loca?*

Comecei a socar seu peitoral:

– Tem noção do estrago que poderia ter causado na minha vida?! Eu poderia ter perdido o visto por causa de você!

– Me solta, sua doida!

– Seu irresponsável! Burro! Imaturo!

Braços fortes me seguraram por trás. Impediram meus socos e me afastaram de Sebastian.

– Chega. – Mandou Exton. – Não façamos um barraco de família aqui dentro. Temos que sair antes que eles mudem de ideia.

Imediatamente, me acalmei. Seu toque me causava tal efeito.

– Tudo bem. Pode me soltar. Eu não vou matar este traste. – Lancei um olhar afiado para Sebastian. – Pelo menos não até sairmos daqui.

Sebastian sorriu afetadamente.

– Que saudade de você, irmãzinha. Sempre com uma personalidade adorável.

– E você, sempre um idiota inconsequente.

– Basta, vamos embora! – Exton apontou para Sebastian. – E você, moleque, venha comigo.

– Por que eu iria? Aliás, quem é você, cara? Não devia ter ido embora? Pensei que fosse um assistente daquela advogada.

– Sou alguém que salvou a sua pele. Tudo o que fiz foi em consideração à sua irmã, portanto comece a tratá-la melhor. – Pousou uma mão em minhas costas e me empurrou suavemente. – Vamos. Meus amigos estão neste turno. Se os guardas forem trocados, já era.

Nós três saímos.

Exton insistiu em nos dar carona.

"Você não está bem para dirigir. Deixe seu carro aqui e vá comigo. Mandarei alguém buscá-lo amanhã."

Aceitei. Naquele estado emocional, eu me perderia na estrada. De novo.

Ocupei o banco do carona, e Exton, o do motorista. Sebastian entrou no banco de trás e jogou a mochila ao lado. Começou a olhar o interior do carro, admirado.

– Uau, que carrão.

Exton deu a partida, dentes trincados.

– Meu carro não devia ser seu maior interesse agora. Você não está levando o que aconteceu à sério.

– Não é a primeira vez que vou preso...

Exton contou sobre o seu plano. Amanhã, nós iríamos ao escritório da advogada de imigração e solicitaríamos a deportação voluntária.

– Deportação voluntária? Nem ferrando! Eu não passei dias nos desertos da fronteira para ir embora chutado deste país!

Exton foi firme e rude.

– Isto não é uma negociação, Sebastian. Você irá colaborar para não afetar o visto da sua irmã, e ponto final. Você fez uma merda muito grande e estamos tentando consertar seu erro. Obedeça-nos ou volte para a cadeia.

– Mas eu quero ficar na América! Tenho planos para uma vida neste lugar!

Virei-me para trás, irritada:

– Então devia ter entrado legalmente. Existem outros meios de conseguir um visto legal. Se vai ser deportado, a culpa é toda sua.

– Não fale assim comigo, pirralha.

– Não fale assim com a sua irmã. – Exton rosnou, dirigindo. – Você só está livre graças a ela. Mostre alguma gratidão.

Mas Sebastian era insolente por natureza. Incapaz de admitir um erro.

– Me poupe, cara. Eu nem sei quem você é.

– Sou alguém que saiu de madrugada para tirar seu traseiro criminoso da cadeia. De nada.

– À troco de quê? Nós nem nos conhecemos. Por que está aqui? – olhou de mim para ele, intrigado. – Você é namorado da minha irmã, por acaso?

Gelei.

– Não é da sua conta, Sebastian.

– Só estou curioso. – Inclinou-se e analisou Rendrix de perto. – Não, não pode ser seu namorado. Um ricaço americano jamais assumiria uma faxineira latina. Você trabalha na casa dele? Ele é o seu patrão?

– Cala a boca, Sebastian. Só fala merda.

– Só estou tentando entender a dinâmica aqui. O cara tirou seu irmão da prisão no meio da madrugada. Você deve significar alguma coisa para ele.

– Você está certo. – Exton concordou. – Eu não faria isso por qualquer uma. Estou aqui porque sou namorado dela.

Encarei-o, espantada.

– O que disse?

Ele devolveu meu olhar – íris reluzindo em desafio.

– Eu pensei sobre isso. Faz sentido. Nós temos um vinculo forte, eu dormi aos seus pés e você me fez carinho. Isso significa que estamos namorando. Estou errado?

Não sabia o que dizer. Era uma brincadeira? Um teatro para Sebastian?

Ou, talvez...

Talvez estivesse me desafiando. Vasculhando meus sentimentos. Aproveitando a presença de um terceiro para analisar a minha resposta e comportamento.

Ele poderia ter dito que era um amigo, mas não. Apresentou-se como um namorado para o meu irmão. Como se marcasse o seu território.

Por quê?

Fosse o que fosse, minha resposta seria crucial.

Olhei para a frente, coração acelerado. *Não acredito que vou dizer isto.*

– Você está certo.

Ele voltou o olhar para a estrada.

– Ótimo. – Sorrisinho enigmático. – Foi o que pensei.

Sebastian olhava de um para o outro.

– O que aconteceu aqui? Vocês não sabem o que são um para o outro?

Ninguém o respondeu. Ele bufou e se jogou no banco.

– Vocês dois são estranhos.

Estacionamos à porta de um hotel. Um lugar luxuoso e perto do campus.

Exton avisou para Sebastian:

– Você dormirá aqui esta noite. Não precisará de documentos para o check-in. Meu amigo é dono desse lugar. Ele ficará de olho em você, então nem pense em fugir.

Sebastian franziu o cenho.

– Qual é a sua, cara? Você é tipo um chefe da máfia texana? Tem *amigos* em todo lugar.

– Pode ser que sim. Então não brinque comigo. Permaneça quieto no hotel e me espere amanhã de manhã. Eu virei te buscar para a audiência com a advogada.

– Não tenho nenhum dólar comigo...

– Vou pagar a sua hospedagem. Peça a comida que quiser e me aguarde amanhã. Use uma roupa decente. Nós iremos ver um juiz. – Ergueu a sobrancelha. – E cubra estas malditas tatuagens.

Sebastian tinha várias tatuagens sobre a pele morena. Bem parecida com a minha.

– Argh, agora entendi, Isabela. Você escolheu um cara tão chato e mandão quanto você... – saiu do carro, resmungando: – Esse casal finalmente fez sentido.

Exton abaixou o vidro, sério.

– Amanhã às 10:30h. Fique pronto.

– Tá bom, chefe. – Meu irmão revirou os olhos e virou as costas. Sem ter a menor ideia da gravidade da sua situação.

Esperamos que ele entrasse no hotel. Um *concierge* já o esperava à porta. Eles atravessaram o saguão e sumiram.

Exton e eu ficamos sozinhos no carro. O silêncio, pesado.

– Hum. – Torci os dedos, fitando o colo. – Valeu pelo que fez hoje. Meu irmão não merecia.

– Mas você, merecia.

Pisquei. Haviam trocado a personalidade daquele vampiro? Que amabilidade era aquela?

– Por que escolheu este hotel para hospedá-lo? Sebastian não precisava de tanto luxo. Ele podia ficar na nossa casa, ou num hotel mais barato.

– Porque tenho um amigo aqui que me deve um favor.

Claro que tinha. Nos últimos tempos, percebi que haviam criaturas infiltradas em todo lugar. Não por acaso existia tanto caos no mundo.

– Vampiro?

– Não.

– Que tipo de favor?

– História antiga. Eu quebrei o coração da ex-namorada dele. Assim ela ficou desiludida com os homens do mundo, acreditando que todos são canalhas, e...

Estalei a língua.

– E ela voltou para ele.

– Exato. Hospedar um imigrante ilegal é o mínimo que ele pode fazer por mim.

– Mas esse amigo ficará realmente de olho no Sebastian? Porque não dá para confiar no meu irmão. E se ele fugir?

– Ele vai tentar fugir. Isso é um fato.

– O quê? – pela primeira vez, olhei para Exton. – Como você sabe?

Ele desligou o carro. Cruzou os braços e apoiou-se no banco, sombrio.

– Eu não te contei a situação toda. Não queria te estressar.

– Pois então, conte! É a minha família!

– Seu irmão entrou na América para salvar a própria vida. Ele é um fugitivo. Recebeu ameaça de morte em Porto Rico e precisou sumir do país. Parece que ele se envolveu com um cartel de drogas sinistro e traiu um chefão.

– Sebastian está jurado de morte?

Cacete. Eu conhecia bem aquele submundo do meu país. Meu padrasto fazia parte dele.

Aquela gente não brincava.

– Está. E não pode voltar a Porto Rico, senão morrerá.

Meus olhos se molharam.

– Meu Deus. E agora?

– Eu vou resolver tudo por você, Isabela. Fique calma.

– Como?

– Vou enviá-lo para outro país com documentos falsos. De preferência, algum que fale espanhol, no qual ele possa se misturar. Vou conseguir um emprego e uma casa para ele.

– Se a minha mãe souber...

– Ela não precisa saber. Pretendo acionar alguns dos meus *contatos da espécie*

em Porto Rico. Eles caçarão o chefe da máfia que o marcou e passarão um recado. O cara saberá que Sebastian é intocável e o deixará em paz. Assim que a situação estiver resolvida, Sebastian volta. Sua mãe não precisa saber de nada. Podemos dizer que ele está cumprindo um período de visto temporário na América, morando com você.

– E depois?

– Depois ele voltará para Porto Rico de bico calado. Já planejei tudo. Sua imagem não será afetada.

Fiquei incrédula.

– Como você descobriu tudo isso? Em questão de horas?

– Sou velho e experiente. Sei quando alguém está mentindo, e o seu irmão, estava. Fui atrás das informações.

– Por que acha que ele vai tentar fugir?

– Porque ele quer ficar na América. Meus contatos disseram que ele recebeu uma oferta de emprego de uma gangue daqui. Dinheiro bom e fácil.

Bufei.

– Tudo o que ele gosta.

– Exato. Ele não quer um emprego honesto em outro país. Precisamos tirá-lo da

América pelo próprio bem dele. Do contrário, terminará na cadeia. É só uma questão de tempo.

– Sim.

– Honestamente, Hernandez... Você foi a única pessoa que se salvou naquela família. Posso entender por que foi embora.

Desviei os olhos para janela. Agora, triste.

– Laços de sangue nem sempre significam laços de amor.

– Concordo. – Sua voz abaixou para um sussurro. – O amor é complicado.

Senti seu olhar queimando sobre mim, e fui tomada por uma súbita vergonha. Quis mudar de assunto.

– Por que ele não se hospeda na nossa casa? Poderíamos ficar de olho nele. Tem espaço, os outros estão viajando.

– Exatamente por isso. Eu quis agarrar a oportunidade.

– Oportunidade?

– É a minha chance de passar uma noite sozinho com você.

Encarei-o, espantada.

Não era possível. Haviam trocado a personalidade de Exton Rendrix. Ninguém mudava tanto e tão rápido...

Eu tentava lê-lo.

– Você está diferente.

– Como?

– Passou o dia todo me ignorando e agora está mais... Aberto.

– Passei o dia refletindo, não ignorando você. Precisava entender meus pensamentos sobre você.

Torci os dedos.

– E entendeu?

– Sim. Naquela noite, o estado selvagem mudou tudo. Acho que o coração quer o que ele quer. É constrangedor para mim admitir, mas não vou mais lutar contra isso.

Olhei para a frente, corando.

– Ah.

Minha pulsação acelerou. Nunca fiquei tão tímida na frente de Rendrix. Não sabia o que estava acontecendo comígo.

Alguma coisa mudou. Ele estava acessível, atencioso, e...

Decidido.

Eu queria o coração daquele homem há multo tempo, e finaimente ele pareceu se abrir para mim.

Eu sentia que alguma coisa grande estava por vir – e aquilo me apavorou.

Ele soltou uma risadinha enigmática.

– Já vi que você ficou tímida depois da minha confissão. Vou lhe dar um tempo para digerir. Vamos para a casa.

Viajamos em silêncio. No percurso, nossos olhares se cruzavam, mas eu rapidamente desviava o rosto.

Havia uma eletricidade no ar. Uma antecipação.

Seus atos e conclusões me confundiam, e seus sinais eram contraditórios. Nada naquela maldita história fazia sentido.

Ainda assim meu coração queria mergulhar nos olhos de Exton Rendrix. Mesmo que fossem o cerne do furacão.

Naquele noite, ficaríamos sozinhos em casa. Finalmente nossos corações estavam alinhados. Os desencontros acabaram, e queríamos a mesma coisa.

Um ao outro.

Era uma noite importante. Alguma coisa iria mudar.

Capítulo quinze

Chegamos em casa. Quando pisamos na sala, saí correndo.

– Vou para o meu quarto.

Ele nem teve tempo de contestar.

Cheguei ao meu quarto. Tranquei a porta, coração na garganta. Pousei a mão sobre o peito e me recostei na porta.

– O que está acontecendo comigo? – sussurrei.

Por que eu estava tão nervosa?

No fundo, sabia a razão. Todos os meus casinhos foram superficiais. Nunca houve amor. Muito menos um amor correspondido.

Experiências profundas podem te mudar de dentro para fora – mas também podem te destruir.

E era isso o que Exton representava...

Uma experiência transformadora.

Ele bagunçava o meu mundo e tirava tudo do lugar. Eu sempre fui certinha, disciplinada e comedida. Não sabia lidar com o caos sentimental daquele homem.

Na presença dele, eu me via no olho do furacão. Era emocionante, transformador e muito, muito perigoso.

Não tínhamos mais o vínculo de Domadora e Domado. Não podíamos nos esconder atrás de uma desculpa sobrenatural. Estávamos expostos, vulneráveis, entregues, e a culpa era toda nossa.

Eu sempre controlei tudo na minha vida. Meus surtos, meus estudos e meu trabalho.

Porém, quando se tratava do Rendrix, eu perdia o controle. Ele era um rio furioso. Suas curvas e quedas, desconhecidas.

Eu nunca amei assím, e também nunca fui amada. Era assustador.

Existiam muitos óbices.

Ira ficaria furioso comigo. Magoado, traído. Rendrix poderia mudar de ideia a qualquer momento e partir meu coração.

No entanto...

Ainda assim eu queria pagar para ver. Precisava pagar.

Ninguém sai desta vida ileso. Controlando tudo para não ser ferido.

Em algum momento, a vida te captura. E Exton era a minha armadilha.

Notei que respirava entrecortadamente.

– Calma, Isabela.

Andei até a mínha cama. O chicote estava abaixo do travesseiro.

"Domadora?", falou.

Olhei para ele.

– Slm?

"O demônio Luxúria está lhe esperando lá embaixo. Você sabe disso, não é?"

Engoli seco.

– Eu sei.

Assim que pisamos em casa, eu praticamente fugi. Estávamos sozinhos e o clima havia mudado. É óbvio que ele me esperava descer.

O chicote aconselhou:

"Não desça. O seu Domado é o demônio Ira. A intimidade com outro vampiro será uma traição."

Meus olhos se molharam.

– Mas o meu coração não está com Ira.

"Eu sei, Domadora, pois te conheço profundamente. Mas lembre-se que você escolheu ser uma Domadora antes de vir para esta Terra. Ganhou a honra de domar os demônios mais ferozes e trazer a paz para o mundo. Posições de grande honra também exigem grandes sacrifícios."

– Como ignorar o desejo do meu coração. – Completei.

Ele parecia triste.

"Exato. É primordial que o demônio Ira fique caímo e satisfeito. Ele é perigoso demais para ser contrariado."

– Ira não gosta de mim romanticamente. Ele é apenas um amigo.

"Não subestime o instinto de posse de um Domado. Ver sua Domadora nos braços de outro vampiro irá quebrar o coração dele. E não sabemos o que alguém como Ira pode fazer quando fica devastado. Pense bem. Será uma escolha perigosa."

Algo nos interrompeu.

Ouvi três batidas na porta. Do outro lado, Extou me chamou.

"Hernandez?", tom profundo.

Fechei os olhos. *Droga.*

Foi uma única palavra repleta de significado.

Exton estava me chamando. *Venha para mim.*

"Não, Domadora", insistiu o chicote. "Não ceda. Seu dever vem primeiro."

Não respondi a nenhum dos dois. Apenas enterrei o rosto do travesseiro e me permiti chorar.

Diante do meu silêncio, Exton entendeu o recado.

– Tudo bem. – Suspirou. – Eu sou paciente. Vou esperar o seu tempo. – E ouvi seus passos se afastando.

Quando ele foi embora, chorei por um bom tempo.

O chicote murmurou, penalizado.

"Sinto muito."

Ele não queria me ver sofrer, só entendia a importância do meu dever.

Serafínicos eram seres com missões muito sérias. Tinham que ser responsáveis. Não havia espaço para livre-arbítrio.

Meu celular vibrou. Sentei-me, limpando as lágrimas.

Deixei o aparelho carregando sobre a escrivaninha. Peguei-o e abri a mensagem.

Era de Ira.

"Oi. Como está a noite sozinha? Estou preocupado. À propósito, ganhamos o jogo."

Mas eu não tinha tempo para papos furados. Meu coração enfrentava uma tempestade.

"Carter", digitei. "Preciso te fazer uma pergunta crucial."

Ele respondeu na hora.

"Faça."

"Você é o meu Domado e me ama, não é?"

"Óbvio, Senhora."

Respirei fundo antes de digitar. A resposta dele mudaria tudo.

"Sendo assim... O que é mais importante para você? A sua felicidade ou a minha?"

Outra resposta imediata.

"A sua. Sem dúvidas."

"Ainda que minha alegria parta seu coração?"

Sua devolutiva foi mais demorada. Ele parecia ler nas entrelinhas.

Minutos depois, a resposta finalmente chegou. Curta e grossa.

"Sim."

Exalei, emocionada. Olhei para o chicote.

– Sinto muito. Eu tomei a decisão.

"Domadora! Não faça isso!"

– Desculpe, eu preciso.

"Sua escolha terá consequências trágicas!"

Abri um sorriso emocionado.

– Pois que seja. Estou disposta a pagar qualquer preço – e larguei o celuiar.

Destranquei a porta e saí correndo do quarto. Sentia uma mistura de pavor com excitação. *Não acredito que vou fazer isto.*

Eu nunca fui irresponsável na vida. Mas Exton Rendrix me tirava a razão.

Desci as escadas pulando degraus e cheguei à sala de estar.

Encontrei Exton sentado num dos sofás, de costas para mim. A sala estava escura. Ele via um documentário na TV, sombrio e calado.

Apreensiva, me aproximei.

Sentei-me ao seu lado. Ele não olhou para mim e nem falou nada. Entretanto, seus lábios se retorceram para cima num sorrisinho de vitória.

A eletricidade estalava entre nós. Eu enterrava as unhas no acolchoamento do sofá. Coração na garganta.

Exton e eu, sozinhos em casa. O que vai acontecer agora?

Ele notou meu nervosismo. Fitando à frente e sem dizer nada, deu o primeiro passo.

Sua mão deslizou pelo sofá. Suavemente, ele entrelaçou os dedos nos meus. Murmurou:

– Minha presença te deixa nervosa?

Apenas aquiesci, olhando para a frente.

– Você está tremendo. Por quê?

– Porque estou apavorada.

– Não vou te machucar, Isabela.

– Não é isso. O chicote me deu um aviso. Se eu escolher este caminho perigoso, sofrerei com as consequências.

– O caminho perigoso seria eu?

– Sim. E se eu arriscar e der tudo errado?

Ele pegou o controle e desligou a TV. Encarou-me, muito sério.

– Não vai dar errado. É uma promessa.

– E as consequências?

– Estou disposto a pagar qualquer preço para viver este sentimento.

– Uma Domadora não pode se envolver com um vampiro que não seja seu Domado. É contra a nossa natureza. O chicote não dá avisos em vão. Esta noite pode ser o prenúncio de uma catástrofe. – Franzi a testa. – Não está com medo?

Queria que ele me parasse, que fizesse retornar ao juízo.

Mas, não.

Exton foi firme.

– Tenho mais medo de passar uma vida sem experimentar este amor. Eu posso aguentar uma catástrofe. Só não posso aguentar o arrependimento de não tentar viver essa história com você. Seja lá o que ela for.

Olhei para baixo. Observei, assustada, nossas mãos entrelaçadas.

– E se isso me destruir?

Ele apertou minha mão.

– Então eu estarei aqui para te sustentar. Seria a sua rocha.

Sorri tristemente.

– Você não sabe, Rendrix. Eu tenho certeza do que sinto, mas você é volúvel.

– Não sobre isso. Não sobre você.

Decidi ser brutalmente honesta.

– E se for fogo de palha? Eu estou arriscando tudo aqui. Ferindo Ira e abandonando a minha missão. Tudo por você. E se você não gostar de mim tanto quanto eu gosto de você?

– Só temos um jeito de descobrir. – Ele avançou e puxou o meu pescoço para si.

Lascou-me um beijo na boca. Feroz, ansioso.

Meu coração explodiu com mil estrelas. Entranhei as mãos em seu cabelo e me entreguei.

Ele capturou minhas nádegas e me puxou para o seu colo. Ficamos frente a frente.

– Cacete, garota. – Ele soltou a minha boca e seus lábios desceram por meu pescoço. – Que feitiço é este que você tem? Você me destrói por dentro.

– Você faz o mesmo comigo, vampiro. Eu te adoro e te odeio na mesma medida.

Ele parou e me olhou.

– Essa é a descrição perfeita para nós. – Acariciou meus lábios com o polegar, fascinado. – Você é o meu maior sonho, mas também é o meu pesadelo, sabia?

– Como assim?

– Você é a minha punição. A lâmina que cortou meu autocontrole e meu orgulho. Você me dominou, criatura irritante. Estou aos seus pés e isso é mortificante. – Negou com a cabeça, observando-me com perplexidade. – Eles te fizeram na medida certa para me deslumbrar. Coisinha perigosa e assustadora.

– Eu te assusto? – ri.

– Claro. Uma palavra sua pode destruir o meu mundo inteiro. Eis o seu pode sobre mim, Domadora.

Céus... Era tudo o que eu queria ouvir há muito tempo.

Uma lágrima escorreu por meu rosto.

– Como isto é possível? Como pode me querer? Você nem é mais o meu Domado...

– E, ainda assim, só existe você no meu coração. – Exton afagou minha bochecha com o polegar. – Acho que o seu domínio criou raízes nas partes mais profundas do meu corpo. Não consegui me livrar de você.

– Não entendo. O perdão devia ter nos desvinculado. Como é possível?

– Diga-me você, anjo. Foi você quem mostrou a esse vampiro cético tal sentimento humano. Ninguém me avisou o quanto poderia ser assustador.

Estalei a língua.

– Olhe para nós agora. Nós nos detestávamos. Como viemos parar nessa situação?

– Bom, você foi enviada dos céus para me domar. O destino nos separou, mas eu dei um jeito de encontrar meu caminho de volta para você. – Colocou uma mexa do meu cabelo para trás da orelha. – Digamos que eu sou teimoso.

Mordi o lábio.

Ele notou minha preocupação.

– O que foi?

– O chicote não nos quer juntos, Rendrix. Ele sabe de tudo. É uma inteligência celestial. Contrariá-lo não pode ser certo...

– O chicote que se foda. Não receberei ordens de um objeto.

– Mas ele sabe muito.

– Eu sei mais. Sou velho como o inferno e não recebo ordens de ninguém. Com exceção de uma pessoa: você. – E beijou meu pescoço sedutoramente.

– Hum... – fechei os olhos em prazer. – O vampiro orgulhoso está cedendo... Se pudessem te ver agora...

Ele mordiscou minha orelha.

– Nunca estive tão Domado e tão feliz.

Enterrei uma mão nos seus cabelos.

– Vai obedecer à sua dona, vampiro?

Ele sugava e lambia minha orelha.

– Cada mandamento perverso. Eu sou seu, Hernandez.

– Neste caso, deixe-me te dar o que nunca dei a ninguém.

Ele travou. Afastou-se para olhar meu rosto.

– Está falando da...?

– Da minha virgindade.

Franziu o cenho.

– Tem certeza? É algo muito importante. Eu não quero te forçar a nada.

– Por isso você está se segurando? – ri. – Agora faz sentido. Eu estou sentada no seu colo e você ainda não rasgou as minhas roupas.

– Você me conhece bem. Mas não ouso cruzar seus límites. Você não precisa me dar sexo por causa da minha natureza.

– Isso não tem nada a ver com quem você é, e sim com o que eu quero. Você me quer?

– É claro. Mas eu posso esperar o seu tempo. Não preciso de sexo para ser feliz com você. Este é o poder de uma Doma-

dora, somente a sua presença já me satisfaz.

– Hum, entendo. Mas tenho uma confissão a fazer.

– Estou curioso.

Inclinei-me para sussurrar em seu ouvido. O sorrisinho, diabólico.

– Eu quero dar para você desde o dia em que te conheci.

Ele congelou.

– *Tá* de brincadeira?

– Nem um pouco. – Mordisquei sua orelha. – Por favor, me coma.

Abruptamente, ele me ergueu pelas nádegas e nos levantou.

– Certo. Agora você me convenceu. – E saiu me carregando.

Eu ri.

Ele subiu as escadas às pressas. Entrou em seu quarto comigo no colo. Jogou-me no colchão, afastou-se e começou a tirar a roupa.

Enquanto abria os botões da blusa, encarava-me com tesão.

– Ah, serafínica... – livrou-se da blusa – você está exatamente onde sonhei. Na minha cama. – Subiu no colchão e deslizou até mim como um caçador. Abriu o zíper

da minha calça e a retirou com um só puxão. Avistou a minha calcinha branca e trincou os dentes. – Que droga, Hernandez.

– O que foi?

Olhar sombrio e excitado.

– Dê-me uma razão para ir embora agora. Ou eu vou comer esta bocetinha virgem a noite toda.

Perder a virgindade era apavorante. Contudo, a vontade de experimentar aquele homem vencia qualquer medo.

– Continue, vampiro.

– Não está com medo?

– Estou. Mas sei o que eu quero. – Apoiei-me nos cotovelos. – Venha.

– Você quem manda.

Exton me puxou pelo pescoço e me lascou um beijo na boca. Sua mão livre deslizou por meu corpo e entrou embaixo da minha blusa. Ele apertou o meu seio direito, e seu polegar esfregou meu mamilo.

– Quero conhecer o seu corpo inteiro com a minha boca... – sussurrou entre meus lábios.

Eu ofegava.

– Eu deixo.

Ele abriu um sorrisinho safado.

– Vamos por partes, minha virgenzinha. – E me empurrou de costas no colchão.

Deitou-se por cima de mim. Segurou uma de minhas mãos contra o colchão, dedos entrelaçados. Sua outra mão foi deslizando pelo interior da minha coxa.

– Enrosque sua perna em minha cintura. – Ordenou. – Fique aberta para mim.

Obedeci.

Exton começou a massagear a minha fenda sobre a calcinha. Cerrei as pálpebras, gemendo.

– Está gostoso? – perguntou.

– Uhum.

Ele enfiou os dedos por debaixo do pano. Agora, massageando diretamente a minha carne.

– Você está tão molhada para mim. Que delícia. – Ele massageou o meu clítoris, depois penetrou a ponta do indicador em minha entrada. Bem, bem suavemente. Abrindo espaço, acostumando-me à sua presença. – Abra os olhos. – Mandou.

Abri.

– Quero que veja seu homem provando o seu gosto. – Retirou a mão da minha fenda e levou-a à sua própria boca. Chupou os dedos molhados e grunhiu. –

Porra, que fenomenal. Eu sempre soube que seu gosto era perfeito.

– Sou o que você esperava?

– Não, você é muito melhor. Posso te experimentar com a boca?

Aquiesci, ansiosa.

Ele posicionou minhas pernas sobre seus ombros e me chupou vorazmente. Sua língua lambeu e sugou nos lugares certos.

No ínterim, seus dedos me penetravam um por um, até atingirem o meu hímen. Eu senti a barreira da minha virgindade. Ele também. Por isso, só brincou com os dedos na entrada.

Em dado momento, ele me penetrou com a língua. Eu gemi e segurei seus cabelos. Empurrei sua cabeça para mais perto, ansiando por mais.

– Quero você. – Implorei. – E quero agora.

Ele retirou a boca da minha fenda. Sorrisinho diabólico.

– Tem certeza?

– Não posso esperar nem mais um segundo.

– Nem eu.

Ele se levantou, musculoso e imenso. Usava apenas uma calça jeans. Seu mem-

bro latejava por debaixo do tecido, duro e imenso.

Ele ficou de pé ao lado da cama. Retirou o jeans e a cueca, e eu avistei seu membro por completo.

Engoli seco. Era maior do que eu imaginava.

Ele ínsistiu:

– Está com medo agora?

– Sim.

– Quer desistir?

– Nem pensar.

Exton não conseguiu esconder o sorriso.

– Minha garota corajosa.

Ele se deitou por cima de mim. Senti seu membro roçando em meu ventre, duro e pulsante.

– Caramba. Você é gigante.

– Sim, mas serei gentil. Prometo.

– Já tirou a virgindade de uma mulher antes?

Fez uma careta.

– Não quero te magoar.

– Pode me contar.

– Sim. Várias vezes. Nunca fiquei ansioso antes do ato, porém...

– Porém?

– Agora estou tremendo por dentro. Sou bruto e não conheço nada sobre o amor. Tenho medo de te machucar.

– Não vai. Eu confio em você.

– E se eu te ferir e você nunca mais quiser me ver? Eu ficaria destruído.

– Bom, então você irá encontrar seu caminho de volta até mim outra vez. Você sempre encontra.

Aquilo lhe deu confiança.

– Obrigado por dizer isso, minha linda. – E beijou a minha boca suavemente. No ínterim, posicionou a ponta do membro em minha entrada. – Vou começar agora. Olhe nos meus olhos. Faremos isso juntos.

– Sim.

Ele foi entrando pouco a pouco. Meu coração batia na garganta.

– Está doendo?

Eu sentia desconforto, não dor.

– Não. Só é estranho.

– Relaxe. – Ele penetrou mais um centímetro. – Quanto menos tensa seus músculos estiverem, menos irá doer. Se ficar com medo, olhe nos meus olhos e saberá que

estou com você. Consegue fazer isso por mim?

Exton me passava total segurança. De repente, relaxei.

– Consigo.

Ele colou a testa à minha.

– Respire fundo e fique calma.

Penetrou-me pouco a pouco, até atingir o meu hímen. Eu arfei.

– Você está bem? – insistiu.

– Sim.

– Será agora. Avise-me se quiser que eu pare.

– Ok.

– Está pronta?

Aquiesci.

Ele me beijou profundamente. No mesmo momento, penetrou-me com força.

Meu hímen foi rompido. Nós dois ofegamos. Senti os lençóis se molharem com sangue. Ele parou de me beijar e olhou meu rosto.

– E então? Foi tão terrível?

Eu estava corada e ofegante.

– Foi... Foi maravilhoso.

Esperei sentir dor, mas ela não veio. Apenas senti a alegria de tê-lo completamente dentro de mim. Talvez a experiência fosse diferente para cada mulher.

– Continue – pedi.

E assim foi.

No começo, suas estocadas eram gentis, permitindo que meu corpo se ajustasse ao seu tamanho. Depois, a tensão se dissipou. Fiquei mais aberta e molhada, conseguindo recebê-lo mais facilmente.

Exton notou. Resolveu se soltar. Virou-me de bruços e colocou-me de quatro. Montou por cima de mim e me comeu naquela posição. Depois, ensinou-me a galopar por cima dele, segurando a minha cintura e guiando os meus movimentos. Enquanto eu cavalgava, ele chupava meus mamilos – falando sacanagens que deixariam qualquer um mortificado.

Naquela noite, conheci uma nova parte de mim. Não a trabalhadora imigrante, ou a guerreira serafínica. Mas sim a amante. Aquela que sabia sentir e dar prazer. A que sabia amar e ser amada.

E foi fascinante.

Rendrix era melhor que todos os meus sonhos. Sua boca tinha um gosto viciante. Seu membro me preenchia comple-

tamente. Sua voz me hipnotizava, e o seu olhar...

Céus. Seu olhar era de completa devoção.

Nós transamos por toda a madrugada. Ao fim, ele trocou os lençóis com sangue e me levou para um banho.

Nós colocamos pijamas e descemos. Preparamos um sanduíche na cozinha. Eu me sentei no colo dele, e nós comemos e conversamos. Ele, com os braços transpassados possessivamente ao meu redor.

Voltamos ao seu quarto e nos deitamos. Relaxei com a cabeça pousada sobre o seu peitoral. Protegida e com o coração em paz.

Havíamos conversado sobre tudo e colocado todos os pingos nos "is." Não havia mais nada a ser dito. Decidimos ficar juntos e ponto final.

Passamos um bom tempo em silêncio. Exton fazia carinho em meus cabelos, e eu ouvia as batidas do seu coração. Tão antigo coração.

Gradualmente, fui pegando no sono.

Antes de dormir, pensei ter ouvido Exton dizer alguma coisa. Foi apenas um breve murmúrio.

– Domadora? – tom vacilante. Como se não quisesse ser ouvido. – Nunca pen-

sei que fosse dizer isso para uma mulher, mas... Acho que estou amando você.

Não soube dizer se foi real, ou se imaginei.

Logo em seguida, adormeci.

Capítulo *dezesseis*

Despertei enrolada no abraço de Exton.

Ergui o rosto. Deparei-me com seu olhar me fitando. Os braços, transpassados ao meu redor possessivamente.

– Bom dia.

– Boa tarde, minha preciosidade. – E me puxou para mais perto. – Nós dormimos demais. Já é o meio da tarde.

– Mais que merecido. – Afundei-me em seu peito, maravilhada. Jamais havia acordado nos braços de um homem.

– Você está dolorida?

– Sinto-me um pouquinho estranha aqui embaixo. Mas não sinto dor.

– Que bom.

– E já quero de novo...

Ele riu.

– Vá com calma aí, minha Domadora safadinha. Vamos esperar o seu corpo se curar.

Suspirei.

– Sabe, ontem foi maravilhoso. Entendi por que te chamam de Luxúria. – Perder a vírgindade não era nenhum mar de rosas. Entretanto, a gentileza e devoção dele tornaram o momento mágico. – Obrigada por sua paciência.

Ele beijou o topo da minha cabeça.

– Eu jamais feriria a coisa mais importante da minha vida. Aliás, saí cedo e comprei uma pomada para você. Passe-a e melhore, pois eu quero desfrutar desse corpinho tão logo quanto possível.

De repente, me lembrei de algo.

– Ai, porra! – me sentei. – Nós perdemos a audiência do Sebastian!

Ele se sentou também.

– Não, não. Eu acordei cedo e fui buscá-lo. Nós conversamos com a advogada. Está tudo resolvido.

– O quê?! Por que você não me acordou?

– Você estava exausta. E, francamente? Aquele seu irmão pode ser bem irritante. Sua mãe também não parou de ligar e proferir impropérios contra você. Falar com ela é exaustivo. Os dois são profundamente ingratos e não te tratam com qualquer respeito. Quis poupá-la de todo o caos. Entrar na frente da bala por você.

– Espera, você falou ao telefone com a minha mãe?!

– Falei. E não fui muito gentil. Assim que ela começou a te xingar, eu a cortei e a coloquei em seu devido lugar. – Estalou a língua. – Acho que a minha sogra não vai gostar muito de mim. Isso é ruim? Nunca tive uma sogra para comparar.

Nem consegui ficar furiosa. Falar com a minha mãe sugava toda minha energia. Ela era tóxica e abusiva. Nunca consegui desafiá-la.

Sinceramente, estava grata por Exton ter feito isso por mim.

– Não acredito que você enfrentou a minha mãe. Deve ter sido uma ligação hor-

rível. Ela pode ser bem má. Principalmente quando mexem com o filhinho protegido dela.

Sebastian sempre foi seu preferido.

– Ela é má, mas eu sou pior.

– E o que ela disse?

– Depois que eu falei algumas verdades, ela ficou sem palavras. Começou a gaguejar, me agradeceu por salvar Sebastian e desligou.

Eu ri.

– Uau. Ela te agradeceu? Queria ter visto isso...

Ele se deitou e me puxou de volta para o seu peito.

– Às vezes uma alfa prepotente só precisa de um alfa maior para ser contida.

Ele me contou tudo.

Sebastian se comportou perante a advogada. Ela solicitaria a deportação voluntária, o que aconteceria em três dias.

Sebastian aceitou voltar para Porto Rico. Assim que ele pousasse no país, haveria um jatinho particular o esperando, fretado por Exton. O jatinho o levaria para a Argentina. Ele passaria alguns meses morando lá, com casa e empregos garantidos, até que os homens de Exton resolvessem seu *probleminha* com a máfia.

Ou seja, eliminarem o chefão que o jurou de morte.

Não, não iriam matá-lo. Eu fui expressamente contra esse plano. Exton me respeitava demais para desobedecer. Iriam apenas dar um susto e espantá-lo da região. Assim, ele saberia que Sebastian não deveria ser tocado.

Sebastian, por sua vez, ficaria sob supervisão dos *amigos especiais* de Exton. Não poderia mais sair da linha, ou Exton saberia. E daria um fim à proteção.

Era genial. Sebastian poderia ser irresponsável, mas não era burro. Não queria morrer.

Numa só tacada, Rendrix resolveu dois problemas. Colocou o mimadinho na linha e falou umas poucas e boas para minha mãe ingrata.

Confessei.

– Eu tento confrontar esses dois por toda uma vida, sabia?

– Famílias humanas são complicadas.

– Pergunto-me como você fez tudo isso numa só manhã...

– Esta é a vantagem de uma longa vida. Você ganha muita experiência e tem muitos contatos.

– Explique...

– Digamos que não é a primeira vez que eu tenho que salvar alguém de uma ameaça de morte. Já me envolvi em assuntos da máfia antes.

Fiz uma careta.

– Prefiro nem perguntar.

– Não pergunte. Meu passado é sombrio.

Claro que era. Não por acaso lhe enviaram uma Domadora.

– À propósito... – interrompi-me. Não tive coragem para continuar. – Não, deixa para lá.

– Como assim? Pode falar.

– Estou um pouco constrangida.

– Não precisa esconder nada de mim. Já vivemos muita coisa, passamos desse ponto.

Realmente. Nós nos odiamos, juramos nos destruir e nos caçamos. Trocamos insultos, nos vinculamos, nos perdoamos e nos apaixonamos. Havíamos cruzado a linha há tempos.

– Tudo bem. – Cedi. – Ontem à noite, eu estava sonolenta, e...

– E?

– E pensei ter ouvido você dizer alguma coisa.

"Domadora?", ele dissera. *"Nunca pensei que fosse dizer isso para uma mulher, mas acho que estou amando você."*

Seus músculos se retesaram.

– Ah. Você me ouviu.

Encarei-o, perplexa.

– Você disse aquilo mesmo? Eu não sonhei?

Ele pareceu embaraçado.

– Disse.

Pisquei, ainda mais chocada.

– Espera, vampiro. Isto é você ficando constrangido? – ri. – Caramba. É a primeira vez eu vejo o grande *linebacker* com vergonha.

– Não era para você ter me ouvido. Ainda é muito cedo para dizer, hã, coisas tão profundas.

– Sim, é cedo, mas... – mordi o lábio. – Não me importo com o tempo do mundo. Só me importo com o tempo do meu coração. – Reuni coragem. *Vamos, serafínica. Você consegue.* – A verdade é que eu também te am...

Foi abrupto.

A porta do meu quarto se abriu com violência. Ira entrou. Olhos vermelhos, furioso.

Sentei-me.

– Carter! O que está fazendo em casa?!

Ele me ignorou e apontou para Exton.

– 07, seu maldito! – bufava em raiva. – *Você pegou o que é meu!*

***

Exton se sentou, queixo erguido.

– Lamento, Ira. Só estou tomando de volta a minha Domadora. Ela nunca foi sua.

Ira estava transtornado.

– Cala essa boca, vampiro de merda! – socou a parede. – Cala-essa-boca!

– Carter! – pulei da cama. – Pare! Você está fora de si!

– Não fale comigo. – Ele me fitou, olhos molhados. – Você me traiu, Domadora. Como pôde dormir com outro vampiro? Você é minha e eu sou seu. Você traiu o nosso vínculo.

Dentro da minha gaveta, o chicote sussurrou:

"Eu avisei."

Exton se levantou.

– Não fale assim com ela. – Entrou à minha frente, protetor. – Não seja rude com a minha mulher.

– Sua mulher?! – Ira vociferou. Íris mais vermelhas, respiração mais rápida. – Seu vampiro pérfido! Mentiroso! Traiçoeiro!

Ah, não. Ira era perigoso demais. Não poderia perder o controle.

– Rapazes, fiquem calmos. Não vamos brigar na nossa casa. Podemos resolver conversando.

– Não tem conversa! Luxúria pegou o que é meu, e agora vai ter que pagar!

– E o que vai fazer comigo, zero um? Me bater?

– Se for preciso...

– Eu não obriguei a Domadora a ir para a minha cama. Apenas confessei os meus sentimentos e fui retribuído. Supere.

– Nunca! Eu sou o Domado! Esse direito é meu!

– E esse é um problema que eu pretendo resolver. Essa Domadora foi enviada pelos céus para *mim*. Minha libertação foi um erro. Você nunca devia ter tomado o meu direito. Resolvamos esse problema da única maneira possível.

Carter arregalou os olhos.

– Você não faria isso.

– Pela Isabela? Faria, sim. Eu cruzaria qualquer limite por ela.

Entrei no meio dos dois.

– Do que vocês estão falando?

Mas Exton mantinha o olhar mortal cravado em Carter.

– Eu te desafio, Ira, para um duelo de Domados. Quem vencer ficará com a Domadora. Quem perder vai embora para sempre.

Apavorei-me. Asher já havia me contado sobre tal costume. Duelos eram lutas mortais entre criaturas em estados selvagens. Alguém sairia muito ferido – ou até morto.

– Não! Vocês não podem!

Exton me fitou, sombrio.

– É o único jeito de ficarmos juntos. Ira irá nos atrapalhar enquanto nós vivermos. Estou invadindo o território dele.

Vampiros eram muito territorialistas.

– Mas você pode morrer.

– Vai valer a pena.

Ira ergueu o queixo, desafiado.

– Que assim seja, Luxúria. Não perderei a minha Domadora sem lutar. Desafio aceito.

– Ótimo. Esteja no ringue de boxe do ITT nesta madrugada, às duas da manhã. Leve um padrinho de duelo.

– Leve um você, Luxúria. Eu sou Ira, o mais forte do clã. Não tem como você me vencer.

– Veremos.

Carter me lançou um último olhar traído. Em seguida, saiu batendo a porta.

Exton correu a mão pelos cabelos.

– Merda.

Permaneci congelada olhando para a porta. *Não acredito que isso vai acontecer.*

O chicote falou em minha mente.

"Não haverá ganhadores, Domadora. Eu avisei que as consequências seriam trágicas."

E eram.

Se Carter ganhasse, Exton seria banido do clã. Eu nunca mais o veria. Vampiros levavam duelos muito à sério. Questão de honras.

Se Exton ganhasse, Ira ficaria sem uma Domadora. E uma fera perigosa de

coração partido estaria à solta no mundo. Sabe-se lá o que poderia acontecer.

O chicote tinha razão. As consequências da minha decisão foram desastrosas.

Não haveria final feliz.

***

Fiquei sozinha em casa. Passei o dia todo em aflição.

Exton e Ira saíram em busca de energia extra. Precisariam de todas as forças.

Provavelmente, foram para lugares de energias umbralíficas, onde a raiva e a luxúria imperavam. Como cadeias e bordeis.

O tempo todo, minha razão lutou contra o coração.

A razão e o chicote estavam alinhados. *Ira precisa ganhar. Ele é perigoso demais para viver sem uma Domadora.*

Já o meu coração gritava: *não! Não podemos perder nosso amor!*

Foi horrível.

Às 19h, Exton me ligou.

– Meu Deus. – Atendi, ansiosa. – Onde você estava? Te liguei o dia todo!

"Me energizando. Sinto muito, você não podia ficar comigo. Eram lugares hor-

ríveis, você não aguentaria a energia pesada."

– Onde está agora?

"Entrando no aeroporto. Preciso ir buscar o meu padrinho de duelo. Pode me encontrar no ITT às 2:00 da manhã?

– Espera, padrinho de duelo? Meu Deus, Exton! Pense bem nisso!

"Desculpe, linda. Um vampiro não pode fugir de um duelo já proposto. É assim que tem que ser. Confie em mim", e desligou.

No horário marcado, fui para o Instituto. Chorei por todo o caminho.

Eles deixaram o portão do estacionamento dos fundos aberto para mim. O alarme não apitou, e o segurança não estava lá. Eles devem tê-lo subornado para dar uma voltinha.

Provavelmente, as câmeras também foram desligadas. Ninguém invadiria um ginásio de madrugada. Não havia o que roubar.

Estacionei. Havia quatro carros de luxo do estacionamento. Reconheci os veículos de Exton, Carter e Dylan.

– Dylan? – freei. – O que diabos ele está fazendo aqui?

Corri para o ginásio. Tremi por todo o caminho.

Não acreditava que aqueles dois vampiros lutariam por mim, ainda que pudessem morrer. Quanta estupidez.

Cheguei ao ringue de boxe. Todos já estavam lá.

As luzes do ginásio foram apagadas. Não poderíamos chamar a atenção. Não fez diferença, pois todos enxergávamos no escuro.

Exton e Carter já ocupavam suas posições. Cada um se prostrava de um lado do ringue. Usavam apenas bermudas e pés descalços. Olhares assassinos, posições de ataque.

Atrás deles, estavam seus padrinhos.

Dylan ficou ao lado de Carter. Um desconhecido, ao lado de Exton. Pele negra, cabelo raspado, superforte. Meia-idade e expressão perigosíssima. No seu braço, uma tatuagem dizia: Traxz.

Cheguei correndo e parei à borda do ringue.

– Parem! – implorei, ofegante. – Não façam esta loucura...

Ira nem me olhava. Parecia magoado demais.

Exton andou até mim. Atravessou a mão entre as grades do ringue.

– Desculpe, amor. – Pousou a mão na minha bochecha. – Uma vez desafiado, não posso desistir. Ira e eu não podemos brigar por você pela eternidade. Deve haver uma decisão.

– Vocês podem se machucar! Podem até morrer!

– Eu sei. Mas preciso conseguir você para mim. Não importa o que me custe. – E beijou a minha boca rapidamente.

Ira trincou os dentes, expressão enojada.

Dylan me lançou um olhar traído. *Como pôde?*

Ele claramente estava do lado de Carter. Aceitou ser seu padrinho, afinal. Se Carter falhasse, Dylan lutaria por ele.

Exton voltou para seu lugar. Parou à sua extremidade do ringue e anunciou:

– O prêmio chegou. Padrinhos, saiam do ringue. A luta vai começar.

Dylan e Traxz se prostraram ao meu lado. Fiz as conexões. Os vampiros já haviam comentado sobre Traxz, um antigo aliado. Era chefe da máfia vampiresca em Nova York. Famoso por ser perigosíssimo. Exton escolheu bem o seu padrinho.

Os oponentes começaram a se aquecer. A luta só poderia começar quando o relógio batesse às 2:30.

Enquanto isso, Trazx abaixou a cabeça e colocou as mãos atrás das costas. Fez uma pequena reverência para mim.

– Olá, Domadora. É uma honra conhecê-la. Seu nome ficou muito famoso em nossa comunidade.

Eu apenas aquiesci. Não tinha humor para formalidades.

Dylan rosnou para ele.

– Que ridículo, Traxz. Não acredíto que veio compactuar com Rendrix nesta loucura. Um vampiro que toma uma Domadora de outro é lmoral demais. Até para nós. O que ele te prometeu para te trazer até aqui?

Traxz franziu a testa.

– Luxúria não me fez promessas, só apresentou fatos. Ele matou a súcubo mais velha deste país, e é mais perigoso do que pensamos. Não vou ficar entre ele e a sua Domadora. Não sou idiota.

Dylan bufou.

– Duvido que você não tenha um interesse oculto. Vampíros não são amigos leais.

– Bom, se os dois morrerem nessa luta, a vaga de Domado ficará disponível. – Traxz olhou para mim, cobiçoso. – E eu estarei na fila.

Engoli seco, afastando-me um passo.

Às vezes, eu me esquecia de onde estava. Convivendo entre criaturas muito perigosas.

Dylan rolou os olhos.

– Isso explica tudo.

Virei-me para Dylan:

– E você? Por que topou essa loucura? Os dois são seus írmãos de clã. Não devia comprar lados.

Ele olhou para frente, me ignorando.

– Senhora, com todo o respeito, não fale comigo. Eu te idolatro e te protejo, mas estou com muita raiva de você agora.

– Por favor, Dylan...

– Não. O que você fez com o Ira foi imperdoável. Foi traição. Se ele perder esta luta, todos nós pagaremos o preço.

– Como assim?

– Um vampiro perigoso como ele não pode ter um coração partido. Ele atearia fogo no mundo. E eu quero ter um mundo para viver. Então, sim, preciso garantir que ele ganhe.

O relógio de alguém apitou. Duas e meia da manhã.

Traxz anunciou, sombrio.

– Vai começar.

– Meu Deus. – Me encolhi.

Exton e Carter começaram a transformação. Jogaram as cabeças para trás e urraram. Pareciam sentir dor.

Seus dentes caninos se afiaram. Os olhos ficaram vermelhos e as caudas apareceram. As unhas se transformaram em garras, e eles se ajoelharam nos quatro membros, totalmente selvagens.

Atacaram-se.

Exton pulou em cima de Carter. Arremessou-o ao chão. Eles rolaram no ringue trocando rosnados, arranhões e mordidas. Foi horrível e violento.

Sangue molhava o tatame. Eles eram um emaranhado de dois corpos selvagens. Arremessavam-se nas grades, se mordiam e se socavam. Eu não sabia mais quem era quem.

Embora Ira fosse mais forte, Exton continha mais motivação.

Ao fim, a persistência venceu a força.

Exton conseguiu morder a jugular do rival. Carter arregalou os olhos e se deba-

teu. Não conseguiu sair do golpe. Afogou-se no próprio sangue até que Dylan precisou intervir.

– Chega! – segurou as grades do ringue. – Você vai matá-lo, Rendrix! Acabou!

Exton o soltou. Foi cambaleando para o seu lado do ringue nos quatro membros. Dentes pingando sangue, exausto e cheio de feridas. Deitou-se no chão e se encolheu.

– Céus... – recomecei a chorar. – Preciso ajudá-lo.

– Não. – Traxz colocou a mão em meu ombro. – Não se aproxime dele, Domadora. Vampiros ficam perigosos no estado selvagem. Espere um pouco.

No ínterim, Dylan entrou no ringue. Ajoelhou-se ao lado de Carter e estancou o sangue de sua ferida com as mãos.

– Fique quieto – rosnava. – Você vai se curar em minutos. Só pare de se debater.

Carter se deitava no chão, tai como um animal ferido. Respirava entrecortadamente. Dentes afiados pingando o sangue de Exton.

Minutos depois, a ferida foi curada. Transformou-se apenas num arranhão.

Carter se levantou. Lançou-me um olhar de mágoa – estranhamente humano – e me deu as costas.

Na forma animal, não sabia usar portas. Então simplesmente correu nas quatro patas através do ginásio e saltou por uma janela. Quebrou o vidro e foi parar do outro lado.

Nós o ouvimos ir embora. Ao longe, soltou um uivo de sofrimento.

Um macho que havia perdido sua Domadora.

Uma lágrima desceu por minha bochecha. Eu sentia muito por Carter. Passei a vê-lo como um amigo e nunca quis fazê-lo sofrer.

Mas o coração quer o que quer.

Dylan veio até mim.

– Vou ir procurar o Ira. Ele deverá acordar no deserto, nu e sem memória.

– Sim. Leve-o para algum lugar confortável e seguro.

– Certo. – Abaixou a cabeça uma vez. – Tchau, Domadora.

Foi uma despedida fria. Dylan claramente estava ressentido comigo, e com razão.

Eu fui egoísta. Escolhi o amor de Exton acima de tudo. Mas deixei muitos destroços pelo caminho.

No interstício, Exton foi se recuperando. As feridas gradualmente se fechavam.

Ele conseguiu ficar de pé e veio andando até mim nos quatro membros. Cambaleante, estado animal. Inclinou-se para a frente em posição de submissão.

– Aqui estou eu, o seu fiel servo, Domadora. – Voz gutural.

Sentou-se aos meus pés. Inclinou a cabeça para minha paima, pedindo carinho. Um animal machucado querendo conforto.

– Ab, Exton... – chorei. Ajoelhei-me e o abracei. Acariciei seus cabelos e escondi o rosto em sua clavícula.

Ele não sabia como abraçar de volta. Então, simplesmente me cheirou e se roçou em mim como uma pantera domada.

– Obrigada por lutar por mim. – Sussurrei.

Era difícil vê-lo naquele estado. Tão ferido e exausto.

Eu sabia o quanto aquela luta havia o custado. Sua força fisica, o respeito do seu clã, e a perda de um amigo...

Tudo por mim.

Traxz pigarreou.

– Bom, acho que vou indo. Meu apadrinhado venceu e não houve mortes. Não teremos uma Domadora disponível. Não tenho maís o que fazer aqui.

E foi embora.

Exton e eu permanecemos ali, sentados no chão, abraçados no escuro.

Horas se passaram. Exausto, ele acabou dormindo com a cabeça no meu colo. Em breve se transformaria de volta, e então iríamos embora. Precisávamos partir antes que os alunos da manhã chegassem.

Enquanto ele dormia, chorei por toda a noite. O conflito interno me queimando por dentro.

Um lado meu transbordava de alegria. *Exton venceu.*

Outro lado meu, sentia que havia cometído um erro muito grave. *Desobedeci a minha missão. Ira está à solta no mundo, perigosíssimo e com um coração partido.*

O que iria acontecer agora?

Capítulo dezessete

Horas se passaram.

Exton se transformou. Levei-o para casa. Destruído, ele teve que mancar até o carro. Apoiou-se no meu ombro, lutando para não dormir.

A transformação sugou toda a sua força. Foram necessários dois dias de recuperação. Passei-os ao lado de sua cama, controlando sua febre e limpando seus ferimentos.

Fiquei sozinha. Ira desapareceu e Dylan me evitava.

Os garotos estavam viajando, e não tinham ideia dos acontecimentos. Dylan manteve segredo. Não queria desencadear uma briga num momento tão delicado.

Por sua vez, meu chicote simplesmente não falava comigo. Tentei acessá-lo em vão, mas parecia que...

Havíamos perdido a conexão.

Muito estranho.

Na terceira manhã pós-luta, acordei.

– Mmmmm... – tateei o colchão e não senti Exton. Abri os olhos, tensa.

"Bom dia, linda."

Exton saía do banheiro da suíte. Sorriso no rosto, toalha na cintura e cabelos molhados.

Sentei-me.

– Bom dia. Você acordou cedo para tomar banho?

– Sim, eu precisava.

– Vejo que alguém já está curado.

Ele se sentou ao meu lado.

– Completamente. Graças a você.

Abraçou-me. Seu aperto foi tão voraz que me jogou para trás nos travesseiros.

– Ei – ri – você está molhado!

– Ah, jura? Que pena... – começou a roçar o cabelo molhado na minha clavícula. – Estou molhando a princesinha? – plantava beijos no meu rosto e pescoço. –

Desculpe, foi sem querer... – e continuava se enroscando em mim.

Empurrei-o, rindo.

– Eca! Me solta!

Ele me soltou.

– Certo, certo. – Um sorriso brincava nos lábios. Jamais o vi tão feliz.

Eu me deiteí nos travesseiros. Ele apoiou os braços ao meu redor e se inclinou sobre mim.

Franziu a testa:

– É o meu olhar de Domado falando, ou você sempre acorda linda assim?

– Tsc. É o seu olhar de Domado.

Eu estava descabelada e sem maquiagem, pelo amor de Deus.

– Acho que não. – Suspirou, feliz. – Você está sempre linda. Por isso tem esse poder hipnotizante sobre mim, serafínica cruel. – Deitou a cabeça no meu ombro. – Humm... Isto não é delicioso?

Afaguei seus cabelos.

– O que, vampiro?

– Essa ligação entre Domadora e Domado. Eu posso sentir a ocitocina explodindo no meu cérebro. – Roçou o nariz na minha clavícula. – Sentir o seu cheiro me causa uma profunda emoção. Não sei se é

o vínculo de Domado falando, ou se estou mesmo louco de amor...

– Nunca saberemos.

– Não, e também não importa. Seja o que for, não quero perder essa ligação nunca mais.

O assunto me deixou apreensiva.

Exton devia ter tomado o lugar de Carter como meu Domado, entretanto...

Eu não sentia a presença do chicote. Sua voz sumiu da minha cabeça. Estávamos desconectados.

Sinceramente, eu sentia que parte de mim havia sido quebrada. Mas não toquei no assunto. Não queria tirar a alegria do Exton.

Ele notou meu silêncio.

– Posso ouvir seu coração. Suas batidas aceleraram. É a minha presença usando apenas uma toalha?

– Tsc. Não fique se achando.

– Então não sou eu? Argh. Creio que não te conquistei o suficiente ainda. Preciso de artilharia mais pesada.

– Faça melhor, eu sou durona.

– Hoje à noite, o clã chegará da viagem. É o nosso último dia sozinhos. Vamos sair.

– Hoje? Mas nós temos aula.

– Vamos faltar.

– Ei, vampiro, não tente me desvirtuar do caminho. Eu sou a sua Domadora.

– Apenas um dia, linda. Suas provas terminaram e você nunca faltou a algo na vida. Aposto que tem uma margem de faltas imensa sobrando. Um mísero dia não fará diferença.

– Hum, não sei. Eu sou muito responsável.

Aquilo era um eufemismo. Na verdade, eu era meio obcecada por controle.

– Vamos, minha nerd... – foi beijando meu pescoço, persuasivo. – Conceda-me apenas um dos seus dias, e este demônio apaixonado nunca mais lhe pedirá nada...

As provas passaram. Mínha margem de faltas era larga. E, sinceramente? Precisava de um dia de diversão.

– Tá bom, tá bom. Só uma vez.

Nós saímos para almoçar.

Pudemos conversar bastante. Ele me contou sobre seu tempo de vida, as identidades que usou, e as pessoas importantes que conheceu. Mesmo envergonhado, também confessou sobre as coisas horríveis que fez.

Não foi fácil ouvir. Mas era necessário para conhecê-lo.

Exton confessou que, após algumas décadas, passou a sentir-se entediado. Farto da própria existência que nunca mudava.

Vampiros sofriam com a falta de propósito. O prazer já não era o suficiente e eles queriam algo mais. Porém, não tinham esse direito.

Por isso Domadoras eram tão cobiçadas.

Após o almoço, ele me levou para um lugar incomum. Viajamos por algumas horas e chegamos a um local ermo. Um galpão imenso cercado por grades. Parecia ser um centro de treinamento.

Estacionamos à porta. Estranhei.

– É aqui que você vai me matar?

Ele tirou o cinto, expressão maliciosa.

– Confie em mim.

Entramos no lugar.

Logo na recepção, descobri que estávamos num clube exclusivo. Um centro esportivo para atletas de alta performance, e viciados em adrenalina.

Exton fez o nosso cadastro na recepção. A recepcionista saiu para buscar nossos uniformes.

Quando ficamos sozinhos, perguntei.

– Esportes radicais? *Esta* é sua ideia de primeiro encontro? – ri. – Não entenda mal, vampiro, mas você não leva jeito com romance.

Revirou os olhos.

– Não me subestime, garotinha. Este não é nosso primeiro encontro. É só uma medida de emergência. Os outros vampiros podem te amar, mas somente eu sei do que você precisa.

– Não entendi.

– Você é uma serafínica recém despertada. Sua força física está estagnada, estalando dentro do corpo. Você deve se sentir agitada e ansiosa. Precisa colocar essa adrenalina para fora e conhecer a sua verdadeira força. Você é uma pantera, e não um gatinho doméstico. Criaturas fenomenais não podem ser trancafiadas em salas de aulas. Você é uma caçadora. Use a sua força.

Primeiro, nós fizemos escalada. Subimos pelas paredes do nível mais avançado. Foi maravilhoso sentir meus músculos arderem. Meu corpo *queria* aquilo.

Depois, fomos para o centro de kart. Os carros eram velozes. As curvas, acentuadas. Fizemos uma corrida divertida e cheia de adrenalina.

Eu via tudo. Antecipava as curvas, girava o volante com habilidade e ouvia cada engrenagem do motor.

Exton e eu terminamos empatados.

O instrutor ficou chocado.

"Vocês são profissionais? Eu nunca vi visitantes dirigirem tão bem."

Rimos e negamos.

Não somos profissionais. Apenas sobrenaturais.

Em seguida, Exton me levou para o que eu mais gostei...

Um torneio de esgrima.

O Centro Esportivo era imenso e havia de tudo.

Nós colocamos as roupas protetoras. Nos encontramos na pista de combate. Exton me olhou de cima a baixo.

– Caralho... Você está uma delícia neste macacão branco.

Segurei a minha espada e abaixei a máscara.

– Sei que sou irresistível, vampiro, mas se controle. – Flexionei joelhos. Po-

sição de ataque. – Não quero amorzinho, quero guerra.

Ele sorriu em malícia.

– Essa é a minha guerreira – e abaixou o capacete.

Duelamos. Eu nunca havia usado uma espada na vida, porém não foi problema. Meu desempenho foi fenomenal.

Exton também era brilhante. Nossas espadas se cruzavam, tilintando. Nossos movimentos eram rápidos e profissionais. Meu corpo simplesmente sabia o que fazer.

Exton tinha razão. Eu era uma guerreira por natureza, e guerreiros precisavam lutar.

Foi maravilhoso. Meu coração acelerado... A adrenalina dos golpes... Usar minhas novas habilidades...

Nossa luta foi tão brilhante que atraiu a todos. Os professores do lugar chamaram uns aos outros e se reuniram ao redor de nós. Observavam-nos com espanto.

"Quem são eles?"

"Será que são profissionais estrangeiros?"

"Nunca vi ninguém lutar assim. Devem ser atletas olímpicos."

Foi uma luta equilibrada. Exton viveu num tempo em que lutas de espadas eram um hábito. Tinha o costume.

Eu, por outro lado, era simplesmente um talento nato. Forte e hábil para cacete.

A ponta da minha espada pegou na lateral do seu pescoço.

– *Touché.* – Finalizei.

Ele largou a própria espada e ergueu as mãos.

– Você venceu.

Os professores aplaudiram.

"Caramba, quem é ela?"

"Precisamos filmá-la. Isso é um fenômeno do esporte."

Larguei a minha espada e tirei o capacete. Corri para abraçar Exton. Ele também retirou o capacete e me pegou no colo. Entrelacei as pernas em sua cintura e beijei sua boca. Em seguida, falei em seu ouvido:

– Obrigada. Isso foi maravilhoso.

Os professores sussurravam:

"Eles devem ser um casal de atletas olimpicos."

"Vamos dar-lhes privacidade", e saíram.

Exton parecia feliz.

– Viu? Eu sei do que a minha mulher precisa. Agora, minha delícia, vamos fazer outro tipo de atividade física.

Ergui as sobrancelhas.

– É o que estou pensando?

– Sim. Estou querendo isso o dia todo. Esta sua versão esportista me deixa cheio de tesão.

Ele me levou para um dos vestiários e trancou a porta.

Nós transamos debaixo do chuveiro, várias e várias vezes. Só paramos quando fomos interrompidos. Um funcionário bateu à porta do vestiário.

"Hum, Sr. Rendrix e Srta. Hernandez? O Centro Esportivo precisa fechar."

Estávamos deitados num dos bancos do vestiário. Exton, com a cabeça entre as minhas pernas, me chupando.

Ele ergueu a cabeça.

"Já estamos saindo!"

Nós nos entreolhamos e rimos.

– Creio que eles ouviram os meus gemidos...

Ele limpou os cantos da boca.

– Com certeza. Mas deviam estar constrangidos demais para nos pararem.

Nós recolocamos nossas roupas e fomos embora.

Exton avisou que faríamos outra pequena viagem. Por isso, paramos num drive-thru na estrada e compramos alguns tacos.

Ele pegou uma saída desconhecida.

– Para onde está me levando?

– Para o nosso verdadeiro primeiro encontro.

Ele dirigiu por um tempo. Por fim, parou no acostamento de uma estrada no meio do nada.

– Chegamos. – Anunciou.

Exton saiu do carro e foi até o porta-malas. Pegou uma mochila e uma lanterna, e me pediu para segui-lo.

Nós adentramos numa estradinha escondida, que serpenteava entre árvores. Estreita, de terra, praticamente tomada pela mata.

Fiquei amedrontada.

– Tem certeza de que este lugar é seguro? Não tem animais selvagens?

Riu.

– E daí? Nós somos bem mais fortes que qualquer um deles.

– Mesmo assim, não vou amar me deparar com uma cobra...

– Relaxe, linda. Somos as criatura mais selvagem que alguém pode encontrar nesta estrada.

Foi uma caminhada de dez minutos.

Por fim, chegamos ao local. Uma ponte antiga que corria sobre um rio cristalino. Algo incomum nas terras áridas do Texas.

Entramos na ponte. Era estreita e feita de madeira. Abandonada, em ruínas, tomada pelo tempo. Não tinha vãos laterais.

Quando subimos, a madeira rangeu. Nada seguro.

Exton não pareceu se incomodar. Retirou um cobertor da mochila e o estendeu na borda da ponte. Depois, sentou-se sobre o cobertor e deu tapinhas ao lado.

– Venha. Sente-se comigo.

Fiquei intrigada, mas cedi.

Sentei-me ao seu lado. O rio corria aos nossos pés.

Ele passou um braço sobre meus ombros, subitamente sério. Notei que seu bom-humor morreu desde que pisamos no lugar. O cenário sugou toda a sua animação.

Busquei entender.

– Rendrix, que lugar é este?

Ele olhava para a correnteza, sombrio.

– Aqui é onde o meu inferno começou. Eu nunca falei sobre ele para ninguém.

– Por que não?

– Porque vampiros não podem parecer fracos.

– Pode contar para mim, se quiser. Não farei julgamentos.

Suspirou.

– Eu quero contar, mas.... Vai ser a primeira vez que falarei sobre isto em voz alta.

– Estou ouvindo.

– Era inverno de 1788. Foi aqui que Elizabeth Simmons deixou o seu bebê recém-nascido para morrer. Abaixo desta ponte, na encosta deste mesmo rio. Acontece que este bebê era eu.

***

Exton me contou a sua história.

Ele foi abandonado ainda bebê. Sabia quem era a mãe, mas nunca conheceu o pai.

Foi encontrado por um andarilho. Levado e criado num orfanato. Quando fez 25 anos, foi transformado em vampiro.

Acontece que seu orfanato não era comum, e o "andarilho" que o encontrou na verdade era um trabalhador das trevas. Enviado diretamente para coletar sua "alma sem dono."

O orfanato era uma fábrica de demônios. Assim que eles atingissem a maioridade espiritual – vinte e cinco anos – seriam transformados. Homens seriam vampiros. Mulheres, súcubos.

Não tinham escolha. Trabalhar para as trevas era um "pagamento" pelos vinte e cinco anos de criação. Eles nem deviam estar vivos, afinal.

Quando Exton foi transformado, usou seus novos dons sobrenaturais para rastrear a família. Literalmente farejar rastros dos seus laços de sangue.

Ele contava:

– Demorou anos, mas eu finalmente encontrei. Era 1818. *Ela* morava num vilarejo decrépito.

– Ela?

– A mulher que me abandonou.

– Ah.

Ele nem conseguia dizer a palavra "mãe." Bom, tínhamos esse trauma em comum.

– Eu bati à porta do casebre dela, pronto para me vingar. Primeiro, iria acusá-la pelo abandono, depois, iria matá-la na frente da família. Mas, então... – seu olhar se perdeu.

– Mas então não o fez. – Adivinhei.

– Não. O que eu vi ali foi uma situação de abandono. Elizabeth já havia tido muitos filhos antes de mim. O marido a deixou, ela não conseguia criar os outros pequenos e não podia me sustentar. Abandonou-me porque a morte seria um destino melhor que a vida que ela podia me dar. Anos depois, ela ainda permanecia infeliz, pobre e sozinha. Praticamente à beira da fome.

– Nossa. – Engoli seco. – Eram tempos... difíceis.

Principalmente para ser mulher.

– Sim. Quando ela atendeu a porta, eu vi a sua real situação. As roupas maltrapilhas, o olhar cansado, a casa suja e abandonada, a solidão... Então simplesmente mudei de ideia. Inventei ser um vendedor de outras terras. Ela não acreditou, é claro.

– Como sabe?

– Porque eu me vestia como um nobre. Mas não foi só isso. Aquela mu-

lher olhou direto nos meus olhos e apenas... Franziu a testa. Ali, eu soube que ela havia me reconhecido. Ou no mínimo desconfiado da minha identidade. Tínhamos os mesmos traços faciais. Os mesmos olhos inconfundíveis.

– E então?

– Eu inventei a mentira, ela fingiu acreditar. Não disse nada. Eu, também, não. Sabíamos que seria melhor assim.

– E você simplesmente foi embora?

– Fui. Quando ela fechou a porta, eu tirei umas moedas de ouro do bolso e deixei-as na sua soleira. Depois, parti.

– Não se vingou?

– Não. A vida dela já era triste o suficiente. Decidi perdoar.

– Uau, Exton.

– Nunca mais a vi. Soube que ela morreu alguns anos depois. – Suspirou. – Deixá-la viver foi o meu único ato de compaixão nesta vida. Isto é, até você chegar e mudar tudo. – Virou-se para me encarar, muito sério. – Eu quero ser um homem melhor para merecer você, Hernandez.

Tínhamos as mãos entrelaçadas. Acariciei sua palma com o polegar.

– Você está se tornando um.

– Me desculpe pelas atrocidades do passado. As perseguições, a caçada, os insultos, as coisas que te fiz perder... Era só a minha natureza falando.

– Tudo bem. Tudo já foi perdoado.

Sorriu fracamente.

– Você é mesmo uma serafinica. Demônios nunca perdoariam tão fácil. Talvez por isso você me assuste tanto.

– Hã? Você é o vampiro com garras, e sou eu quem te assusta?

– A bondade em geral me assusta. Não estou acostumado a ela. Além do mais, mostrar este lugar e contar sobre o meu passado me deixa... Exposto. As coisas que eu faço e falo com você me apavoram. Mal me reconheço.

Foi quando me lembrei de algo.

– Sabe... – comecei, apreensiva. – Há algumas noites atrás, você disse algo para mim. Eu não sei se imaginei ou se realmente ouvi.

Ele me olhou, sério.

– Você não imaginou.

Corei.

– Não quer dizer agora, quando estou acordada?

Ele se inclinou para mim. Roçou o nariz na minha bochecha, pedindo carinho.

– Quando for a hora certa, sim.

– Humm... Por que não agora?

– Muitos Domados assustam suas Domadoras com a intensidade da devoção. E eu não quero correr o risco de te perder atropelando tudo.

– Eu te segui até uma mata escura, vampiro. Não me assusto fácil.

– Não estou disposto a abrir a deixa. Não quando se trata de você. É importante demais. Tudo ao seu tempo.

– Se insiste...

– À propósito – ele retirou algo do bolso da mochila – eu encomendei isto. – E estendeu a palma para mim, segurando um cadeado. Prateado, cravado com pedras brilhantes.

Não parecia apenas um item utilitário. Era claramente caríssimo.

– Isto é um cadeado ou uma joia?

– Ambos. Na verdade, é um símbolo. – Ele afastou o cobertor. Entre as vigas de madeira, havia ligamentos de ferro. – É uma tradição em algumas culturas que casais coloquem cadeados em pontes, tranquem e joguem a chave fora. O ato

simboliza que a relação entre os dois ficará fechada para sempre. Intacta. Assim como um cadeado, o vínculo se tornará inquebrável. – Virou o cadeado na mão. Do outro lado, foi cravado um símbolo com duas letras. – Este é o sinal da nossa ligação, Domadora. E ouso dizer... Até mesmo do nosso amor.

Peguei o cadeado, olhos molhados. Exton mandou gravar nossas iniciais entre os diamantes.

"e + i"

Abaixo, a data em que ele se tornou meu Domado pela primeira vez.

Minha voz saiu embargada.

– Você mandou fazer isto para nós?

– Sim. Quero deixar o cadeado nesta ponte.

– Por quê?

– Para reparar o amor que me foi roubado. Foi aqui onde eu perdi a mulher que partiu o meu coração, minha mãe. Então é aqui que quero me declarar para a mulher que juntou os meus pedaços, você. Esse é o lugar onde mora minha dor mais profunda, e agora, a minha maior felicidade. Você topa?

– É claro.

Ele guiou a minha mão. Juntos, nós trancamos o aro do cadeado numa das vigas. Ele ficou pendendo por debaixo da ponte.

Uma joia sem precedentes escondida para sempre ali, no meio da mata.

Era o nosso segredo. Apenas nós dois saberíamos.

– Pronto. Nosso amor ficará protegido bem aqui. – Ele retirou a chave do bolso. – Somente esta chave poderá nos separar.

– Jogue a chave fora, pois eu não vou a lugar algum.

– Tem certeza, Domadora? Uma vez que essa chave se for, você será minha para sempre. Não aceitarei te perder.

Peguei a chave da mão dele e simplesmente lancei-a no rio.

– Nunca tive tanta certeza.

Ela foi embora com a correnteza, afundou e sumiu.

Exton segurou meu queixo.

– Agora não tem volta. Você será minha para sempre.

– É tudo o que eu peço.

– Nunca mais te deixarei escapar.

Ele me beijou ferozmente. Caí de costas no cobertor. Rapidamente, ele abriu os botões da minha blusa, e o clima mudou.

Nós nos amamos ali, enrolados naquele cobertor, várias e várias vezes.

Capítulo *dezoito*

Um mês se passou.

Nossa rotina mudou radicalmente.

Os garotos ficaram arrasados com a notícia da partida de Ira. Todavia, acabaram aceitando. Sabiam que era só uma questão de tempo até Carter e Rendrix entrarem num embate por mim.

Dois vampiros territorialistas, e uma só Domadora?

Claro que haveria guerra.

Eles estavam preocupados. Ira seguia solto pelo mundo, no pior estágio da amargura e sem um clã para contê-lo.

Ou seja, perigosíssimo.

Eles tentavam rastreá-lo. Usavam as notícias de atos violentos para seguirem seus passos. Se catástrofes aconteciam, significava que ele estava por perto.

Eu sentia um misto de dor e culpa. Dor por ferir um amigo, e culpa por, concomitantemente, viver a melhor fase da minha vida.

Era embaraçoso admitir, mas nunca estive tão feliz.

Exton e eu dormíamos juntos todas as noites. Saíamos juntos para o ITT e andávamos nos corredores de mãos dadas, como um casal. Eu aparecia nos seus jogos e me sentava com ele nos intervalos.

Todos passaram a me ver como "a namorada oficial" do linebacker.

No começo, ninguém aceitou bem.

"Rendrix namorando alguém? Isso é novidade. Ele nunca assume relações."

Minha super audição me permitia ouvir os comentários nos corredores.

"Namorando com ela? Que bizarro. A Hernandez está bem longe do tipo ideal dele. O que ela fez para prendê-lo?"

"Nunca saberemos. Só sei que ele carrega a mochila dela e quase a alimenta na boca no refeitório. Assim como todos os

membros da Fraternidade. Sinceramente, o que essa garota tem de tão poderoso?"

"Exato. Nem parece o mesmo Rendrix de antes."

"Fiquei sabendo que ela está até mesmo morando na casa dele!"

As duas primeiras semanas foram assim. Repletas de olhares atravessados e murmúrios maldosos.

Contudo, com o passar das semanas, as pessoas começaram a se acostumar.

Os garotos gostavam de dizer que Rendrix era uma lenda no ITT, e as garotas gostavam de saber que ele estava disponivel. Eu era a pedra no sapato de todos.

Mas, que se dane. Eles teriam que me engolir.

Naquela tarde, fui para as aulas. O clã tinha treino e não pôde me escoltar. Fiquei sozinha.

Foi estranho andar pelos corredores sem meus seguranças fortões. Já havia me acostumado a ser seguida.

Foi um dia solitário. Eu estava especiaimente triste. Era uma data cheia de gatilhos para mim.

Hoje, era o meu aniversário. Eu estava fazendo 25 anos. Não contei para ninguém. Odiava aniversários desde que sofri

meu primeiro episódio traumático. Foi no meu aniversário de dezoito anos. Passei a ter pavor dessa data.

Os garotos não sabiam sobre o aniversário. Minha família não ligou. Passei o dia com o celular na mão, torcendo os dedos, esperando uma única ligação da minha mãe.

Será que ela se lembraria?

Já eram seis da tarde. Nenhum sinal dela, nenhuma mensagem.

Voltei para casa aos prantos. Não sabia por que o desamor dela ainda me machucava tanto. Ela tinha muito poder sobre mim.

Estacionei à porta de casa. Desafivelei o cinto e limpei as lágrimas. Queria parar de chorar.

Reparei os carros do clã estacionados no quarteirão.

Espera, eles estavam em casa? Não deviam estar no treino?

– Que estranho. – Saí do carro.

Coloquei o celular no bolso e atravessei o jardim. Quando abri a porta da sala, deparei-me com o cômodo todo escuro e...

De repente, gritos.

"Surpresa!"

A luz foi acesa. Uma bomba de confete foi jogada. Os vampiros saíram de trás dos móveis, saltando e cantando "parabéns para você."

Havia uma faixa sobre a lareira dizendo: "parabéns para a nossa Domadora!"

– Ai, meu Deus! – fechei a porta, mão no peito. – Que susto!

Eles vieram me abraçar. Asher me tirou do chão. Cole esfregou minha cabeça com os nós dos dedos.

– Parabéns, Senhora – Tyler beijou minha mão. – Nós compramos um carro para você.

"Tyler, cala a boca! Era uma surpresa!"

Todos riram.

Rendrix acotovelou os amigos.

– Saiam da frente. Deixem-me chegar à minha namorada.

Ao vê-lo, estreitei as pálpebras.

– Conheço essa cara. Você é o mandante deste crime?

Sorrisinho malicioso.

– Culpado. – Ele me abraçou, depois me lascou um beijo na boca.

Nossos amigos aplaudiram e assobiaram.

Exton me soltou, mas manteve as mãos nas minhas costas.

– Gostou da nossa festinha? Tivemos que te enrolar o dia todo para organizá-la.

Olhei ao redor. A sala foi enfeitada por balões. Sobre a mesa de jantar, colocaram bolo, comida farta e um balde com garrafas de champanhe.

– Ficou perfeito. Por isso vocês me evitaram o dia todo?

– Claro. Queríamos te surpreender.

– E conseguiram. Como sabiam que era o meu aniversário?

Exton revirou os olhos.

– Eu sei tudo sobre você.

– Óbvio. – Asher bufou. – Este aí praticamente te persegue. Um *stalker*.

– Não sou *stalker*, sou um cara apaixonado. E um vampiro com contatos.

Fomos nos sentar à mesa de jantar. Brindamos, nos abraçamos e comemos bolo.

Eles falavam um por cima do outro, gargalhado e contando piadas. Olhei para todos com carinho. Os seis pareciam mudados... Menos sarcásticos e hostis entre si... Não desprezavam mais uns aos outros.

Minha presença parecia acalmar suas feras interiores, e permitir que eles criassem vínculos reais de amizade.

O clima da casa era de total paz. Não fosse pela falta de Carter, tudo seria perfeito.

De súbito, Exton se levantou.

– Ei, vocês – pigarreou. – Eu tenho algo a dizer.

Muitos riram.

"O Exton está tímido? Isto é novidade!"

"Jamais o vi corando na vida..."

– É sério – ele revirou os olhos. – Eu estou tentando abrir a porra do meu coração aqui.

– Shhh – pedi. – Quero ouvir o que ele tem a dizer.

A tensão dele me deixou curiosa.

Todos se calaram na mesma hora. Tsc. Nunca pensei que fosse ser a manda chuva numa casa de vampiros fortões.

– Eu não digo muito isto, mas... – Exton vacilou. – Sou grato por fazer parte deste clã. Eu não teria sobrevivido tanto tempo nesta vida vazia sem vocês cinco. Não tinha ideia do quanto era fodido até conhecer a verdadeira felicidade. – E olhou

significativamente para mim. – Antes da Luz chegar à minha vida, eram vocês quem estavam comigo. Morar com vocês me ajudou a enfrentar a escuridão. Ainda que nem soubéssemos o quanto precisávamos uns dos outros. Então, obrigado. É a primeira vez que eu digo algo assim, mas aí vai... Vocês são meus amigos.

Todos se entreolharam, constrangidos. Não estavam acostumados à sentimentos.

Tyler grunhiu.

– Argh, Luxúria. Você acabou com o clima.

– Não me culpe. Em algum momento teríamos que falar isso uns para os outros, era inevitável. A personificação do amor mora na nossa casa agora. Literalmente.

Dylan, sentado ao meu lado, deu tapinhas nos meus ombros.

– Você realmente é uma presença poderosa, Senhora. Nos transformou em velhotes emocionados.

– Discordo. Vocês sempre foram velhotes emocionados. Eu só vi o potencial.

Eles riram. Exton tomou a palavra novamente.

– Agora, é sério. – Pegou a sua taça. – Um brinde ao aniversário da nossa Domadora. Aquela que nos mostrou uma vida

cheia de amor, amizade e família. Nossa senhora é a alegria de nossas vidas.

Todos brindaram, concordando.

Rolei os olhos.

– Ok, agora estou com vergonha.

Exton prosseguiu:

– Antes de encerrarmos, eu tenho uma última coisa a falar – e me olhou enigmaticamente. – Isabela, eu disse que queria me confessar na hora certa, e a hora chegou. Quero fazer isso na frente das pessoas que mais importam para nós. Nossos amigos viram o nosso amor crescer de perto, dia após dia, e merecem presenciar este momento.

Todos ficaram em silêncio. Minha pulsação disparou.

– Estou ouvindo.

– Isabela Hernandez, eu amo vo...

Fomos interrompidos.

Houve um grande barulho de dobradiças. Alguém arrombou a porta da frente. Invasores entraram na casa.

Nós nos levantamos em um salto e...

– Espera – arfei. – Catz?

Seis guerreiros serafínicos atravessaram nossa sala. Usavam roupas brancas e seguravam espadas douradas. Catz, meu

ex-professor, vinha à frente liderando. Parecia completamente diferente da fachada humana.

Meus vampiros ofegaram em horror.

"Os caçadores nos acharam."

"Eles vieram nos pegar!"

Alguns entraram atrás de mim.

"Por favor, Domadora, nos proteja!"

A presença deles emanava uma energia poderosa e dominava todo o ambiente. Arrepiava minha pele.

"Olá, Domadora", suas armas me cumprimentavam. "Há muito tempo esperávamos por você."

"Bem-vinda, número sete."

Eu ouvia aquelas novas vozes na minha cabeça, como se fossem coisas vivas. Bizarro.

Nossa sala e copa eram interligadas. Eles estavam bem perto.

Entrei na frente dos vampiros.

– Parem! – abri os braços, amedrontada. – Vocês não vão pegar os meus amigos! Eu sou a serafínica que manda nesta casa! Esses demônios estão Domados por mim. Vocês não podem invadir o meu território.

Catz rebateu, muito sério.

– Quem falou que viemos pegar seus cachorrinhos, Domadora? Viemos pegar você.

– O quê?!

Exton exalou.

– Não! – e segurou o meu braço. – Vocês não vão levar a minha muiher para longe de mim. Eu os proíbo.

Catz revirou os olhos.

– Ah, cala a boca, vampiro. Isto é assunto de anjos. – E ergueu uma mão.

Imediatamente, Exton desmaiou e caiu no chão aos meus pés.

Os vampiros entraram em pânico.

"O que vocês fizeram com ele?"

"Eles já estão começando a nos matar!"

Catz se dirigiu a uma das guerreiras. Mais velha, traços asiáticos.

– Temperança, tire-os do nosso caminho.

– É para já. – Ela ergueu sua adaga dourada e cortou o ar com um movimento complicado.

No mesmo segundo, todos os vampiros desmaiaram.

– Meu Deus! – desesperei-me. – O que vocês fizeram com eles? – comecei a chorar.

– Relaxa, novata. Só os coloquei para dormir por um tempo. Eles não podem impedir nossa missão. Precisamos te levar sem interferências.

– Missão? Eu não vou a lugar algum com vocês! Vocês invadiram a minha casa e machucaram os meus amigos!

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Ah, você vai.

De repente, um deles abriu caminho entre o grupo e parou à frente de Catz.

Era o mais velho e forte.

Imediatamente, quis me submeter a ele. A inteligência da minha alma serafínica reconheceu-o como o meu lider.

– Olá, Caridade. – Voz poderosa. – Finalmente nos conhecemos. Eu sou Paciência, o lider do seu clã.

Meu coração soube que era a verdade.

Abaixei a cabeça.

– Senhor.

Perto dele, eu não era Isabela Hernandez. Eu era uma soldada.

Ele tinha as mãos atrás das costas e o queixo erguido.

– Você, Caridade, é uma guerreira. Sua alma escolheu a missão de Domadora antes mesmo de você nascer em um corpo humano. Seus dons sobrenaturais não lhe foram concedidos ao acaso. Ser uma serafínica Domadora é um sacrifício, mas também uma grande honra. Você escolheu este caminho antes mesmo de nascer, e chegou a hora de honrá-lo.

Comecei a tremer.

– O q-que você quer de mim?

– Eu não quero nada. – Apontou para cima. – *Eles* querem.

– Eu não fiz nada.

– Exatamente. Você precisava controlar o seu Domado, mas falhou na missão. Deixou o demônio Ira escapar de suas mãos por puro egoísmo.

– Eu não...!

– Calada, Caridade. Não interrompa um chefe de clã enquanto ele está falando.

Abaixei a cabeça.

– Desculpe.

Seu poder emanante era surreal. Sentia-me acuada e rendida.

– Você escolheu a paixão humana em detrimento de sua missão de alma. Você traiu ao seu clã e nos desonrou. Agora, as consequências serão desastrosas. Ira está à solta pelo mundo, furioso e de coração partido. Uma catástrofe é iminente. Você está sendo convocada para impedi-lo.

– O que eu preciso fazer?

– O que você veio fazer nesta Terra. Sacrificar-se para o bem da humanidade. Este teatro de vida humana acabou, então largue tudo e venha conosco.

– P-por quê?

– Porque, anjo, você foi convocada para a guerra.

Capítulo *dezenove*

Havia uma frota de carros estacionados à nossa porta. Todos pretos, esportivos e iguais. O clã agia como grupos de soldados.

Fui jogada no banco de trás de um carro. Temperança dirigia. Bondade foi no banco de carona, e Humildade me escoltava no banco de trás.

Eu tremia, e Humildade notou:

– Tome. – Entregou uma garrafa de água. – Você precisa se acalmar.

Ela era uma mulher preta natural do Senegal. Suas origens e nomes não me foram ditas. Algo em mim simplesmente sabia. Inteligência serafínica.

– Não quero nada de você. – Recusei com rispidez. – Vocês estão me sequestrando.

– Aconselho beber. Vai ser uma viagem longa.

– Para onde estamos indo?

– Para o outro lado do país. Você precisa estar onde Ira está.

– O que vai acontecer com os meus amigos?

Bufou.

– Amigos? Está se referindo aos vampiros com quem você mora?

– Sim, meus amigos.

– Eles ficarão bem sem você. Sofrerão a dor de perdê-la, mas depois se recuperarão. Sem a sua presença, se esquecerão de

como é sentir amor. É da natureza deles. E quem não sente amor, não sente luto.

– Nós nunca mais iremos nos ver?

– Só você pode decidir isso, Domadora.

– Como?

– Na hora certa, entenderá.

– Eu nunca vou me separar dos meus amigos voluntariamente. – *Nunca vou me separar de Exton.*

Ele olhou pela janela, sorriso triste.

– É o que todos nós dizemos no começo. Claramente, você ainda não conhece o fardo de ser uma guerreira celestial. Criaturas como nós sempre acabam fazendo o certo. A missão vem acima de tudo. Está intrincado no nosso DNA.

– Não. Eu escolherei Exton. Não importa o quê.

– Veremos.

Viajamos a noite toda. Quando chegamos ao destino, o sol despontava. Deviam ser seis horas da manhã.

Eu torcia os dedos, nervosa. Imaginava o que meus vampiros sentiriam quando acordassem, notassem a porta arrombada e o meu sumiço.

Merda. Exton teria uma síncope, e eu nem poderia ligar para acalmá-lo. Catz confiscou o meu celular.

Dirigimos para o meio do nada. Paramos numa campina desértica, um terreno baldio.

Todos saíram dos carros.

Eu os segui, grunhindo.

– Este é o local em que irão me punir? Me trouxeram para algum ritual bizarro de traidores do Clã?

Diligência bufou.

– Nem tudo é sobre você, Caridade. É só o ponto de encontro da nossa carona.

Segundos depois, um helicóptero surgiu dos céus. Grande e militar.

Estarreci-me.

– Nós vamos voar?

– Se quisermos chegar a tempo, sim.

Entramos no helicóptero.

O piloto era um serafínico com sotaque. Parecia advindo do clã de outro país. Eles se cumprimentaram rapidamente, todos muito circunspectos, e o helicóptero decolou.

No meio do caminho, o estrangeiro perguntou:

"Quem dentre vocês irá...?"

– Eu. – Paciência asseverou. Queixo erguido, olhar enigmático.

Todos se revoltaram.

"Mas, senhor...!"

– Não. – Cortou-os. – Tem que ser eu. Sou o mais velho e o líder. Nasci para isto.

"Eu irei no seu lugar!"

"Nós precisamos de você!"

– Não. Minha missão nesta Terra foi cumprida. Vocês ainda precisarão ficar e recolher os pedaços do mundo. A Humanidade precisará de todo trabalho dos anjos quando tudo acabar. Fiquem aqui e me deixem orgulhoso. Eu estarei observando-os de... Algum lugar. Além do mais, esta não será a última vez que nos veremos. Serafínicos têm muitas vidas.

"Mas pode demorar décadas..."

O idoso sorriu tristemente.

– Nós já nos separamos por décadas antes, meus caros. Tudo bem. Sempre acabamos nos reencontrando em outras corpos. Fiquem calmos, eu encontrarei meu caminho de volta até vocês.

Eu nada entendia. No interstício, muitos falavam em *Walk Talks*. Pareciam conversar com serafínicos de todo o globo, nos mais diversos idiomas.

Eu compreendia cada palavra. Não sabia como e nem por quê. Apenas entendia.

Devia ser dom de serafínico.

"Como está a situação?"

"Falta uma hora para o primeiro acontecimento."

"Onde está nosso alvo?"

"No terraço do lugar. A energia dele emana por todo o quarteirão."

"Podemos evitar a tragédia?"

"Não. Ela já está prescrita no destino. Só podemos diminuir o número de vítimas."

"Quantas mortes poderemos evitar?"

"Cerca de 12 mil. Tudo vai depender da Domadora."

Sobrevoamos o campo e chegamos à área urbana. Quando reparei onde estávamos, franzi a testa.

O que poderia acontecer logo aqui?

Catz se sentou ao meu lado.

– Temos apenas alguns minutos até a missão. Precisamos conversar.

Então, ele me contou o que aconteceria. Algo que a inteligência dos soldados serafínicos por todo o mundo já havia previsto.

Eu ouvi tudo. Ao final, tampei a boca com as duas mãos.

– Não... Não pode ser.

– Sim, pode. – Ele tinha os olhos molhados por lágrimas. – Quando um demônio tão forte como Ira fica à solta pelo mundo, catástrofes como essas são inevitáveis.

– O que vai acontecer é culpa minha? Ou culpa dele?

– De nenhum dos dois. A Humidade fez sua própria escolha. Ira apenas inflamou os ânimos e viabilizou a concretização do ato. O vampiro está sofrendo e emanando uma energia mil vezes mais forte que o normal.

– Ele não consegue evitar...

– Não. Isso contaminou o mundo com raiva e vingança. O que acontecerá hoje será o estopim desses sentimentos que ele emanou.

– Como eu posso impedir?

– Não pode impedir, minha cara. A tragédia vai acontecer. Nada pode pará-la. Seu trabalho é garantir que Ira esteja presente no momento do ato, para que assim ele morra junto com as vítimas. A morte dele irá poupar centenas de milhares de vítimas futuras. Precisamos livrar este país

da influência deste demônio. Esta será nossa única chance de matá-lo.

– O quê? Eu não quero matá-lo!

– Mas, precisa. Matar vampiros é o nosso trabalho. Mesmo que o laço de Domadora lhe diga o contrário.

– Isso não é justo.

– Não é mesmo. Por isso ser uma Domadora é uma grande honra, mas também um sacrifício. Para que seus Domados a amem, você precisa amá-los também. Porém, nascemos para impedi-los, e nada mudará a nossa missão. Você, Caridade, nasceu para fazer isso. Você sabe, e Ira também.

– Ira nunca aceitará morrer dessa forma.

– Se você estiver lá, ele aceitará. O maior desejo daquele vampiro não é viver, mas sim ter a presença e o amor de sua Domadora. Mesmo que nos momentos finais. Esteja presente quando acontecer, e ele aceitará.

Fiquei lívida.

– Então eu...?

– Sim. Ira precisa partir deste mundo. Para que ele aceite, você terá que ir com ele.

– Eu terei que me sacrificar junto?

– Sim. Ninguém poderá te obrigar. É uma escolha que você deve fazer por si mesma.

Comecei a chorar novamente.

– Se eu aceitar, quantas vidas serão salvas?

Catz revelou o número.

Eu enterrei o rosto nas mãos e solucei.

Naqueles segundos, a decisão foi se cravando em todas as fibras do meu coração. Uma resolução advinda do fundo da alma, onde a inteligência humana não penetrava.

Humildade tinha razão. Ao fim, um guerreiro serafínico sempre escolhia a sua missão. Não importava o preço.

A minha missão era salvar o mundo de um demônio indomável. Eu fugi por um tempo, mas eIa acabou me encontrando.

Eu não era uma humana qualquer. Era uma Domadora, uma transformadora de destinos. E pessoas que mudam o curso da história não saem ilesas.

Afinal, toda grandiosidade vem com um preço.

Meu destino era inevitável. E, do fundo do meu coração, eu o aceitei.

Ergui o rosto e sequei as lágrimas. Já sabia o que fazer.

– Tudo bem. Eu aceito.

Catz suspirou.

– Como o esperado.

– Como você sabia o que eu decidiria?

– Porque somos feitos do mesmo material, Caridade. Nossos corações são forjados por fogo celestial. Pulsam amor, bondade e sacrifício. Fomos criados com um único propósito: cumprir nossas missões. E essa ânsia é mais forte que qualquer egoísmo ou paixão humana. Mesmo as mais doces, como a do seu vampiro Exton.

Concordei de coração partido.

– Sim.

– Serafínicos são rios que deságuam no mesmo mar, o Plano Divino. Nós encarnamos nesta Terra e nos envolvemos no mundo, mas *não somos* do mundo. Somos guerreiros em corpos humanos. No fim, todos acabamos cedendo à força da Missão. Esse é o nosso destino.

– Não entendo. Racionalmente, eu não quero cumprir a missão. Então por que sinto essa necessidade indomável de cumpri-la?

Todo o meu corpo urgia, exigindo: *cumpra seu destino.*

– Missões exercem um magnetismo profundo sobre serafinicos. É como se elas fossem, ironicamente, nossas Domadoras. Não podemos ignorá-las. Nossos átomos são atraídos para elas por uma inteligência mais antiga que nós.

Massageei as têmporas, destruída.

– Exton não vai aguentar.

Quando ele soubesse... Céus, seu mundo iria ruir.

– É por Exton que você sofre agora?

– Sim.

– Pois não sofra. Sua passagem na vida dele já foi mais do que ele poderia esperar ou merecer. O vampiro se agarrará à essas lembranças para sobreviver. E ele vai. Você sabe o quanto Exton é forte. – Franziu a testa. – Eu sou o seu mentor e posso sentir suas emoções. Sinto que não é por ele que você sofre, Domadora. Sua perturbação vem das coisas que não foram ditas para outra pessoa. Coisas que você não quer partir sem dizer.

– Não existe mais ninguém no meu coração. Apenas Exton.

– Não estou me referindo à romance, e sim a amor. Em todos os seus sentidos. O vampiro não foi a primeira pessoa que partiu o seu coração nesta vida. Existe outro alguém.

Pisquei, caindo na real.

– Na verdade... Existe, sim.

– Foi o que imaginei. – Ele tirou o celular do bolso. – Tome. – Entregou-me meu aparelho. – Ainda temos alguns minutos antes de pousarmos. Ligue para a pessoa com quem você realmente quer ter uma última conversa.

Meu coração batia na garganta. Peguei o telefone e disquei o número internacional.

Pessoas cometiam insanidades à beira da morte. Abandonavam medos e falavam verdades. E eu precisava dizer algumas verdades para a primeira pessoa que partiu meu coração de forma irreparável.

O telefone chamou algumas vezes. Então, uma voz feminina atendeu.

"¿Hola?"

Engoli seco:

– Sou eu, mãe.

Minha mãe congelou.

"Isabela, eres tu...", falou em espanhol. "Não esperava que me ligasse tão cedo. Seu namorado foi muito grosseiro da última vez, e..."

– Não, mãe. Não liguei para brigarmos. Liguei para dizer adeus. Pode ser a última vez em que nós conversaremos. Não

pergunte a razão pois não poderei responder.

Ela ficou três segundos calada. Silêncio perplexo.

– N-não entendo.

– Não precisa entender, apenas ouvir. – Suspirei. – Saiba que eu te perdoo. Você não soube me amar da forma que eu precisava, e isso me feriu por muitos anos. Mas eu me regenerei. Encontrei o amor que você me negou em outros lugares. – Nos meus amigos, nos meus vampiros, no meu romance correspondido... – Saiba que foi sofrido e doloroso ser a sua filha, mas eu não guardo rancor. A partir deste momento, você está perdoada.

Ouvi-a chorar do outro lado da linha.

Foi a primeira vez que fui tão brutalmente sincera com ela sobre nosso relacionamento difícil. E foi a primeira vez em que a vi chorar.

"Descuipe, minha filha", ela soluçava. Parecia sentir que era uma despedida real. "Minha mãe também nunca me deu carinho, e eu não podia te dar o que eu nunca recebi. Eu te amei do meu jeito, mas não foi suficiente. E por isso, peço perdão."

Fechei os olhos. Uma lágrima escorreu por meu rosto.

No fim, as verdades são muito simples.

Algumas pessoas simplesmente não sabem amar. Alguns corações partidos não nascem de romances não vividos. Existem amores que nos são roubados desde a infância, e essas perdas nos doem muito mais fundo.

Catz tinha razão. Meu grande amor mal resolvido não era Exton...

Era a minha mãe.

E perceber aquilo foi um choque para mim.

No fim, meu coração serafínico falou mais alto.

– Você está perdoada. Eu queria poder ter te amado melhor.

Ela sussurrou, chorando:

"Eu também. Quem sabe em outra vida..."

Sorri tristemente. Sim, serafínicos tinham muitas vidas...

– Se nos reencontrarmos na próxima vida, faremos melhor. Adeus, mãe. – Desliguei.

Assim que guardei o celular no bolso, o helicóptero pousou.

Era a hora da guerra final.

Capítulo vinte

Todos se preparavam para o pouso. Pegavam suas armas e davam instruções uns aos outros.

"Eu vou para o setor norte."

"Eu farei a cobertura do Sui e dispersarei a multidão."

"Eu escoltarei a Domadora até o terraço. Ainda temos 20 minutos. Não podemos chegar nem antes, nem depois. Deve ser na hora exata."

Pousamos sobre o heliporto de um edifício.

Descemos e desembocamos no centro da cidade. Paramos na esquina de um quarteirão. Manhã fervilhante, rua lotada.

– Pronto. – Paciência anunciou. – É aqui que nós nos despedimos.

Todos se abraçaram, em lágrimas.

"Boa sorte, meu amigo. Cumpra a sua missão com honra e dignidade."

"Nós nos reencontraremos."

"Iremos esperar seu retorno. Você será o mais novo de nós!"

Nós nos separamos em duplas. Paciência me levou para um prédio lotado.

Subimos o elevador até o último andar. Todos desceram e ficamos sozinhos.

Olhei para o homem imponente, tremendo.

– Tem certeza de que quer fazer isto?

– Absoluta. – Sorriu tristemente. – Sou um líder e já vivi bastante. Um capitão sempre afunda com seu navio.

Olhei para a frente, engolindo seco.

– Estou com medo.

– Não tenha. Você é uma guerreira da mais alta categoria, apenas não se lembra.

Ira havia me contado sobre aquilo. Serafinicos viviam muitas vidas. Quando eu fizesse trinta anos, atingiria a maturidade de um anjo e poderia me lembrar das outras existências. Despertei antes do tempo.

– Queria poder me lembrar.

– Não se preocupe. Somente as serafínicas mais fortes são escolhidas como

Domadoras. Você já morreu diversas vezes antes, e voltará para outra vida em breve. Serafínicos bons sempre voltam.

– Quanto tempo irá demorar?

– Não sabemos. A Inteligência de Cima irá dizer. Quando a Terra precisar novamente, você retornará.

– Mas não neste corpo. Não como Isabela Hernandez.

– Não.

– Posso pedir um favor?

O idoso olhou para o painel do elevador. Estávamos quase chegando.

– Você tem um minuto. Diga.

– Quando acontecer o meu retorno, quero voltar para Exton. – Meu vampiro ainda estaria vivo. – Deixe que ele saiba que eu voltei.

– Entendo.

– Quero voltar como Domadora novamente. Eu não me lembrarei de nada até os trinta anos. Permita que ele me relembre de quem nós fomos um para o outro.

– Não dependerá de mim. Se os céus acharem que seu sacrifício foi honroso, Caridade, seu pedido será ouvido.

– Céus... – enterrei o rosto nas mãos.

– Não se preocupe. Nós, anjos, nos sacrificamos pela Humanidade o tempo todo. Porém sempre somos recompensados com os desejos do nossos corações.

– Mas não nesta vida.

– Não, porque esta sua vida já acabou. – Pela primeira vez, ele me tocou. Pousou uma mão sobre meu ombro reconfortantemente. – Pode demorar, mas sua recompensa virá. Confie em mim.

Quando ele me tocou, senti uma paz intensa correr por todas as minhas veias. Fui tomada por tranquilidade e resignação.

Esse era o dom de Paciência.

– Obrigada. Eu precisava ouvir isso.

– Somos um time. Já vivemos muitas vidas juntos.

Então, o elevador parou no último andar. As portas foram abertas.

– Pronta?

Engoli seco.

– Pronta.

Paramos no último andar de salas comerciais. Subimos uma escada para chegar ao terraço. Abrimos a portinha e desembocamos no local.

Apenas um espaço amplo e reto, feito de concreto cinza.

Ira estava ajoelhado no meio do lugar, totalmente sozinho. Segurava um pedaço de vidro numa mão. Com o objeto, arranhava o concreto, desenhando uma sequência de números obsessivamente. Ostentava os cabelos desgrenhados, roupas amassadas e arranhões por todo o corpo. Tão absorto nos rabiscos que nem nos ouviu chegar.

Paciência parou perto da porta.

– Eu só posso ir até aqui. Agora é com você. Vou observá-los de longe.

Aquiesci. Era a minha missão, e de mais ninguém.

Aproximei-me lentamente.

– Carter?

Ele ergueu a cabeça imediatamente, reconhecendo a minha voz.

– Senhora? – largou tudo e correu até mim. – Oh, Senhora! Você está aqui!– ajoelhou-se aos meus pés, abraçando minhas pernas. – Você está aqui, você está aqui. – Repetia loucamente, balançando-se para frente e para trás. – Você veio mesmo...

Eu já tinha ouvido falar daquele fenômeno. *Domados que enlouqueciam sem as suas Domadoras.* Aquele vínculo era mesmo muito sério.

– Desculpe, Carter. – Afaguei seus cabelos. – Eu errei com você, meu amigo. A culpa é toda minha.

Ele chorava.

– Você me abandonou.

– Eu sei, eu sei. – Acariciava-o. – Não imaginei que você fosse sofrer tanto.

– Eu me quebrei por dentro. Por favor, não me deixe mais.

– Não deixarei.

– Fique comigo, Domadora. – Agarrava-se à minha perna.

– Eu vou. Mas, para ficarmos juntos para sempre, precisaremos pagar um preço.

– Eu faço qualquer coisa...

Ajoelhei-me no chão. Ficamos frente a frente, e eu segurei o seu rosto.

– Você sabe o que está prestes a acontecer?

– Sim.

– Pois bem. Quando tudo colapsar, você terá cumprido a sua missão de vida enquanto Manifestação da Ira. E eu também preciso cumprir a minha. Você pode me ajudar?

– Por você, qualquer coisa.

– Ah, meu vampiro leal... – afaguei seu rosto. – Está na hora de partirmos deste mundo. A Humanidade já sofreu demais com a sua presença. Vamos embora juntos. É a única forma de não nos separarmos.

Ele exalou.

– Eu terei que morrer?

– Se quiser ficar comigo, sim. Você quer viver num mundo no qual eu não exista?

– De jeito nenhum. – Horrorizou-se. – Não há nada para mim nesta vida se você não estiver aqui. Irei enlouquecer.

– Exato. Esta será a minha última requisição a você, meu amigo fiel. – Acariciei sua bochecha com o polegar. – Eu preciso que você morra por mim. Esse é o pedido da sua Domadora.

Seus olhos se molharam.

– Não quero ir sozinho. Você virá comigo?

Entrelacei nossos dedos.

– É claro. Nunca mais irei te abandonar. Ficar com você até o fim é a minha missão. Não devia ter me desviado dela nem por um minuto. Nunca mais vou errar sobre isso.

– Não ficaremos juntos neste mundo?

– Não. Mas nos reencontraremos em algum lugar após o fim.

– A minha morte é o que você precisa, Domadora? É o que vai te fazer feliz?

– Sim, é o que eu preciso. Ela é o começo e o fim da minha missão.

– E você ficará comigo?

– A todo momento.

– Nós dois iremos juntos para algum lugar melhor?

– Iremos, meu amigo. Não soltarei a sua mão.

Ele abriu um sorriso emocionado.

– Era só o que eu queria: *ficar com você*. Não quero mais esta existência dolorosa. Morrerei com prazer para poder servi-la.

– Então façamos isso juntos.

– Estar ao seu lado é tudo o que eu sempre quis. Eu farei o que quiser, apenas não solte a minha mão.

– Tem a minha palavra.

Nós colamos as nossas testas.

Paciência nos observava de longe, triste e resignado. Faltavam poucos minutos para tudo acontecer.

Naquele momento, meu celular tocou. Peguei-o do bolso de trás.

Quando vi o número de Rendrix, quis chorar.

– Alô? – atendi.

Do outro lado da linha, Exton soluçava.

"Me diga que não é verdade!"

– Ah, Exton...

"Estão dizendo na comunidade demoníaca que uma tragédia vai acontecer, e que uma Domadora foi enviada para o lugar exato do colapso. Só pode ser você. *Me diga que não é você!*"

Ele devia ter acabado de acordar. A notícia correu rápido. Todos os demônios do mundo estavam atentos ao acontecimento. Muitos deles, diretamente envolvidos.

– Eu fui convocada. Estou aqui com o Ira.

Ele ofegou.

"Você irá morrer se ficar aí!"

– Eu sei.

"Por favor, não", chorava. "Não faça isso comigo."

Fechei os olhos por um momento. Uma lágrima escorreu.

– Desculpe. Eu preciso. É a minha missão de vida, eu nasci para isso.

"Não, tem que ter outro jeito! Não me deixe sozinho. Não vou aguentar."

– Desculpe, meu amor. A decisão já foi tomada. – Olhei para os números que Ira desenhou no chão, 757 e 767, e engoli seco. – Isso é maior que nós dois. Vai acontecer pois já estava escrito no destino. A minha missão é garantir a morte de Ira para que uma tragédia dessas nunca mais se repita. A Humanidade precisa se livrar dele. E ele só aceitará morrer se eu estiver aqui.

Olhei para Paciência. Ele observava os céus. Mãos atrás das costas, expressão contemplativa, como se estivesse se despedindo.

Paciência precisava estar lá para conter o número de vítimas. Sua presença faria com que os sobreviventes tivessem calma e lucidez para fugirem – mesmo em meio ao pânico.

"Eu não me importo!", Exton soluçava. "Não se sacrifique! Volte para mim!"

Sorri tristemente.

– Eu sou um anjo, Exton. É o que eu nasci para fazer.

"Mas e o nosso amor? Nós não vivemos nada! Nem tivemos tempo..."

– Não se preocupe, não acabou. Eu vou voltar para você em algum momento. Serafínicos sempre voltam.

"Mas será em um corpo diferente. Como poderei te achar?"

– Eu não sei. Espere por mim e me encontre. Mesmo que seja difícil, não pare de me procurar. Promete?

"Eu prometo. Eu irei te encontrar, não importa como."

Ouvi o barulho de algo cortando o ar. Meu coração acelerou.

– Vai acontecer em breve. Não desligue. Fique comigo até o fim.

Ouvi-o soluçar do outro lado da linha.

"Estou aqui, minha vida. Concentre-se na minha voz."

– Obrigada.

"E, Isabela?"

– Sim?

"Eu te amo", finalmente confessou. "Eu te amo mais do que já amei qualquer criatura neste mundo."

Sorri tristemente.

– Eu também te amo.

"Eu vou te esperar."

– E eu vou voltar. Encontre-me.

"Incendiarei o mundo para te encontrar se for preciso. Eu te amo com todas as fibras do meu ser, Isabela Hernandez. Faça o que veio fazer neste mundo, e depois volte para mim."

Nós estávamos no topo do World Trade Center. As torres gêmeas de Manhattan, Nova York.

O primeiro avião apareceu no ar e meu estômago afundou. *Está acontecendo.*

Era o Boeing 757. Um dos números desenhados por Ira no chão. Em poucos segundos, ele iria colidir com o prédio e matar muita gente.

Inclusive Ira, Paciência e eu.

O avião 767 viria logo em seguida.

Agora, eram exatamente 9:37 da manhã.

Data? 11 de setembro de 2001.

Estávamos no terraço da torre norte, no epicentro do maior atentado terrorista da história da América. Um ato de terror desencadeado pela dor do demônio Ira.

Nossas vidas terminariam bem ali. Nossos corpos não seriam registrados na história, pois não éramos humanos.

O primeiro avião veio diretamente na direção do prédio onde estávamos. Eu já podia vê-lo.

Com uma mão, eu segurava a palma de Ira. Com a outra, apertava o telefone contra a orelha.

– Vai acontecer, Exton. Fique comigo.

"Ficarei", ele garantiu, destruído. "Feche os olhos e apenas se concentre na minha voz."

O primeiro avião colidiu com o prédio. O celular caiu das minhas mãos. Ouvi o barulho do impacto. Vi o fogo e os destroços.

Depois, cerrei as pálpebras e deixei o destino ser cumprido.

E foi assim que a minha vida de Domadora terminou.

Morri com o coração em paz.

No fim, anjos guerreiros sempre cumprem as suas missões de vida. E morrer ali foi a minha.

epílogo

22 anos depois
San Juan, Porto Rico

O ano era 2023.

O vampiro Luxúria se mudou para Porto Rico. Abandonou o nome Exton e criou uma nova identidade.

Hoje, seu nome era Miguel Rivera. Lutador de MMA e dono de uma academia de boxe em San Juan.

A mudança não foi impactante. De tempos em tempos, vampiros tinham que recomeçar com outros pseudônimos e em outras cidades. O não-envelhecimento gerava desconfiança.

Luxúria quis se mudar para Porto Rico logo depois do atentado de 2001. Foi

muito difícil permanecer morando na Fraternidade sem *ela*. A dor do luto o esmagou.

Então, ele se mudou para Porto Rico como uma forma de se conectar com tudo que lembrasse Isabela.

Sua terra natal, seus parentes, as ruas onde ela cresceu...

Viver ali, perto do que foi importante para ela, tornou-se o seu consolo. E, por muitos anos, a sua forma de coexistir com a perda.

Ela voltaria algum dia. Luxúria só precisava encontrar formas de sobreviver até lá.

Ele viveu por vinte anos em San Juan. Uma vida estável e discreta. Porém, infelizmente sua aparência imutável começou a causar desconfiança na cidade. Seus documentos relatavam meia-idade, mas a aparência, não.

As perguntas foram surgindo, e a situação, se complicando. Era a hora de partir.

Luxúria não se imaginava morando longe da cidade natal de Isabela. Não queria perder a conexão com as memórias dela. Entretanto, seu clã de vampiros o pressionava para retornar.

"Volte", ligavam com longos sermões. "Você já passou muito tempo longe dos

EUA. Está na hora de voltar para a casa. Todos nós sentímos a falta da Domadora, mas você precisa sair deste buraco emocional. Vinte anos se passaram. Supere o luto e siga em frente. Assim como nós fizemos."

O clã demorou a superar a perda. Foram anos tenebrosos. Todavia, após meia década, seguíram em frente.

Luxúria, por outro lado, não superou. Seguiu afogado no luto. Vinte e dois anos se passaram e ele só pensava nela.

Só amava a ela, só se lembrava dela.

Duas décadas de espera. Duas décadas oscilando entre saudade e fúria, resignação e dor.

Luxúria teve que se despedir de Porto Rico. Colocou a academia à venda e voltou aos Estados Unidos.

Após algumas décadas – quando todos houvessem se esquecido ou morrido – ele retornaria ao país.

Aquela foi a casa de Isabela. Então também seria a dele.

Ele voou de volta para os Estados Unidos. Seu clã agora estava morando em Nova Iorque. Eles se mantiveram juntos e passaram pelo luto. A união foi o mecanismo de sobrevivência que encontraram.

Luxúria, por outro lado, processava a dor de outras formas. Precisou se afastar.

Ele não voou direto para Nova York. Voou para o Texas.

No aeroporto, alugou um carro e dirigiu até o antigo bairro da Fraternidade.

Foi a primeira vez que teve coragem de voltar ao campus do ITT desde 2001.

Luxúria estacionou à porta da antiga Fraternidade. Hoje, era uma casa muito mais moderna, habitada por outras pessoas.

Ele se lembrava de cada detalhe da vida ali... Os meses preciosos em que morou com o amor de sua vida...

Lembrava-se dos jantares em família, das noites de filmes, das horas que passavam sozinhos, se amando na cama dele.

Porra. Ver a casa de perto foi a gota d'água. As lembranças voltaram fortes e vívidas, e o vampiro não pôde segurar as lágrimas. Apoiou as mãos no volante e chorou profundamente.

Fazia 20 anos que ele não chorava por Isabela. O luto foi se transformando em saudade e resignação.

Mas não mais.

Vendo a casa em que eles moraram juntos, toda a dor dos primeiros anos retornou.

Cacete, a ficha caiu, *ele precisava dela de volta.*

Sua vida não tinha sentido sem a Domadora. Foram duas décadas infernais e...

Uma ligação interrompeu seus pensamentos.

Luxúria limpou as lágrimas e pegou o celular do bolso.

Ligação de um número internacional e desconhecido. Que estranho. Pouquíssimas pessoas tinham seu telefone.

Ele ignorou a ligação, mas a pessoa continuava ligando incansavelmente.

– Argh. – Luxúria se recostou no banco e atendeu. – Seja quem for, não estou no clima.

Do outro lado da linha, uma criança respondeu.

"Alô?"

Era a voz de um menininho. Leve sotaque estrangeiro. Aparentemente, uma criança na casa dos dez anos.

Luxúria franziu a testa.

– Quem está falando?

Por que uma *criança* estava ligando para ele? Ele não tinha qualquer amigo com filhos.

"Estou falando com Exton Rendrix?"

Luxúria congelou. Exton não era o seu nome há muitos anos. Ninguém além do seu clã se lembrava dessa antiga identidade.

O coração de vampiro disparou.

– Este foi um dos meus nomes. Quem é você? E o que quer comigo?

A vozinha infantil destoava da firmeza do tom.

"Aqui quem fala é Paciência. Lembra-se de mim?"

– Mas o quê...? – Luxúria exalou. Com um salto, abriu a porta e saiu do carro. Andou pela calçada, correndo as mãos pelos cabelos. – É você, Paciência? Chefe do antigo clã da Isabela?

Ele havia morrido no atentado de 2001, junto com Ira e Isabela. Isso significa que havia reencarnado e voltado em outro corpo!

"O próprio", o garotinho confirmou.

– Você se lembra de quem era?

"Sim. Sou o líder de um clã de guerreiros celestiais. Lembro-me em detalhes de todas as vidas que tive. É o meu benefício e o meu fardo enquanto líder. Estou ligando da Finlândia, sem os meus pais desta vida saberem. Eles não têm ideia de quem sou. Preciso falar rápido."

Luxúria quase entrava em colapso. Aquela foi a sua primeira conexão real com o paradeiro de Isabela em vinte malditos anos!

– Diga, serafínico. Antes que meu coração saia pela boca.

"Liguei para passar uma mensagem guardada há vinte anos. Em 2001, Caridade me pediu um favor e hoje eu posso finalmente cumprir minha promessa. Ela irá voltar à Terra esta noite. Seu nascimento está previsto para esta madrugada, em Nova York." Ele passou o nome do hospital. "Ela virá sob a identidade de Charlotte Forbes. O pai é ausente. A mãe não tem família e morrerá no parto. Ela só terá você."

– Céus. – Luxúria se sentou na calçada. Coração palpitando, cérebro em pane. – Isabela está... está... voltando? Isso é verdade?

"Sim. Ela pediu especificamente para voltar para você. O sacrifício dela em 2001 foi recebido pela Ordem de Cima. Agora, ela será honrada com a realização do último desejo." Houve uma agitação do outro lado da linha. "Ah, não. Meus pais chegaram, preciso desligar. Nunca mais ligue para este número. Adeus."

Luxúria largou o smartphone no chão. Enterrou o rosto das mãos e chorou de alegria.

Todo o seu coração transbordava em êxtase.

Ela cumpriu a promessa!, comemorava por dentro. *Ela voltou para mim!*

***

BRONX
NOVA IORQUE
2023

Era uma madrugada de Outono.

Seis vampiros se reuniam num hospital da periferia da cidade. Circulavam na sala de espera, lotando o setor da maternidade.

Cole e Axel torciam os dedos, ansiosos.

"Não acredito que isto está acontecendo."

Asher enfiava o rosto nas mãos.

"Finalmente! Depois de tanto esperarmos..."

Tyler e Dylan andavam de um lado a outro, correndo as mãos pelos cabelos.

"Ela vai voltar, ela vai voltar..."

Noah era o único que conseguia se manter calmo. Sentava-se numa das cadeiras, sem entender toda a histeria.

Noah era a nova Manifestação de Ira. O vampiro mais novo do clã. Um adolescente. Ele não conheceu a Domadora, e não entendia por que os demais vampiros estavam tão desesperados por aquele dia.

Ele ouviu as histórias sobre a lendária serafínica, é claro. Mas eram só histórias.

"Anos atrás, existiu uma Domadora em nossas vidas", eles contaram. "Ela morou conosco e mudou completamente nossa existência. Ela morreu no atentado de 2001. Nós sofremos imensamente pela perda, e vivemos pelo dia em que ela retornará."

Ira era um adolescente. Ainda não tinha completado o processo de crescimento vampírico. Só se tornou vampiro porque foi abandonado pela mãe ainda bebê.

E, como todos sabem, crianças à beira da morte ainda são almas sem dono...

Logo, ele foi convocado.

Assim que alcançou dezesseis anos, o clã de vampiros foi procurá-lo no orfanato.

"Olá, soubemos que você é um de nós. Você irá morar conosco agora. Estivemos lhe esperando, novo Ira."

A antiga manifestação daquele pecado havia morrido. Alguém teve que nascer para tomar seu lugar. E esse alguém era Noah.

Ele não entendia o amor dos vampiros mais velhos pela tal Domadora falecida. Aliás, ele nunca tinha conhecido uma Domadora. Para ele, eram apenas figuras místicas que permeavam o folclore dos monstros.

Noah também não conheceu o vampiro Luxúria. Ele se isolou em outro pais por vinte anos.

Disseram-lhe que Luxúria possuiu uma relação especial com a Domadora, e o seu processo de luto foi forte e cruel. Ele não conseguiu voltar à América após 2001. Um famoso misantropo.

Vez ou outra, o clã ligava para ele – só para conferir se ainda estava vivo.

Mas hoje foi um dia anormal.

Era o meio da tarde. Eles estavam reunidos na sala de estar. Viam um jogo de futebol no apartamento de luxo que dividiam no Brooklyn.

Então, o telefone do 06 tocou. Dylan arregalou os olhos e todos estranharam.

"Exton?", Dylan atendeu, perplexo. "O que aconteceu? Você nunca nos liga por livre vontade..."

Dylan ouviu o que o outro vampiro tinha a dizer. Então, arfou.

"Quando?", saltou do sofá com lágrimas nos olhos. "Puta merda! Estaremos lá!"

Largou o telefone e virou-se para os amigos.

"A Domadora... A Domadora vai renascer!"

Todos os vampiros entraram em colapso. Uma mistura de ansiedade e êxtase. Muitos até se abraçaram e choraram.

Noah ficou estupefato. Jamais viu tais vampiros antigos chorando. Aquela Domadora tinha mesmo um poder absurdo sobre eles...

Dylan olhou o relógio do smartphone. Engoliu seco, pálido.

– Está na hora. Ela vai nascer a qualquer momento.

Eles esvaziaram a maternidade. Alugaram todo o local.

Axel andava de um lado a outro.

– Cadê o Luxúria? Ele não pode perder isso!

– O voo dele pousou a pouco tempo. Ele deve estar correndo para cá. O Bronx fica longe.

Eles tamborilavam os dedos sobre as pernas, nervosos.

"Como faremos? Nós devemos criá-la?"

"Óbvio. Não podemos confiar nossa Senhora a mais ninguém."

"E como sairemos do hospital com um bebê? Não concederão papeis de adoção para seis marmanjos que moram juntos."

"Um dos médicos deste hospital é um dos nossos", Dylan esclareceu. "Ele vai garantir que nós saiamos com *ela* do hospital. Sem levantar suspeitas."

"E os papeis de adoção?"

"Falsificaremos. Somos demônios, por favor. Daremos um jeito."

"Mas a familia...?"

"Ela não tem família nesta vida. Exton disse que a mãe morrerá no parto. O pai não está nem aí, e ninguém virá procurá-la. Nós iremos criá-la como nossa protegida."

"Ou filha, ou irmã..."

Tyler riu, em êxtase.

"Quem diria? Nós seremos os pais da nossa Domadora. Será que ela vai se lembrar de nós?"

"Claro que sim. Assim que atingir a maioridade, a memória de outras vidas dela voltará. Foi a primeira coisa que Luxúria procurou saber em suas pesquisas. Ele dominou o estudo de angeologia nos últimos anos."

– Isso não importa. – Dylan rebateu. – Nós só temos que criá-la com cuidado e carinho. Ela pode não se lembrar de nós, mas nós nos lembramos muito bem dela...

Axel estalou a língua.

– Ela terá um monte de irmãos mais velhos.

Asher riu.

– Pode nos imaginar colocando nossa Domadora de castigo? Limpando fraldas e levando ao primeiro dia de aula? Vai ser fenomenal!

Gargalharam.

"Poderemos jogar isso na cara dela para sempre."

"Quando ela se lembrar, vai ser o caos..."

Eles falavam um por cima do outro. Uma mistura de êxtase e antecipação.

Naquele momento, a porta da sala de espera foi aberta com violência. Luxúria entrou, ofegante e pálido.

– Estou aqui. Ela já nasceu?

"Ainda não."

"Você conseguiu chegar há tempo, meu velho amigo."

Luxúria tinha lágrimas nos olhos.

– Não acredito que está finalmente acontecendo...

Eles passaram alguns minutos conversando. Por fim, o alarme do smartphone de Dylan despertou. Ele pegou o celular do bolso e engoliu seco.

– São 03:07 da manhã. Aconteceu. Ela nasceu.

Todos ofegaram e choraram, maravilhados.

Noah nada entendia.

Um tempo depois, uma médica chegou à sala de espera.

Parecia triste e cansada. Olhou para todos aqueles homens reunidos, como uma gangue, e estranhou.

– Quem é o responsável por Rachel Forbes?

Rachel. A mãe que daria à luz a Domadora.

"Somos nós", todos se prontificaram ao mesmo tempo. "Ela é nossa... Afilhada."

A médica piscou, sem nada entender. Mas tinha problemas maiores.

– Infelizmente, senhores – suspirou – a mãe não resistiu ao parto. Nós fizemos o possível, mas ela tinha uma doença congênita gravíssima. A bebê foi salva. É uma menina muito saudável.

Todos se abraçaram, emocionados.

"Podemos vê-la?"

"Queremos pegá-la no colo!"

"Quando ela vai poder ir para casa conosco?"

"Cacete. Precisamos contratar uma babá. Eu nunca troquei uma fralda na vida."

A médica permitiu que apenas um deles entrasse no berçário. Os demais teriam que vê-la através do vidro.

Luxúria, é claro, foi o escolhido. Não deu margem para os outros.

A médica saiu primeiro. Antes de segui-la, Luxúria comunicou para o clã:

"Tenho um recado. Pensei nisso durante todo o meu voo e cheguei a uma só conclusão. Isabela crescerá conosco, mas eu não quero que ela me veja como uma figura paterna. Vocês a criarão como pais e

irmãos, mas eu serei um amigo. Quando ela conquistar a maioridade e se lembrar do que fomos um para o outro, não quero que ela me enxergue como um parente."

Todos concordaram. Sabiam que, quando Isabela se lembrasse de tudo, eles voltariam a ser um casal.

Luxúria foi até o berçário. O enfermeiro enrolou a bebê numa manta e entregou-a em seus braços.

"Aqui está a sua afilhada, senhor."

Luxúria segurou-a com cuidado. Ao ver seu rostinho, encheu-se de lágrimas.

Ela era branca e loira. Muito diferente do antigo corpo. Contudo, os olhos eram castanho-escuros como sempre. Muito, muito doces.

Luxúria conhecia muito bem aqueles olhos... Eram os mesmos de antes!

– Isabela? – sussurrou, voz embargada.

– Não, senhor. – O enfermeiro franziu a testa. – A mãe escolheu outro nome quando preencheu a ficha do hospital. O nome da bebê é Charlotte.

Luxúria sorriu como quem sabia um segredo.

– Não para mim.

O enfermeiro estranhou, mas não questionou.

– Bom, vou deixá-los sozinhos por um momento. Tenho outros pacientes. Aproveite um tempo com a sua afilhada. – E saiu.

Luxúria se sentou numa cadeira. Aconchegou a bebê em seu colo e trouxe-a para perto do rosto.

– Olá, amor da minha vida. – Falou ao seu ouvido. – Lembra-se de mim?

Ela fechou os olhinhos e se aconchegou no peitoral dele. Como se reconhecesse a voz.

Luxúria abriu um sorriso. Lágrimas desceram por seu rosto.

– Sim, sou eu, Domadora. Não acredito que terei o privilégio de te ver crescer e se tornar a linda guerreira que você para veio ser... – ele plantou um beijo carinhoso em sua testa. – Obrigado por cumprir a promessa. Obrigado por voltar para mim.

fim.

Descubra outras fantasias românticas da autora!
(@autora_karinevidal)



Fascinante Vilã
@livro_fascinantevila_1

E se a vilã resolvesse tomar o lugar da protagonista?

.

Laura tinha 21 anos. Ela era uma ginasta brilhante - até sofrer um acidente e ficar paraplégica.

Laura passou dois anos em profunda depressão. Não conseguia aceitar a sua nova realidade.

No entanto, algo fez sua vida mudar.

Ela recebeu um presente misterioso do seu avô. Um livro passado de geração em geração, uma herança de família.

Os contos de fadas relatavam a fervente história de amor entre dois protagonistas. Feye, uma lendária princesa, e Titan, o rei do Mundo Inferior. O maligno comandante do Tártaro.

Todas as almas se arrepiavam perante seu nome.

Laura ficou obcecada por Titan e pela história de amor.

Um dia, ela sofreu um ataque cardiaco
e ficou à beira da morte.

O evento traumático lhe fez acordar num
mundo totalmente novo. Dentro do livro! No
corpo de uma personagem daquela história!

Só havia um problema...

Ela não despertou no papel da protagonista.
Não, ela era a vilã. Uma assassina louca que
tentava matar Titan e separar o casal principal.

Mas Laura conhecia a história e sabia como a
sua personagem terminaria. Morta e sozinha no
Rio das Almas. Afinal, vilãs sempre perdem.

Então, a garota elaborou um plano para se
salvar. Pretendia tomar o lugar da princesa
e roubar o coração de Titan. Mudar a
história. Tornar-se a protagonista.

Entretanto, Laura não foi a primeira mulher
da família a cair dentro do Conto...

A princesa lutaria pelo coração de
Titan. E não aceitaria ter seu final
feliz roubado tão facilmente."



TENTAÇÃO
@livro_tentação_1

“Blanca era muda.

Ela teve uma vida difícil e carregava muitos traumas. Quando criança, foi raptada. Trancada num porão escuro e deixada para morrer. Entretanto, ela foi resgatada por um salvador misterioso. Um rapaz sombrio, com vestes de outro tempo – e olhos verdes que pareciam ter vindo de outro mundo.

Só havia um problema... Aquele garoto não estava vivo. Havia morrido num incêndio séculos atrás. Era um fantasma!

Após o resgate, o salvador misterioso desapareceu. Ninguém acreditou na história de Blanca. A polícia e os médicos deduziram que ela delirava pelo trauma.

Dez anos depois, Blanca entrou para a faculdade. Foi quando ela se deparou com o rei do lugar... O playboy ricaço e atlético Diego Ferraro.

Mortificada, ela percebeu o impossível.
Diego era ele! O fantasma que a salvou
uma década atrás!

Blanca descobre que aquele garoto
havia morrido em 1890. Então, como
ele estava ali? Andando entre os vivos e
se passando por um universitário?

Ciente de ter sido descoberto, Diego declara
guerra a ela. O rei do lugar era misterioso
e perigoso. E, para proteger seus segredos,
se tornaria o predador da garota.

Ao invés de salvá-la, agora ele queria matá-la.

Blanca sabia que o garoto-fantasma
era uma ameaça real. Então, criou uma
estratégia para se salvar. A única forma
de se livrar da perseguição do predatório
e tirano Diego Ferraro era...

Fazendo com que ele se apaixonasse por ela."



TE SEGUIREI ATÉ O FOGO
@livro_teseguireiateofogo

"Nos confins do céu, existia uma faculdade
secreta para semideuses. Filhos dos
quatro principais deuses hindus.

Esses jovens passavam por treinamentos mortais e, após a formatura, se tornavam Anjos-guardiões. Soldados letais que lutavam contra demônios e protegiam humanos.

Kali é uma guardiã estudante. Ela é geniosa e focada em sua carreira.

Quando um novo professor chega ao lugar, ela está determinada a fazer dele seu mentor.

Aryan Razam é o novo professor. Um mestre legendário entre os guardiões - e carinhosamente apelidado de "Devorador de Almas." Perigoso, frio e mortal.

Aryan e Kali pertencem à facções rivals. Os Shikrams e os Daktis eram inimigos milenares, e seus membros não suportam nem ficar na mesma sala.

Aryan não quer ser professor de Kali - ele quer destruí-la.

Os dois são ódio à primeira vista. Entretanto, com o tempo, a faísca entre eles se confunde e vai tomando outras formas.

Formas quentes e perigosas.

O professor se apaixona loucamente por ela. Mas Kali sabe que ficar com ele poderá destruir a sua vida.

Afinal, todos os romances entre Shikrams e Daktis terminaram em tragédia.

Aryan sabia que aquela atração pela rival terminaria mal. Mas Kali era o fruto da árvore proibida para ele. E, para tê-la, ele estava disposto a arriscar tudo.

Entre céu e inferno, professor e aluna começarão um jogo perigoso de sedução. Jogo do qual, provavelmente, nenhum dos dois sairá vivo."